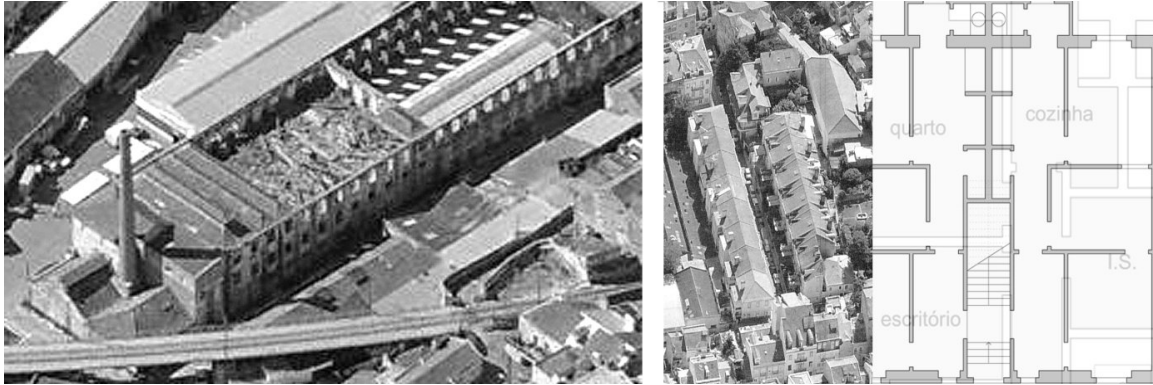




INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO  
Universidade Técnica de Lisboa



## **VILAS OPERÁRIAS EM LISBOA**

### **EMERGÊNCIA DE NOVOS MODOS DE HABITAR**

O Caso da Vila Berta

**Sónia Cristina Ildefonso Pinto**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

**ARQUITECTURA**

**Júri**

Presidente: Prof. João Paulo Janeiro Ferreira

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Doutora Teresa Frederica Tojal de Valsassina Heitor

Vogal: Prof.<sup>a</sup> Helena Silva Barranha

**Novembro de 2008**



## **VILAS OPERÁRIAS EM LISBOA: EMERGÊNCIA DE NOVOS MODOS DE HABITAR**

### **O Caso da Vila Berta**

#### **RESUMO**

O objectivo deste trabalho consiste em demonstrar a viabilidade de utilização de edifícios de habitação pluri-familiar que se inserem numa das tipologias de alojamento operário dos finais do séc.XIX e inícios do séc.XX em Lisboa - a vila operária. Entende-se ser fundamental colocar em evidência a sua importância enquanto testemunho histórico e urbanístico do crescimento da cidade e enquanto marco de vivências sociais específicas.

Pretende-se identificar a situação actual do espaço habitacional, caracterizá-lo sob o ponto de vista da sua evolução funcional, e concluir sobre as condições de habitabilidade que pode ou não oferecer às famílias contemporâneas.

O estudo de caso escolhido para este efeito – a Vila Berta, localizada na freguesia da Graça – contempla a análise de seis fogos distintos.

A estratégia de investigação adoptada inclui a caracterização do espaço habitacional e a identificação das alterações espaciais e construtivas introduzidas nas habitações. Através da compreensão da organização espacial dos fogos e da sua relação com as actividades domésticas associadas, no projecto original e na situação actual, é então possível concluir sobre a evolução dos modos de habitar e sobre a forma como estes se adaptam a estruturas pré-existentes. Por outro lado, identifica-se a forma como estas estruturas se adequam à solicitações do habitar contemporâneo. Para esse efeito, considera-se a aferição do grau de satisfação dos próprios utilizadores, em relação à sua residência e à envolvente próxima.

Conclui-se que a generalidade das intervenções incide sobre a ampliação de espaços cujas dimensões se consideram insuficientes face às actuais exigências espaciais da habitação, a reorganização e redistribuição das actividades domésticas dentro do fogo original, e nalguns casos, sobre a necessidade de incremento da área útil e do número de divisões disponíveis, de modo a responder a um programa habitacional mais exigente.

#### **PALAVRAS-CHAVE:**

Vila operária

Exigências funcionais

Organização espacial

Espaço doméstico

Habitação

## **WORKFORCE HOUSING IN LISBON: EMERGENCE OF NEW WAYS OF HABITS**

### **Vila Berta´s case study**

#### **ABSTRACT**

The purpose of this study is to demonstrate the feasibility of using buildings which belong in the housing workers typology as multi-family housing, from the end of the XIX century to the beginning of the XX century in Lisbon – known as workforce housing. It is understood to be crucial to highlight its importance as an historical and urban witness of the city growth, while landmark of specific social experiences.

Specifically, the aim is to identify the actual state of the habitat, describe it under the terms of its functional changes, and conclude on the conditions of living that may or may not offer the contemporary family.

The study case chosen for this purpose - the Vila Berta, located in Graça, Lisbon - includes the analysis of six separate housings.

The research strategy adopted includes the characterization of habitat and identification of space and constructive changes made on housing. Through the understanding of spatial organization of housings and its relationship with the associated domestic activities, in the original project and the current situation, it is then possible to conclude on the evolution of ways of living and on how they fit the pre-existing structures. On the other hand, it is determined how these structures suited to demands of contemporary living. To this end, it is understood to be essential to quantify the satisfaction of the users in relation to his residence and the surrounding next.

It appears that most of the interventions focuses on the expansion of space, whose dimensions are considered insufficient given the space requirements of comfort, reorganization and redistribution of household activities within the original housing, and in some cases, on the need to increase the usable area and the number of rooms available in order to meet the most demanding programmatic types.

#### **KEY-WORDS:**

Workforce housing

Functional requirements

Spatial organization

Residencial programme

Housing



## AGRADECIMENTOS

Este trabalho constitui oficialmente o culminar do processo de formação académica em Arquitectura.

Com efeito, também porque representa simbolicamente a meta de um percurso com alguns anos, que se revelou em vários momentos sinuoso e desafiador, é o argumento ideal para agradecer a todos aqueles que, de formas distintas, contribuíram para o seu desfecho.

À minha orientadora, e professora nos meus primeiro e último anos de Faculdade, Teresa de Valsassina Heitor, que demonstrou, desde o primeiro momento do arranque do trabalho, determinação, preocupação, disponibilidade, empenho e sentido prático na resolução de questões relacionadas com a investigação e exploração de hipóteses de estudo, facultando-me desde cedo vários contactos para o seu desenvolvimento. A minha palavra de agradecimento sobretudo porque, através da sua experiência na área da investigação e do ensino, soube, de forma totalmente consciente, ajudar-me (confrontando-se por vezes com a minha teimosia) a balizar o horizonte tangível e sensato para o trabalho a desenvolver.

A todos os moradores e ex-moradores da Vila Berta, pertencentes à família Tojal e outros, que me receberam pacientemente, de forma presente, nas suas casas ou local de trabalho, ou de forma não presente, por via telefónica, e que se mostraram disponíveis para responder às minhas dúvidas e questões, submetendo-se a entrevistas e à realização de inquéritos. Aos Arquitectos, que compreensivelmente souberam dar-me informações extra de enquadramento ao objecto de estudo, e aqueles que, pela sua extraordinária capacidade de observação e retenção de ordem empírica, me elucidaram sobre os modos de habitar em épocas distintas. O meu agradecimento também a todos os gabinetes de Arquitectura que cederam os elementos gráficos que serviram de suporte ao estudo dos edifícios e das habitações.

A todos os meus professores, docentes no Instituto Superior Técnico, que de forma mais ou menos marcante, consoante o grau de acompanhamento, estritamente relacionado com o carácter das matérias/disciplinas leccionadas, contribuíram para o meu crescimento enquanto estudante universitária e futura profissional na área da Arquitectura.

Ao meu Professor nos primeiros anos de Faculdade, Arquitecto Vítor Carvalho Araújo, que soube incutir, em mim e nos seus alunos em geral, o gosto pela Arquitectura, ensinando-nos os “primeiros passos” num campo não linear e pouco ou nada absoluto que é o ensino de Projecto. O meu agradecimento, sobretudo pelo incentivo que, dia após dia, sabia transmitir-nos, através de uma clara postura de empenho e dedicação. Pelo sentido de rigor e pelo prazer dos actos de reflectir, de investigar, de explorar, de subverter e de procurar para além da evidência aparente. Pelos valores essenciais – seriedade, responsabilidade e determinação - que continua a transmitir-

-me através da sua experiência pessoal, pelo seu papel determinante no meu processo diário de aprendizagem, e também pela paciência que tem demonstrado.

Aos meus amigos, sobretudo os mais próximos, Zé, Sónia e Filipe, que admirável e incansavelmente me acompanharam desde o início e durante grande parte do percurso, nos bons e nos piores momentos, e com quem partilhei algumas viagens e descobertas. Obrigada pela confiança, pela paciência, e por se terem mantido persistentemente em contacto até hoje, apesar de tudo.

Aos meus amigos em geral e colegas de curso, que passaram por mim e/ou que se mantêm por perto, apesar da pouca ou nenhuma dedicação que, nos últimos tempos, lhes tenho manifestado. Sobretudo à Inês Medeiros, sem desejar diminuir todos os outros que também foram e continuam a ser importantes, que marcou com a sua amizade e companheirismo um dos anos mais determinantes de conclusão do meu curso.

Por fim, à minha família, em especial à minha mãe, que à sua maneira me acompanhou e ajudou, da melhor forma que soube encontrar. Pelos valores de simplicidade e de honestidade que sempre me transmitiu. Dedico-lhe a conclusão deste trabalho – símbolo das nossas vitórias nos últimos anos.

Aqui deixo a todos uma mensagem de perseverança e de paixão.

Em memória do meu querido avô, Luciano Ildefonso, que nos deixou pouco antes do fim desta minha jornada. Honrarei o seu nome.

## ÍNDICE GERAL

|                |     |
|----------------|-----|
| Resumo         | i   |
| Abstract       | ii  |
| Agradecimentos | iii |

### INTRODUÇÃO

|                                 |   |
|---------------------------------|---|
| I. Objectivos                   | 1 |
| II. Justificação                | 1 |
| III. Estado da Arte             | 2 |
| IV. Metodologia de Investigação | 6 |
| V. Estrutura do Trabalho        | 7 |

### PARTE I – CARACTERIZAÇÃO DO OBJECTO DE ESTUDO

#### CAPÍTULO 1 – HABITAÇÃO OPERÁRIA EM LISBOA

|   |    |
|---|----|
| 1.1. Enquadramento histórico-social e urbanístico | 8  |
| 1.2. Tipos emergentes de habitação operária       | 11 |

#### CAPÍTULO 2 – VILAS OPERÁRIAS

|  |    |
|--|----|
| 2.1. Inserção urbana                             | 15 |
| 2.1.1. Localização                               | 15 |
| 2.1.2. Caracterização morfo-tipológica           | 16 |
| 2.2. Caracterização construtiva e arquitectónica | 21 |

### PARTE II – ACÇÕES DE INTERVENÇÃO

#### CAPÍTULO 3 – INICIATIVAS DE INTERVENÇÃO – QUADRO ACTUAL

|   |    |
|---|----|
| 3.1. Introdução                         | 23 |
| 3.2. Casos de intervenção de referência | 25 |

### PARTE III – ESTUDO DE CASO – VILA BERTA, GRAÇA

#### CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA

|   |    |
|---|----|
| 4.1. Introdução   | 32 |
| 4.2. Recolha e tratamento de informação                                       | 33 |
| 4.2.1. Fichas de Caracterização e Ficha de Inquérito – Elaboração e Aplicação | 33 |

|   |    |
|---|----|
| 4.3. Análise  | 37 |
| 4.3.1. Modelo de Análise Sintática  | 37 |
| <b>CAPÍTULO 5 – CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO ORIGINAL</b>   |    |
| 5.1. Projecto original  | 40 |
| 5.1.1. Breve historial  | 40 |
| 5.1.2. Inserção urbana. Relação física e social do espaço construído com a envolvente                                   | 41 |
| 5.1.3. Caracterização tipológica e espaço-funcional dos edifícios   | 45 |
| 5.1.4. Caracterização da organização espacial dos fogos e da sua relação com as actividades domésticas associadas       | 47 |
| <b>CAPÍTULO 6 – DO PROJECTO ORIGINAL À SITUAÇÃO ACTUAL – CARACTERIZAÇÃO E ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DAS FORMAS DE HABITAR</b> |    |
| 6.1. Introdução   | 56 |
| 6.2. Introdução aos casos de estudo e sua análise   | 59 |
| 6.3. Identificação das alterações espaciais e construtivas introduzidas   | 61 |
| 6.4. Análise da evolução da organização espacial e da sua relação com as actividades domésticas associadas              | 69 |
| 6.5. Avaliação da situação actual face às exigências de habitabilidade contemporâneas                                   | 79 |
| <b>CONCLUSÃO</b>  |    |
| <b>CAPÍTULO 7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS E DESENVOLVIMENTOS FUTUROS</b>   | 87 |
| <b>BIBLIOGRAFIA</b>   | 91 |
| <b>FONTES DOCUMENTAIS</b>   | 93 |
| <b>ANEXOS</b>   |    |
| I. CATÁLOGO – VILAS OPERÁRIAS DE LISBOA   |    |
| Lista   |    |
| Mapa Geral de Localização   |    |
| Mapas de Localização  |    |
| Inserção Urbana   |    |
| Quadro de tipologias  |    |
| II. FICHAS DE CARACTERIZAÇÃO DOS EDIFÍCIOS TIPO ORIGINAIS   |    |
| III. FICHAS DE CARACTERIZAÇÃO DOS FOGOS TIPO ORIGINAIS  |    |

- IV. FICHAS DE CARACTERIZAÇÃO DOS FOGOS – CASOS DE ESTUDO
- V. FICHA DE INQUÉRITO – ALTERAÇÕES E AFERIÇÃO DE USOS/GRAU DE SATISFAÇÃO
- VI. QUADROS DE RESULTADOS DA APLICAÇÃO DA FICHA DE INQUÉRITO/AFERIÇÃO DO GRAU DE SATISFAÇÃO



## ÍNDICE DE FIGURAS

*Figura 1* – Correnteza térrea na Rua da Praia de Pedrouços, in PEREIRA, Nuno Teotónio, BUARQUE, Irene – *Prédios e Vilas de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, Setembro de 1995

*Figura 2* – Correnteza tipo vila na Estrada da Luz, in PEREIRA, Nuno Teotónio, BUARQUE, Irene – *Prédios e Vilas de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, Setembro de 1995

*Figura 3* – Vila do género correnteza - representação, (D.A.)

*Figura 4* – Vila tipo bloco ou “chalet” - representação, (D.A.)

*Figura 5* – Vila formando pátio – representação, (D.A.)

*Figura 6* – Vila construída atrás de edifício(s) – representação, (D.A.)

*Figura 7* – Vila Luís José Nunes, São Jorge de Arroios – vista do edifício com acesso para a rua, (F.A. [2008])

*Figura 8* – Vila Luís José Nunes, São Jorge de Arroios – vista do acesso através de escada e sob arco, a partir da rua, (F.A. [2008])

*Figura 9* – Vila Luís José Nunes, São Jorge de Arroios – vista do pátio e construções, (F.A. [2008])

*Figura 10* – Vila formando rua – representação esquemática, (D.A.)

*Figura 11* – Vila de escala urbana – representação esquemática, (D.A.)

*Figura 12* – Bairro Operário dos Barbadinhos – vista aérea, Disponível em <http://maps.live.com/> [2008]

*Figura 13* – Bairro Social da Ajuda – vista aérea, Disponível em <http://maps.live.com/> [2008]

*Figura 14* – Bairro Social do Arco do Cego – vista aérea parcial, Disponível em <http://maps.live.com/> [2008]

*Figura 15* – Vila Pereira ou Prédio Santos Lima, Beato – vista aérea, Disponível em <http://maps.live.com/> [2008]

*Figura 16* – Vila na Rua Fernando Palha, Beato – vista aérea, Disponível em <http://maps.live.com/> [2008]

*Figura 17* – Vila Dias, Beato – vista aérea, Disponível em <http://maps.live.com/> [2008]

*Figura 18* – Vila Mendonça, São Jorge de Arroios – vista parcial do conjunto, (F.A. [2008])

*Figura 19* – Vila Luz, São Jorge de Arroios – vista do sistema de distribuição escada/galeria, (F.A. [2008])

*Figura 20* – Vila Rodrigues, Graça – vista do sistema de distribuição escada/galeria, (F.A. [2008])

*Figura 21* – Vila Mendonça, São Jorge de Arroios – detalhe das guarnições dos vãos, (F.A. [2008])

*Figura 22* – Bairro Estrela D'Ouro, Graça – vista do sistema de distribuição escada/galeria, (F.A. [2008])

*Figura 23* – Vila Luz Pereira, Socorro, Disponível em <http://lisboainteractiva.cm-lisboa.pt/> [2008]

*Figura 24* – Vila Santos, Nossa Senhora de Fátima (IHRU: DGEMN / DSID)

*Figura 25* – Vila Paulo, São Jorge de Arroios - vista aérea, Disponível em <http://maps.live.com/> [2008]

*Figura 26* – Vila Paulo, São Jorge de Arroios - vista do edifício com acesso pela rua, (F.A. [2008])

*Figura 27* – Vila Paulo, São Jorge de Arroios - passagem em arco para o pátio, (F.A. [2008])

*Figura 28* – Vila Paulo, São Jorge de Arroios - vista parcial do conjunto, (F.A. [2008])

*Figura 29* – Vila Gomes, Penha-de-França – vista aérea, Disponível em <http://maps.live.com/> [2008]

*Figura 30* – Vila Gomes, Penha-de-França - vista parcial do conjunto, in Boletim de Urbanismo, 2001

*Figura 31* – Vila Gomes, Penha-de-França - vista do sistema de circulação exterior em galeria, in Boletim de Urbanismo, 2001

*Figura 32* – Vila Bagatela, São Mamede – vista aérea, Disponível em <http://maps.live.com/> [2008]

*Figura 33* – Vila Bagatela, vista do conjunto (fachada principal), in CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA – Divisão de Reabilitação Urbana dos Pátios e Vilas – *Roteiro Cultural dos Pátios e Vilas da Sétima Colina*, Lisboa 94 – Capital Europeia da Cultura. Lisboa: Contexto, 1994

*Figura 34* – Vila Bagatela, alçado principal (parcial), in CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA – Divisão de Reabilitação Urbana dos Pátios e Vilas – *Roteiro Cultural dos Pátios e Vilas da Sétima Colina*, Lisboa 94 – Capital Europeia da Cultura. Lisboa: Contexto, 1994

*Figura 35* – Vila Bagatela, módulo habitacional - diagrama da organização interior (D.A. baseado na planta do módulo, 1º andar, in RODRIGUES, Maria João Madeira – *Tradição, Transição e Mudança – A produção do espaço urbano na Lisboa oitocentista*, Boletim Cultural nº 84 - Lisboa: Livros Horizonte, Setembro de 1995 )

*Figura 36* – Vila Bagatela, vista do conjunto (fachada posterior), no estado actual (IHRU: DGEMN / DSID)

*Figura 37* – Vila Grandela, São Domingos de Benfica – vista aérea, Disponível em <http://maps.live.com/> [2008]

*Figura 38* – Vila Grandela, vista parcial da banda de moradias, (F.A. [2008])

*Figura 39* – Vila Grandela, vista parcial do conjunto - banda com três pisos, (F.A. [2008])

*Figura 40* – Vila Grandela, vista parcial do conjunto – banda com dois pisos, (F.A. [2008])

*Figura 41* – Vila Grandela, diagrama de espaços convexos – módulo habitacional original, (D.A. baseado na planta original cedida por FFCB-Arquitectos Associados, autores do Projecto de Remodelação)

*Figura 42* – Vila Grandela, diagrama de espaços convexos – módulo habitacional actual (nível zero), (D.A. baseado na planta original cedida por FFCB-Arquitectos Associados, autores do Projecto de Remodelação)

*Figura 43* – Vila Grandela, diagrama de espaços convexos – módulo habitacional actual (mezanino), (D.A. baseado na planta original cedida por FFCB-Arquitectos Associados, autores do Projecto de Remodelação)

*Figura 44* – Vila Grandela, vista da sala comum, in “Projecto de Remodelação de um Apartamento na Vila Grandela, Lisboa (2004/2005)”, Arquitectura Ibérica, Reabilitação, Nº12/Janeiro/Fevereiro, pp 84-95

*Figura 45* – Vila Grandela, vista da sala comum e acesso ao mezanino, in “Projecto de Remodelação de um Apartamento na Vila Grandela, Lisboa (2004/2005)”, Arquitectura Ibérica, Reabilitação, Nº12/Janeiro/Fevereiro, pp 84-95



*Figura 46* – Vila Grandela, vista do corredor de acesso às i.s. e cozinha a partir da entrada, in “Projecto de Remodelação de um Apartamento na Vila Grandela, Lisboa (2004/2005)”, Arquitectura Ibérica, Reabilitação, Nº12/Janeiro/Fevereiro, pp 84-95

*Figura 47* – Vila Grandela, vista da cozinha (“passa-pratos”) a partir da sala, in “Projecto de Remodelação de um Apartamento na Vila Grandela, Lisboa (2004/2005)”, Arquitectura Ibérica, Reabilitação, Nº12/Janeiro/Fevereiro, pp 84-95

*Figura 48* – Vila Grandela, vista da cozinha e da chaminé original, in “Projecto de Remodelação de um Apartamento na Vila Grandela, Lisboa (2004/2005)”, Arquitectura Ibérica, Reabilitação, Nº12/Janeiro/Fevereiro, pp 84-95

*Figura 49* – Vila Grandela, vista da sala comum e do quarto em mezanino, in “Projecto de Remodelação de um Apartamento na Vila Grandela, Lisboa (2004/2005)”, Arquitectura Ibérica, Reabilitação, Nº12/Janeiro/Fevereiro, pp 84-95

*Figura 50* – Quadro Síntese – Metodologia/Suporte Gráfico

*Figura 51* – Diagrama da organização dos espaços convexos aplicado a um fogo – exemplo, (D.A.)

*Figura 52* – Grafo justificado aplicado a um fogo – exemplo, (D.A.)

*Figura 53* – Largo da Graça e Vila Berta a Nascente. Zona central da freguesia. Planta topográfica de Lisboa de 1904-1911, in “Catálogos do Arquivo Municipal de Lisboa, Levantamento da planta de Lisboa: 1904-1911”, coord. Silva Pinto, C.M.L. – Direcção Municipal da Cultura, 2000.

*Figura 54* – Largo da Graça e Vila Berta a Nascente. Zona central da freguesia. Planta topográfica de Lisboa, 1950, (C.M.L.)

*Figura 55* – Vista aérea sobre o conjunto da Vila Berta e o Largo da Graça (parcial), de Norte, Disponível em <http://maps.live.com/> [2008]

*Figura 56* – Vila Berta - Alçado do conjunto de edifícios a poente, (D.A. com base nos desenhos cedidos por T&T Arquitectos Lda)

*Figura 57* – Vila Berta - Alçado do conjunto de edifícios a nascente, (D.A., com base no levantamento fotográfico e na observação directa)

*Figura 58* – Vila Berta - Corte transversal pela rua e edifícios confinantes, (D.A. com base nos desenhos cedidos por pmc.arquitectos)

*Figura 59* – Vila Berta – vista para o edifício de topo, de Sul, (F.A. [2008])

*Figura 60* – Vila Berta – vista para o *chalet*, (F.A. [2008])

*Figura 61* – Vila Berta – vista para o *chalet*, (F.A. [2008])

*Figura 62* – Beco do Forno do Sol, para a Vila Berta, (F.A. [2008])

*Figura 63* – Beco do Forno do Sol, a partir da Vila Berta, (F.A. [2008])

*Figura 64* – Vista aérea sobre o conjunto da Vila Berta, de Nascente, Disponível em <http://maps.live.com/> [2008]

*Figura 65* – Alçado principal do edifício Tipo 1, (D.A. com base nos desenhos cedidos por T&T Arquitectos Limitada)

*Figura 66* – Alçado principal do edifício Tipo 2, (D.A., com base no levantamento fotográfico e na observação directa)

*Figura 67* – Alçado posterior (voltado para a Vila Berta) do edifício Tipo 3, (D.A. com base nos desenhos cedidos pelo arquitecto João Pedro Coelho)

*Figura 68* – Alçado principal (voltado para a Rua do Sol à Graça) do edifício Tipo 3, (D.A. com base nos desenhos cedidos pelo arquitecto João Pedro Coelho)

*Figura 69* – Vista para a zona do saguão (situação actual, com alteração) , (F.A. [2008])

*Figura 70* – Quadro Síntese Espaço / Função e Actividade Doméstica – Edifício Tipo 1, Fogo Tipo rés-do-chão

*Figura 71* – Diagramas da organização dos espaços convexos– versões 1 e 2 - Edifício Tipo 1, Fogo Tipo rés-do-chão

*Figura 72* – Grafo justificado – Edifício Tipo 1, Fogo Tipo rés-do-chão

*Figura 73* – Grafos justificados simplificados – versões 1 e 2 – Edifício Tipo 1, Fogo Tipo rés-do-chão

*Figura 74* – Quadro Síntese Espaço / Função e Actividade Doméstica – Edifício Tipo 1, Fogo Tipo 1º e 2º pisos

*Figura 75* – Diagramas da organização dos espaços convexos – usos e distribuição funcional – versões 1 e 2 – Edifício Tipo 1, Fogo Tipo 1º e 2º pisos

*Figura 76* – Grafos justificados simplificados – relações entre sectores de actividades domésticas – versão 1 e 2 – Edifício Tipo 1, Fogo Tipo 1º e 2º pisos

*Figura 77* – Grafo justificado – relações entre os espaços domésticos – Edifício Tipo 1, Fogo Tipo 1º e 2º pisos

*Figura 78* – Quadro Síntese Espaço / Função e Actividade Doméstica – Edifício Tipo 2, Fogo Tipo 1º piso

*Figura 79* – Diagramas da organização dos espaços convexos – versão 1 e 2 – Edifício Tipo 2, Fogo Tipo 1º piso

*Figura 80* – Grafos justificados simplificados – versão 1 e 2 – Edifício Tipo 2, Fogo Tipo 1º piso

*Figura 81* – Grafo justificado – Edifício Tipo 2, Fogo Tipo 1º piso

*Figura 82* – Quadro Síntese Espaço / Função e Actividade Doméstica – Edifício Tipo 2, Fogo Tipo rés-do-chão

*Figura 83* – Diagrama da organização dos espaços convexos – Edifício Tipo 2, Fogo Tipo rés-do-chão

*Figura 84* – Grafo justificado simplificado – Edifício Tipo 2, Fogo Tipo rés-do-chão

*Figura 85* – Grafo justificado – Edifício Tipo 2, Fogo Tipo rés-do-chão

*Figura 86* – Quadro Síntese das principais alterações realizadas entre as décadas de 30 a 70

*Figura 87* – Situação original do alçado posterior com gaiutas - edifício com número ímpar (manipulação do desenho do Projecto de Alterações (1956), antiga Letra L, 1º andar dir., da autoria de João Francisco Tojal)

*Figura 88* – Alçado com alterações (reprodução do desenho do Projecto de Alterações (1956), antiga Letra L, 1º andar dir., da autoria de João Francisco Tojal)

*Figura 89* – Ampliação no tardo de edifício com número par – situação actual, (F.A. [2008])

*Figura 90* – Vista da situação actual com garagens, (F.A. [2008])

*Figura 91* – Vista da situação actual com garagens, (F.A. [2008])

*Figura 92* – Alçados posterior e lateral (parciais) do conjunto – Proposta de Alterações, (D.A. com base nos desenhos do Projecto de Alterações de 1995, pmc.arquitectos)

*Figura 93* – Vista do alçado de conjunto - situação actual, Disponível em <http://maps.live.com/> [2008]

*Figura 94* – Quadro do grau de intervenção atribuído aos casos de estudo

*Figura 95* – Planta de alterações sobre o projecto original – Caso 1, (D.A.)

*Figura 96* – Planta da situação actual – Caso 1, (D.A.)

*Figura 97* – Planta de alterações sobre o projecto original – Caso 4, (D.A.)

*Figura 98* – Planta da situação actual – Caso 4, (D.A.)

*Figura 99* – Planta de alterações sobre o projecto original – Caso 2, (D.A.)

*Figura 100* – Planta da situação actual – Caso 2, (D.A.)

*Figura 101* – Planta de alterações sobre o projecto original – Caso 3, (D.A.)

*Figura 102* – Planta da situação actual – Caso 3, (D.A.)

*Figura 103* – Planta de alterações sobre o projecto original – Caso 6, (D.A.)

*Figura 104* – Planta da situação actual – Caso 6, (D.A.)

*Figura 105* – Planta de alterações sobre o projecto original – Caso 5 (rés-do-chão) , (D.A.)

*Figura 106* – Planta da situação actual – Caso 5 (rés-do-chão) , (D.A.)

*Figura 107* – Planta de alterações sobre o projecto original – Caso 5 (1º piso) , (D.A.)

*Figura 108* – Planta da situação actual – Caso 5 (1º piso) , (D.A.)

*Figura 109* – Planta de alterações sobre o projecto original – Caso 5 (sótão) , (D.A.)

*Figura 110* – Planta da situação actual – Caso 5 (sótão) , (D.A.)

*Figura 111* – Tapa-sol e estores exteriores, (F.A. [2008])

*Figura 112* – Tapa-sol e estores exteriores, (F.A. [2008])

*Figura 113* – Vista de trapeira descaracterizada, (F.A. [2008])

*Figura 114* – Aspectos decorativos de trapeira, (F.A. [2008])

*Figura 115* – Vista da sequência compositiva porta / janela / mísula, (F.A. [2008])

*Figura 116* – Vista parcial do conjunto – números ímpares, (F.A. [2008])

*Figura 117* – Vista dos elementos decorativos que compõem o módulo – números ímpares, (F.A. [2008])

*Figura 118* – Vista parcial do conjunto – números ímpares, (F.A. [2008])

*Figura 119* – Grafo justificado – Caso de Estudo 1, (D.A.)

*Figura 120* – Grafo justificado simplificado – Caso de Estudo 1, (D.A.)

*Figura 121* – Diagrama da organização dos espaços convexos/sectores funcionais – Caso de Estudo 1, (D.A.)

*Figura 122* – Quadro Espaço / Função e Actividade Doméstica – Caso de Estudo 1

*Figura 123* – Grafo justificado – Caso de Estudo 2, (D.A.)

*Figura 124* – Grafo justificado simplificado – Caso de Estudo 2, (D.A.)

*Figura 125* – Diagrama da organização dos espaços convexos/sectores funcionais – Caso de Estudo 2, (D.A.)

*Figura 126* – Quadro Espaço / Função e Actividade Doméstica – Caso de Estudo 2

*Figura 127* – Grafo justificado – Caso de Estudo 3, (D.A.)

*Figura 128* – Grafo justificado simplificado – Caso de Estudo 3, (D.A.)

*Figura 129* – Diagrama da organização dos espaços convexos/sectores funcionais – Caso de Estudo 3, (D.A.)

*Figura 130* – Quadro Espaço / Função e Actividade Doméstica – Caso de Estudo 3

*Figura 131* – Grafo justificado – Caso de Estudo 4, (D.A.)

*Figura 132* – Grafo justificado simplificado – Caso de Estudo 4, (D.A.)

*Figura 133* – Diagrama da organização dos espaços convexos/sectores funcionais – Caso de Estudo 4, (D.A.)

*Figura 134* – Quadro Espaço / Função e Actividade Doméstica – Caso de Estudo 4

*Figura 135* – Grafo justificado – Caso de Estudo 5, (D.A.)

*Figura 136* – Grafo justificado simplificado – Caso de Estudo 5, (D.A.)

*Figura 137* – Diagramas da organização dos espaços convexos/sectores funcionais (pisos térreo, um e sótão) – Caso de Estudo 5, (D.A.)

*Figura 138* – Quadro Espaço / Função e Actividade Doméstica – Caso de Estudo 5

*Figura 139* – Grafo justificado – Caso de Estudo 6, (D.A.)

*Figura 140* – Grafo justificado simplificado – Caso de Estudo 6, (D.A.)

*Figura 141* – Diagrama da organização dos espaços convexos/sectores funcionais – Caso de Estudo 6, (D.A.)

*Figura 142* – Quadro Espaço / Função e Actividade Doméstica – Caso de Estudo 6

*Figura 143* – Quadro da constituição do agregado familiar e tipologia programática associados aos casos de estudo

*Figura 144* – Vista para o Castelo, do topo da Calçada do Monte, Graça, (F.A. [2008])

*Figura 145* – Vista para o Martim Moniz, do topo da Calçada do Monte, Graça, (F.A. [2008])

*Figura 146* – Vista para a rua (estacionamento) na Vila Berta, (F.A. [2008])

*Figura 147* – Vista da Travessa do Pereira (a montante), (F.A. [2008])

*Figura 148* – Vista da Travessa do Pereira (a jusante), (F.A. [2008])

*Figura 149* – Vista da zona comum do edifício Tipo 1 (rés-do-chão), (F.A. [2008])

*Figura 150* – Vista da zona comum do edifício Tipo 1 (rés-do-chão), (F.A. [2008])

*Figura 151* – Vista da zona comum do edifício Tipo 1 (2º piso), (F.A. [2008])

*Figura 152* – Vista da zona comum do edifício Tipo 2, (F.A. [2008])

## **INTRODUÇÃO**

### **I. OBJECTIVOS**

O presente trabalho tem como principal objectivo demonstrar a viabilidade da utilização e reabilitação de conjuntos edificados que se inserem num dos tipos de habitação operária dos finais do séc. XIX e inícios do séc. XX, em Lisboa, mais especificamente, as vilas operárias.

Genericamente, pretende-se levantar as seguintes questões de investigação:

Serão as vilas operárias conjuntos urbanos intemporais? Conseguirão estas estabelecer uma ponte entre o Passado, o Presente e o Futuro?

Serão estas capazes de se readaptar e regenerar para sobreviverem à evolução da sociedade e dos seus hábitos?

Reabilitar? Reutilizar? Ao nível de projecto sobre o edificado, quais as estratégias de intervenção e/ou reestruturação funcional a adoptar?

De acordo com o âmbito do trabalho, o objectivo específico traçado consiste na identificação e caracterização de formas de intervenção sobre um exemplo construído concreto – estudo de caso - que reúne várias soluções de adaptação do espaço interior da habitação original aos dias de hoje.

Pretende-se, deste modo, analisar e avaliar o desempenho espacial e funcional da vila operária, bem como caracterizar a evolução ocorrida em termos de satisfação das exigências funcionais, demonstrando-se assim a sua condição de adaptabilidade face às actuais dinâmicas urbanas e formas de habitar.

### **II. JUSTIFICAÇÃO**

A edificação de vilas operárias na cidade de Lisboa constitui nos finais do séc. XIX e primeiro quartel do séc. XX uma forma de responder, com mínimas (em alguns casos, razoáveis) condições de habitabilidade, ao crescimento considerável da população, decorrente das transformações político-sociais, económicas e urbanísticas desta época, nomeadamente o processo de Industrialização e o incremento das obras públicas e da construção civil, e da consequente necessidade de mão de obra na capital.

Abrangendo alguma variedade tipológica, tanto ao nível da estrutura urbana como da própria habitação, sob pretensão de numa época específica e para uma classe social específica reunir condições de habitabilidade aceitáveis, as vilas de Lisboa são conjuntos urbanos aos quais se

atribui, hoje, um número significativo que rondará ainda pelo menos uma centena (mais de 300 segundo o inventário de 1979, realizado pela Câmara Municipal de Lisboa e publicado no “Roteiro de Lisboa” do Anuário Geral de Portugal, do mesmo ano).

Nos finais da década de 80, no Estudo dos Pátios e Vilas de Lisboa (C.M.L.,1988) já se defendia que o estudo das vilas (e dos pátios) da cidade “(...)se patenteia do maior interesse para a história do município (...)”, “(...)tomando em conta as possíveis correlações existentes entre local de trabalho, residência e outras;”. As vilas (e os pátios) constituem um testemunho vivo de resposta a novas necessidades de alojamento, numa época precisa, utilizando processos construtivos simples. O mesmo documento argumenta ainda que “(...) o estudo do posicionamento dos Pátios e Vilas no conjunto da malha urbana é importante para a história do urbanismo” e que, como “(...) espaço-habitat (...) desenvolvem e reproduzem relações, papéis e interações sociais estabelecidas numa rede de vizinhança e numa solidariedade comunitária definidoras de um modo de vida da população residente.”

Embora de forma dispersa e geralmente dissimulada, as vilas operárias são parte integrante do tecido urbano. Enquanto conjuntos edificados de uma época, testemunham uma forma de construir e uma forma de habitar. São portanto factos que justificam um conjunto de preocupações e acções que deveria ter como principais objectivos questionar o valor urbanístico e/ou arquitectónico das mesmas, avaliar condições de adaptabilidade e definir estratégias de abordagem adequadas.

### III. ESTADO DA ARTE

#### **Estudos realizados, perspectivas de interesse, e iniciativas de reconhecimento e de sensibilização no âmbito do objecto de estudo – as vilas operárias**

Em 1979, contabilizam-se cerca de 350 vilas em Lisboa. A lista respectiva é editada no “**Roteiro de Lisboa do Anuário Geral de Portugal**” (1979), pretendendo-se com isso sensibilizar a sociedade para a importância destes aglomerados no conjunto da cidade.

As primeiras abordagens teóricas, com base crítica, sobre esta matéria, datam dos anos de 1978/79 e correspondem a dois estudos independentes realizados por Maria João Madeira Rodrigues e por Nuno Teotónio Pereira. No âmbito mais generalista da habitação operária, a vila como *tipo* aparece formalizada no estudo “**Tradição, Transição e Mudança – A produção do espaço urbano na Lisboa oitocentista**” (1979), por Maria João Madeira Rodrigues. São descritos os seus aspectos genéticos e o seu processo evolutivo, abordando-se ainda a questão da mediação entre espaço-habitat e local de trabalho. Apresenta um levantamento de alguns

conjuntos existentes, sendo ensaiada uma proposta de caracterização/classificação morfo-tipológica que designa três subtipos em função da caracterização estética e das relações dos modelos com o espaço envolvente (relação espaço privado, espaço público ou semipúblico).

Nuno Teotónio Pereira, no estudo **“Evolução das Formas de Habitação Pluri-familiar na Cidade de Lisboa”** (1978/79), apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, define um conjunto claro e bem ilustrado de tipologias de alojamento operário, no âmbito de uma abordagem mais vasta à evolução dos edifícios de habitação colectiva, que classifica, em função do período de construção, do modo de inserção na estrutura urbana, da forma de agrupamento e dos respectivos processos de construção. Dentro das formas de alojamento operário, e sob os mesmos critérios, apresenta de forma sistemática as várias tipologias da vila operária. Este ensaio seria mais tarde retomado na comunicação, do autor, **“Pátios e Vilas de Lisboa, 1870/1930 – A promoção privada do alojamento operário”** (1993) e em **“Prédios e Vilas de Lisboa”** (Pereira e Buarque, 1995).

Pode assim dizer-se que foram estes os ensaios pioneiros, contendo as primeiras análises histórico-arquitectónicas realizadas por arquitectos, sobre o tema.

No entanto, embora Maria João Madeira (1979) apresente plantas relativas ao módulo da habitação de algumas vilas operárias, onde é possível identificar, por observação, aspectos como a compartimentação interior e a localização da cozinha e da pia de despejos (por exemplo), em ambos os estudos, não se faz nenhuma referência à forma de organização espacial das funções domésticas.

Posteriormente, em **“Habitação Operária em Lisboa”** (1981), Teresa Barata Salgueiro, definindo os vários tipos de habitação para operários, refere também a vila operária, que subdivide, embora sem grande aprofundamento, segundo critérios de dimensão, densidade e formas de inserção urbana. No território físico da cidade de Lisboa, distingue três concentrações ou aglomerados importantes, do tipo vila, associados à questão do espaço de habitar em proximidade ao espaço de trabalho e à ideia da segregação social do espaço urbano.

Em 1988, é tornado público o **“Estudo dos Pátios e Vilas de Lisboa”**, Proposta Conjunta da Direcção dos Serviços de Habitação e do Gabinete de Estudos Olissiponenses.

Este consiste num projecto de estudo dos pátios e vilas de Lisboa traduzido numa abordagem interdisciplinar – a História, a Arquitectura e a Sociologia – com o objectivo de conhecer, o mais claramente possível, a situação real de tais situações urbanas, e apresentar assim linhas orientadoras e de actuação para a salvaguarda de casos a preservar.

Com efeito, apresenta uma metodologia que passa pela realização de inquéritos/questionário (Ficha de observação, Fichas de caracterização, do pátio e da vila, Ficha de caracterização do

edifício, e Ficha de caracterização sócio-demográfica e das condições ambientais da população residente - Questionário de alojamento), partindo do trabalho de listagem de todos os pátios e vilas da cidade (D.S.H. – GEP Livro 207/208, L-A2 – Centro de Doc. Da D.S.H) por freguesia, morada, tipo de propriedade, número de fogos e sua catalogação fotográfica com os respectivos processos de obra, com vista à inventariação dos pátios e vilas, sua caracterização e classificação, para posteriormente se elaborar um banco de informação computadorizada associada a um cartograma pormenorizado de localização dos mesmos.

O estudo permitiria então seleccionar os casos considerados críticos, segundo grau de urgência previamente definidos, para serem objecto de intervenção, recuperação e/ou reconversão.

Esta iniciativa (acção-piloto de responsabilidade municipal, que na década seguinte iria dar origem ao processo de classificação de vários imóveis/conjuntos com interesse social e patrimonial e a um conjunto de intervenções públicas e particulares com incentivos públicos) teve como principal intuito sensibilizar, informar e incentivar outras instituições estatais e privadas na salvaguarda destes conjuntos/imóveis, procurando valorizá-los e contrariar o quadro de degradação então registado.

Em 1990, procede-se à elaboração de uma lista onde constam cerca de 100 núcleos habitacionais, vilas e pátios, considerados de interesse histórico/patrimonial a preservar.

Em 1992 é criado o Gabinete dos Pátios e Vilas, pela C.M.L., no âmbito da Direcção Municipal da Reabilitação Urbana, cujo objectivo é a realização de um levantamento exaustivo destes conjuntos e a promoção de acções de reabilitação dos exemplos de melhor qualidade e de maior interesse urbanístico e/ou arquitectónico. Em 1993, o Núcleo de Reabilitação Urbana elabora o Plano de Pormenor e Salvaguarda : Pátios e Vilas <sup>1</sup>, constituindo-se, deste modo, o ponto de partida para as várias iniciativas de intervenção que decorreriam durante uma década. As primeiras funcionariam como modelos teórico-práticos para a reabilitação urbana generalizada destes conjuntos, procedendo-se, para esse fim, à divulgação de alguns exemplos considerados notáveis dentro das limitações existentes.

A Divisão de Reabilitação Urbana dos Pátios e Vilas (DRUPV) lança, no âmbito da Lisboa 94 – Capital Europeia da Cultura, o “**Roteiro Cultural dos Pátios e Vilas da Sétima Colina**” (1994), procurando alertar para a necessidade de preservar e reabilitar unidades urbanas com valor patrimonial que se encontram, na sua generalidade, em significativo mau estado de conservação e degradação progressiva, apresentando condições precárias de habitabilidade.

---

<sup>1</sup> Plano de Pormenor e Salvaguarda: Pátios e Vilas, “Planos de Pormenor para as Áreas de Intervenção da Divisão de Reabilitação Urbana”, Vol.1, Estudos Sectoriais da Divisão de Reabilitação Urbana dos Pátios e Vilas, C.M.L. Lisboa, 1993



Este foi o período, até hoje, no qual se debateu a questão da reabilitação destes conjuntos específicos. Desde as várias iniciativas municipais, algumas delas publicadas e tornadas acessíveis, até às referências de âmbito jornalístico em notícias e reportagens de sensibilização, o tema não conheceu outros desenvolvimentos.

Desde então, verificam-se somente referências dispersas, de índole descritiva, que se baseiam essencialmente nas conclusões ensaiadas por Pereira e Buarque e por Maria João Madeira, em textos de carácter histórico-urbanístico que teorizam a evolução urbana e/ou construção da cidade de Lisboa, durante a época da Industrialização. Contudo, refira-se a realização de alguns colóquios e comunicações que debateram o tema, nomeadamente o **I Colóquio Temático**, sobre o “**Município de Lisboa e a Dinâmica Urbana**”, realizado em 1995, no qual participam os historiadores de arte Paula Alexandra Teixeira e Rui Manuel Matos, com o tema “**Teorias e Modelos de Habitação Operária. O caso de Lisboa (1880-1920)**”. Baseando-se nos estudos antecedentes, oferece um enquadramento completo e aprofundado do tema e concentra-se na organização de um esquema evolutivo das tipologias de habitação operária, segundo os diferentes tipos de iniciativa que lhes deram origem.

É, portanto, de significativa importância, referir que não existem até à contemporaneidade quaisquer estudos ou abordagens no domínio da análise e da avaliação da organização espacial e das exigências funcionais associadas, aplicadas especificamente a este tipo de alojamento – a vila operária de Lisboa.

### **Exigências Funcionais e Avaliação Pós-Ocupação (APO)**

A elaboração de Fichas de Caracterização e de Inquérito constitui uma prática fundamental frequente nos estudos efectuados sobre o edificado.

Estritamente relacionado com o tema abordado neste trabalho, embora com objectivos de ordem um pouco distinta, o “**Manual do Inquiridor**” (C.M.L.,1988), elaborado para publicação, pela equipa de trabalho constituída pela arquitecta Maria Manuela Dias dos Santos - coordenadora, pelo sociólogo Joaquim Mendonça Dias, pelos historiadores Jorge Manuel Rodrigues Ferreira e Pedro Diniz Ferreira Braga, e ainda pelo engenheiro civil Fernando Alves dos Santos e pela arquitecta Maria Helena Simas, constitui uma base importante para a definição de variáveis, justificação dos aspectos de interesse e elaboração de perguntas/questões directas a colocar. Além de apresentar a estrutura dos inquéritos/questionário, explica como estes foram elaborados desde a fase de Preparação e planeamento até à de Finalização (ou retoma do ciclo), passando ainda pelas fases de Aplicação e de Teste.

No âmbito da definição das exigências de desempenho do espaço construído, refiram-se os documentos “Exigências Humanas no âmbito da habitação” (Blachere/CIB, 1966), “Exigências Humanas na Construção” (D’Havé, 1976) e “Exigências Funcionais das Habitações” (Gomes,

1971). São imprescindíveis para a análise da organização espacial do alojamento, os trabalhos de investigação desenvolvidos no LNEC desde a década de 60, nomeadamente os estudos de Portas (1969) e de Valente Pereira e alt. (1974), e, para o âmbito específico da qualidade dos espaços físicos habitacionais, tem-se Baptista Coelho (1994), Reis Cabrita (1995) e João Branco Pedro (2002).

#### IV. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

O presente documento consiste essencialmente num trabalho de natureza exploratória, baseado em pesquisa documental e na observação *in loco* do objecto de estudo.

A pesquisa documental/levantamento bibliográfico incide sobre as seguintes matérias:

- i) Contexto histórico-social e urbanístico das vilas operárias em Lisboa;
- ii) Habitar as vilas operárias enquanto estruturas espaciais originais;
- iii) O uso do espaço doméstico e a sua relação com os estilos de vida urbana contemporâneos;
- iv) Vilas operárias e sua inserção no espaço urbano envolvente (peças escritas e desenhadas);
- v) Intervenções em vilas operárias (peças escritas e desenhadas);
- vi) Métodos e procedimentos analíticos adoptados em avaliação pós-ocupação (APO).

Por sua vez, a observação *in loco* concentra-se em:

- i) Levantamento genérico - recolha de exemplos;
- ii) Avaliação Pós-Ocupação (APO)  
Levantamento específico sobre o(s) estudo(s) de caso, cuja recolha se encontra orientada para a avaliação de condições espaço-funcionais, condições vivenciais, formas de apropriação e alterações espaciais introduzidas;  
Análise do caso da Vila Berta, um exemplo emblemático de vila operária que tem vindo a ser adaptado de modo a responder às solicitações actuais.
- iii) Entrevistas a moradores e ex-moradores da Vila Berta, para aferição de usos e hábitos domésticos;

As conclusões serão devidamente elaboradas com base nos resultados da análise/avaliação da informação.

## V. ESTRUTURA DO TRABALHO

O presente trabalho encontra-se estruturado em três partes.

A primeira, dividindo-se em dois capítulos, introduz, num primeiro momento, o tema geral da dissertação e prossegue depois com o enquadramento do objecto de estudo propriamente dito. Respectivamente, o alojamento operário e as tipologias emergentes que dele resultam (Capítulo 1), e a vila operária como tipo particular, devidamente caracterizado (Capítulo 2).

Neste contexto, recorre-se à observação *in loco* e ao levantamento/identificação genéricos de vários exemplos reais com vista à elaboração de fichas (do tipo catálogo) e à recolha de registos fotográficos e de ordem empírica, capazes de ilustrar a situação actual do objecto de estudo.

A segunda parte baseia-se de forma sumária na selecção de alguns casos de referência, no âmbito das estratégias de intervenção sobre situações concretas (Capítulo 3), a pretexto de se enquadrar tematicamente o estudo de caso. Este será pois o assunto central da terceira e última parte do trabalho, constituindo a sua verdadeira base de investigação – a Vila Berta, situada na freguesia da Graça.

Na terceira parte prossegue-se com a identificação e selecção dos métodos e procedimentos a adoptar, no trabalho de campo e durante a análise (Capítulo 4).

São elaboradas, para posterior aplicação, Fichas de Caracterização (dos Edifícios e dos Fogos) e de Inquérito (para a inspecção visual e abordagem directa aos utilizadores), que passam inicialmente por fases de teste e de correcção.

Segue-se o tratamento dos resultados obtidos, e sob o ponto de vista da leitura e da análise dos mesmos, são identificadas as condições espaciais e funcionais, do projecto original (Capítulo 5) e da situação actual (Capítulo 6), em simultâneo com a avaliação do grau de satisfação evidenciado pelos utilizadores, e ainda com a interpretação crítica das alterações espaço-funcionais introduzidas, directamente relacionáveis com o desempenho funcional das habitações.

## PARTE I – CARACTERIZAÇÃO DO OBJECTO DE ESTUDO

### CAPÍTULO 1 – HABITAÇÃO OPERÁRIA EM LISBOA

#### 1.1. Enquadramento histórico-social e urbanístico

Assiste-se, no período compreendido entre a década de 60 do século XIX e a primeira década do século seguinte, a um crescimento muito significativo da população da cidade de Lisboa. Este fenómeno, relacionado com o período da Industrialização em Portugal e mais estreitamente com a dinâmica sócio-económica em ascensão da sua capital, viria, por necessidade imediata, a traduzir-se na intensificação do processo de urbanização da cidade.

Num contexto de desenvolvimento industrial e capitalista ao qual correspondem factores como o crescimento da burguesia e consequentes alterações estruturais na base económica social, o desmantelamento da estrutura agrária e o desenvolvimento de uma economia de importação/exportação, o movimento político da Regeneração (1851), não só vem fomentar o desenvolvimento económico da cidade, como pretende canalizar os interesses de uma classe média em ascensão para o importante programa de Obras Públicas<sup>1</sup>. Este contemplaria o alargamento da rede de transportes através da construção de novas vias de comunicação (nomeadamente estradas, pontes e o imprescindível caminho-de-ferro), bem como a construção do Aterro e implícita expansão do Porto de Lisboa, facilitando assim a circulação de pessoas e de mercadorias.

O surto demográfico, que conhece dois períodos – um entre 1864 e 1878, e outro já na década de 90 – tem na sua base, por um lado, a crença nos benefícios proporcionados pelo processo de Industrialização ou a expulsão directa do campo, e por outro, o incremento então verificado ao nível das obras públicas e da construção civil, que viria a justificar uma crescente necessidade de mão-de-obra.

O afluxo populacional e o crescimento simultâneo das classes médias vêm irremediavelmente traduzir-se no aumento das necessidades de alojamento dentro da cidade, aspecto este que viria, mais tarde, favorecer um grande conjunto de oportunidades para o investimento lucrativo na área da construção.

É a partir da década de 70 que se regista um aumento considerável da área edificada da cidade que tradicionalmente se desenvolvia ao longo da margem do rio.

---

<sup>1</sup> Dirigido por António Maria Fontes Pereira de Mello, do recém criado Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria, de 1852 a 1855;

Assiste-se ao crescimento tentacular da cidade, que com a abertura da Estrada de Circunvalação em 1852, abraçava já as zonas de Alcântara, Prazeres, Campolide, São Sebastião da Pedreira, Arco do Cego, Arroios, Penha de França, Cruz da Pedra e Santa Apolónia, e que progressivamente se estende aos núcleos rurais dos arredores como Benfica, Charneca, Carnide, Lumiar, Ameixoeira, Chelas, Xabregas, Moscavide, Olivais e Ajuda <sup>1</sup>. A paisagem urbana altera-se e torna-se possível identificar os principais núcleos da Industrialização. Ao longo do Tejo, o Porto de Lisboa – zona industrial por excelência – e na Boavista, as fundições. Na zona oriental da cidade – Beato e Xabregas -, a predominância dos armazéns e das moagens e, por sua vez, na zona ocidental – Alcântara – as fábricas.

No entanto, as providências a tomar pelos organismos administrativos em relação à falta de alojamento não se dirigiram de forma equitativa e suficiente a toda a estrutura social.

Por esta altura, a população de Lisboa apresentava uma grande heterogeneidade.

Num estrato superior, encontram-se a burguesia que se demarca claramente da nobreza a partir de 1870 (Madeira, 1979), de aspirações políticas, contemplando empresários e financiadores que trazem consigo novos valores do exterior para Portugal e que promovem o progresso das áreas industriais e ainda um considerável grupo de assalariados, ligado às profissões relacionadas com a indústria artesanal e aos serviços.

Ao estrato inferior (o mais numeroso) corresponde o operariado, também designado por “classe laboriosa” ou proletariado, urbano e rural, que trabalha na sua generalidade em condições duras de sobreexploração.

Numa posição intermédia, e por isso apelidada de classe média, identifica-se ainda “(...) um grupo misto de composição heterogénea e formado a partir do estrato mais baixo da burguesia – pequeno industrial, pequeno comerciante, oficial subalterno do exército, pequeno funcionário de serviços – e pelo estrato superior do operariado.(...)” (Madeira, 1979: 25), mais próximo dos valores da burguesia, embora sem poder político.

Paralelamente aos efeitos introduzidos pelo Programa das Obras Públicas, são lançados outros programas de expansão urbana, estes de iniciativa municipal, que fariam nascer novos bairros e artérias no tecido existente (Pereira, 1995). São exemplos os casos do Calvário, de traçado revelador da especulação económica e dos propósitos de lucro relativos ao solo urbano instalados então na sociedade portuguesa, resultando em loteamentos e arruamentos não planeados, ou ainda os bairros de Campo de Ourique e de D. Estefânia, todos eles iniciados nos anos 80.

---

<sup>1</sup> A nova estrada de Circunvalação em 1885 alarga a área da cidade, definindo-lhe novos limites, incluindo e redesenhando novas freguesias;

Sendo clara a ausência de um plano global para a expansão da cidade a ser criado pelo Governo, especificamente pelo Ministério das Obras Públicas, seria o Município a gerir as obras da urbe. Contudo, atendendo à falta de recursos orçamentais do primeiro e às limitações do segundo, seriam irremediavelmente criadas, pela própria legislação<sup>1</sup>, condições para as iniciativas de construção privadas, particulares ou colectivas, favorecendo-se, deste modo, a formação de diversas companhias construtoras e uma conseqüente situação de autoprogramação de zonas pontuais.

No entanto, o problema do alojamento operário estava longe de ser solucionado.

Nesta época existiam claramente duas realidades distintas na cidade de Lisboa. Se por um lado a Cidade Burguesa, associada ao crescimento para Norte e à proliferação dos prédios de rendimento (alojamentos burgueses) que conhece o seu apogeu na viragem do século, é valorizada pelo Estado que lhe fornece as infra-estruturas, por outro, a Cidade Capitalista, do alojamento operário, sente a falta de apoio oficial para responder às dificuldades das populações empobrecidas no que diz respeito à habitação (Salgueiro, 1981).

A realização do Inquérito Industrial de 1881, que revela "(...) a miséria das condições de habitação do operariado nos principais centros industriais do país, com relevo para Lisboa, Porto, Covilhã e Setúbal. (...)" (Pereira, 1993: 1), desencadeia um movimento que procura dar resposta ao problema do alojamento operário. Acções como as de Augusto Fuschini, conselheiro político fontista, que leva ao Parlamento, nos anos 80, o documento intitulado "Construção de casas económicas e salubres para habitação das classes pobres" para aprovação (que se conclui em vão), ou dos engenheiros Oliveira Simões e Augusto Montenegro que dirigem os primeiros inquéritos à habitação de Lisboa, ou, mais tarde, do Arquitecto Adães Bermudes que propõe, em 1896, a criação de uma sociedade promotora de habitações económicas para as "classes laboriosas", fazem surgir na actualidade nacional o tema da casa económica e salubre.

Contudo, o contributo dado pelo Estado neste sentido, acabaria por se limitar à atribuição de isenções fiscais (1888) no sector da habitação com rendas limitadas, deixando, durante largos anos, a promoção da habitação operária a cargo da iniciativa privada (Salgueiro, 1981).

É neste contexto que, apesar de surgirem ainda, paralelamente a esta situação, algumas tentativas de iniciativa camarária na formulação de bairros destinados a este estrato específico da população, seriam os particulares e as cooperativas, relacionadas em grande parte dos casos com as unidades fabris, a resolver minimamente esta questão.

Bairros como o do Casal do Rolão ao Calvário (1889), o do Calvário, em Alcântara, ou o da Estrela (1886), inicialmente projectados ainda nos finais do séc. XIX para habitação operária, ou não são levados a fase de concretização, ou acabam por ser edificados com um grande desfasamento temporal (de décadas), sofrendo pressões oriundas dos interesses e dinamismo da burguesia, sendo por estes apropriados (Castro e Silva, 1997).

---

<sup>1</sup> Decreto de 31 de Dezembro de 1864 e Lei de 9 de Agosto de 1888;

No final do século, a população era maioritariamente constituída por indivíduos provenientes de meios rurais empobrecidos, sem recursos e sem acesso à habitação de baixo custo, facto que se agrava significativamente com os acontecimentos político-sociais dos primeiros anos da década de 90. Primeiro com a crise económica gerada no país pelo Ultimatum a Portugal (1890), e depois com o período sucessor à Revolta Republicana de 1891 até à Implantação da República, favorece-se uma deterioração progressiva das condições de vida das famílias operárias em geral.

Sem apoios oficiais de alternativa e obviamente sem capacidade económica para habitar os novos bairros da Estefânia, Campo de Ourique, Camões, a Avenida Almirante Reis ou as Avenidas Novas, que constituíam as verdadeiras e significativas transformações urbanísticas na cidade, seria numa primeira fase a própria população operária a resolver pelos seus próprios meios o défice de alojamento criando condições de assumida precariedade, seguindo-se as iniciativas privadas, as sociedades cooperativas, e, só muito tardiamente, com a 1ª República, surgiriam os bairros sociais cuja construção seria oficialmente lançada pelo Estado, embora muitos deles apenas se concretizem já durante o Estado-Novo.

O resultado é contudo uma cidade construída à margem daquela que foi planeada por Marquês de Pombal ou por Rosa Araújo e Ressano Garcia. Sem uma visão de conjunto sobre a mesma, respondeu-se aos problemas da habitação pontual e isoladamente, recorrendo a formas de ocupação espontânea, sem instrumentos jurídico-administrativos de planeamento adequados.

As tipologias habitacionais resultantes deste período da História da Cidade, normalmente compreendido pelos teóricos entre 1870 e 1950 e que respeita à habitação, especificamente ao alojamento operário da cidade industrial, serão abordados no subcapítulo seguinte.

## **1.2. Tipos emergentes de habitação operária**

Os ensaios pioneiros sobre alojamento operário, concretamente aqueles que foram desenvolvidos por Nuno Teotónio Pereira (1978/79) e por Maria João Madeira Rodrigues (1979), distinguem essencialmente com pontuais excepções no que diz respeito ao aprofundamento, à designação e à definição das variações dentro dos tipos, três formas tipológicas de habitação para este fim, designadamente o Pátio, a Vila operária e o Bairro Social.

Tendo em consideração o contexto que lhes deu origem, e o modo de certa forma lento e não focalizado com que evoluíram, torna-se importante mencionar o facto de nem sempre ser possível dissociar com exactidão estas formas de edificação, que pela sua génese, representam estádios de evolução e condições embrionárias nas relações que estabelecem entre si. Verifica-se nalguns casos, com efeito, a coexistência de mais do que um tipo na mesma situação singular.

É no entanto possível isolar segundo um tipo a maior parte dos conjuntos identificados como tal, desde que nas bases da respectiva caracterização sejam tidos em consideração factores

decisivos como a morfologia (que inclui a forma de agrupamento e as características formais e construtivas), a localização enquanto factor da proximidade às zonas industriais/comerciais de produção, e a origem da iniciativa de construção.

O Pátio surge numa primeira fase, posto o problema da falta de habitação para uma população sem recursos, como uma forma de habitação ou núcleo habitacional precário associado a espaços residuais de construções pré-existentes (desde palácios desocupados em ruínas de uma nobreza decadente, espaços conventuais de ordens religiosas extintas, a edifícios com caves e logradouros insalubres), mediante o pagamento de uma renda mínima ao proprietário.

Neste período, nenhuma das entidades oficiais (Estado, cooperativas ou associações sem fins lucrativos que precisariam do apoio deste para sobreviver) tinham capacidades para intervir directamente.

Os Pátios localizam-se sobretudo nos bairros antigos, densificando-os e sobreocupando-os, preenchendo até ao limite os terrenos intersticiais do espaço construído, e também nos bairros periféricos do final do século, nas zonas industriais.

Utilizando a estrutura espacial original do pátio enquanto elemento construtivo tradicional, valorizando pois de certa forma o intimismo e a privacidade, rapidamente o adultera e o faz evoluir para situações isentas de condições de salubridade mínimas, comprometidas pela ocupação excessiva e densa, designadamente a ausência de exposição solar, exposição às humidades, deficiência construtiva e dimensionamento abaixo dos padrões mínimos.

Com o movimento despoletado sobretudo pelo Inquérito Industrial de 1881 e pelas correntes com preocupações higienistas em ascensão, o pátio tende a, embora morosamente, ser substituído por um modelo de alojamento teoricamente mais adequado – a **vila operária**. Teoricamente, porque as primeiras concretizações mantiveram frequentemente e nalguns casos durante muitos anos, na sua essência, o pátio, distinguindo-se deste apenas porque como forma espontânea, o primeiro, não obedecia a qualquer planificação. No entanto, segundo Pereira (1995: 265), também existiram casos de construção de pátios de raiz, deliberadamente com essa finalidade, não se distinguindo por isso muitas vezes das vilas que surgiriam posteriormente.

A semelhança entre estas duas formas de alojamento é frequentemente evidenciada por vários autores. Segundo Pereira (1979), são semelhantes na relação que estabelecem com os espaços públicos, nomeadamente com a rua. Ambos se misturam com a estrutura urbana pré-existente numa atitude de camuflagem e de relação indirecta com as ruas e percursos que comunicam directamente com o quarteirão edificado. Refira-se ainda a definição de Pátio que José Leite de Vasconcelos (1959) apresenta, que o aproxima morfologicamente da vila ou pelo menos de uma das suas tipologias <sup>1</sup>, no que respeita às formas de agrupamento, de acesso, e à caracterização do espaço público/privado.



Em referências de cariz sociológico, as vilas são definidas como “(...) um misto de casa rústica e casa da cidade (...)” (Alice Vieira, 1993) ou um “(...) modelo de compromisso entre um habitat rural e as edificações urbanas (...)” (Calado e Ferreira, 1993), que se assumem como “(...) pequenos guetos dentro da cidade, onde se pretendia que as pessoas vivessem isoladas, deslocando-se apenas da casa para a fábrica e desta para o clube ou sociedade de recreio (geralmente pertencente à empresa), estabelecendo relações de vizinhança quase sempre na base do trabalho comum que a todos unia no mesmo esforço.(...)” (Alice Vieira, 1993).

Segundo regulamento camarário (1930), as vilas operárias são mencionadas como “(...) grupos de edificações, destinados a uma ou mais moradias, construídos em recintos que tenham comunicação quer directa quer indirecta, por meio de serventia pública.”<sup>2</sup>

Na sua diversidade, tem um papel fundamental, senão mesmo decisivo, a origem (também esta de ordem diversa) das iniciativas que permitiram concretizar este género de construções.

Com efeito, é possível distinguir três tipos de iniciativa de alojamento operário. As iniciativas particulares, as iniciativas de empresas construtoras, e por último, sem qualquer ordem cronológica implícita, as iniciativas levadas a cabo pelas unidades fabris ou comerciais, algumas destas de carácter marcadamente filantrópico.

As iniciativas que se enquadram neste último género procuravam, através da edificação de tipologias habitacionais simples e modulares, implementar padrões de comodidade expressamente inovadoras para a época. Opondo-se ao aspecto caótico do urbanismo operário, a sua organização espacial é pensada à imagem do próprio modelo da estrutura social da fábrica, distinguindo, através da diferenciação construtiva segundo parâmetros funcionais e arquitectónicos, o pessoal dos quadros e os operários.

Embora alguns destes casos correspondam a filosofias de carácter filantrópico<sup>3</sup>, cuja promoção de imagens como a “grande família” ou a “dignificação do trabalho” vão mais longe, chegando a introduzir alguns equipamentos de apoio (como escolas, infantários, esquadras de polícia, etc) nos próprios “bairros”, este revelava-se simultaneamente um regime que exercia uma relativa acção de controlo sobre o trabalhador pertencente à respectiva empresa (que arrendava as habitações praticando rendas baixas). Garantindo deste modo a ligação e a permanência dos trabalhadores mais qualificados, o alojamento é encarado como um eficaz instrumento de pressão e de controlo.

---

<sup>1</sup> As variações tipológicas dentro do tipo vila operária serão apresentadas e desenvolvidas no Capítulo 2 desta dissertação;

<sup>2</sup> O Regulamento Municipal de 1930 viria a proibir esta forma de exploração do solo, encerrando um período durante o qual se edificaram mais de três centenas de vilas operárias em Lisboa;

<sup>3</sup> A referir, duas personalidades – o industrial Francisco Grandella e o banqueiro Cândido Sotto-Mayor;

Os restantes casos respeitam a construções directamente ligadas à produção, às quais será dada devida atenção no capítulo seguinte.

A designação da vila corresponde geralmente ao nome da fábrica ou do empresário aos quais se encontra associada.

As iniciativas provenientes de particulares conferem geralmente ao alojamento preocupações mínimas de habitabilidade, embora dentro de parâmetros considerados aceitáveis pela legislação, instalando habitações de dimensões reduzidas nas traseiras e logradouros dos seus próprios edifícios. Como incentivo, o investimento numa fonte de rendimento certa.

Finalmente, as iniciativas implementadas por vários construtores. Traduzindo objectivos idênticos, estes optam por edificar edifícios de raiz com construções anexas, ou por adquirir terrenos confinados a edifícios existentes.

Como será oportuno constatar, estes dois géneros de iniciativa resultariam em tipologias iguais ou idênticas.

## **CAPÍTULO 2 – VILAS OPERÁRIAS**

### **2.1. Inserção urbana**

#### **2.1.1. Localização**

A construção de vilas operárias ocorreu sobretudo em zonas de periferia ou industriais da cidade, de menor renda fundiária, i.e. em terrenos que se encontravam desvalorizados, ou ainda em zonas cuja densidade habitacional se apresentava reduzida.

Verificando, em regra, uma clara proximidade às áreas de maior concentração da indústria e dos mercados consumidores, às vias de comunicação e de transporte, designadamente o caminho-de-ferro, e ao armazenamento de matérias-primas, a vila prolifera em Alcântara, Prazeres, Campolide, Graça, Penha-de-França, Alto do Pina, Arroios, Xabregas/Beato, Chelas/Marvila e Benfica <sup>1</sup>.

Apesar de esta proliferar no tecido urbano de forma significativamente dispersa, sendo possível assinalar diversas situações pontuais isoladas, são constatáveis várias concentrações ou aglomerados principais.

Dois deles encontram-se associados aos vales de Chelas e de Alcântara – os eixos privilegiados pela implantação industrial, com destaque para o sector têxtil e moagens -, nas zonas oriental e ocidental, respectivamente. Reúnem-se, no primeiro caso, exemplos tipologicamente diversos com predominância de construções que fundem espaços de armazenagem (sector vinícola) nos pisos térreos com habitações nos pisos superiores - Poço do Bispo, Beato -, e conjuntos extensos, formando por vezes rua, relacionados com as fábricas de aparecimento mais tardio dentro do período da Industrialização - Xabregas, Beato (Salgueiro, 1981).

Por sua vez, o Vale de Alcântara, núcleo fabril mais antigo onde prevalecem fábricas de tecidos e curtumes, reúne um número considerável de exemplos até Campolide (abundante em terrenos por ocupar), subindo a encosta dos Prazeres e Campo de Ourique, ao longo da Rua Maria Pia, antiga Estrada de Circunvalação, estendendo-se também ao bairro de Santo Amaro.

A terceira concentração a destacar respeita sobretudo às freguesias da Graça, Penha-de-França e do Alto do Pina. Crê-se que a Graça alojava maioritariamente empregados estabelecidos no centro - Baixa, Martim Moniz, São Lázaro, Terreiro do Trigo e Bica do Sapato – e que as restantes albergavam um estrato de operários ligados a Xabregas, Beato e Poço do Bispo. Esta deslocação fazia-se facilmente através da Estrada de Circunvalação, actual Av. Afonso III (Salgueiro, 1981). Estes conservam “(...) o mais importante núcleo hoje existente. (...)” (Pereira, 1993).

---

<sup>1</sup> Ver Catálogo – Vilas Operárias em Lisboa, Mapa de Localização, em anexo;

Salgueiro (1981) conclui que não existem exemplos construídos, deste género, no território delimitado pela Cerca Fernandina e no Bairro Alto, devendo-se o fenómeno à grande densidade de edificação/ocupação inerente a estes locais. Outras fontes, que afirmam existir “poucos exemplos de vilas” (concluindo-se portanto, alguns) nestas zonas, opinam sobre o reflexo da segregação social do espaço urbano e sobre a inserção intencional deste tipo de construções e consequentemente das populações que as ocupam, em espaços declaradamente segregados, fora do centro da cidade.

Em síntese, a localização dos principais núcleos de vilas operárias aproxima a habitação ao local de trabalho, concentrando em si duas das funções da cidade – o Trabalho e o Alojamento (Pereira, 1993).

### 2.1.2. Caracterização morfo-tipológica

A distinção das várias tipologias dentro da vila operária permite reconhecer e identificar um conjunto vasto de configurações diversificadas e entender com clareza as condicionantes que lhes deram origem e que possibilitaram a evolução de formas que eram inicialmente desqualificadas e isentas de qualquer interesse, para formas mais elaboradas, portadoras até de alguns traços pioneiros no que respeita a determinados aspectos construtivos e até espaciais.

A identificação destas variações foi, de forma crítica e bem fundamentada, realizada por Nuno Teotónio Pereira, no estudo que desenvolveu em 1979. Será com base no seu trabalho que se apresentarão as seguintes tipologias.

#### **Vila que acompanha a via pública (em correnteza)**

O edifício em correnteza tem a sua origem na casa bi-familiar, localizada em bairros pobres da periferia e mesmo em bairros mais antigos, que corresponde a uma pequena construção de um só piso, com dois fogos. Face ao aumento da densidade populacional, assiste-se à construção de novos pisos sobre as edificações primitivas, e consequentemente ao acréscimo do número de fogos sobre a mesma área de implantação. Numa fase posterior, o incremento da procura de habitação dá origem à multiplicação, em banda, de construções deste tipo, criando assim uma tipologia de grande versatilidade – a correnteza – que é aplicada no interior de pátios, e que vai servir de base a um dos tipos de vila operária ainda do séc. XIX (Pereira, 1993).

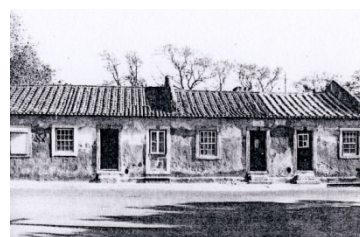


Fig. 1 - Correnteza térrea



Fig. 2 - Correnteza tipo vila

A vila que deriva desta tipologia consiste então numa construção que acompanha a via pública, como qualquer edifício corrente, escapando de certa forma à definição do regulamento camarário de 1930, por não se encontrar à margem dos arruamentos.

É frequentemente ignorada como vila, embora apresente as características essenciais que a definem como tal. Trata-se pois de “(...) edificação multifamiliar intensiva, construída pela iniciativa privada e destinada a famílias de baixos rendimentos.(...)” (Pereira, 1993).

Podem dividir-se em dois sub-tipos:

a) Edifícios alongados género correnteza, compostos por unidades de dois a três pisos;

b) Edifícios tipo bloco ou “chalet”, com semelhanças formais (coberturas tipo “chalet”) com as vilas de lazer da burguesia retornada. Na opinião do etnógrafo José Leite de Vasconcelos, existe uma utilização abusiva da designação vila, defendendo que a grande parte destas situações se afastam da realidade essencial deste tipo de alojamento específico.

### **Vila formando pátio**

As construções, com um a dois pisos, agrupam-se em volta de um recinto comum, descoberto, com uma única entrada, conformando um pátio quadrado ou rectangular.

A ocupação do lote é total, predominantemente sem logradouros para as traseiras e o acesso ao piso superior, quando existe, é geralmente feito pelo exterior através de escadas e galeria.

### **Vila construída atrás de edifícios**

As construções, também com um a dois pisos, agrupam-se nas traseiras-logradouro dos edifícios pertencentes à burguesia. No mesmo lote geram-se duas tipologias distintas, desde o edifício corrente com frente para a via pública, à construção de pequenas dimensões disposta em número por detrás deste.



Fig. 3 - Vila do género correnteza



Fig. 4 - Vila tipo bloco ou “chalet”



Fig. 5 - Vila formando pátio

De ocupação assimétrica, em quadrado ou em corredor, as várias unidades conformam um recinto descoberto, com um único acesso, podendo este apresentar-se sob três formas. Pode ser feito à ilharga do edifício através de um corredor lateral descoberto, conduzindo geralmente a esquemas de ocupação assimétrica ou a cotovelos para contornar o edifício, a eixo do lote, também por meio de corredor descoberto, prolongando-se em linha recta pelo pátio, ou ainda através de passagem em arco sob o edifício.

A designação da vila corresponde, nestes casos, ao nome do proprietário do edifício principal ou de um seu familiar.

Está presente um sentido de hierarquia social, na medida em que se distingue uma nítida diferença de classes entre aqueles que habitam o pátio e aqueles que habitam o edifício principal (proprietário). Regra geral, a qualidade construtiva é superior nesse edifício.

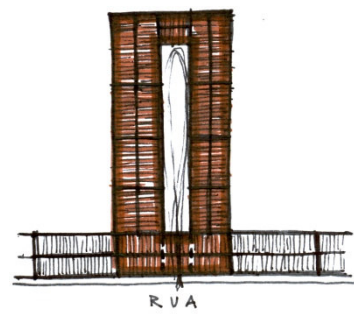


Fig. 6 – Vila construída atrás de edifício



Figs. 7,8 e 9 – Vila Luís José Nunes, São Jorge de Arroios

### Vila formando rua

Representa já uma evolução no sentido da cidade, constituindo pequenas ruas perpendiculares ou paralelas às ruas principais, com um ou mais acessos, cujas construções se dispõem em correnteza formando duas bandas paralelas entre si (Henrique, 1993).

Correspondem a situações de edificação planeada, com unidades uni ou plurifamiliares, e contemplam habitualmente a residência do próprio proprietário ou construtor.

Surgem geralmente em zonas livres de edificado, em terrenos de maior regularidade, adquirindo formas alongadas.

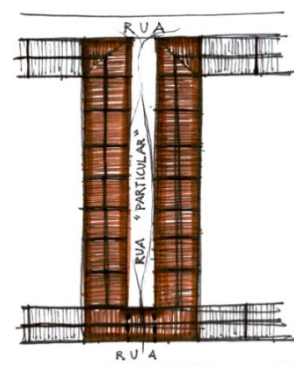


Fig. 10 – Vila formando rua

### Vila de escala urbana

A diversificação do tipo vila deu origem a um afastamento progressivo do tipo pátio. Esta acabou por evoluir para conjuntos de maior dimensão e volume e de estrutura mais complexa, integrando já um sistema viário embora de carácter particular e segregado.

Relativamente à forma de ocupação, podem distinguir-se dois sub-tipos:

- a) unidades de habitação horizontal;
- b) conjuntos massivos de blocos em altura.

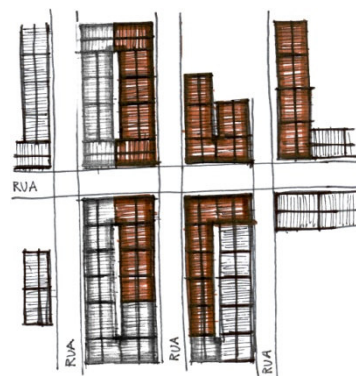


Fig. 11 – Vila de escala urbana

### Vila ou bairro operário e económico

Morfologicamente semelhante à vila de escala urbana, evoluindo a partir dela, o bairro operário, já com uma assumida dimensão urbana, nasce de uma acção cooperativista e associativa <sup>1</sup> que tenta subsistir sem apoios do Estado, gerando um conjunto singular de arquitectura simples e austera justificada pela escassez de recursos inerente.

Os Bairros Sociais propriamente ditos, lançados pelo Estado, viriam a concretizar-se apenas durante o Estado-Novo, embora tivessem sido projectados ainda na primeira década do século. Contrariando o carácter pobre e monótono típico dos bairros operários, procuram introduzir na cidade uma nova tipologia traduzida em conjuntos heterogéneos em si próprios, com algum investimento estilístico revelado nas fachadas.

Estas últimas duas tipologias assumem um carácter autónomo, pois incluem frequentemente edifícios de utilização colectiva como estabelecimentos comerciais de primeira necessidade, escolas, espaços de convívio, esquadras, lavadouros, sanitários e até pequenas oficinas.



Fig. 12 – Bairro Operário dos Barbadinhos

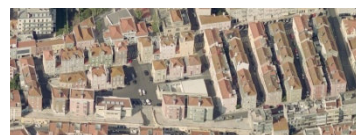


Fig. 13 – Bairro Social da Ajuda

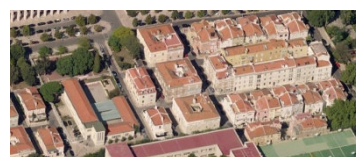


Fig. 14 – Bairro Social do Arco do Cego (vista parcial)

<sup>1</sup> A Companhia Comercial Construtora lança a construção do Bairro Operário dos Barbadinhos (1890);



### Vilas directamente ligadas à produção

Por iniciativa das empresas, surgem num período em que o desenvolvimento industrial se sente ameaçado face à falta de alojamento, quando as iniciativas dos particulares e construtores se revelam insuficientes.

Frequentemente confinados às instalações industriais, recorrem às seguintes tipologias:

- a) Habitações integradas no próprio edifício das instalações fabris, em pisos sobre os armazéns, formando blocos (em correnteza) que acompanham a via pública e que normalmente se destinam ao escalão superior do pessoal;
- b) Vilas formando rua;
- c) Vilas de escala urbana, tipo bairro (de carácter filantrópico, normalmente), que revelam uma maior qualidade do desenho e também uma relativa diversificação das tipologias;

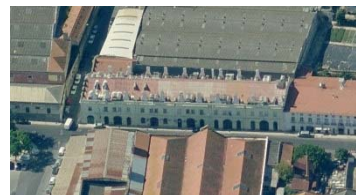


Fig. 15 – Vila Pereira ou Prédio Santos Lima, Beato



Fig. 16 – Vila na Rua Fernando Palha, Beato



Fig. 17 – Vila Dias, Beato

Em síntese, as vilas operárias são conjuntos dissimulados no tecido da cidade, na medida em que, por norma, ocupam espaços não edificados no interior de quarteirões, procurando estrategicamente rentabilizá-los. Ocupando as traseiras dos edifícios de rua, com passagem entalada ou em arco ou em arco aberto nas fachadas dos mesmos, ou conformando ruas particulares, são dificilmente perceptíveis a partir das ruas principais.

Destinadas à habitação arrendada a baixo custo (ou até mesmo sem custo) para famílias com fracos recursos, excepcionalmente à residência de algumas famílias oriundas da pequena burguesia ou burguesia proletarizada (já no início do séc. XX), a sua construção, ela própria necessariamente económica, é simples, utiliza materiais baratos e baseia-se numa estrutura modular, permitindo deste modo uma densidade de ocupação relativamente elevada e de fácil extensão. Numa limitada parcela de terreno, pretende oferecer o maior número de fogos, recorrendo a áreas mínimas.

Materializa-se numa estrutura edificada constituída por edifícios de pequena cércea que normalmente se desenvolvem em piso térreo ou acrescidos de um piso elevado, por vezes atingindo um segundo, dispendo-se em torno de um espaço comum, de carácter induzidamente privado, em pátio ou em rua.



## 2.2. Caracterização construtiva e arquitectónica

Como já se referiu, no que concerne à construção propriamente dita, a vila operária é um conjunto formalmente simples, que apenas revela originalidade nas relações que as suas unidades modulares estabelecem entre si, adoptando modelos diversos de implantação.

Por outro lado, desenvolve também características que antecipariam soluções no domínio da construção e da arquitectura mais tarde desenvolvidas e aplicadas em grande escala, sobretudo no que diz respeito à racionalização e funcionalização do espaço (Pereira, 1993). No intuito de rentabilizar o espaço interior (reservado às habitações), recorrem frequentemente a escadas e galerias exteriores, por vezes passadiços em ponte, redistribuindo assim as circulações comuns ou com vocação colectiva.

Em situações de maior elaboração, sem que se abandonem as preocupações relativas à economia de recursos, recorre-se a uma decoração programada que, sobre as fachadas, procura atribuir alguma graciosidade a um tipo de construção que se quer fundamentalmente racional e utilitária, tal como acontecia com outros edifícios da época, designadamente os prédios de rendimento da cidade burguesa. Desde os elementos de pura ornamentação como o estuque, o azulejo e o tijolo (nas guarnições dos vãos) usados como formas decorativas aplicadas nas fachadas ou a madeira nos remates das coberturas, até aos elementos estruturais como o ferro aplicado nas escadarias, galerias e guardas, o gosto decorativo das fachadas manifesta-se com alguma variabilidade, em maior ou menor grau, consoante a origem e possibilidades do seu construtor e/ou proprietário.

Excepcionalmente, em situações distintas do ponto de vista social, i.e., em casos cujo destino não era originalmente a camada operária mais pobre, não só existe uma riqueza decorativa que muitas vezes atinge a ostentação, como se revela um desenho cuidado dos elementos de construção e um nível superior de qualidade formal e espacial, também verificado na organização interior. Mantêm porém o modelo estrutural e essencial da vila operária, sendo por isso designados como tal.



Fig. 18 – Vila Mendonça, São Jorge de Arroios

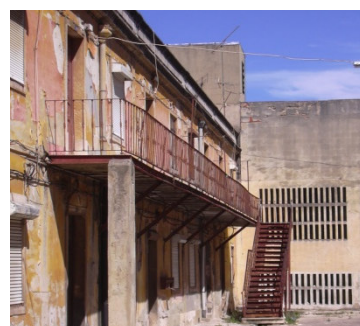


Fig. 19 – Vila Luz, São Jorge de Arroios



Fig. 20 – Vila Rodrigues, Graça

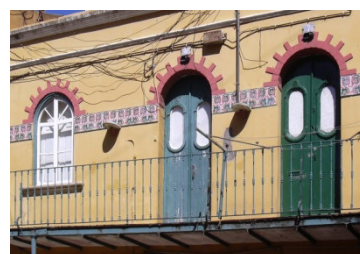


Fig. 21 – Vila Mendonça, São Jorge de Arroios – detalhe das guarnições dos vãos

Apresentam-se como exemplos deste tipo a Vila Martel, o Bairro Estrela d'Ouro, a Vila Luz Pereira, a Vila Cândida, a Vila Santos, no Campo Pequeno (já concluída em 1932) com projecto de arquitecto, e a Vila Berta, edificada na primeira década do século XX, que constituirá o estudo de caso do presente trabalho.



*Fig. 22* – Bairro Estrela D'Ouro, Graça



*Fig. 23* – Vila Luz Pereira , Socorro



*Fig. 24* – Vila Santos, Nossa Senhora de Fátima

## **PARTE II – ACÇÕES DE INTERVENÇÃO**

### **CAPÍTULO 3 – INICIATIVAS DE INTERVENÇÃO – QUADRO ACTUAL**

#### **3.1. Introdução**

Na sequência dos vários levantamentos e estudos de caracterização e classificação realizados pela Direcção Municipal de Reabilitação Urbana, é inventariada cerca de uma centena de conjuntos do tipo vila para posterior reabilitação.

Segundo o “Roteiro Cultural dos Pátios e Vilas da Sétima Colina” (C.M.L.,1994), estes são conjuntos que se revestem “(...) do maior interesse para a compreensão da estrutura urbana da cidade, bem como para a definição da sua história e evolução arquitectónica. (...)”.

Alertando para o elevado estado de degradação patente e para situações precárias que correspondem à ausência generalizada de infra-estruturas, com destaque para as instalações sanitárias inexistentes ou deficientemente improvisadas, declara-se urgente agir no sentido de dotar estes exemplos de “arquitectura habito-industrial” (Salgueiro, 1981) com condições de habitabilidade adequadas à população residente que neles habita.

Por se tratar na sua generalidade de propriedade privada, as obras de recuperação seriam feitas, em acordo com os senhorios, ao abrigo do programa RECRUA – Regime Especial de Participação na Recuperação de Imóveis Arrendados -, que financiaria até 65% as iniciativas realizadas. Dentro desta linha de acção, o IGAPHE – Instituto de Gestão e Alienação do Património Habitacional do Estado -, viria premiar várias iniciativas consideradas notáveis, no sentido de incentivar outros proprietários.

As operações de Reabilitação Urbana não pretendem apenas conservar e reabilitar aquilo que é a existência material com valor patrimonial – a construção propriamente dita ou a sua vertente habitacional e ambiental. Num horizonte mais vasto, dirigem-se à requalificação urbana e social do edificado, procurando identificar e salvaguardar tradições, memórias e comportamentos inerentes às populações afectadas, e até, noutros casos, reconverter e revitalizar as próprias estruturas sociais, quando estas se auto-extinguem por influência do crescimento da cidade e das dinâmicas sócio-espaciais nela introduzidas.

Durante uma década foram várias as acções de intervenção que decorreram. Desde os primeiros casos que se constituíram como acções piloto lançadas pela C.M.L.<sup>1</sup>, às situações que, pressionadas por interesses imobiliários, resultaram na demolição<sup>2</sup> ou na transformação<sup>3</sup> de alguns conjuntos, dominaram sobretudo as intervenções de vulto, traduzidas em preocupações essenciais com as necessidades básicas de habitabilidade e também com aspectos de ordem estética.

No próximo subcapítulo serão apresentados alguns exemplos que, embora pontualmente, podem catalogar-se como casos de referência no âmbito das intervenções realizadas sobre vilas operárias.

---

<sup>1</sup> *Vila Paulo*, na freguesia de São Jorge de Arroios (1992), ou a *Vila Grandela*, na freguesia de São Domingos de Benfica (1993), entre outras;

<sup>2</sup> *Vila Almeida*, na Rua Engenheiro Vieira da Silva, 4A- 4F, por exemplo;

<sup>3</sup> *Vila (ou Pátio) Bagatela*, na Travessa Légua da Póvoa, 9 com a Rua Artilharia Um, 51 e Pátio do Monteiro;

### 3.2. Casos de intervenção de referência

#### VILA PAULO e VILA GOMES

A *Vila Paulo*, situada na freguesia de São Jorge de Arroios, foi o primeiro conjunto a ser recuperado, em 1992.

Edificada nos anos 20, enquadra-se na tipologia de vila construída atrás de edifício, de ocupação simétrica apesar da irregularidade da planta das suas construções, formando pátio em corredor, com acesso através de passagem em arco. Dispõe de um característico sistema de escadas e galerias exteriores em ferro que permitem o acesso ao piso superior. Composta por duas bandas de edifícios, alberga 6 oficinas /armazéns destinados originalmente a estofadores, marceneiros e costureiras nos pisos térreos, e 24 fogos de habitação no piso elevado (1º andar), nos quais os mesmos habitam.

Possuindo um ambiente intimista e de solidariedade com um forte carácter de comunidade, o espaço – neste caso o pátio como núcleo gerador de contactos e vivências em sociedade – relaciona as funções trabalho e habitação.

O projecto de reabilitação, monitorizado pela DRUPV <sup>1</sup>, consistiu essencialmente na melhoria das condições de habitabilidade do espaço construído, reforçando-se sobretudo as medidas de segurança estrutural, considerada em risco, e contra incêndios, e manter a imagem e a identidade exteriores do conjunto através da recriação das características cromáticas e construtivas originais.

Submetida a um grau de intervenção semelhante, a *Vila Gomes*, situada na encosta da Penha-de-França, viria alguns anos mais tarde a merecer a atribuição do 1º Prémio RECRIFA 2001.



Fig. 25 – Vila Paulo, São Jorge de Arroios - vista aérea



Figs. 26 e 27 – Vista do edifício com acesso pela rua e da passagem em arco para o pátio



Fig. 28 – Vista parcial do conjunto

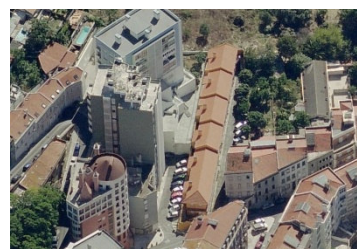


Fig. 29 – Vila Gomes, Penha-de-França – vista aérea

<sup>1</sup> Divisão de Reabilitação Urbana dos Pátios e Vilas. Projecto da autoria do arquitecto João Gomes e do historiador Rui Matos, entre outros;



Faseadamente edificada em 1901 e 1908, consiste num conjunto distinto cuja tipologia dificilmente se identifica.

Trata-se de uma estrutura conformada por uma única banda de edifícios com dois pisos, sobre um pátio alongado, através do qual se acede às habitações, directamente ou através de escadas e galerias em ferro. O projecto de reabilitação (da autoria do arquitecto Luiz de Magalhães) procurou também garantir condições de conforto aceitáveis e a preservação da imagem característica do conjunto.

Com uma diferença temporal de cerca de oito anos, e em condições de favorecimento relativamente diferentes, com algumas vantagens para o segundo caso, estes dois exemplos permitem apresentar de forma sistemática o conjunto de acções fundamentais que foram empreendidas na generalidade dos casos considerados de interesse patrimonial a preservar pela C.M.L., sofrendo intervenções de vulto, e que apenas por este motivo se consideram casos de referência no presente trabalho.

a) Instalação de casas-de-banho devidamente ventiladas, e quando possível iluminadas naturalmente. As habitações originais possuíam, ou apenas a pia de despejos característica da época, situada na cozinha, ou instalações improvisadas e precárias com uma bacia de retrete;

b) Recuperação das coberturas, incluindo a substituição das estruturas de madeira respectivas, em estado avançado de apodrecimento, utilizando os mesmos materiais;

c) Reforço e consolidação estrutural das galerias e escadas, usando os processos construtivos originais;

d) Remoção de caixilharias em alumínio para reposição das mesmas em madeira, conforme situação original;

e) Substituição das redes de abastecimento de águas e esgotos e manutenção das instalações eléctrica e de telecomunicações<sup>1</sup>;

f) Reparação de fissuras nas paredes e aplicação de acabamentos em conformidade com as cores originais das fachadas.



Fig. 30 – Vista parcial do conjunto



Fig. 31 – Vista do sistema de circulação exterior em galeria

---

<sup>1</sup> Na Vila Paulo, as antenas de televisão dispostas em número considerável nas coberturas são substituídas por uma instalação comum;

## VILA BAGATELA

Situada na freguesia de São Mamede, no quarteirão da Artilharia Um com a Travessa da Légua da Póvoa, foi adquirida juntamente com o Pátio do Monteiro que lhe é contíguo, pelo consórcio Jardim da Bagatela – Investimentos Imobiliários, SA, para se transformar em parte integrante de um condomínio de luxo. O projecto respectivo <sup>1</sup>, aprovado em meados da década de 80 pela C.M.L., com parecer do antigo IPPC <sup>2</sup>, seria finalmente concretizado em 1994-1996.

Edificada por volta de 1900, apresenta algumas semelhanças tipológicas com o caso anterior. Formando pátio, apenas com uma correnteza de edificações com piso térreo e um piso elevado cujo acesso se faz através de escadas e galeria, surge integrada num conjunto que reunia prédios de rendimento com um pátio no tardoz e alguns palacetes <sup>3</sup>.

Sofrendo uma intervenção de grau significativo, que passa por remodelar consideravelmente a estrutura espacial interior das habitações, bem como o alçado tardoz de todo o conjunto, e ainda, por introduzir no mesmo novas funções como o comércio e a restauração, o conjunto da Vila Bagatela apresenta hoje uma forma possível de acção sobre pré-existências do género.

As premissas desta intervenção foram essencialmente as seguintes:

- i. Redução do número de fogos de habitação, que possuíam apenas 3 compartimentos cada – sala, quarto e cozinha -, de 40 <sup>4</sup> para 12, recorrendo-se a tipologias T1 ou T2 e T3 duplêx;

<sup>1</sup> Projecto da autoria dos arquitectos J.M.Duarte Ferreira e Miguel Andrade Souza;

<sup>2</sup> Instituto Português do Património Cultural. A Vila (ou Pátio) Bagatela encontrava-se protegida desde o seu reconhecimento e atribuição de valor patrimonial como conjunto urbano, próximo do Aqueduto das Águas Livres, na década de 70;

<sup>3</sup> Quinta adquirida por Manuel José Monteiro, em 1890, que dá pelo nome de Casal do Mineiro;

<sup>4</sup> Em 1905, a *Vila Bagatela* alojava 200 pessoas, calculando-se que, em média, 5 pessoas habitavam um fogo;

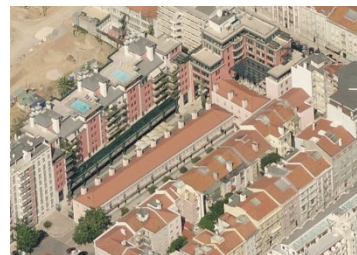


Fig. 32 – Vila Bagatela, São Mamede – vista aérea



Fig. 33 – Vista do conjunto (fachada principal)

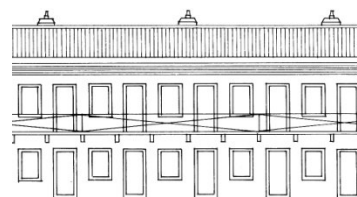


Fig. 34 – Alçado principal (parcial)

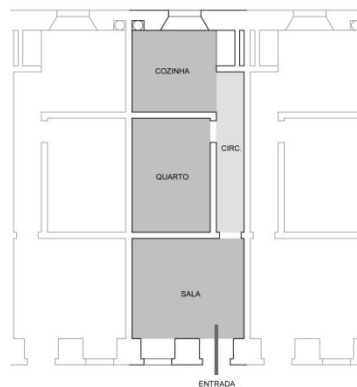


Fig. 35 – Módulo habitacional - diagrama da organização interior

- ii. Em consequência do referido na alínea anterior, a fusão de três a quatro fogos contíguos, dois a dois e/ou entre pisos;
- iii. Introdução das circulações verticais entre pisos no interior das habitações, suprimindo-se os acessos exteriores directos a partir da galeria;
- iv. Introdução de instalações sanitárias;
- v. Conservação e restauro da fachada principal voltada para a Travessa da Légua da Póvoa, mantendo-se as cantarias em pedra, a sua fenestração e o sistema de circulação exterior galeria/escadas;
- vi. Transformação da fachada posterior, que inclui novos vãos, terraços e varandins elevados e, ao nível do piso térreo, ampliação de espaços para comércio e restauração, utilizando processos construtivos alusivos;
- vii. Implementação de estacionamento privado subterrâneo sob o espaço semi-privado situado no tardo do conjunto.

Este empreendimento obrigou, contudo, ao realojamento da população tradicional.



Fig. 36 – Vista do conjunto (fachada posterior), no estado actual

## PROJECTO DE REMODELAÇÃO DE UM APARTAMENTO NA VILA GRANDELA <sup>1</sup>

### *Enquadramento do objecto de intervenção*

A Vila Grandela (ou Grandella), situada na freguesia de São Domingos de Benfica, data da primeira década do séc. XX, e insere-se dentro da tipologia da vila de escala urbana, com unidades de habitação horizontal. É fruto de uma iniciativa de carácter filantrópico <sup>2</sup>, que promovia a imagem da “grande família” na perspectiva de que o trabalho poderia ser “mais benéfico e agradável, e sobretudo mais equitativo e compensador” (Pereira, 1995).

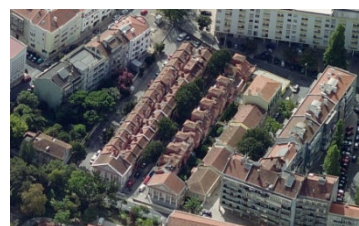


Fig. 37 – Vila Grandela, São Domingos de Benfica – vista aérea



Fig. 38 – Vista parcial da banda de moradias

<sup>1</sup> Projecto da autoria dos arquitectos César Freitas, Manuela Fonte e João Castelão, FCCB Arquitectos Associados, 2004/2005;

<sup>2</sup> Projecto construído por iniciativa do comerciante Francisco de Almeida Grandela que se destinava a albergar os operários da Sociedade Algodoeira do Fomento Colonial, bem como dos Armazéns Grandela e das Fábricas Grandela, anexas;



Este conjunto reúne 70 fogos de habitação em três tipologias edificadas distintas, ambas sem logradouros. Uma delas corresponde à banda de moradias, de piso térreo, voltadas para a Rua Francisco Grandella, e destinava-se aos encarregados. As restantes, com dimensões mais reduzidas, destinadas aos operários, correspondem às construções de dois e de três pisos, igualmente dispostas em banda, voltadas para as ruas Dr. Gregório Fernandes Henriques e de Santa Matilde.

O conjunto é rematado, nos topos voltados a Norte, por dois edifícios de estilo neoclássico que albergavam uma escola primária e uma creche.

Realizando algumas obras de manutenção dos edifícios habitacionais, a C.M.L. procede também à remodelação do edifício da antiga escola primária (1987-1990), transformando-a em creche, para mais tarde, em 1990-1993, instalar no segundo edifício a Biblioteca-Museu da Resistência e da República.

Neste caso, o objecto de estudo de referência será remetido para uma situação pontual focalizando-se no espaço habitacional.

#### *Intervenção - Caracterização e análise*

O objecto de intervenção diz respeito a uma habitação individual situada no primeiro piso de uma das habitações que constituem a dupla correnteza de edifícios de pequenas dimensões com dois pisos com acesso pela Rua Doutor Gregório Rodrigues Fernandes através de escada exterior.

“Aparentemente quase parecia impossível criar, em apenas 36 m<sup>2</sup>, as condições necessárias e exigíveis ao habitar contemporâneo.” (FCCB Arquitectos Associados).

Partindo das reduzidas e limitadoras dimensões da habitação existente, a proposta optou por assumir como base conceptual o invólucro – uma “caixa”, segundo os autores do projecto -, remodelando radicalmente toda a sua estrutura espacial interior (à excepção da manutenção pontual da chaminé original), porém mantendo inalterados os elementos



Fig. 39 – Vista parcial do conjunto - banda com três pisos



Fig. 40 – Vista parcial do conjunto – banda com dois pisos

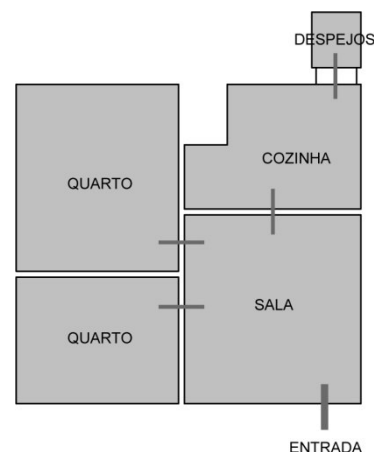


Fig. 41 – Diagrama de espaços convexos – módulo habitacional original

construtivos principais – paredes resistentes exteriores e cobertura de duas águas.

A redistribuição das funções domésticas sugerida por uma nova organização espacial, surge associada a uma decisão de projecto que unifica os espaços, com o intuito de proporcionar um constante contacto visual e uma fluida luz natural entre os mesmos.

A habitação, de tipologia T1, é constituída por um núcleo ou volume central, relativamente excêntrico em relação ao centro geométrico da casa, que não só encerra em si a instalação sanitária, como estrutura os espaços da cozinha (reservada, pelas suas dimensões reduzidas, apenas à preparação de refeições) e da sala (que incorpora as funções de receber, estar, comer e trabalhar), agregando o acesso vertical ao quarto em mezanino.

Sob o ponto de vista da análise perceptiva dos espaços que compõem esta habitação específica, verifica-se que a reestruturação espacial em questão oferece ao observador, enquanto se desloca, um campo perceptivo geralmente alargado que lhe permite estabelecer relações visuais, embora parciais, com a sala, com o acesso ao espaço privado superior da casa – o quarto -, e com a cozinha. A situação repete-se quando o ponto de observação se desloca para a zona central da sala. A sala e a cozinha conseguem ainda relacionar-se visualmente (e fisicamente, ainda que de forma limitada) entre si, através de uma abertura comum que desempenha a função do tradicional e contemporaneamente reinventado “passa-pratos”.

Em síntese, a intervenção, que tinha como objectivo inicial tornar reabitável uma casa em estado avançado de degradação e que não mais respondia às actuais necessidades dos seus ocupantes, assumiu claramente a opção pouco convencional de remodelar integralmente a estrutura espacial da habitação original, enveredando por um exercício de readaptação de um invólucro, mínimo e invariável,



Fig. 42 – Diagrama de espaços convexos – módulo habitacional actual (nível zero)

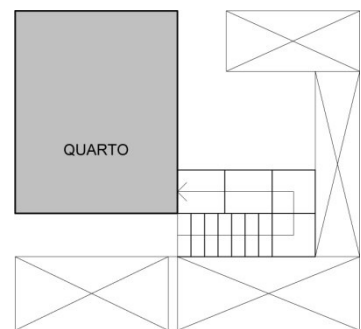
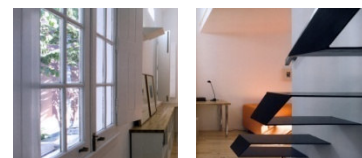


Fig. 43 – Diagrama de espaços convexos – módulo habitacional actual (mezanino)



Figs. 44 e 45 – Vistas da sala comum e acesso ao mezanino



Figs. 46 e 47 – Vistas do corredor de acesso às i.s. e cozinha a partir da entrada, e da cozinha (“passa-pratos”) a partir da sala

às funções do habitar contemporâneo, injectando-lhe diversas qualidades formais e construtivas.

Mantêm-se os vãos e respectivas caixilharias em madeira existentes, devidamente recuperadas, bem como a volumetria original do módulo, sem nunca se adulterar exteriormente a leitura de conjunto que caracteriza a vila ou bairro operário onde se insere.



*Fig. 48* – Vista da cozinha e da chaminé original



*Fig. 49* – Vista da sala comum e do quarto em mezanino

### **PARTE III – ESTUDO DE CASO – VILA BERTA, GRAÇA**

#### **CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA**

##### **4.1. Introdução**

O estudo de caso envolveu uma estratégia metodológica a partir da qual se definiram instrumentos de recolha e tratamento de informação (i) e de métodos de análise (ii) adequados.

i) Pesquisa documental sobre a génese da Vila Berta (enquadramento histórico e social), recorrendo a bibliografia temática sobre alojamento operário, a artigos e a reportagens de carácter jornalístico sobre vilas operárias em geral, e a fontes vivas capazes de testemunhar acontecimentos passados e desse modo fornecer relatos imprescindíveis para a redacção de um breve historial sobre o caso específico da Vila.

A recolha foi orientada para a caracterização do estudo de caso e para a avaliação das condições espaço-funcionais e vivenciais, do projecto original e da situação actual, de modo a que seja possível identificar formas de apropriação e consequentes alterações espaciais e de uso.

As fontes são documentais ou consistem na observação e investigação “in loco” do objecto de estudo. Dentro das primeiras, referem-se os elementos gráficos (plantas, cortes e alçados do levantamento das construções ou de projectos de alterações) cedidos por moradores descendentes do construtor da vila e pelos respectivos gabinetes de arquitectura que têm vindo a intervir sobre várias habitações, e ainda outros elementos relativos aos projectos originais, datas de construção e pedidos de intervenção sobre os mesmos, recolhidos a partir da consulta dos respectivos processos de obra, nos Arquivos da Câmara Municipal de Lisboa.

No local, a informação foi obtida através da realização de entrevistas e inquéritos junto dos moradores e da observação directa das habitações e registo dos aspectos necessários à sua compreensão e análise.

ii) Aplicação do Modelo de Análise Sintática (Hillier e Hanson, 1984) para o estudo das relações espaciais presentes na estrutura física do objecto de estudo, do projecto original e da situação actual, respectivamente, e para a análise da evolução relativa à organização espacial das funções domésticas.

Para a caracterização da organização espacial das funções domésticas e designação universal das funções associadas aos espaços que constituem o fogo, procedeu-se à pesquisa bibliográfica sobre programas, modelos e exigências funcionais habitacionais.

Por fim, concluídos os procedimentos acima mencionados, foram também elaborados Quadros Síntese das funções domésticas (situação original *versus* situação actual) e Diagramas

Síntese das alterações espaciais e construtivas, permitindo deste modo apresentar de forma clara e sistemática as principais conclusões retiradas da análise que se pretendeu constituir o ponto fulcral do estudo de caso.

| METODOLOGIA                               | SUPORTE GRÁFICO   |
|---|---|
| <b>RECOLHA E TRATAMENTO DE INFORMAÇÃO</b> | Plantas de Enquadramento/Localização da Vila Berta<br>Desenhos técnicos do conjunto – Implantação, plantas dos pisos e alçados<br>Levantamento fotográfico<br>Ficha(s) de Caracterização do(s) Edifício(s) Tipo<br>Ficha(s) de Caracterização do(s) Fogo(s) Tipo<br>Ficha(s) de Caracterização do(s) Fogo(s) – Casos de estudo<br>Ficha(s) de Inquérito – Aferição de usos / Grau de satisfação<br>Plantas diagramáticas das alterações espaciais e construtivas – Casos de estudo* |
| <b>ANÁLISE SINTÁTICA</b>                  | Diagramas da organização dos espaços convexos – usos e distribuição funcional<br>Grafos justificados – relações entre os espaços domésticos<br>Grafos justificados simplificados – relações entre sectores de actividades domésticas  |
| <b>OUTROS</b>                             | Quadros Síntese - Estrutura espacial das funções domésticas (Situação original/ Situação actual)<br>Diagramas Síntese – Alterações espaciais e construtivas   |
|   | * realizadas com base na Ficha de Inquérito e apresentadas na Ficha de Caracterização do Fogo – Situação actual   |

Fig.50 – Quadro Síntese – Metodologia/Suporte Gráfico

## 4.2. Recolha e tratamento de informação

### 4.2.1. Ficha de Inquérito e Fichas de Caracterização dos Edifícios Tipo, Fogos Tipo e Fogo – Casos de estudo. Elaboração e Aplicação

A **Ficha de Inquérito**<sup>1</sup> constitui uma base de recolha directa de informação sobre as habitações em análise. É dirigida aos utilizadores, tornando-se possível obter dados e observações concretos e fidedignos sobre as formas de ocupação, bem como o grau de satisfação daqueles que são os principais intervenientes no espaço habitacional.

<sup>1</sup> A Ficha de Inquérito Tipo pode ser consultada na secção de Anexos;

O principal objectivo da sua aplicação foi questionar o utilizador sobre as alterações realizadas (por este ou por antecedentes) e relacioná-las com os modos de habitar. Pretendeu-se, desta forma, conhecer e identificar acções como a construção ou demolição de paredes, o encerramento ou a abertura de vãos, ou a implementação de instalações sanitárias entre outros, e averiguar as necessidades ou exigências, humanas e funcionais, às quais estas procuraram responder. A título de exemplo, aspectos como a resposta a funções específicas (trabalhar, dormir, arrumos, estar, receber, refeições, higiene pessoal, tratamento de roupa, etc.), a individualização de espaços/compartimentos, a criação de novas relações entre si, e a criação de novas condições de iluminação, entre outros.

Exploraram-se também as relações possíveis entre as actividades/funções domésticas e os compartimentos, visando-se a compreensão da organização espacial e funcional da habitação.

Por outro lado, procurou-se aferir o grau de satisfação dos utilizadores, não somente no que diz respeito ao fogo, mas também, numa visão de maior amplitude, ao edifício, à rua e por sua vez ao bairro onde o primeiro se insere. De uma forma não exaustiva mas suficientemente objectiva após definição prévia das variáveis de interesse, as questões colocadas no âmbito das exigências humanas incidiram sobre a acessibilidade, a inclusividade, a segurança, o conforto, o reconhecimento, a privacidade, e ainda alguns atributos relacionados com as necessidades acústicas, visuais e higrométricas.

A nível estrutural, a Ficha de Inquérito apresenta-se dividida nas seguintes partes:

- 1) *Cabeçalho* – inclui a designação da Ficha, o nº de polícia do edifício, e o(s) fogo(s) aos quais o questionário é individualmente aplicado (pisos e esquerdo/direito);
- 2) *Identificação* – identificação do agregado familiar/nº de moradores que habitam o fogo e o regime de ocupação respectivo;
- 3) *Planta(s) do Fogo/Edifício original* – elemento gráfico de apoio que permite identificar, com a colaboração do morador inquirido e/ou através de observação directa, as alterações físicas, espaciais e construtivas realizadas e as funções/actividades domésticas associadas a cada compartimento do fogo;

De referir, que a Ficha de Inquérito apresenta necessariamente três versões distintas de forma a poder ser dirigida aos três tipos de edifício previamente identificados<sup>1</sup>.

Nas versões correspondentes aos Edifícios Tipo 1 e Tipo 2 incluem-se as plantas de todos os pisos, antevendo-se intervenções que na situação actual possam incorporar, num só fogo, diferentes pisos. Na versão destinada ao Edifício Tipo 3, a planta apresentada corresponde apenas ao fogo/piso ao qual se dirige.

---

<sup>1</sup> Capítulo 5 – Caracterização do Projecto Original;

- 4) *Alterações* – inclui três campos:
  - i. Registo da ocorrência de obras sobre o fogo, realizadas pelo utilizador (actual ou antecedentes) e data(s) em que foram efectuadas (quando por este testemunhadas);
  - ii. Registo de substituição, manutenção ou introdução de elementos construtivos ( redes de abastecimento essenciais, estrutura, revestimentos e acabamentos);
  - iii. Registo de modificação das características espaço-funcionais e aferição das necessidades/exigências funcionais que lhes derão origem.
- 5) *Actividades domésticas* – quadro função ou actividade doméstica/compartimento;
- 6) *Grau de satisfação* – conjunto de atributos no âmbito das exigências humanas, associados, do geral para o particular, ao bairro, à rua, ao edifício e por fim ao fogo, que pretendem aferir, através da atribuição de uma escala de valor par (mau, razoável, bom, ótimo), o nível de satisfação do morador entrevistado.

O procedimento adoptado para a elaboração da Ficha de Inquérito envolveu as fases de Preparação/Planeamento e de Aplicação/Teste. Como resultado, após as primeiras duas aplicações práticas, tornou-se necessário reavaliar e reformular alguns dos atributos de análise inicialmente propostos por estes se mostrarem desadequados ou pouco legíveis quando dirigidos aos inquiridos.

Com efeito, o ciclo foi retomado voltando à fase de Aplicação/Teste, e, mediante novo processo de avaliação, considerou-se ser suficiente como instrumento de resposta aos objectivos traçados. O processo atinge, nesta fase, a Finalização.

A **Ficha de Caracterização do Fogo**<sup>1</sup> tem como principal objectivo a sistematização de todos os dados recolhidos através de pesquisa documental, observação directa ou aplicação das Fichas de Inquérito, que permitem, como o próprio nome indica, caracterizar cada caso de estudo, i.e., cada habitação que se pretende analisar.

Torna-se por isso fundamental, à semelhança do processo de elaboração da Ficha de Inquérito, seleccionar variáveis de interesse que, por cruzamento e comparação, possam contribuir para uma eventual tipificação de resultados e para a identificação de padrões específicos.

Com efeito, os aspectos de caracterização a registar foram intencional e adequadamente seleccionados mediante um conhecimento prévio razoável do objecto de estudo.

Estruturalmente, a Ficha de Caracterização do Fogo apresenta-se da seguinte forma:

---

<sup>1</sup> As Fichas de Caracterização dos Fogos – Casos de Estudo apresentam-se na secção de Anexos;

*Identificação* – faz-se o enquadramento geral do caso de estudo, identificando-se a sua localização, com apoio gráfico (planta de localização e plantas dos pisos do edifício tipo de acordo com o projecto original onde se assinala o fogo/caso de estudo), alguns dados patrimoniais como o nº do processo de obra atribuído na C.M.L., o regime de propriedade do imóvel, o regime de ocupação do fogo, a data de construção e as datas de alterações sobre as quais se tenha conhecimento;

*Caracterização do Lote* – caracteriza-se o lote no qual o fogo em estudo se insere, no que diz respeito à implantação e às suas relações com a envolvente cadastral próxima. Registam-se as dimensões do lote e a área de implantação do edifício, a existência de espaços exteriores a este associados, a forma de acesso a partir do espaço público e as confrontações que definem o seu perímetro;

*Caracterização do Edifício* – caracteriza-se o edifício no qual o fogo se insere, com base em aspectos de origem programática e morfológica como o nº de habitações, tipologias respectivas, nº de pisos, forma de agrupamento do edifício dentro do conjunto envolvente, nº de pisos, acima e abaixo do nível do espaço público confinante, o tipo de acesso e a tipologia de distribuição interior;

*Caracterização do Fogo* – identifica-se, em associação com uma planta tipo simplificada, o edifício original, a situação actual do fogo em análise, a tipologia programática, o tipo de espaços existentes, interiores e exteriores, com quantidade e área associados e a relação dos espaços interiores com o exterior através de fenestração;

*Alterações face ao projecto original* – indicam-se, com o apoio gráfico de uma planta simplificada de alterações relativa ao fogo, as principais acções de intervenção, a nível espacial, realizadas sobre o projecto original.

As Fichas de Caracterização dos Edifícios e dos Fogos na sua condição original correspondem estruturalmente a uma generalização da anterior.

**A Ficha de Caracterização do Edifício Tipo Original<sup>1</sup>** - 1, 2 e 3 - é composta pelas partes de *Identificação*, *Caracterização do Lote* e *Caracterização do Edifício*, acrescentando um campo de *Registo Fotográfico*.

**A Ficha de Caracterização do Fogo Tipo Original<sup>1</sup>**, sempre associada ao Edifício Tipo ao qual pertence, inclui por sua vez a parte de *Caracterização do Fogo*, por pisos, quando estes apresentem variações.

---

<sup>1</sup> As Fichas de Caracterização dos Edifícios Tipo e dos Fogos Tipo – Casos de Estudo apresentam-se na secção de Anexos;



Por se tratar de um procedimento de generalização e de simplificação, foram referidas, quando se julgou importante para a compreensão dos dados a apresentar, as respectivas particularidades.

Relativamente às quantificações de área registadas (lote, edifício), é importante deixar claro que estas poderão verificar margens de erro resultantes da falta de rigor do suporte gráfico (planta de localização) onde foram medidas. O objectivo do seu registo é de carácter meramente elucidativo.

Quanto à designação dos compartimentos dos fogos do projecto original, optou-se, dada a falta de dados rigorosamente conclusivos, pela apresentação de cenários considerados possíveis com base em referências contempladas nos volumes de obra dos edifícios e em relatos/memórias transmitidos por fontes vivas que habitaram os mesmos nas décadas de 40/50. Logo, as conclusões que resultem de tais cenários, referenciados à primeira década do século em questão, deverão ser encaradas com alguma reserva.

### **4.3. Análise**

#### **4.3.1. Modelo de Análise Sintática**

“A Arquitectura (...) é usada como um discurso físico, e como tal, é um tradutor consistente das tendências comuns sobre a conduta daquela função social e da vida social prevalente em cada época.” (Heitor, 2007)

A análise espaço-funcional tem como objectivo central descrever o espaço construído, identificar as suas propriedades estruturantes e explorar as suas capacidades funcionais e os usos que lhe estão associados. Trata-se portanto de uma investigação de carácter essencialmente interpretativo que procura relacionar a dimensão espacial e social dos objectos arquitectónicos.

Como refere Heitor (2007), a relação entre forma física e forma social pressupõe o suporte de um quadro teórico sobre esta relação, bem como uma metodologia que permita a identificação e compreensão dos atributos espaciais com mediação directa no uso do espaço. A investigação desenvolvida na Bartlett School a partir do final da década de 70, sob a orientação de Bill Hillier e Julienne Hanson, também designada por Sintaxe Espacial (Hillier e Hanson 1984) e posteriormente aperfeiçoado por outros investigadores corresponde a estes objectivos.

O Modelo sintáctico é uma representação simplificada do espaço construído destinada a captar na configuração espacial o tipo de programa estabelecido e a influência exercida ao nível do relacionamento entre os seus potenciais utilizadores. Por configuração espacial

entende-se a forma como os espaços se organizam entre si. Por programa entende-se a dimensão espacial de uma determinada organização social ou instituição, ou seja como essa organização ou instituição se faz representar no espaço (Hillier e Penn, 1989).

O modelo de análise sintáctica considera a configuração espacial como um sistema de espaços contínuos, também designados por células (X), que inclui os compartimentos ou espaços de permanência e os espaços de circulação ou distribuição. O espaço exterior é também entendido como uma entidade contínua (Y).

Os dois pólos do sistema - X e Y - correspondem a territórios sociologicamente distintos; X é pertença dos utilizadores do sistema e Y dos estranhos ao sistema. Em X co-existem dois tipos distintos de utilizadores: residentes e visitantes. Os primeiros controlam o espaço e o modo de funcionamento da organização enquanto os segundos são controlados por estes. O modo como o espaço se organiza fixa e/ou informa regras de relacionamento entre estes dois grupos.

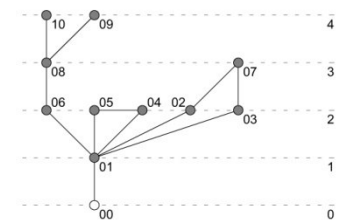
Estas regras estão associadas a propriedades espaciais, designadas por relações sintácticas, as quais se caracterizam em função das noções de profundidade, de contiguidade e de controlo espacial. A profundidade de um espaço  $v$  prende-se com a distância de  $v$  a todos os outros espaços do sistema. Um espaço será tanto mais profundo quanto maior for a sua distância aos outros espaços, i.e. quanto menos acessível for. A contiguidade de um espaço  $v$  traduz o número de espaços directamente adjacentes. Um espaço será tanto mais contíguo quanto maior for o número de espaços confinantes com ele. O controlo de um espaço  $v$  precisa a importância do espaço  $v$  relativamente aos outros espaços do sistema enquanto ponto obrigatório de passagem.

A descrição da configuração espacial - representação, caracterização e quantificação - é feita com base na quantificação das relações sintácticas, através do recurso a algoritmos desenvolvidos com o suporte da teoria de grafos.

Para o efeito é necessário proceder à transformação da planta num outro tipo de representação bidimensional que permita ser representado graficamente por um grafo. Este procedimento é suportado no mapa convexo. O mapa convexo traduz o grau de contenção e contiguidade dos espaços e é constituído pelo menor conjunto dos maiores espaços convexos que cobrem todo o sistema espacial. Um espaço é convexo se para quaisquer dois pontos da sua superfície o segmento de recta que os une está na sua superfície. Na transformação do mapa convexo em grafo convexo, cada espaço é representado por um vértice e as relações de permeabilidade directa estabelecidas entre eles por arestas. Para explorar a condição funcional do sistema espacial é possível etiquetar cada uma das arestas com a função ou uso correspondente.

Hillier e Hanson introduziram ainda o chamado grafo justificado como forma de representação da relação entre X e Y. Este grafo não é mais do que uma representação particular do grafo convexo em que são considerados vários níveis. Assim, Y corresponde ao nível zero e é designado por raiz do grafo; os espaços directamente acessíveis a partir do exterior são colocados no nível imediato (1); no nível 2 são colocados os espaços em que é necessário passar por um espaço intermédio e assim sucessivamente até serem considerados todos os espaços.

Neste estudo recorreu-se a mapas convexas e a grafos justificados normais e simplificados, aplicados aos fogos sob o ponto de vista da distribuição funcional e das relações entre os espaços domésticos e entre sectores de actividades domésticas (público/social, privado, serviços e circulações). As conclusões retiradas da sua análise contemplarão as noções acima mencionadas.



Figs. 51 e 52 – Diagrama da organização dos espaços convexas e grafo justificado correspondente aplicados a um fogo

## **CAPÍTULO 5 – CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO ORIGINAL**

### **5.1. Projecto original**

#### **5.1.1. Breve historial**

Joaquim Francisco Tojal, nascido no Brasil, filho de emigrantes portugueses e marceneiro de profissão, estabelece-se em Lisboa nos finais do séc.XIX e funda uma empresa de construção que empreenderia na capital várias obras de considerável envergadura, como o Crédito Predial Português, na Baixa, o Bairro Operário de “O Século” (Dias, 1994), no Bairro Alto, e vários edifícios de habitação uni e plurifamiliar nas Avenidas Novas, que na sua maior parte viriam a ser demolidos durante a “febre” das construções novas da segunda metade do século XX.

Pretendendo deslocar-se com a sua família, esposa e filhos, para uma zona mais próxima do centro (tinha morada na Parede), constrói, na actual freguesia da Graça, em terrenos da Quinta do Alcaíde Fidalgo, que adquire em 1887, com serventia pela Travessa do Pereira e pelo Beco do Forno do Sol, um conjunto de habitações que embora não destinadas na sua génese a alojar operários oriundos do estrato mais pobre da sociedade, apresentaria várias semelhanças tipológicas, formais e construtivas com as vilas operárias que se edificavam pela capital, durante o período da Industrialização.

A Vila, que seria baptizada com o nome da filha de Joaquim e Catarina Tojal – Berta - é concluída nos últimos anos da primeira década do séc. XX (1908/10), sendo então ocupada pela família, parentes e amigos próximos, conformando uma rede de vizinhança profundamente íntima e coesa. A excepção verifica-se nas habitações em cave sob os edifícios de rés-do-chão e primeiro piso, construídas para alojar os operários e mestres do estaleiro de construção Tojal (marceneiros, canalizadores, pedreiros, etc.), instalado nos terrenos contíguos a Nascente.

Como um “microcosmos” inserido em pleno tecido urbano da Graça que naturalmente se densifica e se transforma física e socialmente de acordo com a inércia natural da cidade, a Vila Berta mantém, durante várias décadas, uma forma de “estar” intrínseca e resistente à mudança exterior.

O conjunto era primitivamente encerrado, nos topos Sul e Norte, por portões que atribuíam à rua um carácter privado claramente assumido. O guarda e o jardineiro eram entidades que participavam da rotina diária da Vila como principais responsáveis pela segurança e manutenção do espaço colectivo. Garantiam-se, internamente, as devidas condições ambientais, de iluminação e de higiene. Mais tarde, seriam removidos (os portões já não existiam pelo menos nos anos 40), integrando-se a rua no espaço público.

Ocupada, sensivelmente até às décadas de 50/60, por um núcleo social predominantemente próprio de uma pequena burguesia, desde pessoas de ofícios,

alfaiates, modistas, a artistas das áreas da Música ou das Belas Artes e a profissionais da construção, Engenharia e Arquitectura, que inevitavelmente a caracterizaram enquanto espaço colectivo, gerador de contactos, de hábitos e de vivências múltiplas, a Vila encerraria em si também os modos de habitar próprios de uma época e de um estrato social, induzidos ou retratados por cada uma das suas células individuais – o espaço privado, íntimo, das actividades domésticas.

Embora se alugassem algumas habitações (ou parte delas) a indivíduos estranhos ao núcleo familiar/de afinidade original, a Vila Berta assistiria internamente a uma transformação demográfica e sociológica significativa, sobretudo quando na década de 60, Afonso Francisco Tojal, descendente directo do fundador, decide vender alguns edifícios, facto que se repetiria com outros casos na década seguinte, com a venda em propriedade horizontal. Rompendo com a sua estrutura social de origem, são vários aqueles que optam por abandonar, normalmente após o casamento, ou em condições distintas, a casa onde nasceram e/ou cresceram, deslocando-se para outras zonas da cidade.

Actualmente, a estrutura populacional que habita a Vila verifica uma significativa heterogeneidade. Com regimes de ocupação que comportam situações de habitação própria ou arrendada, acolhe desde indivíduos provenientes do interior do país que aqui se instalaram no período pós-revolução (anos 70), indivíduos de nacionalidade estrangeira com habitação arrendada, a outros que, pertencendo às últimas gerações da família Tojal, permaneceram ou retornaram às origens, adaptando na generalidade dos casos a estrutura espacial interior das habitações às exigências de habitabilidade contemporâneas.

#### **5.1.2.** Inserção urbana. Relação física e social do espaço construído com a envolvente

A zona da Graça esteve até à segunda década do séc. XVI essencialmente ligada às Ordens Religiosas que alí se tinham instalado no início do milénio, mantendo a conotação de arrabalde extra urbano que fornecia à cidade os seus produtos hortícolas.

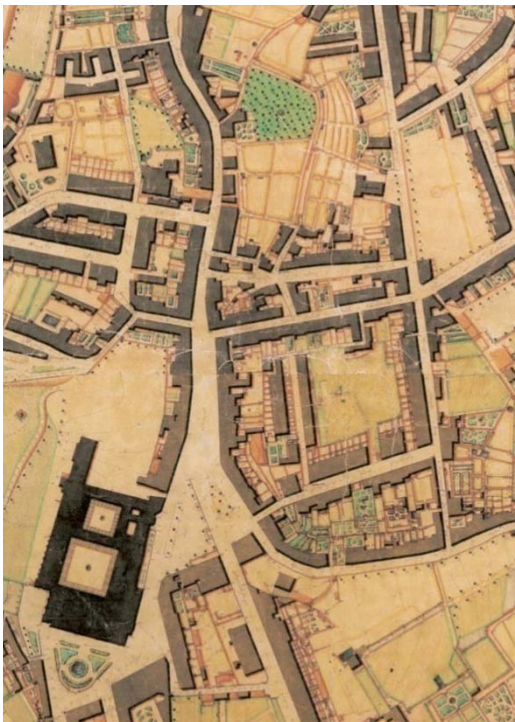
O surto de população da cidade tradicional para fora dos seus limites, verificado após o terramoto de 1551, viria influenciar demograficamente a estrutura física e social da freguesia, fenómeno que mais uma vez se constataria com o de 1755. A população era predominantemente constituída por elementos da nobreza, que escolhiam a zona por esta apresentar excelentes condições ambientais, edificando aí, de forma totalmente consciente, as suas quintas e palacetes, e ainda por grupos de trabalhadores em grande escala que vinham participar nas reconstruções pós-terramoto(s), instalando também

residências modestas de pequena dimensão numa óptima relação de proximidade com o local de trabalho.

A extinção das Ordens Religiosas exerce uma notável transformação no tecido da freguesia. Grande parte dos terrenos conventuais são expropriados e vendidos a particulares ou passam a ser ocupados por entidades administrativas que adaptam as suas instalações a equipamentos de utilidade pública.

Verificando uma estreita relação com o processo de Industrialização, sobretudo das zonas do Beato/Xabregas, a Graça assiste a um crescimento demográfico muito considerável. É neste contexto que surgem como forma de resposta às necessidades de alojamento operário, os Pátios e as Vilas, que aos poucos vão preenchendo e colmatando os vazios de um tecido urbano ainda precoce.

A Graça do princípio do séc. XX possuía um tecido social muito diversificado. Nos extremos absolutos, a nobreza e a classe operária. Ocupando um sector intermédio, também este não homogéneo, os comerciantes, os médicos, os funcionários, entre outros, sem esquecer o forte carisma maçónico e republicano ao qual durante muito tempo permaneceu associada e que constitui um aspecto de caracterização social imprescindível à compreensão não só histórica mas também urbanística do local<sup>1</sup>.



Figs. 53 e 54 – Largo da Graça e Vila Berta a Nascente. Zona central da freguesia. Planta topográfica de Lisboa de 1904-1911 (à esquerda) e Planta equivalente de 1950 (à direita)

<sup>1</sup> Considerem-se os casos das vilas operárias de carácter filantrópico edificadas na zona, como o Bairro Estrela D'Ouro, da iniciativa de Agapito Serra Fernandes;

A Vila Berta insere-se no grupo tipológico das vilas que formam rua<sup>1</sup>.

Esta é conformada por duas bandas de edifícios em correnteza, de tipologia distinta. A rua, singificativamente larga no contexto da rede viária da freguesia da Graça à qual pertence, tendo em conta que se tratava de uma serventia privada com 7 m de largura, relaciona-se com uma cêrcea de dois pisos (têrreo mais um piso elevado) nos edifícios a nascente, e três pisos (têrreo mais dois pisos elevados) nos edifícios a poente, sendo que estes se encontram implantados a uma cota superior à do nível do espaço público que lhes dá acesso.

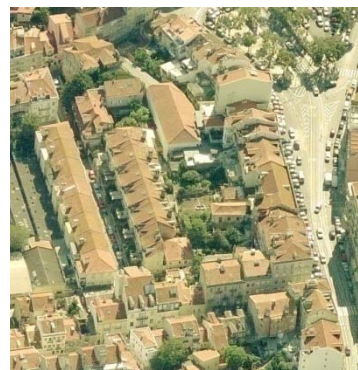


Fig.55 – Vista aérea sobre o conjunto da Vila Berta e o Largo da Graça (parcial), de Norte

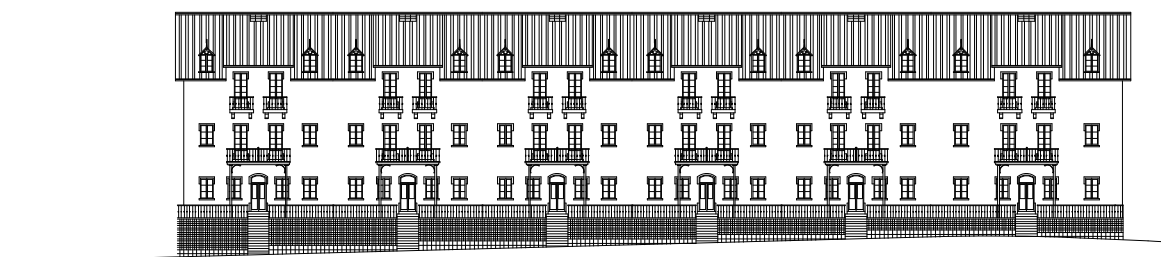


Fig.56 – Alçado do conjunto de edifícios a poente



Fig.57 – Alçado do conjunto de edifícios a nascente

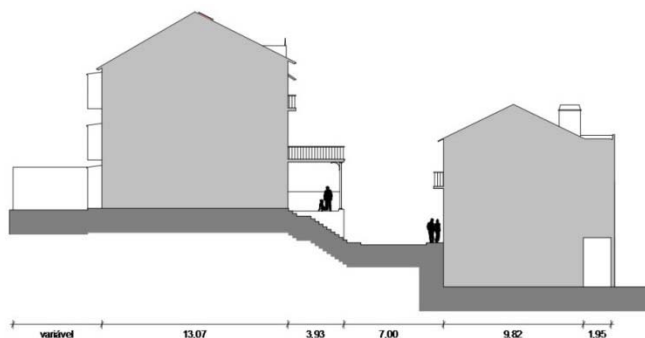


Fig.58 – Corte transversal pela rua e edifícios confinantes

<sup>1</sup> Quadro Tipologias do Catálogo – Vilas Operárias em Lisboa, apresentado na secção de Anexos;



Associados a este conjunto, a Norte e a Sul respectivamente, estão também o edifício de habitação com quatro pisos, com acesso principal pela Rua do Sol à Graça, implantado em arco, e a moradia tipo *chalet*.



Figs. 59, 60 e 61 – Edifício do arco (à esquerda) e *chalet* (vistas à direita)

Posteriormente à banda poente da rua da Vila Berta, os terrenos, que serviram originalmente os estaleiros e oficinas de construção do fundador, como já foi dito, encontram-se actualmente ocupados por uma fábrica de fechos e por um terciário de pequena/média dimensão (ateliers, escritórios de apoio, posto call center), mantendo de certa forma a traça construtiva das instalações industriais e de armazenagem de grande dimensão. Ocupando praticamente a totalidade do interior de quarteirão com perímetro definido pelos edifícios e seus logradouros, o acesso (a pessoas e a viaturas), restrito, é feito pela Travessa do Pereira, através de arco sob edifício. No extremo Norte, o edifício fabril tem serventia pelo Beco do Forno do Sol.



Figs. 62, 63 e 64 – Beco do Forno do Sol (à esquerda) e vista aérea sobre o conjunto da Vila Berta, de Nascente



### 5.1.3. Caracterização tipológica e espaço-funcional dos edifícios originais

Fazem parte do âmbito deste trabalho os edifícios que conformam a vila propriamente dita, a Nascente e a Poente, e o edifício do arco com acesso principal pela Rua do Sol à Graça. Deste modo, excluem-se da caracterização e da análise a desenvolver, a moradia *chalet* e as instalações industriais, ateliers e oficinas.

A descrição dos edifícios que se segue será feita com apoio nas Fichas de Caracterização dos Edifícios Originais, apresentadas na secção de Anexos.

Consideraram-se para o efeito vários critérios de tipificação (Pedro, 2002) que permitiram o agrupamento dos edifícios individuais segundo um Tipo.

#### Edifício Tipo 1

Em agrupamento, conforma uma banda simples, com duas fachadas opostas e uma lateral nos topos. Tem a sua fachada principal exposta a Nascente com cércea de três pisos (térreo mais dois elevados).

Possui logradouro, com pátio individual acessível pelos fogos do piso térreo (tardoz) e dois terraços, superiores ao nível da rua, de uso colectivo, com entrada pelo patim da escada principal exterior comum do edifício.

Relativamente à tipologia de distribuição, contem duas habitações por piso, em sistema de esquerdo/direito com núcleo central de escadas de duplo lanço com patim intermédio, iluminadas por clarabóia na cobertura.

A nível programático, oferece seis habitações T3.

#### Edifício Tipo 2

Tal como o anterior, utiliza a tipologia de agrupamento em banda, rematada nos topos com fachada lateral.

Neste caso, a fachada principal está exposta a Poente e tem uma cércea de dois pisos (térreo mais um elevado).

Contem duas habitações por piso, também em sistema esquerdo/direito com núcleo central de escada

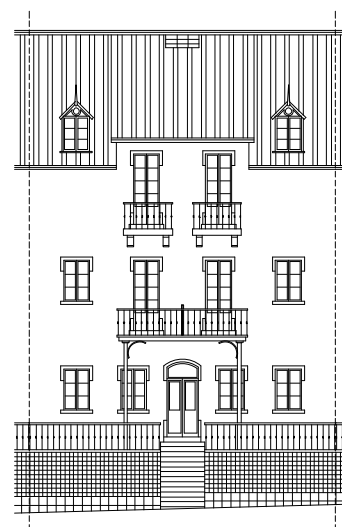


Fig.65 – Alçado principal do edifício Tipo 1



Fig.66 – Alçado principal do edifício Tipo 2

de tiro. O sótão não é acessível, logo não é habitável. A entrada principal do edifício encontra-se ao nível da rua.

A nível programático, o edifício oferece quatro habitações T2, acrescidas de duas T3 nos números 2, 4, 6 e 8.

### Edifício Tipo 3

Trata-se de um edifício distinto dos outros.

Como qualquer edifício vulgar de quarteirão, tem a sua entrada principal voltada para a via pública. O facto de se encontrar particularmente implantado em arco de forma a possibilitar o acesso à Vila, faz com que no piso térreo se inviabilize a possibilidade de se constituir qualquer habitação com áreas aceitáveis, ou pelo menos com uma configuração desejável para esse fim. No entanto, verifica-se na planta do projecto de construção original<sup>1</sup> a existência de um pequeno compartimento dotado de chaminé, do lado poente, podendo colocar-se a hipótese de este ter sido utilizado como alojamento.

Estes espaços exíguos ao nível do piso térreo (poente e nascente) usufruem de relação directa com os terraços-pátio posteriores ao edifício.

As fachadas principal e posterior estão expostas a Norte e a Sul respectivamente. Embora se classifique como edifício agrupado em banda, as construções que lhe são contíguas não preenchem a totalidade das suas empenas, permitindo que actualmente os últimos pisos reúnam os restantes dois pontos cardeais. Os vãos que se abrem a Nascente e a Poente correspondem às zonas de saguão.

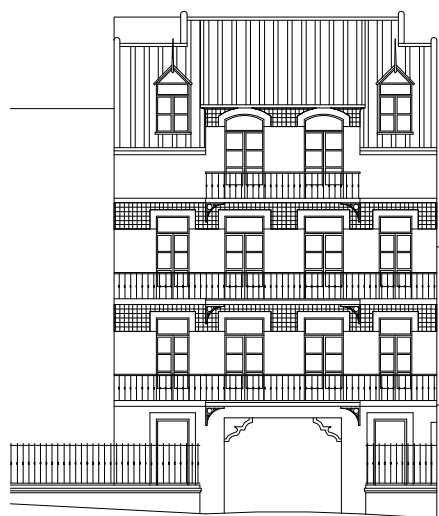


Fig.67 – Alçado para a Vila Berta

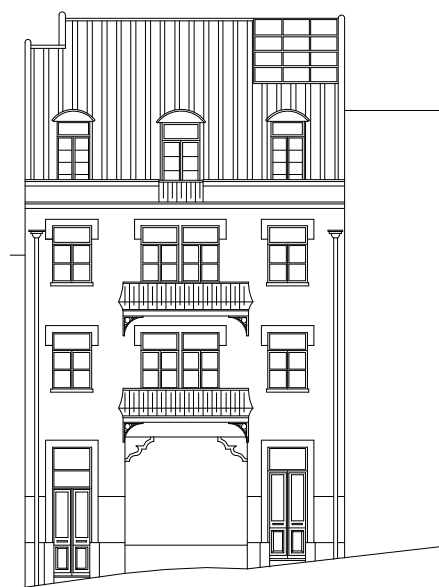


Fig.68 – Alçado para a Rua do Sol à Graça

<sup>1</sup> A Planta respectiva apresentada na Ficha de Caracterização do Edifício Tipo 3 foi conseguida com base nos desenhos do Projecto de Construção, com data de 1910;

Estas são responsáveis pela iluminação natural das divisões interiores dos fogos não confinantes com as fachadas principais.

O edifício é composto por três pisos elevados. O terceiro corresponde ao sótão que neste caso é originalmente concebido como habitável.

O acesso aos pisos, ou às habitações propriamente ditas (uma habitação/piso), é feito pontualmente através de núcleo de escada, localizado junto à empena, com duplo lanço e patim intermédio. Tal como os edifícios Tipo 1, as zonas de circulação comuns (escada e patamares) recebem luz natural através de clarabóia na cobertura.

Com uma morfologia claramente diferente dos restantes, no que diz respeito à escala e à distribuição interna dos espaços, distingue-se ainda pelas tipologias programáticas que oferece: dois T6 e um T7.



Fig.69 – Vista para a zona do saguão (situação actual, com alteração)

#### 5.1.4. Caracterização da organização espacial dos fogos e da sua relação com as actividades domésticas associadas

A análise do modo de habitar os espaços interiores dos fogos baseia-se na associação das diversas funções e actividades domésticas a cada compartimento e na forma como estes se relacionam entre si. Simultaneamente, explora-se a organização da habitação em sectores – público/social, privado, de serviços e de circulação. Teoricamente, a análise espaço-funcional dos fogos originais permitirá retirar conclusões sobre os hábitos domésticos correspondentes a uma época e eventualmente a um grupo social.

À semelhança do sub-capítulo anterior, a descrição dos fogos será feita com apoio nas Fichas de Caracterização do Fogos Originais, apresentadas na secção de Anexos.

Relativamente ao Edifício Tipo 1, distinguem-se dois tipos de fogos – o Fogo Tipo rés-do-chão e o Fogo Tipo 1º e 2º pisos.

Embora gozem da mesma tipologia programática (T3), contando sete a oito compartimentos<sup>1</sup> (sem contabilizar os espaços de circulação), e de sistema distributivo igual, apresentam algumas variantes, nomeadamente no que diz respeito à existência de

---

<sup>1</sup> Considerou-se, para a análise, o fogo esquerdo, que possui o espaço contíguo à escada comum do edifício

um espaço designado “quarto independente” ou “saleta” nos pisos elevados e que tem acesso directo pelo exterior (zona comum do piso), e da varanda-alpendre especificamente no primeiro piso.

### Fogo Tipo rés-do-chão - Edifício Tipo 1

| ESPAÇO          | FUNÇÃO E ACTIVIDADE DOMÉSTICA  |
|-----------------|--|
| quarto 1        | dormir / descanso pessoal, de casal  |
| quarto 2        | dormir / descanso pessoal, duplo ou individual<br>higiene pessoal / lavagens, vestir, fazer toilette<br>arrumação / arrumação de roupa de casa |
| quarto 3        | dormir / descanso pessoal, duplo ou individual (“quarto da empregada”)<br>arrumação / arrumação geral  |
| sala (“saleta”) | estar / reunir<br>receber  |
| sala de jantar  | refeições formais<br>refeições correntes<br>estar / reunir   |
| cozinha         | preparação de refeições<br>refeições correntes<br>tratamento de roupa  |
| despejos        | despejo de detritos<br>funções vitais (despejo de dejectos)  |
| arrecadação     | arrumação / arrumação de despensa<br>arrumação / arrumação geral   |
| circulações     | circulação / entrada e saída / comunicação e separação   |
| pátio           | tratamento de roupa  |

Fig. 70 – Quadro Síntese Espaço / Função e Actividade Doméstica – Edifício Tipo 1, Fogo Tipo rés-do-chão

Os espaços de *dormir* correntes correspondem aos quartos 1 e 2, normalmente o quarto de casal e o quarto do(s) filho(s), duplo ou individual. O primeiro tem abertura directa para o exterior (fachada principal) e o segundo, contíguo, interior e comunicante com este através de vão de porta com bandeira basculante, é consequentemente iluminado e ventilado, embora de forma indirecta.

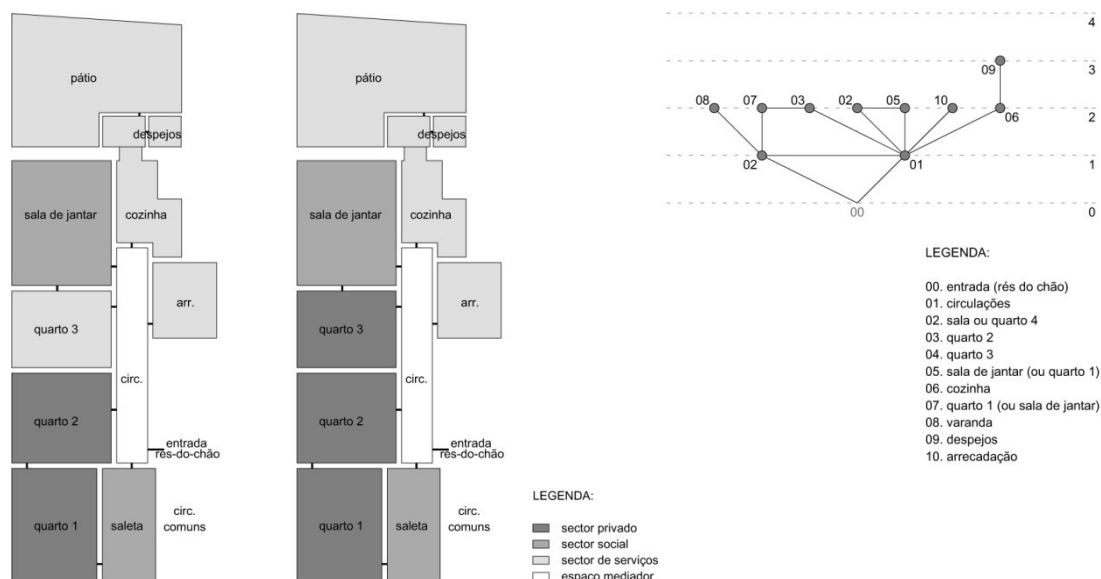
O quarto 2 pode ser entendido como espaço multifuncional, pois, além de quarto de *dormir*, podia ser simultaneamente utilizado como quarto de *vestir* ou de “*toilette*” onde normalmente existia um armário de *arrumação* de roupa. O quarto de vestir dava lugar aos banhos, constituindo o único espaço da habitação associado à *higiene pessoal*. Sublinhe-se que as habitações dos finais do séc.XIX e início do séc. XX não possuíam ainda instalação sanitária equipada. Os dejectos e outros detritos eram eliminados na pia de *despejos* situada num exíguo compartimento – gaiuta – localizado na zona posterior à cozinha. Os banhos, por sua vez, eram pontualmente realizados num dos compartimentos interiores, onde se instalava de forma provisória a banheira portátil arrumada na arrecadação. Desta rotina doméstica faziam parte também o bidé e o lavatório de pé alto de ferro ou madeira com bacia de pousar.

Este tipo de instalação iria sofrer uma evolução significativa, nalguns casos, ainda antes da década de 50, com a colocação de bacias de retrete ou latrinas na zona de despejos, como complemento ou em substituição da pia existente, e de lavatórios fixos com ligação directa à rede de esgotos na cozinha<sup>1</sup>.

A cozinha, destinada à *preparação de refeições*, era também o local de eleição para o tratamento de roupa. A *lavagem* era feita num tanque que se localizava na gaiuta, no extremo oposto ao da pia de despejos, ou na própria zona “interior” da cozinha. As funções *secar* e *passar a ferro* eram igualmente realizadas na cozinha. Nos casos das habitações dos pisos térreos, com acesso a pátio/logradouro, o tratamento de roupa passa para o exterior, onde por vezes se construíam anexos e estendais para esse fim.

O quarto 3 verifica um modo de apropriação variável consoante a estrutura económico-social da família. Corresponde nalguns casos ao “quarto da empregada”, quando esta faz parte do quotidiano doméstico da habitação. Noutros casos, é utilizado como quarto de *dormir* dos filhos ou como arrecadação ou espaço de *arrumos gerais*.

A sala de jantar e a sala ou “saleta” são os espaços sociais da casa, utilizados como zonas de *estar* e de convívio, dado que a primeira serve especificamente a função da *alimentação* e as actividades inerentes de “pôr” e “levantar a mesa”, e a segunda se destina essencialmente à função *receber*. A sala de jantar pode apresentar, em termos de localização, dois cenários possíveis. Surge, ou localizada junto ao tardo do edifício em proximidade com a cozinha, ou junto à fachada principal. O quarto 1 era remetido para a zona posterior para que a roupa da cama não fosse colocada a arejar para o lado da rua.



Figs. 71 e 72 – Diagramas da organização dos espaços convexos (à esquerda) – versões 1 e 2, e Grafo justificado (em cima, à direita) – Edifício Tipo 1, Fogo Tipo rés-do-chão

<sup>1</sup> A evolução da habitação e dos modos de habitar será abordada no capítulo 6.

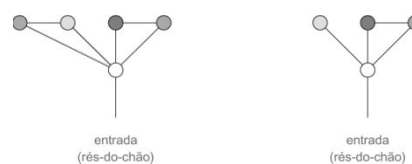


Fig.73 – Grafos justificados simplificados – versões 1 e 2 – Edifício Tipo 1, Fogo Tipo rés-do-chão

O compartimento localizado junto à escada comum do edifício é habitualmente utilizado para arrumações, gerais ou de alimentos (despensa).

Embora exista um espaço central de distribuição que estrutura a configuração interior do fogo, funcionando como zona de mediação entre o exterior (patamar de acesso do edifício) e os espaços interiores domésticos, constata-se não haver uma clara divisão entre os diversos sectores de utilização, i.e., os sectores privado, social e de serviços não se encontram isolados entre si. Como se pode observar, os grafos demonstram várias configurações em anel, representando um nível elevado de permeabilidade física entre compartimentos, frequentemente entre sectores distintos.

Relativamente ao grau de acessibilidade, trata-se de um estrutura espacial com pouca profundidade a partir da raiz (entrada do fogo). Na sua generalidade, as divisões são acessível pelo corredor de distribuição, excepto nos casos do quarto de casal, da zona de despejos e do pátio, que representam os espaços mais profundos do sistema.

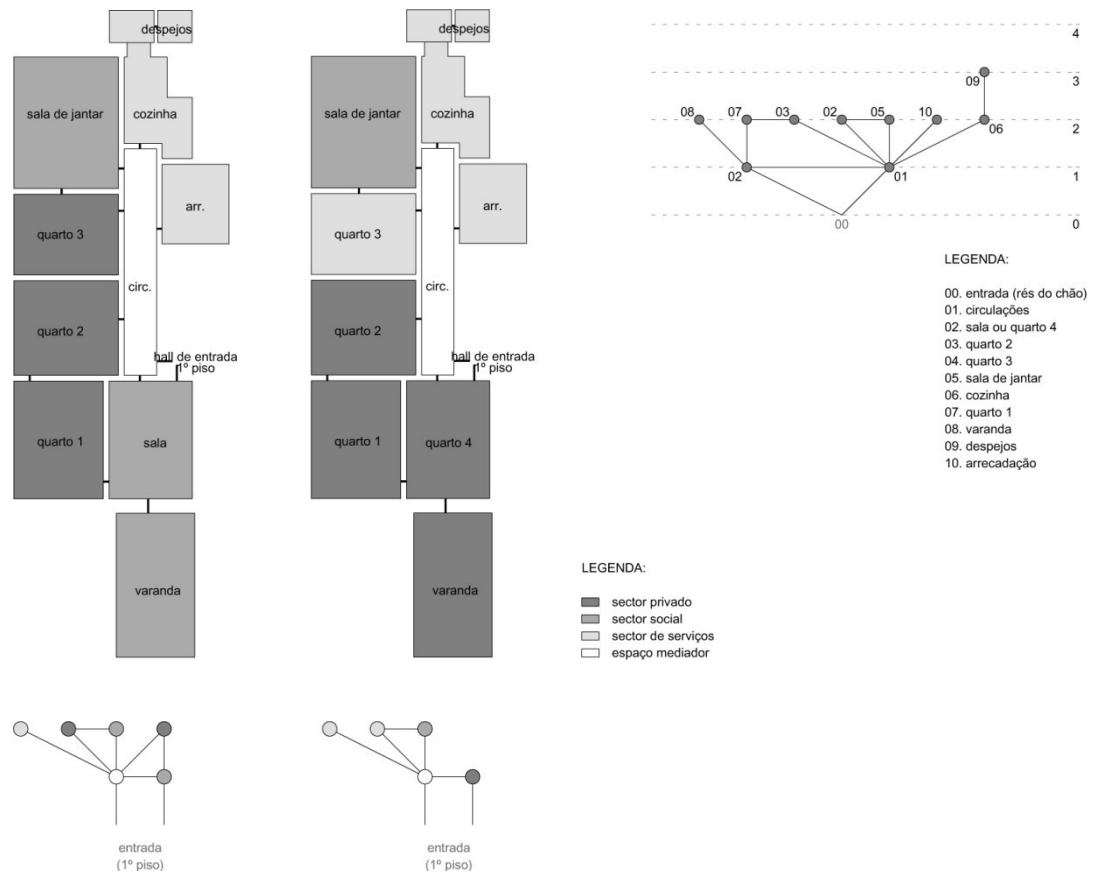
### Fogo Tipo 1º e 2º pisos<sup>1</sup> - Edifício Tipo 1

| ESPAÇO                      | FUNÇÃO/ACTIVIDADE DOMÉSTICA  |
|-----------------------------|--|
| quarto 1                    | dormir / descanso pessoal, de casal  |
| quarto 2                    | dormir / descanso pessoal, duplo ou individual<br>higiene pessoal / lavagens, vestir, fazer toilette<br>arrumação / arrumação de roupa de casa |
| quarto 3                    | dormir / descanso pessoal, duplo ou individual (“quarto da empregada”)<br>arrumação / arrumação geral  |
| sala (“saleta”) ou quarto 4 | estar / reunir<br>receber<br>dormir / descanso pessoal (“quarto independente”)   |
| sala de jantar              | refeições formais<br>refeições correntes<br>estar / reunir   |
| cozinha                     | preparação de refeições<br>refeições correntes<br>tratamento de roupa  |
| despejos                    | despejo de detritos<br>funções vitais (despejo de dejectos)  |
| arrecadação                 | arrumação / arrumação de despensa<br>arrumação / arrumação geral   |
| varanda                     | permanência no exterior privado, elevado / estar ao ar livre, cuidar de flores<br>estar / reunir <sup>2</sup>                                  |
| circulações                 | circulação / entrada e saída / comunicação e separação   |

Fig.74 – Quadro Síntese Espaço / Função e Actividade Doméstica – Edifício Tipo 1, Fogo Tipo 1º e 2º pisos

A principal variante respeita à transformação da sala ou saleta do piso inferior num espaço de maior dimensão, que possui ligação directa com o exterior (entrada comum do piso). Desta forma, o acesso à habitação pode ser feito através de duas entradas distintas: directamente para o corredor de circulação, ou para um compartimento de recepção de visitas, i.e., de indivíduos exteriores à estrutura familiar corrente. Pode reunir as funções estar/reunir ou ainda constituir um espaço de carácter privado designado por “quarto independente”, de dormir, de visitas. Nalgumas situações, este quarto era alugado pelo proprietário do fogo.

Por outro lado, a varanda-alpendre, cuja dimensão se aproxima das áreas individuais dos compartimentos interiores, assume-se como um local privilegiado de permanência ao ar livre em prolongamento do espaço privado interior ao exterior. Este, está associado às actividades lúdicas familiares e ao convívio colectivo. Contudo, a sua utilização poderá estar condicionada a períodos sazonais favoráveis.



<sup>1</sup> As plantas dos 1º e 2º pisos diferem apenas no que diz respeito às varandas e seu dimensionamento.

<sup>2</sup> Aplicável apenas no 1º piso.

As relações entre sectores são semelhantes àquelas que se apresentam no piso térreo. São igualmente frequentes os sistemas em anel, neste caso, acentuados pela dupla entrada do fogo. Este aspecto vem também influenciar o nível de profundidade do quarto 1, aproximando-o da entrada.

Em ambos, o espaço de circulação é aquele que exerce maior grau de controlo.

### Fogo Tipo 1º piso - Edifício Tipo 2

No Edifício Tipo 2, distinguem-se três tipos de fogos – o Fogo Tipo rés-do-chão, o Fogo Tipo 1º piso e o Fogo Tipo cave. Este não será analisado devido à falta de dados.

Com uma configuração menos profunda, com menos um quarto, corresponde à tipologia T2. Limitado pela dimensão do lote (inferior ao do edifício Tipo 2) e pelo sistema de acesso central do edifício em escada de tiro, o espaço de circulação/entrada no fogo apresenta-se pouco definido e nem sempre corresponde ao acesso principal deste.

No rés-do-chão e no 1º piso comunicam directamente com a porta de entrada a sala ou saleta e a cozinha, respectivamente. No último caso, trata-se mesmo de uma zona de transição entre a cozinha propriamente dita e o espaço de circulação, sendo desse modo espacialmente pouco perceptível.

O modo de apropriação e de organização das actividades é idêntico àquele que se descreve nos casos anteriores, aqui adaptado a uma estrutura espacial com défice de um compartimento.

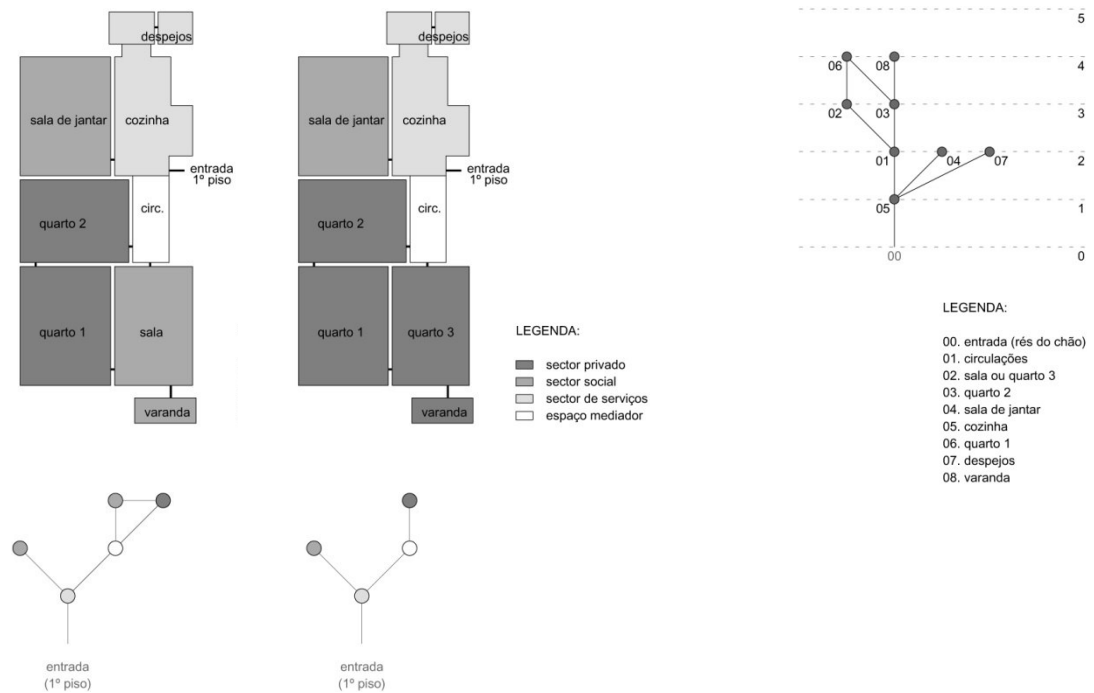
| ESPAÇO                      | FUNÇÃO/ACTIVIDADE DOMÉSTICA   |
|-----------------------------|---|
| quarto 1                    | dormir / descanso pessoal, de casal   |
| quarto 2                    | dormir / descanso pessoal, duplo ou individual<br>higiene pessoal / lavagens, vestir, fazer toilette<br>arrumação / arrumação de roupa de casa e/ou arrumação geral |
| sala ("saleta") ou quarto 3 | estar / reunir<br>dormir / descanso pessoal<br>trabalho ("escritório")  |
| sala de jantar              | refeições formais<br>refeições correntes<br>estar / reunir  |
| cozinha                     | preparação de refeições<br>refeições correntes<br>tratamento de roupa   |
| despejos                    | despejo de detritos<br>funções vitais (despejo de dejectos)   |
| circulações                 | circulação / comunicação e separação  |
| varanda                     | permanência no exterior privado, elevado / estar ao ar livre, cuidar de flores  |

Fig.78 – Quadro Síntese Espaço / Função e Actividade Doméstica – Edifício Tipo 2, Fogo Tipo 1º piso



Mantem-se o quarto 2, de dormir ou de vestir, e/ou de arrumos, com relação directa com o quarto de casal.

Neste caso, identificam-se situações de apropriação que transformam o compartimento contíguo ao quarto 1, com acesso a varanda, também num espaço de descanso pessoal em detrimento do quarto interior que não usufrui de relação directa com o exterior. Alternativamente, é utilizado como quarto de trabalho ou escritório, ou como sala de estar.



Figs. 79, 80 e 81 – Diagramas da organização dos espaços convexos (em cima, à esquerda) – versão 1 e 2, Grafos justificados simplificados (em baixo, à esquerda) – versão 1 e 2, e Grafo justificado (em cima, à direita) – Edifício Tipo 2, Fogo Tipo 1º piso

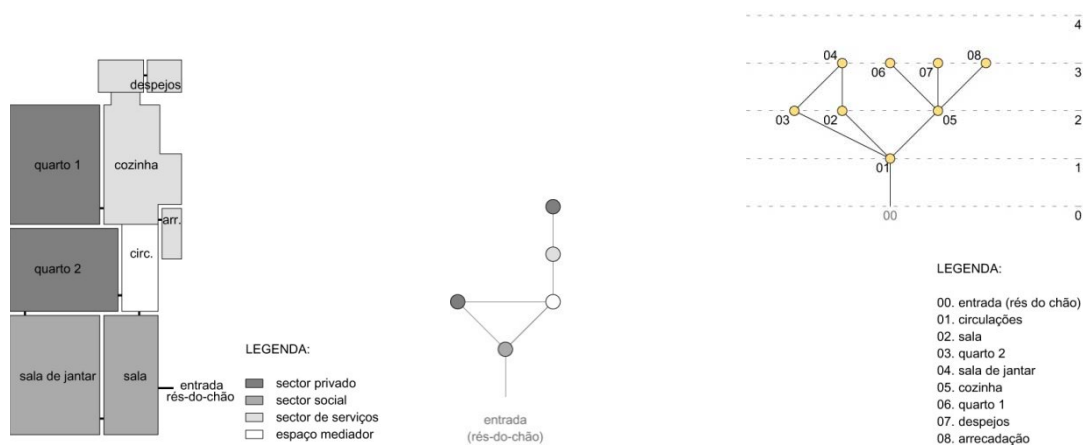
A sala de jantar, tal como no edifício anterior, localizada junto ao tardo do edifício, relaciona-se directamente com o espaço de preparação de refeições.

O facto de se considerar que a entrada no fogo se faz pela cozinha, ou espaço indefinido que se encontra fisicamente em contacto com esta, influencia, como se pode constatar, a configuração do grafo justificado, sobretudo no que respeita ao nível máximo de profundidade do sistema. Com base no mesmo pressuposto, o espaço mediador entre a entrada e os quartos permite isolar, na versão 2, o sector privado.

## Fogo Tipo rés-do-chão - Edifício Tipo 2

| ESPAÇO          | FUNÇÃO/ACTIVIDADE DOMÉSTICA  |
|-----------------|--|
| quarto 1        | dormir / descanso pessoal, de casal  |
| quarto 2        | dormir / descanso pessoal, duplo ou individual<br>higiene pessoal / lavagens, vestir, fazer toilette<br>arrumação / arrumação de roupa de casa |
| sala ("saleta") | estar / reunir<br>receber<br>circulação / entrada e saída  |
| sala de jantar  | refeições formais<br>refeições correntes<br>estar / reunir   |
| cozinha         | preparação de refeições<br>refeições correntes<br>tratamento de roupa  |
| despejos        | despejo de detritos<br>funções vitais (despejo de dejectos)  |
| arrecadação     | arrumação / arrumação de despensa<br>arrumação / arrumação geral   |
| circulações     | circulação / entrada e saída / comunicação e separação   |

Fig.82 – Quadro Síntese Espaço / Função e Actividade Doméstica – Edifício Tipo 2, Fogo Tipo rés-do-chão



Figs.83, 84 e 85 – Diagrama da organização dos espaços convexos, Grafo justificado simplificado, e Grafo justificado – Edifício Tipo 2, Fogo Tipo rés-do-chão

A inversão da localização quarto 1/sala de jantar constitui a principal variante deste fogo. A sala de jantar, que está normalmente relacionada com a cozinha ou próxima desta, é nesta situação reencaminhada para junto da fachada principal do edifício. O motivo prender-se-á supostamente com o contacto directo através de fenestração que este tem com a rua, facto que se julga poder devassar o quarto de dormir – o espaço íntimo privado

por excelência. Consequentemente, o acesso ao quarto de dormir passa a ser feito através da zona de serviços (cozinha).

A maior capacidade de controlo volta a estar associada ao espaço de circulação/distribuição e de entrada na habitação.

## CAPÍTULO 6 – DO PROJECTO ORIGINAL À SITUAÇÃO ACTUAL – CARACTERIZAÇÃO E ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DAS FORMAS DE HABITAR

### 6.1. Introdução

Previamente à apresentação dos casos de estudo em concreto e sua análise, considera-se importante conhecer aquela que foi a inércia evolutiva da generalidade das habitações da Vila Berta.

Com efeito, procedeu-se à recolha de informação (sublinhe-se, não exaustiva) sobre acções de intervenção realizadas individualmente por iniciativa dos proprietários, que, por generalização, permitem obter o panorama global das transformações efectuadas e do processo de evolução relativo às formas de apropriação, da casa e dos espaços que a compõem, pelo agregado doméstico, em profunda relação com a renovação natural das exigências funcionais deste.

O quadro que se segue identifica e sintetiza intencionalmente as principais alterações verificadas, com associação directa a pelo menos um caso concreto.

| ALTERAÇÃO   | CASO CONCRETO                   | DATAS |
|---|---------------------------------|-------|
| Bacia de retrete na zona de despejos                    |                                 |       |
| I.S. no pátio/logradouro                                | Vila Berta, nº3, r/c esq.       | 1930  |
| Substituição de gaiuta por marquise e I.S.              | Vila Berta, nº16                | 1940  |
|   | Vila Berta nº 5, 1º e 2º pisos  | 1952  |
|   | Vila Berta, nº 9, 1º dir.       | 1956  |
|   | Vila Berta, nº 2, 1º esq.       | 1961  |
|   | Vila Berta, nº 13, r/c esq.     | 1976  |
| Ampliação de espaços junto ao tardoz                    | Vila Berta, nº 5, 1º e 2º pisos | 1952  |
| I.S. em compartimento interior                          | Vila Berta, nº 7, 2º esq.       | 1964  |
| Supressão de parede divisória ou ampliação de vão       | Vila Berta, nº3, r/c esq.       | 1930  |
| Construção de garagem e arrecadação                     | Vila Berta, nº 3, r/c esq.      | 1949  |
| Construção de roupeiros/ampliação de quartos            | Vila Berta, nº 13, r/c esq.     | 1976  |
| Substituição das redes de abastecimento (água, esgotos) | Vila Berta, nº 13, r/c esq.     | 1976  |

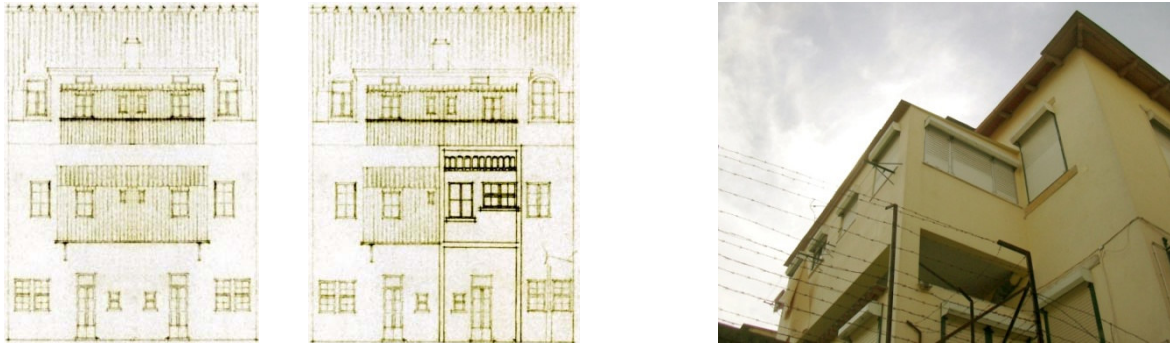
Fig. 86 – Quadro Síntese das principais alterações realizadas entre as décadas de 30 a 70

Conclui-se, por aferição, que o problema central das habitações em questão correspondeu à inexistência, no projecto original, de um compartimento específico para as funções domésticas vitais e de higiene pessoal. Como já se referiu, a bacia de retrete era algo completamente estranho à forma de habitar dos primeiros anos do séc.XX. Os banhos eram feitos num quarto interior, de vestir.

Os primeiros sinais de mudança aparecem, na generalidade dos casos, com a instalação de uma bacia de retrete ou latrina na gaiuta, que, ou substitui a pia de despejos cujas dimensões eram significativamente superiores às necessárias pela retrete, ou é colocada no extremo oposto, em frente. Noutros casos, verifica-se a manutenção da pia, realocada.

Esta situação evolui, posteriormente, para a construção de uma instalação sanitária, dotada não só de retrete como de lavatório, bidé, base de chuveiro e nalguns casos cujas áreas o permitem, de banheira fixa. As funções vitais e de higiene pessoal aparecem pela primeira vez fundidas em compartimento único.

Distinguem-se três soluções. Nos pisos térreos, constitui frequentemente um anexo sobre o pátio/logradouro, enquanto que nos pisos elevados implica a ampliação volumétrica do tardo do edifício, substituindo a precária gaiuta de madeira por uma construção em alvenaria, em consola ou sobre pilares. As memórias descritivas dos respectivos projectos de alterações referem a construção de “marquises envidraçadas” que contêm a instalação sanitária em compartimento estanque e um pequeno espaço de circulação/transição que a separa da cozinha.



Figs. 87, 88 e 89 – Situação original do alçado posterior com gaiutas - edifício com número ímpar, Projecto de alterações correspondente (1956) e vista de exemplo de ampliação no tardo de edifício com número par – situação actual

Em determinadas situações, observadas apenas nos edifícios do Tipo 1, esta ampliação estende-se também às zonas das salas de jantar, constituindo espaços distintos, encerrados ou em descobertos, que se projectam a partir destas até aos limites da marquise. Acessíveis pelas salas, como forma de prolongamento do interior para o exterior, conformam varanda ou “zona de fumo”, ambos espaços sociais domésticos.

Quanto às instalações sanitárias, é possível identificar ainda uma última situação de resposta. Esta corresponde à apropriação de um espaço interior da casa, normalmente da arrecadação situado junto à escada comum do edifício ou de um quarto de dormir ou de vestir confinante com a empena. Em contrapartida, a gaiuta ou a marquise, se existir, recebe a função de arrumos.

Os outros tipos de alterações que se identificam dizem essencialmente respeito a acções pontuais sobre paredes divisórias interiores cujo objectivo passa pela procura de novas condições de permeabilidade entre compartimentos, ampliação de áreas úteis e optimização de áreas para arrumos, entre outros.

Assiste-se, ainda antes do virar da metade do século, ao aparecimento de um dos problemas da acessibilidade urbana – o estacionamento. O estacionamento de viaturas viria a fazer-se progressivamente ao longo da rua, junto aos edifícios. No entanto, a construção de garagem ocorre em apropriação do pé-direito disponível sob o terraço do nº3. Desta forma, possibilitou-se a

relação directa, pelo interior, do espaço de estacionamento e arrecadação com o espaço da habitação.



Figs. 90 e 91 – Vistas da situação actual com garagens

Sob o ponto de vista do enquadramento da situação actual, refira-se ainda a intervenção iniciada nos anos 90 sobre o conjunto de edifícios de número par. Esta resulta do Programa de Reabilitação da Vila Berta, levada a cabo pelo ex-Gabinete de Pátios e Vilas da C.M.L. e financiada parcialmente pelo Programa RECRUA. Além de recuperar as fachadas e as coberturas, pretendeu dotar todos os fogos de instalações sanitárias próprias (nalguns casos, mantinham-se situações precárias, ainda não solucionadas, distintas daquelas que foram acima mencionadas) e zonas de tratamento de roupa, com vista a melhorar as condições de higiene e de habitabilidade dos mesmos. Considerou-se que as alterações efectuadas ao longo do tempo sobre as zonas posteriores do conjunto resultaram na desvirtuação e descaracterização da sua imagem global. Deste modo, procedeu-se a um estudo de uniformização das fachadas de tardo destes edifícios. O projecto (1995), da autoria do arquitecto Carlos Tojal de Sousa Coelho, descendente do fundador da Vila, opta por alinhar os novos volumes pelo limite da propriedade, permitindo-lhes fenestração com alguma dimensão apenas nos topos laterais, a Norte ou a Sul, conforme os fogos sejam esquerdo ou direito. No alçado nascente, revelando um esforço compositivo com resultados eficientes no que respeita ao seu objectivo de regulação, desenham-se estreitas aberturas em tijolo de vidro, que pela sua configuração predominantemente vertical se designam por frestas, e que correspondem aos vãos que iluminam naturalmente as novas instalações sanitárias. O projecto foi concretizado apenas nos nºs 2, 4, 8 e 10.

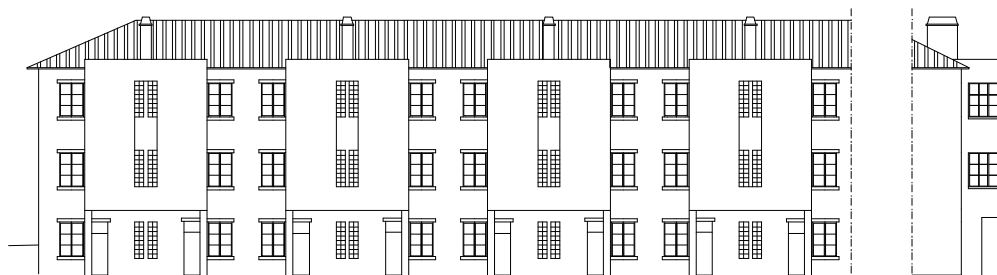


Fig. 92 – Alçados posterior e lateral (parciais) do conjunto – Proposta de Alterações

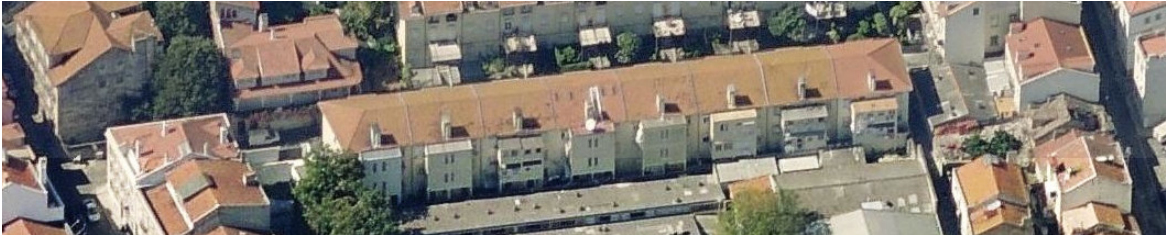


Fig. 93 – Vista do alçado de conjunto - situação actual

## 6.2. Introdução aos casos de estudo e sua análise

Após a selecção dos 6 casos de estudo, procedeu-se à identificação das alterações realizadas sobre os fogos respectivos. O processo de comparação entre a situação actual do fogo e o projecto original permitiram de certa forma, com base na amostra, proceder a uma tipificação das intervenções verificadas, considerando os seguintes vectores de acção:

- a) Demolição de parede exterior - prolongamento do espaço interior original para o exterior da habitação;
- b) Demolição de parede divisória interior – fusão de compartimentos;
- c) Construção de paredes exteriores;
- d) Construção de paredes divisórias interiores;
- e) Ampliação para o exterior;
- f) Ampliação para o fogo contíguo;
- g) Ampliação – fusão com fogo contíguo;
- h) Ampliação – fusão com fogo do piso superior ou inferior;
- i) Encerramento de vão de porta;
- j) Relocalização de vão de porta;
- k) Abertura de vão de porta;
- l) Abertura de vão de janela;

Seguidamente, atribuíram-se por ordem de importância os diferentes graus de intervenção:

*Grau I – intervenção mínima*, quando esta corresponde à manutenção da compartimentação original, encerrando e relocando alguns vãos de porta, e apenas introduz alterações no alçado tardoz devido à substituição da gaiuta original por um volume construído (ampliação), em prolongamento do espaço da cozinha e por vezes também do compartimento da sala de jantar.

De referir que a ampliação em questão se verifica, embora com alguma variabilidade configuracional, em todos os casos (Edifícios Tipo 1 e Tipo 2), e que por este motivo não é considerada fundamental no âmbito desta definição.

*Grau II – intervenção ligeira*, quando corresponde ao encerramento ou realocação de vãos de porta interiores, à ampliação referida no tipo de intervenção anterior (Edifícios Tipo 1 e Tipo 2), e à demolição e/ou construção de paredes divisórias interiores, permitindo a fusão de compartimentos originalmente distintos e a criação de novos (em pequena escala). Enquadra ainda os casos que verificam absorção parcial de fogo contíguo, permitindo a ampliação da habitação e da sua configuração original.

*Grau III – intervenção profunda*, quando verifica todas as alterações referidas anteriormente e corresponde a uma ampliação significativa da estrutura habitacional original que inclui a fusão de fogos distintos no mesmo piso e entre pisos.

| CASO DE ESTUDO |  | GRAU DE INTERVENÇÃO |
|----------------|--|---------------------|
| 1              | Fogo 2º piso – Edifício Tipo 1                         | I                   |
| 2              | Fogo 2º piso – Edifício Tipo 1                         | II                  |
| 3              | Fogo 1º piso – Edifício Tipo 1                         | II                  |
| 4              | Fogo 1º piso (+ Fogo 1º piso) – Edifício Tipo 2        | I                   |
| 5              | Fogo 1º piso (+ 2 Fogos rés-do-chão) – Edifício Tipo 2 | III                 |
| 6              | Fogo 3º piso – Edifício Tipo 3                         | II                  |

Fig.94 – Quadro do grau de intervenção atribuído aos casos de estudo

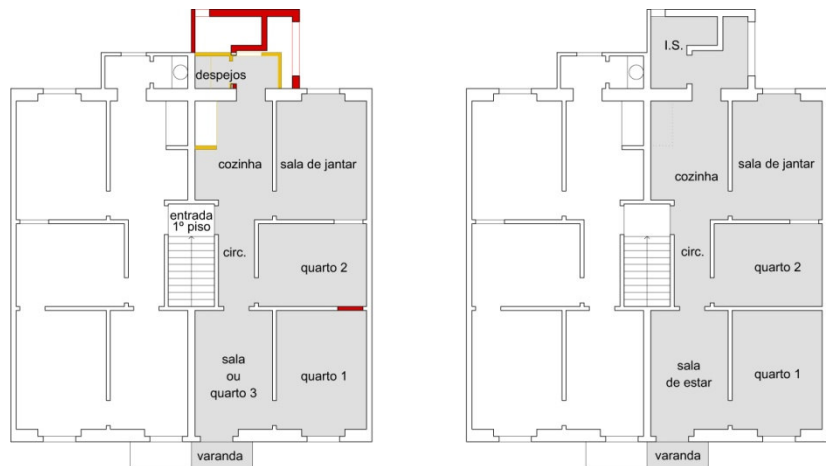


### 6.3. Identificação das alterações espaciais e construtivas introduzidas

#### Casos 1 e 4



Figs.95 e 96 – Planta de alterações sobre o projecto original (à esquerda) e Planta da situação actual (à direita) – Caso 1



Figs.97 e 98 – Planta de alterações sobre o projecto original (à esquerda) e Planta da situação actual (à direita) – Caso 4

Nestes casos, as habitações mantêm a compartimentação original. As alterações significativas ocorrem na zona de despejos e no alçado posterior.

No lugar onde se desenvolvia a gaiuta original, verifica-se a construção de um espaço ou volume saliente da fachada que é simultaneamente uma substituição daquele que existia e uma ampliação da zona comunicante com a cozinha.

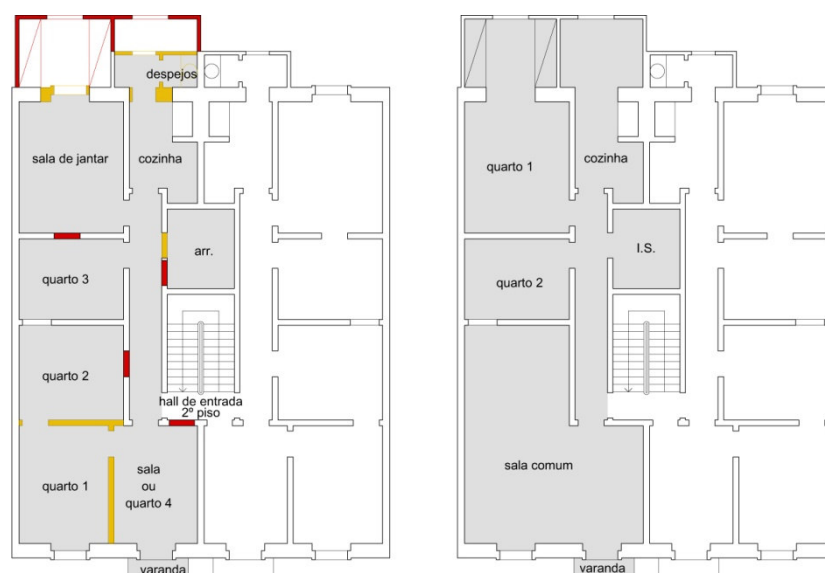
Adoptando configurações distintas, as instalações sanitárias mantêm uma relação de associação ideológica com o passado, na medida em que foi no mesmo local (da pia de despejos) que surgiram as primitivas instalações com bacias de retrete ou latrinas.

No Caso 4, a colocação dos vãos exteriores segue as premissas do Projecto de Alterações concretizado pela C.M.L.. No Caso 1, a ampliação estende-se à zona da sala de jantar, implicando a demolição parcial da parede exterior.

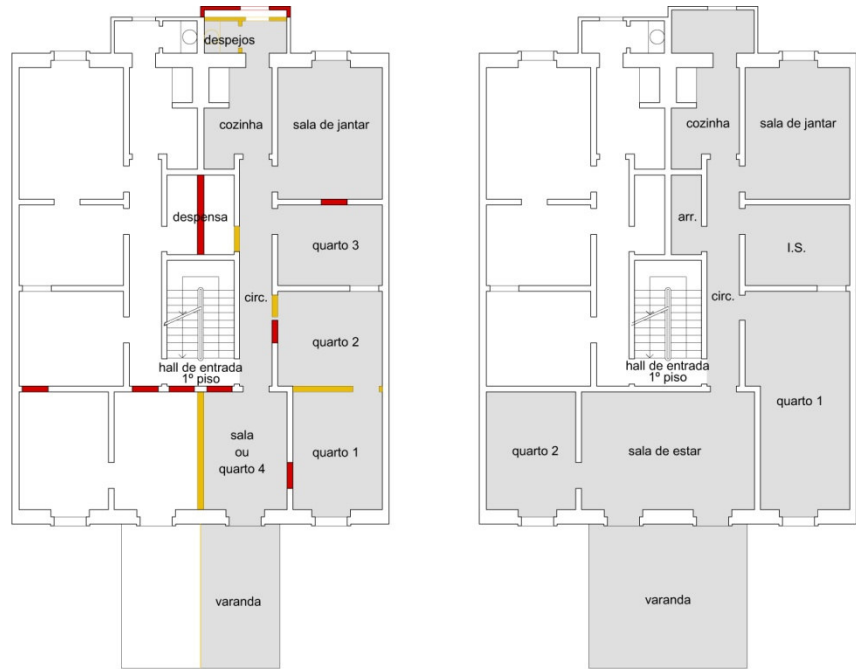
O outro tipo de alteração identificado prende-se com o encerramento de alguns vãos de porta, de modo a tornar possível individualizar espaços e eliminar atravessamentos. No Caso 1 é encerrado o vão que permitia a relação física entre a sala de jantar e o quarto 3 interior e o vão que conferia dupla entrada ao fogo a partir do espaço comum do edifício. O vão entre os quartos 1 e 2, embora não utilizado para atravessamento, mantém actualmente a sua identidade construtiva como porta, admitindo apenas a abertura da bandeira, localizada superiormente, para iluminar e ventilar, embora de forma indirecta, o quarto interior. No Caso 2, o vão correspondente foi totalmente anulado.

Nas respectivas cozinhas, o Caso 1 manteve a chaminé e o armário originais, enquanto que no outro, estes foram substituídos.

### Casos 2, 3 e 6



Figs.99 e 100 – Planta de alterações sobre o projecto original (à esquerda) e Planta da situação actual (à direita) – Caso 2



Figs. 101 e 102 – Planta de alterações sobre o projecto original (à esquerda) e Planta da situação actual (à direita) – Caso 3



Figs. 103 e 104 – Planta de alterações sobre o projecto original (à esquerda) e Planta da situação actual (à direita) – Caso 6

Os casos que se apresentam respeitam a edifícios tipológica e programaticamente diferentes. No entanto, revelam formas de intervenção idênticas que consistem nomeadamente na demolição pontual de uma ou outra parede divisória de modo a fundir compartimentos contíguos.

Nos casos 2 e 3, este tipo de alteração ocorre entre os quartos 1 e 2, entre o quarto 1 e a sala ou quarto 4 (no Caso 2) e entre a sala ou quarto 4 e o fogo adjacente (no Caso 3).

Nesta última situação assiste-se à apropriação de três espaços originalmente pertencentes ao fogo direito: a sala ou quarto 4, o quarto 1 e a varanda-alpendre. O fogo esquerdo consegue assim ampliar para o dobro da área original a sala ou quarto 4 e a varanda e ainda conquistar um novo compartimento confinante com o primeiro. Ganha desta forma a totalidade dos vãos do piso em questão que se encontram voltados a nascente, aumentando a sua relação com a fachada exterior principal.

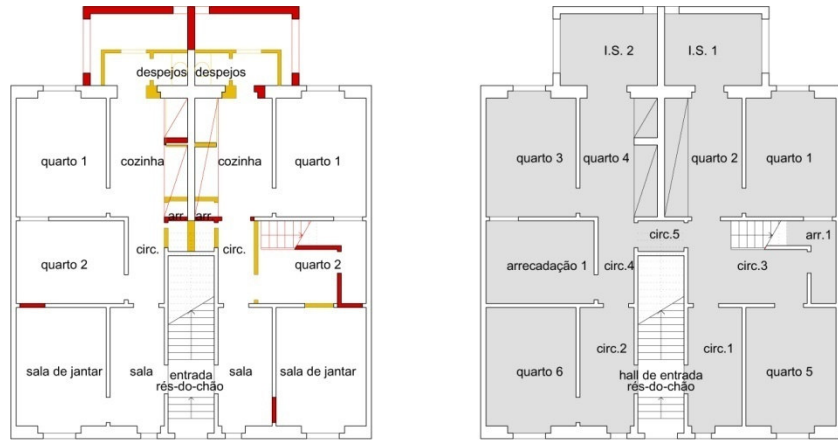
Por sua vez, no Caso 6 (edifício Tipo 3), a demolição ocorre em três situações: entre os quartos 2 e 3 que têm acesso à varanda sul e consecutivamente entre a sala de jantar, a instalação sanitária e a sala de estar, a pretexto de uma sala comum, única, com boas dimensões.

Ao nível das alterações sobre vãos interiores, mais uma vez, o encerramento, a abertura e a realocação. Em comum, nos Casos 2 e 3, a anulação do atravessamento entre a sala de jantar e o quarto 3 interior e da dupla entrada do fogo que ligava ao “quarto independente” ou “saleta”. Especificamente, no Caso 2, o encerramento da passagem entre o quarto 2 e o corredor de circulação, individualizando o novo espaço conseguido (quarto 2 + quarto 1 + sala ou quarto 4). No Caso 3, são encerrados todos os vãos interiores dos dois compartimentos então fundidos, deixando apenas uma única entrada, mais larga que a original (aquela que se encontra mais próxima da entrada do fogo) do compartimento sala de jantar + I.S. + sala de estar, e, na ala sul, um dos vãos de porta do quarto 3 + quarto 2. Neste caso, à semelhança daquilo que acontece no Edifício Tipo 1, é anulada a dupla entrada a partir do espaço comum do edifício/escada comum, aqui, a entrada directa para a cozinha-zona de serviços. Ainda neste fogo, são colocados dois vãos, nos extremos sul e norte do corredor de circulação, acentuando a importância do mesmo como espaço mediador, de separação, entre sectores domésticos. A despensa é dividida em dois espaços desiguais: a I.S.2, maior, relacionada com a nova zona de circulação isolada a Sul, e a I.S.1, de menor dimensão, que, apropriando-se da zona de despejos, tem acesso directo para o corredor de circulação principal. Relativamente às alterações sobre o invólucro, apontam-se a abertura de um vão na empena poente, designadamente no quarto 1, e a ampliação dos vãos voltados para o “saguão”, situados a nascente. Os restantes compartimentos são mantidos.

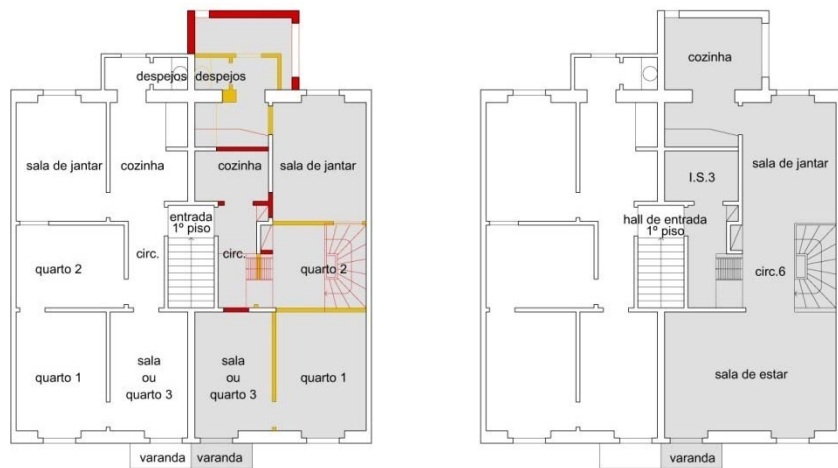
Para finalizar, são também de referir as alterações, sobre os alçados posteriores dos Casos 2 e 3, que respeitam mais uma vez à substituição da gaiuta, sua ampliação e extensão até ao limite do fogo vizinho. Em ambos se amplia (com menor pretensão no segundo caso) o espaço confinante com a cozinha como forma de prolongamento desta. No primeiro, tal como acontece no Caso 1 caracterizado anteriormente, a ampliação abrange todo o alçado, permitindo o aumento da área do quarto 1 (actual) e a construção de roupeiros em zona demarcada. Nos dois casos, a instalação sanitária ocupa um compartimento interior, com boas dimensões.

A realocação de portas surge associada à reutilização ou à reconfiguração dos espaços.

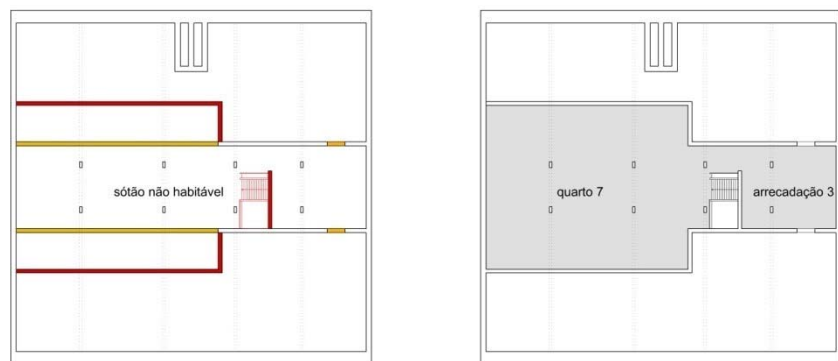
Caso 5



Figs. 105 e 106 – Planta de alterações sobre o projecto original (à esquerda) e Planta da situação actual (à direita) – Caso 5 (rés-do-chão)



Figs. 107 e 108 – Planta de alterações sobre o projecto original (à esquerda) e Planta da situação actual (à direita) – Caso 5 (1º piso)



Figs. 109 e 110 – Planta de alterações sobre o projecto original (à esquerda) e Planta da situação actual (à direita) – Caso 5 (sótão)

Dentro da amostra apresentada, o Caso 5 é aquele que verifica o maior grau de intervenção, não só porque transforma significativamente (no piso um) a estrutura original, mas porque recorre ao incremento, que se entende ser considerável, do número de espaços domésticos inicialmente disponíveis. Desde a unificação de compartimentos à introdução de antecâmaras/vestíbulos como espaços de circulação/mediação/separação, o conjunto de alterações espaço-constructivas passa pela demolição e construção de paredes divisórias interiores, pela demolição das gaiutas e construção de novo perímetro exterior em ampliação relativa sobre o alçado posterior, pelo encerramento, abertura e realocação de vãos de porta, e ainda pela substituição ou reutilização das chaminés.

A dimensão total da habitação, que corresponde inicialmente ao 1º piso direito, duplica quando esta se funde com o fogo direito do piso inferior através da construção de escada interior, e triplica quando esta se estende ao fogo contíguo. Por fim, também o sótão é apropriado (na totalidade da planta do edifício), tornando-se acessível e habitável.

As transformações que ocorrem no alçado posterior respeitam o Projecto de Alterações de Conjunto já mencionado. No entanto, a forma de ocupação dos novos espaços de prolongamento da habitação, difere daquelas que se referiram na caracterização dos restantes casos de estudo. Estes, que aqui não sofrem qualquer tipo de subdivisão interna, conformam, cada um, um compartimento individual, cujas dimensões são satisfatórias. Identifiquem-se, no 1º piso, a cozinha, e no piso térreo, as instalações sanitárias 1 e 2.

Conformando um cenário distinto por contraste com a transformação profunda do piso superior, o piso térreo, embora reestruturado funcionalmente<sup>1</sup>, mantém na sua generalidade a compartimentação de origem. As demolições manifestam-se de forma localizada na zona onde se constrói a escada de acesso ao 1º piso (com aproveitamento de desvão para arrumos), designadamente a parede divisória entre o quarto 2 e o espaço de circulação, e as paredes correspondentes aos cubículos diminutos, de arrumos, existentes sob a escada comum do edifício, e ainda, parcialmente, as chaminés. Estas possibilitaram a criação de uma passagem, pelo interior, entre os dois fogos, e a instalação de roupeiros em espaços estratégicos.

São eliminadas as ligações directas entre o quarto 2 e a sala de jantar, no rés-do-chão esquerdo, e entre a sala de jantar (simétrica à anterior) e a sala de entrada, no rés-do-chão direito. Deste lado, o vão da sala de jantar para o quarto 2 é realocado em função da posição da nova escada e do espaço de arrumos subjacente.

No 1º piso eliminam-se quase todas as paredes divisórias paralelas às fachadas. Excepcionalmente, aquela que separa o espaço de circulação da sala ou quarto 3 é reforçada como barreira com o encerramento da porta através da qual anteriormente comunicavam. A situação actual contempla um espaço amplo comum em L, resultante da fusão entre a sala ou quarto 3, os quartos 1 e 2, e a sala de jantar. A realocação do vão que existia entre a sala de jantar e a cozinha originais foi condicionada pela subdivisão desta em dois espaços distintos (cozinha e i.s.).

---

<sup>1</sup> A caracterização funcional da organização espacial dos fogos será abordada no próximo subcapítulo.

No sótão a apropriação do espaço manteve a estrutura original em asnas de madeira e recorreu à abertura de vãos de janela na cobertura.

Em síntese e com base no cruzamento dos dados recolhidos através da aplicação do inquérito aos moradores<sup>1</sup>, conclui-se o seguinte:

## 1. Generalidades

a) As alterações identificadas nas habitações estudadas nem sempre correspondem às alterações realizadas pelo actual morador. Estas, cujo período de vida útil abrange já cerca de uma centena de anos, foram sofrendo, conforme as necessidades daqueles que as ocuparam, transformações de ordem diversa, desde a colocação de estores exteriores em detrimento das portadas interiores em madeira, substituição das caixilharias, dos pavimentos e revestimentos de madeira originais, até à demolição/construção pontual de paredes divisórias interiores, alteração/ampliação do alçado e zona posteriores e ainda o encerramento, abertura ou alteração de vãos. Ao nível das fachadas principais, a alteração que se verifica ser comum a todos (ou quase todos) os fogos, diz respeito à colocação de persianas exteriores, em plástico, alumínio ou pvc, sendo poucos os casos que mantêm o tradicional tapa-sol.



Figs. 111 e 112 – Tapa-sol e estores exteriores

Por outro lado, o desconhecimento relativo à origem das transformações constatadas deve-se também à data de ocupação recente por parte dos utilizadores entrevistados, nomeadamente aqueles que se inserem na classe etária mais baixa da amostra;

b) Quanto às obras realizadas pelos actuais moradores, contemplam-se na generalidade dos casos a substituição das redes de abastecimento de água, gás e esgotos, a manutenção, implicando tratamento e pintura, de caixilharias, portas interiores (e também de entrada no fogo), pavimentos e revestimentos de madeira. A substituição dos revestimentos dos pavimentos e/ou paredes respeitam à remodelação das instalações sanitárias e das cozinhas;

---

<sup>1</sup> Quadro 1 – Síntese das alterações realizadas nas habitações em estudo, incluído na secção Anexos

c) As intervenções não introduziram qualquer tipo de isolamento térmico, acústico ou de impermeabilização nos pavimentos, tectos ou paredes, excepto nos casos em que o sótão foi ocupado (na cobertura).

## 2. Alterações espaço-funcionais

a) Relativamente às alterações com maior grau de importância, i. e., cujas consequências se manifestam ao nível do espaço e da utilização funcional deste, identifica-se em **todos** os casos, o **encerramento de vão(s) de porta**. Uma das principais características dos fogos originais consistia no extremo grau de acessibilidade dos compartimentos. A possibilidade de atravessamento destes, originando um ou mais percursos “em anel”, estava relacionada com o facto de cada divisão possuir duas entradas/saídas. Também em **todos** os casos se identifica a **construção de paredes divisórias interiores**, nomeadamente no local de ampliação do tardo do edifício. Como já se referiu, **todos** contemplam alterações nesta zona, incluindo **demolição total da gaiuta e pontual das paredes exteriores confinantes**, construção de novo perímetro com alteração dos vãos respectivos e introdução de novos. **Quase todos** (excepto dois) recorrem à **demolição de paredes divisórias** de compartimentos;

b) Aspectos como a **abertura e/ou realocação de vãos interiores** e a **construção de roupeiros** são constatados em **alguns** casos;

c) As fachadas e vãos respectivos não sofreram alterações (excepto situação única, anterior aos seus actuais moradores, que diz respeito à ampliação de uma das trapeiras na cobertura) a pretexto de não se desvirtuar a imagem exterior do conjunto. Os alçados mantêm a sequência modular e composição rítmica subsequente atribuídos pelos elementos construtivo-formais constituintes (vãos – janelas e portas, varandas, coberturas – beirados, e mísulas) que lhes conferem reconhecida qualidade formal para a época que lhes deu origem;



Figs. 113, 114 e 115 – descaracterização da trapeira original (à esquerda), aspectos decorativos de trapeira (ao centro) e vista da sequência compositiva porta/janela/mísula





Figs. 116, 117 e 118 – vistas do conjunto (à esquerda e à direita) e dos elementos decorativos que compõem o módulo

d) **Dois terços** dos casos procederam à **construção de instalação sanitária em compartimento interior**, garantindo-se para o efeito as devidas condições de ventilação;

e) Nos seis casos analisados, **um** verifica **ligação entre pisos** através da construção de escada interior (rés-do-chão/1º piso e 1º piso/sótão) e simultaneamente a **fusão de fogos distintos** (esquerdo e direito) do mesmo piso. **Outro**, de forma idêntica, embora parcial, **acopla** alguns **compartimentos** que inicialmente pertenciam ao **fogo contíguo**. Nos **restantes** casos a habitação mantém-se dentro do perímetro original. As intervenções passam sobretudo pela **reconfiguração, reorganização** ou apenas **reutilização espaço-funcional** da estrutura interior e das divisões que a compõem.

#### 6.4. Análise da evolução da organização espacial e da sua relação com as actividades domésticas associadas

A análise da evolução da organização espacial em associação com as actividades domésticas baseia-se na comparação directa entre as habitações originais e a situação actual em que se encontram. Apoiando-se num modelo, confere-lhes determinada estrutura física, construtiva e espacial e um conjunto de hábitos, no domínio da utilização doméstica, determinantes para a sua compreensão e caracterização.

A identificação do uso e das relações espaciais aferidas entre as diversas células ou espaços construídos (componente física) e as actividades nelas desenvolvidas (componente social) torna-se deste modo imprescindível à descrição dos modos de habitar em contextos temporais distintos.

Com efeito, e tendo em consideração que a uma época temporal estão associadas múltiplas lógicas de habitar em estreita dependência com o contexto sócio-cultural e com a base física edificada, o procedimento de análise será aplicado individualmente a cada caso de estudo.

## Caso 1

A localização relativa dos sectores funcionais mantém-se praticamente imutável, i.e., o sector privado, acessível a partir do corredor de circulação e da sala' 1, agora utilizado como escritório (quarto 4), restringe-se, mediante o cenário considerado na versão 1<sup>2</sup> aos compartimentos de uso privado originais. O novo espaço enquadrado neste sector corresponde à instalação sanitária, posicionada no nível mais profundo (assim como o quarto 1 e a varanda), com acesso pela cozinha. Nota-se que embora se tenha optado por não representar no grafo as subdivisões espaciais existentes dentro de cada compartimento individual, é possível compreender, através da configuração física dos respectivos espaços, uma zona de transição e de separação entre a cozinha e a i.s., não se encontrando estas em contacto directo. Contudo, este é o único espaço do sector privado cujo acesso implica o atravessamento do sector de serviços.

Tal como acontecia na habitação original, os sectores funcionais não conseguem isolar-se totalmente, dado que o público/social se desenvolve em duas zonas: uma, que conforma aquele que é o espaço de eleição para as funções estar, receber e trabalhar (quarto 4 ou escritório) cujo aspecto de prolongamento para o rio, a nascente, garantido pela varanda é o principal responsável; a outra, que respeita à sala comum - o espaço contemporâneo de simultaneidade entre as funções estar e comer – conseguida através da ampliação da sala de jantar' realizada sobre o tardo do edifício. A inovação consiste na criação de um novo anel, observado no grafo, circulações/sala comum/cozinha, conseguindo desse modo uma relação directa entre as funções de preparação

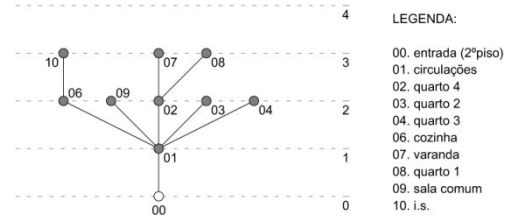


Fig.119 – Grafo justificado – Caso de Estudo 1



Figs.120 e 121 – Grafo justificado simplificado e diagrama da organização dos espaços convexos/sectores funcionais – Caso de Estudo 1

| ESPAÇO      | FUNÇÃO/ACTIVIDADE DOMÉSTICA   |
|-------------|---|
| quarto 1    | dormir / descanso pessoal, individual   |
| quarto 2    | dormir / descanso pessoal, individual   |
| quarto 3    | arrumação / arrumação geral<br>arrumação / arrumação de roupa de casa<br>higiene pessoal / vestir |
| quarto 4    | estar / reunir<br>receber<br>estudar<br>trabalhar   |
| sala comum  | refeições formais<br>estar / reunir<br>tratamento de roupa  |
| cozinha     | preparação de refeições<br>refeições correntes<br>tratamento de roupa                             |
| i.s.        | higiene pessoal / funções vitais<br>higiene pessoal / lavagens                                    |
| circulações | circulação / entrada e saída / comunicação e separação  |
| varanda     | estar<br>refeições correntes  |

Figs.122 – Quadro Espaço / Função e Actividade Doméstica – Caso de Estudo 1

de alimentos e de refeições (jantar) sem que seja estritamente obrigatório recorrer ao corredor comum da habitação. O tratamento de roupa é também parcialmente realizado na zona de estar (passar a ferro), em proximidade com a cozinha.

A estrutura anelar verificada ao nível da entrada no fogo (com duplo acesso) e dos compartimentos interiores é anulada em função da autonomia dos actuais espaços de actividades privadas (quartos de dormir), que se regram fundamentalmente pelos valores de privacidade e de intimidade. Diminuiu-se o grau de acessibilidade do sistema espacial global e, conseqüentemente, aumentou-se a relação de profundidade, relativa à raiz, do espaço individual quarto 1. No entanto, sob o ponto de vista da articulação, ambos os quartos se encontram afastados da instalação sanitária, implicando um percurso pouco funcional através do corredor comum seguido da cozinha. Apesar de um deles (o interior) comunicar directamente com o espaço de circulação, o outro é contíguo a uma das zonas sociais da casa, não existindo qualquer tipo de mediação entre sectores.

---

<sup>1</sup> A designação dos espaços que correspondem à condição original do fogo serão diferenciados através da colocação de pelica após o nome (ex.: espaço')

<sup>2</sup> Caracterização do Fogo Tipo 1º e 2º pisos – Edifício Tipo 1, pp 47 e 48

## Caso 2

A fusão e a reorganização dos vários espaços conferem à estrutura actual uma clara compreensão da zona pública/social da casa, estrategicamente próxima à entrada (distância física real) do fogo. As zonas privadas do quarto de casal, escritório e espaço de higiene pessoal, foram desta vez remetidas para a ala posterior da habitação. O grafo justificado simplificado, que representa a relação relativa entre sectores, demonstra que o espaço mediador é fundamental como núcleo de distribuição equidistante dos restantes. A simplicidade da lógica distributiva é clarividente. Apenas a varanda se situa no 3º nível de profundidade.

Individualmente, cada espaço agrega em si próprio, porém em zonas perceptivelmente demarcadas (não encerradas), uma multiplicidade de funções ou sistemas de actividades domésticas, de acordo com as tendências actuais do habitar. A sala comum, mais ampla, bem iluminada e dotada de relação com o exterior (varanda), funde as zonas de estar/reunir, de jantar e de receber, num espaço autónomo profundamente relacionado com os períodos de lazer e de tempos livres da família. A função trabalhar existe em espaço próprio (escritório), reservado exclusivamente a esse fim.

Dentro da lógica da hierarquia espacial, o quarto de casal e a cozinha possuem respectivamente em zona de prolongamento demarcada, espaço de vestir tipo “closet” com roupeiros, e local próprio para tratamento de roupa (lavar, secar, passar a ferro). A simultaneidade das actividades domésticas convergem justificadamente para a tentativa de optimização do tempo dispendido durante a realização das mesmas.

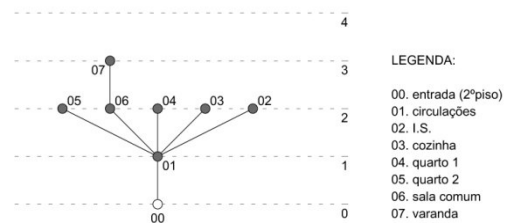
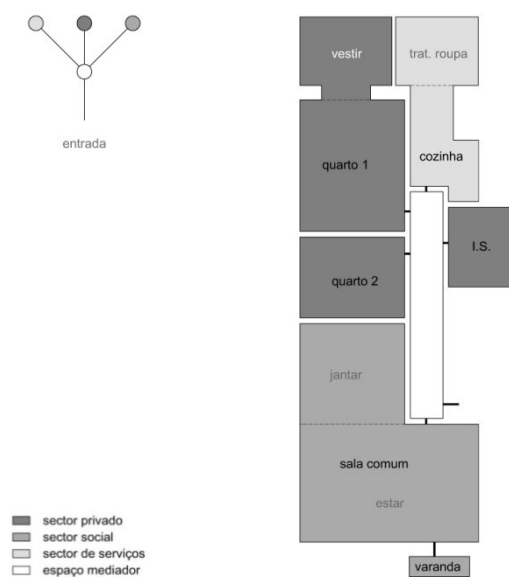


Fig. 123 – Grafo justificado – Caso de Estudo 2



Figs. 124 e 125 – Grafo justificado simplificado e diagrama da organização dos espaços convexos/sectores funcionais – Caso de Estudo 2

| ESPAÇO      | FUNÇÃO/ACTIVIDADE DOMÉSTICA   |
|-------------|---|
| quarto 1    | dormir / descanso pessoal, de casal<br>higiene pessoal / vestir<br>arrumação / arrumação de roupa de casa |
| quarto 2    | estudar<br>trabalhar  |
| sala comum  | refeições formais<br>refeições correntes<br>estar / reunir<br>receber                                     |
| cozinha     | preparação de refeições<br>refeições correntes<br>tratamento de roupa                                     |
| i.s.        | higiene pessoal / funções vitais<br>higiene pessoal / lavagens  |
| circulações | circulação / entrada e saída / comunicação e separação  |
| sótão       | arrumação / arrumação geral   |
| varanda     |   |

Figs. 126 – Quadro Espaço / Função e Actividade Doméstica – Caso de Estudo 2

### Caso 3

Tal como no Caso 1, os sectores funcionais assumem a posição original no fogo.

A excepção consiste apenas na introdução de um novo espaço, de carácter privado (escritório privativo), acessível a partir da sala de estar, que assume, juntamente com a varanda, o nível mais profundo do sistema. Os restantes compartimentos de uso privado relacionam-se directamente apenas com o corredor comum.

As funções estar/reunir e refeições formais aparecem espacialmente dissociadas, localizando-se nos extremos opostos da casa (junto às fachadas principal e posterior). O corredor, como sempre, é o núcleo mediador, de articulação e gerador de todo o sistema.

Como no caso anterior (Caso 2), embora menos prenunciado, o espaço de prolongamento da cozinha dá lugar ao sistema de actividades inerentes ao tratamento de roupa.

Os compartimentos de descanso e de higiene pessoal são adjacentes e têm entre si a zona comum de circulação.

A sala de estar, embora ampliada em termos de área física disponível, não absorve as refeições formais mas permite a realização de refeições correntes. Esta, em continuidade com a varanda-alpendre no exterior, é o espaço de estar por excelência.

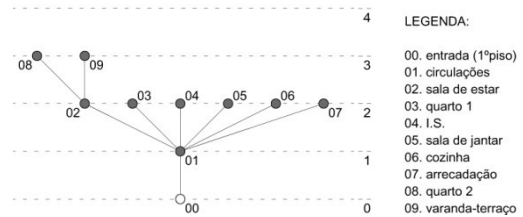
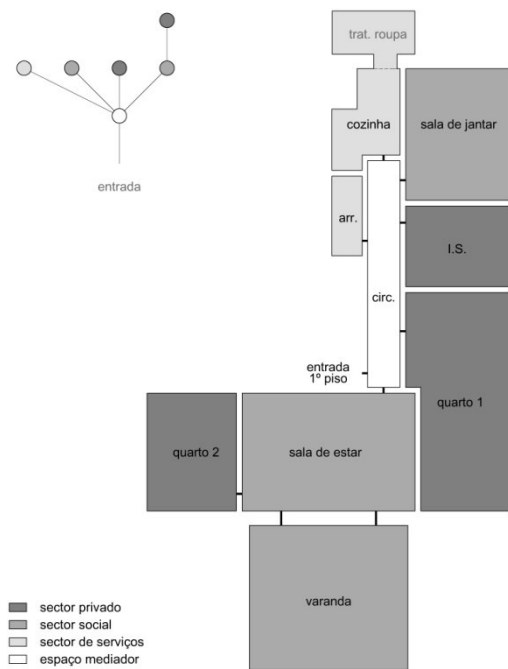


Fig. 127 – Grafo justificado – Caso de Estudo 3



Figs. 128 e 129 – Grafo justificado simplificado e diagrama da organização dos espaços convexos/sectores funcionais – Caso de Estudo 3

| ESPAÇO         | FUNÇÃO/ACTIVIDADE DOMÉSTICA   |
|----------------|---|
| quarto 1       | dormir / descanso pessoal, de casal<br>higiene pessoal / vestir       |
| quarto 2       | trabalhar   |
| sala de estar  | refeições correntes<br>estar / reunir<br>receber                      |
| sala de jantar | refeições formais   |
| cozinha        | preparação de refeições<br>refeições correntes<br>tratamento de roupa |
| i.s.           | higiene pessoal / funções vitais<br>higiene pessoal / lavagens        |
| circulações    | circulação / entrada e saída / comunicação e separação                |
| arrecadação    | arrumação / arrumação geral e de roupa da casa                        |
| varanda        |   |

Figs. 130 – Quadro Espaço / Função e Actividade Doméstica – Caso de Estudo 3

## Caso 4

A única diferença relativa ao sistema espacial original consiste na anulação da ligação entre os actuais quartos 1 e 2. Como se pode observar, o grafo correspondente à situação actual distingue-se do inicial<sup>1</sup> apenas porque deixou de ter o percurso em anel entre os quartos, sala e hall. Os espaços dependentes do sector privado deixam de permitir o atravessamento para ganharem autonomia.

A habitação possui actualmente um quarto de dormir excedente, pois o agregado familiar, diminuído, é constituído apenas por duas pessoas (casal). O quarto 2 é então utilizado esporadicamente por visitantes e não tanto pelos residentes.

Encontram-se dissociadas as salas de estar e de jantar, bem como os quartos de dormir e o espaço de higiene pessoal. O acesso entre eles obriga necessariamente ao atravessamento da zona de circulação, da cozinha, e, no último caso, também da sala de estar.

Os sectores funcionais encontram-se dispersos.

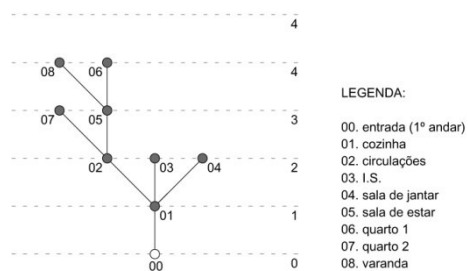
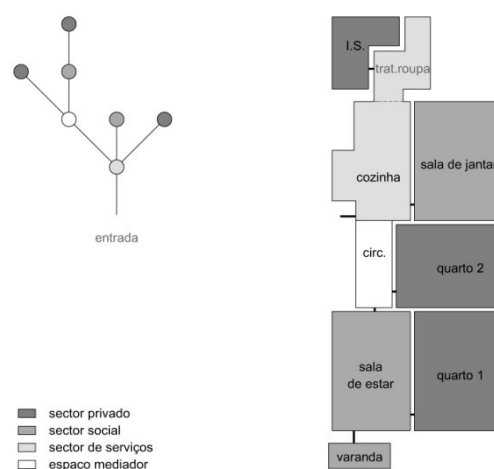


Fig.131 – Grafo justificado – Caso de Estudo 4



Figs.132 e 133 – Grafo justificado simplificado e diagrama da organização dos espaços convexos/sectores funcionais – Caso de Estudo 4

| ESPAÇO         | FUNÇÃO/ACTIVIDADE DOMÉSTICA   |
|----------------|---|
| quarto 1       | dormir / descanso pessoal, de casal<br>higiene pessoal / vestir                                       |
| quarto 2       | dormir / descanso pessoal, individual<br>recreio  |
| sala de estar  | estar / reunir<br>receber   |
| sala de jantar | refeições formais   |
| cozinha        | preparação de refeições<br>refeições correntes<br>tratamento de roupa<br>circulação / entrada e saída |
| i.s.           | higiene pessoal / funções vitais<br>higiene pessoal / lavagens  |
| circulações    | circulação / comunicação e separação  |
| varanda        |   |

Fig.134 – Quadro Espaço / Função e Actividade Doméstica – Caso de Estudo 4

<sup>1</sup> Grafo justificado – Edifício Tipo 2, Fogo Tipo 1º piso – situação original, p. 50

Caso de estudo 5

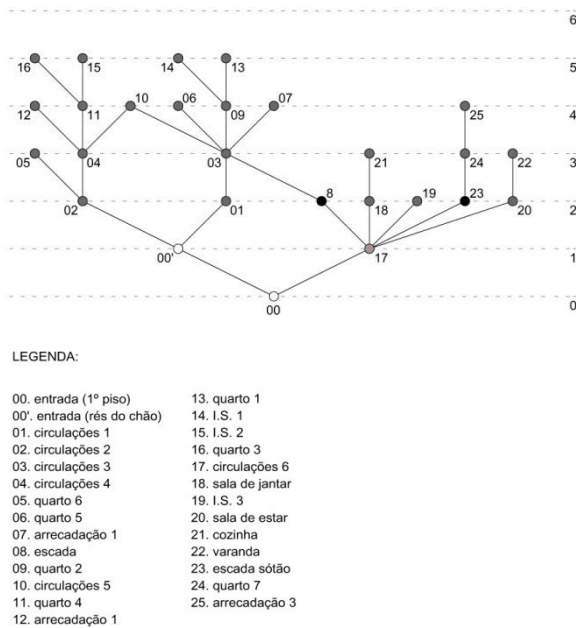
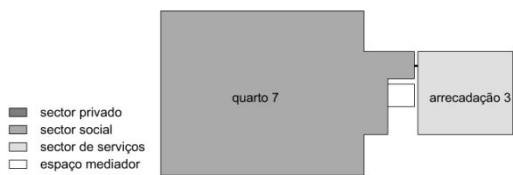
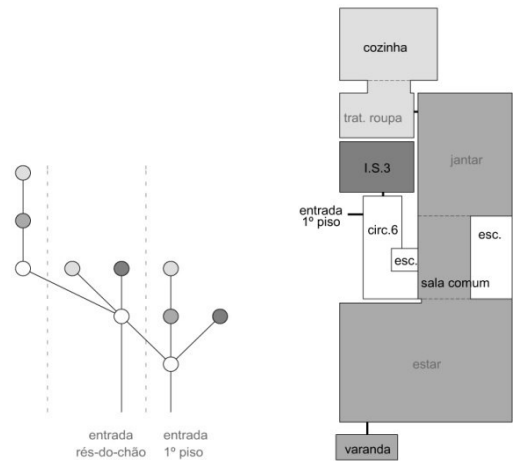
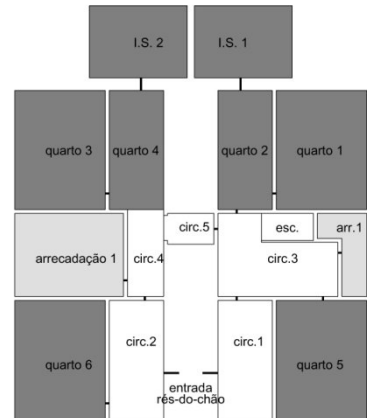


Fig. 135 – Grafo justificado – Caso de Estudo 5

O incremento do número de compartimentos, conseguido através da extrapolação do universo original do fogo, juntamente com a reorganização das funções nos espaços, não só permitiu ampliar a tipologia programática original, de T2 para T5, como também tornou possível agrupar sectores funcionais mediados por espaços de separação e de distribuição, de modo a conferir às zonas privadas o grau de privacidade que lhes é adequado, e às zonas comuns sociais, o respectivo grau de acessibilidade.

Considerando o facto de a habitação se encontrar disposta em três camadas distintas (rés-do-chão, 1º piso e sótão), constata-se que esta oportunamente se reestrutura segundo os diferentes sectores de actividades, apostando sobretudo na separação público/privado. Desta forma, note-se que o rés-do-chão se comporta como um “layer” cujo carácter se define como



Figs. 136 e 137 – Grafo justificado simplificado e diagramas da organização dos espaços convexos/sectores funcionais (pisos térreo, um e sótão) – Caso de Estudo 5

predominantemente privado. Neste se localizam todos os quartos de dormir, quartos de vestir e instalações sanitárias associadas. A sucessão de espaços mediadores permite, não só distribuir sucessivamente os percursos, como também aumentar a profundidade, em relação às entradas desde a parte comum do edifício <sup>1</sup>, das zonas consideradas íntimas da estrutura familiar. Contudo, embora se mantenham as entradas dos respectivos esquerdo/direito, parece mais lógico que a entrada principal da habitação actual se faça directamente pelo piso superior – núcleo público/social.

Ainda no piso inferior, refira-se a demarcação clara de duas células de fruição privada, compostas por quartos de dormir, de vestir e i.s.. Estes mantêm relações de contiguidade e não chegam a integrar um compartimento único individualizado. Porém, dada a sua condição de isolamento enquanto grupo, podem ser funcionalmente entendidos como tal.

No piso superior, como já se referiu, a dominante é assumidamente de ordem social. A quase total abertura do espaço (que recebe luz natural directa de nascente e de poente) evidencia a vocação deste para a ocorrência de contactos físicos e visuais entre os residentes e entre estes e os visitantes (reunir e receber), e para a polivalência no domínio das actividades familiares em grupo. O sector de serviços (cozinha) surge junto ao alçado posterior do edifício e é acessível de forma adequada através da sala de jantar. Este piso é também servido por um espaço dedicado à higiene pessoal que, embora permita a realização de banhos, é, pela sua localização, predominantemente de uso social (visitantes).

<sup>1</sup> O fogo 1º esq. pertence a proprietário/utilizador distinto

| ESPAÇO               | FUNÇÃO/ACTIVIDADE DOMÉSTICA  |
|----------------------|--|
| quarto 1             | dormir / descanso pessoal, de casal                                    |
| quarto 2             | higiene pessoal / vestir<br>arrumação / arrumação de roupa de casa     |
| quarto 3             | dormir / descanso pessoal, de casal                                    |
| quarto 4             | higiene pessoal / vestir<br>arrumação / arrumação de roupa de casa     |
| quarto 5             | dormir / descanso pessoal, individual<br>estudar<br>trabalhar          |
| quarto 6             | dormir / descanso pessoal, individual<br>estudar<br>trabalhar          |
| quarto 7             | estar / reunir<br>receber<br>estudar<br>trabalhar<br>recreio<br>dormir |
| sala de estar        | estar / reunir<br>receber<br>refeições correntes<br>recreio            |
| sala de jantar       | refeições formais<br>estudar<br>trabalhar                              |
| cozinha              | preparação de refeições<br>refeições correntes<br>tratamento de roupa  |
| i.s. 1, 2 e 3        | higiene pessoal / funções vitais<br>higiene pessoal / lavagens         |
| circ. 3, 4 e 5       | circulação / comunicação e separação                                   |
| circ. 1, 2 e 6       | circulação / entrada e saída / comunicação e separação                 |
| arrecadação 1, 2 e 3 | arrumação / arrumação geral  |
| varanda              |  |

Figs.138 – Quadro Espaço / Função e Actividade Doméstica – Caso de Estudo 5



O quarto 7, conquistado ao sótão, pode ser entendido como um duplicação do espaço de estar/reunir, dado ser esta a sua maior apetência, a par da função trabalhar. A diferença consiste no facto de este ser informal, i.e., o quarto 7, sendo um espaço multifuncional idêntico à sala (zona) de estar, na medida em que é vocacionado para actividades em grupo, adquire, pela sua condição espacial de privacidade e de autonomia, directamente relacionáveis com o factor localização e forma de acesso, um forte carácter de informalidade, tornando-se quase íntimo.

A configuração anelar visível no grafo deve-se apenas ao facto de terem sido mantidas as três entradas dos três fogos, agora fundidos num só. Caso contrário, o sistema espacial demonstrar-se-ia bastante mais profundo.

As zonas que manifestam maior capacidade de controlo correspondem aos espaços de circulação 6 e 3, respectivamente, o hall principal do “ piso social ” e o hall principal do “ piso privado ”.

**Caso 6**

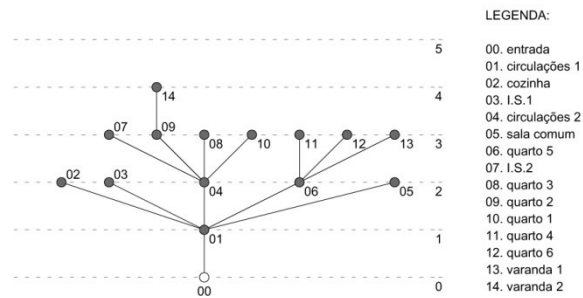
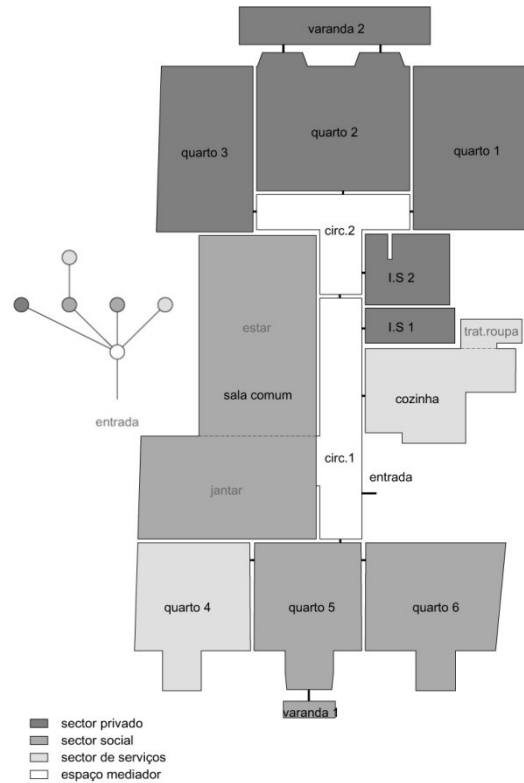


Fig.139 – Grafo justificado – Caso de Estudo 6

Uma das principais alterações consiste na criação de uma única sala comum (sala de jantar' + i.s.' + sala de estar') que agrega em si as funções estar/reunir e comer, anteriormente independentes e isoladas. Visto tratar-se também de um espaço onde se desenvolve a função receber, o acesso localiza-se de forma confortável junto à entrada do fogo. O acesso directo através da cozinha foi anulado.

O espaço de circulação, que era inicialmente um só, foi subdividido em dois. Aquele que possui maior profundidade, desenvolvendo-se em T (circ.2), proporciona o isolamento do sector privado da habitação (dormir, vestir e higiene pessoal). O outro, assumindo o controlo absoluto da distribuição doméstica, agrega em si as funções de entrada e de saída do fogo e orienta os percursos até às zonas sociais, de serviços e núcleo restrito privado mencionado. O quarto 5, funciona essencialmente como zona de mediação, neste caso “quarto de passagem” para os contíguos, e excepcionalmente como sala de recreio.

O grafo ilustra um sistema espacial ramificado que não tolera circuitos em anel, ou seja, todos os espaços são autónomos e acessíveis de forma sequencial e progressiva.



Figs.140 e 141 – Grafo justificado simplificado e diagrama da organização dos espaços convexos/sectores funcionais – Caso de Estudo 6

| ESPAÇO                                     | FUNÇÃO/ACTIVIDADE DOMÉSTICA   |
|--|---|
| quarto 1                                   | dormir / descanso pessoal, individual<br>higiene pessoal / vestir   |
| quarto 2                                   | dormir / descanso pessoal, de casal<br>higiene pessoal / vestir     |
| quarto 3                                   | dormir / descanso pessoal, individual<br>higiene pessoal / vestir   |
| quarto 4                                   | arrumação / arrumação geral   |
| quarto 5                                   | recreio   |
| quarto 6                                   | trabalhar<br>estudar<br>estar/reunir<br>receber                     |
| sala comum                                 | refeições formais<br>refeições correntes<br>estar/receber<br>reunir |
| cozinha                                    | preparação de refeições<br>tratamento de roupa                      |
| i.s.                                       | higiene pessoal / funções vitais<br>higiene pessoal / lavagens      |
| Circulações 1                              | circulação / entrada e saída / comunicação e separação              |
| Circulações 2                              | circulação / comunicação e separação                                |
| Arrecadação (no sótão, através de alçapão) | arrumação / arrumação geral   |
| varanda 1 e 2                              |   |

Figs.142 – Quadro Espaço / Função e Actividade Doméstica – Caso de Estudo 6

## 6.5. Avaliação da situação actual face às exigências de habitabilidade contemporâneas

As capacidades funcionais do espaço construído traduzem-se ou são traduzidas pela forma física, suas condições espaciais, e capacidade de dar resposta ao programa que suporta, ao contexto sócio-cultural e temporal onde se realiza e às solicitações e expectativas de quem a utiliza.

Para avaliar a situação actual da Vila Berta enquanto conjunto urbano habitacional, tornou-se fundamental aferir, para cada agregado familiar, a relação existente entre as alterações realizadas e as exigências de desempenho da habitação, com enfoque parcial dentro daquelas que respeitam à habitabilidade, à segurança e ao uso (no âmbito deste trabalho, a avaliação não se pretende exaustiva e não explora por esse motivo todas as exigências de desempenho possíveis de analisar).

Os resultados da aplicação da Ficha de Inquérito<sup>1</sup> revelam os seguintes aspectos:

1. A ampliação da zona posterior do fogo (ex-gaiuta) à qual se associa a construção de paredes exteriores, possibilitou na maior parte dos casos:

a) a colocação de uma instalação sanitária com abertura directa para o exterior, respondendo aos requisitos de iluminação e de ventilação, dotada de lavatório, sanita, bidé, base de duche ou banheira (com áreas entre 2,68m<sup>2</sup> a 5,40 m<sup>2</sup>), ou apenas lavatório, sanita e base de duche (1,80m<sup>2</sup>);

b) uma zona de prolongamento da cozinha, também com iluminação natural, onde se desenvolvem, em simultâneo com a preparação de refeições, porém em zonas espacialmente demarcadas, as actividades inerentes ao tratamento de roupa como lavar, secar e passar a ferro (7,11 m<sup>2</sup> a 9,96 m<sup>2</sup>)<sup>2</sup>; O prolongamento da cozinha e a ampliação das dimensões do vão de janela no alçado posterior e a existência de um vão de sacada no alçado principal com o mesmo alinhamento, permite iluminar natural e generosamente o corredor de circulação da habitação. Este recebe simultaneamente luz de Poente e de Nascente. Esta mesma situação permite ainda uma continuidade visual que atravessa longitudinalmente todo o fogo.

2. A ampliação da zona posterior do fogo (ex-gaiuta), até ao limite do fogo vizinho, possibilitou:

a) obter mais espaço para dormir, vestir e arrumação de roupa de casa, em compartimento autónomo, internamente demarcado em zonas (15,97 m<sup>2</sup>), com abertura exterior para Poente;

b) obter mais espaço para fundir, em sala comum, as funções estar/reunir e comer (16,36 m<sup>2</sup>), também espacialmente organizadas, com abertura directa para o exterior.

---

<sup>1</sup> O Quadro Síntese relativo a estes resultados foi incluído na Secção de Anexos;

<sup>2</sup> Área útil total da cozinha (preparação de refeições + tratamento de roupa)

2. A construção de paredes divisórias interiores permitiu individualizar espaços e ganhar vários compartimentos, de circulação/separação e de higiene pessoal com maior frequência, e para trabalhar (escritório), estar ou de arrumos com menor frequência.

3. A demolição de paredes divisórias de compartimentos possibilitou:

a) ligar fogos distintos, permitindo a majoração da área útil da habitação de 63,83 m<sup>2</sup> para 91,44 m<sup>2</sup> (caso de apropriação parcial de fogo contíguo);

b) juntamente com a construção de escada interior, majorar a área útil de 43,58 m<sup>2</sup> para 172,51m<sup>2</sup> (caso de fusão entre três fogos + sótão);

c) obter mais espaço para fundir, em espaços autónomos, conjuntos de actividades domésticas que antes se encontravam dissociadas. São exemplos os casos das salas comuns (sala de estar + sala de jantar), com áreas entre os 16,36 m<sup>2</sup> e os 32,04 m<sup>2</sup>, e dos quartos de dormir com zonas demarcadas de vestir, com roupeiros (11,99 m<sup>2</sup> a 15,97 m<sup>2</sup>);

d) obter maior número de espaços. De referir, os escritórios (espaços estritamente de trabalho, ou também de estar/reunir e estudar), e especificamente no caso que verifica maior grau de alteração (T5), os quartos de dormir (de 2 para 4), as instalações sanitárias (de 0 para 3), os espaços de arrumos (de 0/1 para 3), de vestir (de 1 para 2) e de prolongamento para o exterior privado (de 1 para 3);

4. O encerramento de vãos interiores verificado como já se disse, em todos os fogos analisados, teve como principais objectivos a individualização e a autonomização dos espaços, permitindo atribuir-lhes privacidade e intimidade, sobretudo aos quartos, espaços privados, de descanso pessoal, que antes comunicavam (possibilitando o atravessamento) directamente com as zonas comuns ou sociais da casa.

O encerramento, a abertura e a realocação de vãos de porta, que se encontram várias vezes associados, atendem às necessidades de reconfiguração espacial interior dos compartimentos em relação directa com a nova organização funcional destes (simultaneidade entre funções, demarcação de zonas, disposição do mobiliário, etc) e também, nalguns casos, à redistribuição dos percursos dentro do sistema espacial global (introdução de novos espaços de mediação/distribuição).

5. A ocupação do sótão é adoptada ou apenas parcialmente para zona de arrumos, acessível através de alçapão, ou totalmente como zona de estar habitável (e também de arrumos), acessível através de escada interior. A apropriação do sótão e a alteração das características construtivas originais (sótão com desvão não habitável) terá influenciado o comportamento térmico do edifício, manifestado obviamente no interior da habitação. Por esse motivo, tornou-se necessário recorrer a equipamentos de climatização artificial.

6. A construção de instalação sanitária em compartimento interior do fogo possibilitou em metade dos casos que verificam este tipo de alteração, a obtenção de mais espaço para higiene

peçoal (4,11m<sup>2</sup> a 6,50m<sup>2</sup>), numa melhor articulação e mais adequada relação de proximidade com os quartos de dormir, e na outra metade, o incremento do número de espaços de higiene pessoal disponíveis.

A avaliação da situação actual ao nível das exigências de habitabilidade procurou ainda explorar o grau de satisfação manifestado pelos utilizadores, em relação não só à residência, como também ao edifício, à rua e ao bairro onde habitam.

Do geral para o particular, foram aferidos os seguintes resultados<sup>1</sup>:

1. Relativamente à área urbana envolvente, mais especificamente, o bairro da Graça, foram considerados razoáveis a óptimos os atributos relacionados com o acesso e movimentação de peões e com a vista proporcionada pela envolvente a partir do interior da habitação, registando-se maior frequência de respostas bom (67%) no caso da acessibilidade e de bom a óptimo (33% + 50%) no caso da vista. Factores como a localização do bairro na cidade de Lisboa e a proximidade a lojas/comércio e a equipamentos colectivos (escolas, igrejas, hospitais), registam uma convergência de respostas positivas na ordem do bom (67%, 100% e 67%, respectivamente). A facilidade de identificação da rua (Vila Berta) dentro do sistema urbano da Graça, por pessoas que a procuram, é considerada razoável a boa (50% + 50%). Os aspectos considerados menos positivos ou mesmo assumidamente negativos correspondem à acessibilidade viária, com 67% a apontarem-na como sendo má e os restantes como razoável, e à servidão de transportes públicos, com 33% no campo mau e 67% no campo razoável. A proximidade a zonas verdes, áreas ao ar livre, de desporto, de animação ou de encontro, suscita também algumas manifestações de descontentamento (50% respostas no campo *mau*).

A totalidade dos inquiridos respondeu *bom* quando lhes foi pedido que classificasse genericamente o seu bairro.

2. Relativamente à rua – Vila Berta – o grau de insuficiência atribuído pelos moradores refere-se ao estacionamento e ao nº de lugares que este oferece ao longo do passeio (na margem de) (83% consideram ser *mau*), à acessibilidade a deficientes motores (com opinião unânime) e à segurança contra roubos e vandalismo (67% revelam sentimento de insegurança). Por outro lado, consideram que a rua se encontra suficientemente iluminada durante o período nocturno. Ao nível das relações de vizinhança, 67% considerou relacionar-se com os seus vizinhos de forma razoável a bom, e os restantes mostraram-se indiferentes, revelando inexistência de interacções entre utilizadores de agregados familiares distintos.

Na amostra total, 83% encontram-se satisfeitos com a rua onde habitam. A resposta negativa deve-se essencialmente às questões de insegurança e de falta de estacionamento.

---

<sup>1</sup> O Quadro Síntese relativo a estes resultados foi incluído na Secção de Anexos;

3. Quanto ao edifício, os indivíduos inquiridos não manifestaram qualquer opinião de profundo desagrado, excepto no que diz respeito ao dimensionamento dos espaços comuns de acesso às habitações (hall de entrada e escadas) para acesso de mobília, macas ou cadeiras de rodas. Nos casos em que responderam ser deficiente a iluminação destas zonas, conclui-se haver uma correspondência com os edifícios Tipo 2, que contrariamente aos restantes, não possuem clarabóia.

4. Finalmente, a residência – o sistema espacial mais próximo do utilizador – à qual genericamente é atribuído um grau de satisfação global positivo (apenas um agregado demonstrou insatisfação, e 67% considerou bom).

São apontadas como variáveis de interesse positivas (com grau de satisfação entre o bom e o óptimo) a orientação solar e a iluminação natural às quais as habitações estão expostas.

A evacuação de cheiros e humidades provenientes das instalações sanitárias é eficazmente realizada em todas as habitações (razoável a bom), enquanto que nas cozinhas se regista a ocorrência de alguns problemas, justificando-se a implementação de medidas artificiais para esse fim.

A nota mais fraca é atribuída ao comportamento térmico da habitação, que se prende naturalmente com as características construtivas do invólucro – o edifício ( o campo mau regista 83% das respostas). Com menor gravidade, mas com capacidade suficiente para afectar o bem estar geral da família, o comportamento acústico (ruídos provenientes da rua e das habitações vizinhas), associado ao invólucro, é na generalidade das situações classificado com nota negativa ou razoável. Apenas um dos casos (Edifício Tipo 3) se considera responder convenientemente às exigências desta natureza.

Os utilizadores revelam-se também relativamente satisfeitos com a relação disponível entre o nº de compartimentos e a dimensão total da habitação, e demonstram adequabilidade entre a tipologia programática do fogo e o nº de pessoas que constituem o agregado familiar.

| CASO DE ESTUDO   | CONSTITUIÇÃO DO AGREGADO FAMILIAR / Nº DE MORADORES | TIPOLOGIA PROGRAMÁTICA |
|--|---|------------------------|
| 1 Fogo 2º piso – Edifício Tipo 1                         | 2   | T4                     |
| 2 Fogo 2º piso – Edifício Tipo 1                         | 2   | T2                     |
| 3 Fogo 1º piso – Edifício Tipo 1                         | 1   | T2                     |
| 4 Fogo 1º piso (+ Fogo 1º piso) – Edifício Tipo 2        | 2   | T2                     |
| 5 Fogo 1º piso (+ 2 Fogos rés-do-chão) – Edifício Tipo 2 | 4   | T5                     |
| 6 Fogo 3º piso – Edifício Tipo 3                         |   |                        |

Fig.143 – Quadro da constituição do agregado familiar e tipologia programática associados aos casos de estudo

Relativamente aos compartimentos individuais e ao seu dimensionamento, a sala corresponde de forma *razoável a bom* (50% + 50%) às exigências actuais, e os quartos, cozinha e

zonas de arrumos, que não geram opinião consensual, variam entre a satisfação e a insatisfação (distributivamente entre o *mau*, *razoável* e *bom*).

No domínio das exigências de uso, especificamente da espaciosidade como indicador da adequação espaço-funcional, procedeu-se a uma breve comparação entre as áreas úteis atribuídas aos espaços, no projecto original<sup>1</sup>, na situação actual<sup>2</sup> e nos regulamentos e estudos sobre dimensionamento e níveis de qualidade da habitação [ (Pedro, 2001) que sintetiza (RGEU Art. 66 – Portugal, 1951; Portas, 1969; Lamure, 1976; MHOP e LNEC 1978<sup>a</sup>; DGAV, 1985) ]. Por falta de dados conclusivos, o Caso de Estudo 6 não foi incluído nesta abordagem.

Os **quartos de dormir, de casal**, revelam nalguns casos a manutenção das áreas originais ( $\approx 8,20 \text{ m}^2$ ). São por isso situações que não respondem aos níveis de qualidade mínimos regulamentares adequados ao sistema de actividades associado (mín.:  $10,50 \text{ m}^2$ ; ópt.:  $12,00 \text{ m}^2$ ). Aqueles que, através da fusão de compartimentos ou ampliação do perímetro original do fogo, conseguiram incrementar a área útil disponível, não só de dormir como também de vestir em zona englobada, ultrapassam largamente as necessidades óptimas, registando áreas de  $15,97 \text{ m}^2$  a  $16,13 \text{ m}^2$ .

Os **quartos de dormir, individuais**, que actualmente englobam em simultâneo as funções estudar e trabalhar, mantêm parcialmente (dentro da amostra) áreas originais entre  $6,50 \text{ m}^2$  a  $7,63 \text{ m}^2$  ou atingem, por reutilização de compartimento existente, os  $8,25 \text{ m}^2$ . Os níveis de qualidade mínimos apontam para áreas de  $5,50 \text{ m}^2 + 1,00 \text{ m}^2$  (dormir + estudar/trabalhar), concluindo-se deste modo que as situações actuais respondem satisfatoriamente às exigências de espaciosidade.

A **sala comum**, que constitui uma inovação perante o sistema funcional original das habitações que distinguia, em espaços isolados, a sala de jantar e a sala de estar ou “saleta”, apresenta áreas úteis na ordem dos  $16,36 \text{ m}^2$  e  $32,04 \text{ m}^2$ . Os níveis de qualidade indicados como mínimos atribuem para uma lotação de 5 pessoas, áreas de  $9,00 \text{ m}^2 + 6,00 \text{ m}^2$  (estar + jantar), e para 9 pessoas,  $15,5 \text{ m}^2 + 10,00 \text{ m}^2$ , ou seja,  $15 \text{ m}^2$  para 5 pessoas e  $25,5 \text{ m}^2$  para 9 pessoas.

Quando a **sala de jantar** se conserva isolada em compartimento próprio, com  $8,25 \text{ m}^2$  a  $10,59 \text{ m}^2$ , responde minimamente às suas exigências funcionais, para uma lotação de 5 pessoas ( $7,00 \text{ m}^2$ ) ou de 8 pessoas ( $10,00 \text{ m}^2$ ).

A **sala de estar**, quando mantém a configuração inicial, com  $4,95 \text{ m}^2$  a  $7,55 \text{ m}^2$ , não satisfaz os níveis de qualidade na primeira situação e satisfaz minimamente, na segunda, para uma lotação de 3 pessoas ( $7,50 \text{ m}^2$ ). Quando sofre ampliação, também por aglutinação de espaços contíguos, contabiliza áreas entre  $15,70 \text{ m}^2$  e  $15,98 \text{ m}^2$ . Estas conseguem responder com nível óptimo para 6 pessoas ( $15,5 \text{ m}^2$ ) ou com nível considerado mínimo para 9 pessoas (*idem*).

---

<sup>1</sup> Quadro de Áreas/Actividades domésticas/Espaço – Situação Original, incluído na Secção de Anexos;

<sup>2</sup> Quadro de Áreas/Actividades domésticas/Espaço – Casos de Estudo, incluído na Secção de Anexos

O espaço da **cozinha**, que mantém as suas funções de preparação de refeições, de tratamento de roupa, e, de forma esporádica, as refeições correntes, vê a sua área útil disponível aumentada, em média, cerca de 1,50 m<sup>2</sup>, alcançando os 6,72 m<sup>2</sup> e os 8,94 m<sup>2</sup>. Este excedente corresponde especificamente à ampliação da zona de tratamento de roupa englobada. Os níveis regulamentares identificam áreas mínimas de 6,50 m<sup>2</sup> + 2,00 m<sup>2</sup> para 3 pessoas (preparação de refeições com refeições correntes + tratamento de roupa) ou de 4,50 m<sup>2</sup> + 2,00 m<sup>2</sup>, também para 3 pessoas, sem contemplar a realização de refeições.

A **instalação sanitária**, que não existia no projecto original, apresenta-se actualmente, em alguns casos, com apenas 1,80, e embora esteja dotada de sanita, lavatório e base de duche, está claramente abaixo dos níveis de qualidade mínimos que fixam os 4,00 m<sup>2</sup> como área mínima de desempenho para a higiene pessoal. Nos outros casos, as instalações sanitárias, implementadas em novos espaços, mais amplos, andam confortavelmente na ordem dos 6,50 m<sup>2</sup>.

Os espaços de **arrecadação** (de despensa, gerais ou de roupa), quando existem, respondem de forma satisfatória aos valores mínimos estabelecidos.

Em síntese:

A **Graça**, dada a sua condição geográfica e topográfica, apresenta um tecido urbano característico, denso, e uma estrutura viária que por adaptação se revela problemática, com pendentes acentuadas e perfis de rua geralmente estreitos. Essa mesma estrutura viária, embora estabeleça relações de proximidade com várias zonas centrais, tradicionais e em desenvolvimento da cidade, nomeadamente com a Baixa, revela várias dificuldades ao nível do desenho e da disciplina da circulação automóvel, dificultando por vezes o próprio movimento pedonal. Com passeios igualmente estreitos, a Graça pertence contudo aos peões. A população residente encontra-se bem servida em termos de comércio/lojas de proximidade, equipamentos colectivos (escolas e igrejas) e também de certa forma, de espaços públicos ao ar livre, de encontro (Largo da Graça e miradouros da Senhora do Monte e da Graça), embora registando um défice de jardins. A servidão de transportes públicos, que corresponde basicamente a um autocarro e a um eléctrico é considerada insuficiente, encontrando apoio sobretudo na zona de Sapadores, a Norte. Por conformar uma das colinas de Lisboa (por sinal, a mais alta), é uma zona privilegiada no que diz respeito ao sistema de vistas que oferece sobre a cidade.





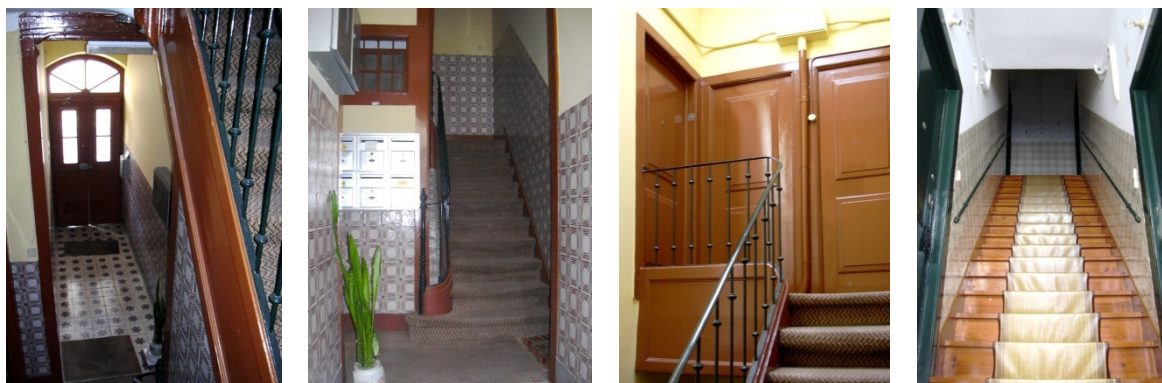
Figs. 144 e 145 – Vistas para o Castelo (à esquerda) e para o Martim Moniz (à direita), do topo da Calçada do Monte

Ao nível do espaço público, a **Vila Berta** apresenta alguns problemas, nomeadamente de estacionamento automóvel para residentes. A **rua** permite o estacionamento de viaturas “estranhas” ao núcleo habitacional ao qual dá serventia, reduzindo dessa forma o escasso número de lugares disponíveis que se desenvolvem apenas junto a um dos passeios. O acesso pedonal a pessoas portadoras de deficiência motora é dificultado pelo declive acentuado das ruas que lhe dão acesso, em ambos os topos – Travessa do Pereira e Rua do Sol à Graça. A falta de interação entre vizinhos encontra-se possivelmente relacionada com a dinâmica familiar contemporânea e com os períodos de permanência, cada vez mais reduzidos e por isso mais isolados, no seu habitat, entre outras condicionantes.



Figs. 146, 147 e 148 – estacionamento na Vila Berta e vistas a montante e a jusante da Travessa do Pereira

Passando ao **edifício** – suporte colectivo de várias habitações e de vários agregados familiares – apontam-se o dimensionamento das zonas comuns que limita o acesso a pessoas portadoras de deficiência física (em cadeira-de-rodas) ou em estado de doença (em maca) e a inexistência de iluminação natural das zonas comuns, especificamente nos edifícios do Tipo 2. Em contrapartida, a componente estética/visual dos edifícios é apontada como atributo de interesse e valorização, capaz de anular alguns aspectos menos positivos que estes acarretam.



Figs. 149, 150, 151 e 152 – zonas comuns dos edifícios Tipo 1 e Tipo 2

Tal como acontece com o edifício, o valor estético consegue anular, sob o ponto de vista de alguns utilizadores, várias características menos satisfatórias da **habitação**. As características mais positivas, que respeitam à exposição solar e à iluminação natural devem-se à implantação Nascente/Poente do conjunto, teoricamente óptima. No Caso de estudo 6, a habitação contempla os quatro pontos cardeais. A ventilação cruzada da habitação é em todos os casos possível, e é por esse motivo um factor fundamental no processo natural de arrefecimento dos espaços durante os períodos quentes do ano. A satisfação demonstrada em relação às dimensões disponíveis das salas, dos quartos e das áreas de arrumos contemplam já as situações de ampliação espacial através da fusão de dois ou mais compartimentos originais. As instalações sanitárias, incluindo aquelas que se localizam em divisão interior, respondem adequadamente às exigências de evacuação de cheiros e humidades.

## CONCLUSÃO

### CAPÍTULO 7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS E DESENVOLVIMENTOS FUTUROS

O objectivo principal traçado para o presente trabalho consistiu na demonstração da viabilidade de utilização e reabilitação das vilas operárias – conjuntos urbanos de alojamento para operários dos finais do séc. XIX e inícios do séc. XX. Entendeu-se, para esse fim, ser fundamental colocar em evidência a sua importância enquanto testemunho histórico e urbanístico do crescimento da cidade e enquanto marco de vivências sociais específicas, mas também identificar a situação real e as condições de habitabilidade que podem (ou não) oferecer.

Como forma de enquadramento do objecto de estudo, procedeu-se a uma breve caracterização da situação geral actual das vilas operárias na cidade de Lisboa, com vista a oferecer alguns dados sobre a sua localização e forma de inserção na estrutura urbana.

Conclui-se que grande parte corresponde a zonas urbanas expectantes (nos casos do Vale de Chelas e do Vale de Alcântara), conotadas ainda com o período da Industrialização, e a graves situações de degradação e de desajuste urbano e construtivo, que obrigam a repensar a sua capacidade de sobrevivência e de adaptabilidade face às exigências habitacionais contemporâneas.

Este assunto, dada a sua significativa abrangência, constitui neste trabalho apenas uma breve constatação, cujo interesse poderá aliciar outros desenvolvimentos futuros no âmbito do tema das vilas operárias.

A presente dissertação concentra-se sobretudo na análise do espaço doméstico e na forma como este consegue ou não responder às solicitações actuais do habitar contemporâneo.

Especificamente, pretendeu-se identificar e caracterizar formas de intervir sobre um exemplo construído concreto, recorrendo-se a um estudo de caso, designadamente, a Vila Berta, situada na freguesia da Graça. A estratégia adoptada incluiu a análise e a avaliação do desempenho espacial e funcional das habitações, bem como a caracterização da evolução dos modos de habitar e o estudo da adaptação do espaço construído em termos de satisfação das exigências funcionais domésticas.

Com efeito, pode delinear-se uma inércia evolutiva generalizada a todas as habitações, que procurou responder ao problema central destas – a inexistência, no projecto original, de instalações sanitárias. A gaiuta precária e a pia de despejos subjacente deram lugar a pequenas marquises que surgiram, de forma mais ou menos regrada nuns casos, e noutros de forma totalmente espontânea, sobre o alçado tardo dos conjuntos, justificando mais tarde, já na última década do séc. XX, uma tentativa (parcialmente concretizada) de uniformização da imagem posterior do conjunto. De referir que à Vila Berta estiveram sempre associadas preocupações relativas à manutenção da traça original, dos aspectos estéticos e construtivos do invólucro

edificado, que lhe atribuem genuinidade e originalidade dentro do tecido urbano da cidade de Lisboa e em comparação com outras construções da mesma época.

A generalização dos resultados tem em consideração as limitações de ordem temporal e oficial da amostra, que contempla apenas seis casos de estudo. No entanto, sublinhe-se o facto de esta constituir um grupo bastante diversificado no que respeita às soluções de intervenção adoptadas.

As alterações identificadas nas habitações nem sempre correspondem às alterações realizadas pelo actual morador. Estas, cujo período de vida útil abrange já cerca de uma centena de anos, foram sofrendo, conforme as necessidades daqueles que as ocuparam, transformações de ordem diversa, desde a colocação de estores exteriores em detrimento das portadas interiores em madeira, substituição de caixilharias, dos pavimentos e revestimentos de madeira originais, até à demolição/construção pontual de paredes divisórias interiores, alteração/ampliação do alçado e zonas posteriores, e ainda o encerramento, abertura ou alteração de vãos.

Quanto às obras realizadas pelos actuais moradores, contemplam-se na generalidade dos casos a substituição das redes de abastecimento de água, gás e esgotos, a manutenção, implicando tratamento e pintura, de caixilharias, portas interiores (e também de entrada no fogo), pavimentos e revestimentos de madeira. A substituição dos revestimentos dos pavimentos e/ou paredes respeitam à remodelação das instalações sanitárias e das cozinhas.

Relativamente às alterações com maior grau de importância, i. e., cujas consequências se manifestam ao nível do espaço e da utilização funcional deste, identificam-se o encerramento de vãos de porta, como forma de reduzir o extremo grau de acessibilidade dos compartimentos originais, a demolição de paredes divisórias interiores como forma de fundir e desse modo ampliar espaços e sistemas de actividades domésticas, e a abertura ou realocação de vãos interiores quando a reorganização e reconfiguração destes assim o justifique e quando se pretenda redistribuir os percursos dentro do sistema espacial global. A construção de paredes divisórias verificadas nalguns casos, permitiu individualizar espaços e ganhar vários compartimentos, de circulação/separação, de higiene pessoal, para trabalhar, estar ou de arrumos.

As fachadas e vãos respectivos não sofreram alterações.

São de referir os casos de apropriação parcial de fogo contíguo e de fusão entre pisos, com o objectivo de incrementar a área disponível e/ou o número de compartimentos da habitação original ou de transformar a própria tipologia programática.

A substituição da gaiuta e consequente ampliação do perímetro original da habitação permitiu a construção de instalações sanitárias e/ou zonas para o tratamento de roupa, em prolongamento com o espaço da cozinha. A extensão desta ampliação até aos limites do fogo vizinho, possibilitou aumentar o espaço disponível para zonas mais amplas de dormir+vestir e de estar+jantar (sala comum). Nos casos que registam a localização da i.s. na zona posterior da casa, acessível pela cozinha, verifica-se uma certa desarticulação funcional entre esta e os espaços de dormir, privados, que normalmente se voltam para a ala principal (em contacto com a rua).

A construção de instalação sanitária em compartimento interior do fogo possibilita a obtenção de mais espaço para higiene pessoal, numa melhor articulação e mais adequada relação de proximidade com os quartos de dormir.

A ocupação do sótão é adoptada apenas parcialmente para zona de arrumos, acessível através de alçapão, ou totalmente como zona de estar habitável (e também de arrumos), acessível através de escada interior.

A evolução das tendências domésticas que aqui se regista, embora apenas em alguns casos, prende-se com a tentativa de isolar os sectores domésticos público, privado e de serviços, quando possível, através de espaços mediadores/de separação, tornar mais amplos os quartos de dormir que englobam em si próprios zonas de vestir, as instalações sanitárias (nalguns casos), e as zonas comuns, sociais, de convívio, do espaço doméstico. Na generalidade, assiste-se à fusão do espaço isolado de jantar, destinado às refeições formais ou também correntes, com o espaço isolado de estar/reunir e receber. O resultado é um espaço sempre mais amplo, que promove simultaneidade ao nível das actividades domésticas em grupo, e desse modo, novas relações físicas e visuais entre os elementos constituintes da família e/ou entre estes – residentes - e os visitantes.

A avaliação da situação actual ao nível das exigências de habitabilidade procurou ainda explorar o grau de satisfação manifestado pelos utilizadores, em relação não só à residência, como também ao edifício, à rua e ao bairro onde habitam.

Os principais problemas, ou aspectos menos positivos, registados ao nível da residência prendem-se com o comportamento térmico e acústico dos edifícios. O dimensionamento dos compartimentos (que nalguns casos representam já ampliações) e a relação quantitativa destes com a área útil total do fogo são considerados suficientes para os agregados ou estruturas familiares (normalmente de pequena dimensão) que os habitam. Como aspectos positivos, identificam-se a implantação Nascente/Poente do conjunto, que torna possível o processo de ventilação cruzada do fogo e também boas condições de orientação solar e de iluminação dos espaços confinantes com as fachadas.

A componente estética/visual do conjunto edificado (Vila Berta) é apontada como atributo de interesse e de valorização, capaz de anular alguns aspectos menos positivos das residências e dos próprios edifícios.

Os principais problemas dos edifícios respeitam ao dimensionamento das zonas comuns que limita o acesso a pessoas portadoras de deficiência física (em cadeira-de-rodas) ou em estado de doença (transportadas em maca).

Quanto à rua, são de referir o défice de lugares de estacionamento para os residentes da Vila e o dificultado acesso pedonal a pessoas portadoras de deficiência motora pelo declive acentuado das ruas que lhe dão acesso em ambos os topos.

A população residente encontra-se bem servida em termos de comércio/lojas de proximidade, equipamentos colectivos (escolas e igrejas) e também de certa forma, de espaços públicos ao ar livre, de encontro (Largo da Graça e miradouros da Senhora do Monte e da Graça).

Conclui-se que a Vila Berta enquanto conjunto urbano portador de características semelhantes a um dos tipos de habitação operária dos finais do séc. XIX e inícios do séc. XX emergentes em Lisboa – a vila operária – consegue responder minimamente, com pontuais limitações (especificamente no que diz respeito à incompatibilidade física com a circulação de pessoas portadoras de deficiência motora) através de algumas acções de intervenção e consequente manutenção, às solicitações actuais do habitar contemporâneo. Julga-se contudo importante implementar tentativas de correcção ou de atenuação, na medida do possível, aos principais problemas construtivos dos edifícios (dentro dos constatados), nomeadamente aqueles que dizem respeito ao seu comportamento térmico e acústico.

## BIBLIOGRAFIA

Associação dos Arquitectos de Lisboa - *Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa*. Lisboa: ASSOCIAÇÃO DOS ARQUITECTOS DE LISBOA, 1987.

BAIRD, G. Et al. – *Building Evaluation Techniques*. New York: McGraw Hill, 1996.

CALADO, Maria, FERREIRA, Vítor Matias – *Lisboa – Freguesia da Graça*. Lisboa: Contexto Editora, Lda, Novembro de 1993.

Câmara Municipal de Lisboa, Direcção dos Serviços de Habitação – Gabinete dos Estudos Olissiponenses. *Estudo dos Pátios e Vilas da Cidade de Lisboa, Proposta Conjunta*. Lisboa: CML – DSH/GEO, Abril de 1988.

Câmara Municipal de Lisboa, Divisão de Reabilitação Urbana dos Pátios e Vilas - *Roteiro Cultural dos Pátios e Vilas da Sétima Colina*, Lisboa 94 – Capital Europeia da Cultura. Lisboa: Contexto, 1994.

Câmara Municipal de Lisboa – Pelouro da Cultura – Divisão de Arquivos - *Actas das Sessões – I Colóquio Temático, 8 a 11 de Março de 1995 – O Município de Lisboa e a Dinâmica Urbana (séculos XVI-XIX)*. Lisboa: CML – IM, 1995.

CASTRO, Laura, SILVA, Raquel Henriques da – *História da Arte Portuguesa, Época Contemporânea*. Lisboa: Universidade Aberta, 1997.

CLODE, Maria Ana, PATO, Lúcia Vaz, GINETE, António – *Exigências Funcionais das Construções*. Lisboa: IST – UTL, 2004, pp 52-60.

DIAS, Joaquim Mendonça, FERREIRA, Jorge M. Rodrigues, SANTOS, Maria Manuela Dias dos, BRAGA, Pedro M. B. Diniz Ferreira - *Estudo dos Pátios e Vilas da Cidade de Lisboa – Manual do Inquiridor*. Lisboa: CML - D.S.H. – G.E.O., Maio de 1988.

Federal Facilities Council. *Learning from our buildings. A State of the Practice Summary of Post-Occupancy Evaluation*. Federal Council Technical Report, nº145. Washington, DC: National Academy Press, 2001.

FERNANDES, José Manuel - *Lisboa em Obra(s)*. Lisboa: Livros Horizonte, Novembro de 1997.

FERREIRA, Joana Diogo - *Os Pátios Palacianos de Lisboa: Estratégias de Intervenção em Edifícios de Habitação Operária*, Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Construção. Lisboa: IST, UTL, Setembro de 2002.

FERREIRA, Jorge M. Rodrigues, BISCAYA, Carlos – *São Domingos de Benfica – Roteiro*. 1ªedição. Lisboa: Junta de Freguesia de Sao Domingos de Benfica, 1990.

FURTADO, Mário - *Do antigo sítio de Xabregas*. 1ªedição. Lisboa: Vega, Colecção Memória de Lisboa, 1997.

GODINHO, Rui - *Dotar as vilas de condições de habitabilidade*. Alcântara - Boletim da Junta de Freguesia, n.º7, Lisboa: Junta de Freguesia de Alcântara, Nov./Dez. de 1992.

GODINHO, Rui - *Reabilitação urbana em Lisboa – Um novo conceito de ambiente urbano*. Poder Local - Revista de Administração Democrática, n.º108, Lisboa: Setembro de 1991.

Grupo de Trabalho e Estudo dos Pátios e Vilas da Cidade de Lisboa - *Conjuntos urbanos antigos: Pátios e vilas considerados património com interesse*. Lisboa: CML, 1990.

HEITOR, Teresa. *Estudos Espaço Funcionais*. Programa de disciplina apresentado para Provas de Agregação em Arquitectura. Lisboa: IST, UTL, Maio de 2007.

HENRIQUE, António - *Pátios e Vilas de Campolide*. Lisboa: Junta de Freguesia de Campolide, 1993.

LEITE, Ana Cristina, VILHENA, João Francisco - *Pátios de Lisboa: Aldeias entre muros*. Edições Gradiva, 1991.

NEREU, Sílvia – *Evolução das exigências funcionais da habitação – Um ensaio de aplicação ao Parque das Avenidas Novas*. Dissertação para obtenção do grau de mestre em construção. Lisboa: IST – UTL, 2001.

ORNSTEIN. S., ROMÉRO.M. *Avaliação Pós-Ocupação do Ambiente Construído*. São Paulo: Studio Nobel, EDUSP, 1992.

PACHECO, José Sebastião – *Roteiro da Cidade de Lisboa*. 2ªedição. Lisboa: Livraria Académica, 1919.



PEREIRA, Nuno Teotónio - *Pátios e Vilas de Lisboa, 1870/1930 – A promoção privada do alojamento operário*. Lisboa: Fevereiro de 1993.

PEREIRA, Nuno Teotónio, BUARQUE, Irene - *Prédios e Vilas de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, Setembro de 1995.

PIEIDADE, Canha da – *Introdução à Construção de edifícios*. Curso de formação/reciclagem. Fundação para a formação contínua em Engenharia Civil. Lisboa: IST – UTL, 1997, pp 24-32.

PREISER, VISHNER – *Assessing Building Performance*. Elsevier, Oxford, 2005.

REIS, António – *Portugal Contemporâneo*. Lisboa: Publicações Alfa, S.A. Volume III, 1990.

RODRIGUES, Maria João Madeira - *Tradição, Transição e Mudança – A produção do espaço urbano na Lisboa oitocentista*. Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa, 1979.

RODRIGUES, Maria João Madeira – *Vilas Urbanas na Graça e Penha de França*. Lisboa: Centro Nacional de Cultura, Novembro de 1981.

ROMÉRO, M. A., ORNSTEIN, S. W. . *Avaliação Pós-Ocupação. Métodos e Técnicas Aplicados à Habitação Social*. São Paulo: Faculdade de Arquitectura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Associação Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, 2003.

SALGUEIRO, Teresa Barata - *Habitação Operária em Lisboa*. Lisboa: 1981.

SILVA, Augusto Vieira da – *Plantas Topográficas de Lisboa*. Lisboa: CML, 1950

VIEIRA, Alice – *Esta Lisboa*. Lisboa: Editorial Caminho, S.A., 1993.

VOORDT, D.J.M and Wegen, H.B.R – *Architecture in use*. Amsterdam: Architectural Press, 2005.

ZEIZEL. *Inquiry by Design: Tools for Environment Behavior Research* MIT Press. Cambridge, 1995.

## **FONTES DOCUMENTAIS**

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA. Gabinete de Estudos Olissiponenses.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA. Arquivo Intermédio.

<http://maps.live.com/> [2008].

<http://lisboainteractiva.cm-lisboa.pt/> [2008].







# CATÁLOGO – VILAS OPERÁRIAS EM LISBOA

## LISTA

|  | ID  | VILA | LOCALIZAÇÃO                             | FREGUESIA   | DATA DE CONSTRUÇÃO           |           |
|--|-----|------|---|---|------------------------------|-----------|
|  | D4  | 1    | Vila Açoreana                           | Rua Dom Carlos Mascarenhas, 90                    | Campolide                    | 1900      |
|  | C5  | 2    | Vila Adelaide                           | Rua Gil Vicente, 17                               | Alcântara                    |           |
|  | D5  | 3    | Vila Adélia (1)                         | Rua Maria Pia, 144                                | Santo Condestável            |           |
|  | C5* | 4    | Vila Adélia (2)                         | Rua Dom João de Castro, 62                        | Alcântara                    |           |
|  | D5  | 5    | Vila Agostinho Lourenço                 | Rua Guilherme Anjos, 1                            | Santo Condestável            |           |
|  | F4  | 6    | Vila Alegre (1)                         | Rua Barão Sabrosa, 101-A                          | São João                     |           |
|  | H2  | 7    | Vila Alegre (2)                         | Rua da Centieira, 11                              | Santa Maria dos Olivais      |           |
|  | E5* | 8    | Vila Alegre (3)                         | Travessa do Pé de Ferro, 24                       | Santos-o-Velho               |           |
|  | F4* | 9    | Vila Alegre (4)                         | Rua Gonçalves Crespo, 1                           | São Jorge de Arroios         |           |
|  | D4  | 10   | Vila Almeida (1)                        | Rua Particular à Rua do Arco do Carvalhão         | Campolide                    | 1890      |
|  | D4  | 11   | Vila Almeida (2)                        | Rua de Campolide, 84                              | Campolide                    | 1870      |
|  | F5* | 12   | Vila Almeida (3)                        | Rua Marquês Ponte de Lima, 13                     | Socorro                      |           |
|  | D4  | 13   | Vila Alves (1)                          | Travessa das Imãzinhas dos Pobres                 | Campolide                    |           |
|  | D4  | 14   | Vila Alves (2)                          | Travessa de Campo de Ourique, 33                  | Santo Condestável            |           |
|  | F4  | 15   | Vila Amaral                             | Rua Mestre António Martins, 29                    | Penha de França              |           |
|  | D4  | 16   | Vila Amaranite                          | Rua Particular 2 à Calçada da Quintinha           | Campolide                    | 1890      |
|  |     | 17   | Vila (ou Pátio) Amaro Conde             | Rua do Olival, 116                                | Prazeres                     |           |
|  | D5  | 18   | Vila Amélia                             | Rua Possidónio da Silva, 122                      | Prazeres                     |           |
|  | G4* | 19   | Vila Amélia Gomes                       | Rua Alves Paiva Fragoso, Ft ao 2                  | Beato                        | 18??      |
|  | B3* | 20   | Vila Ana e Vila Vitória                 | Estrada de Benfica, 674                           | Benfica                      |           |
|  | F3  | 21   | Vila Antunes (ou Antunes Fernandes)     | Travessa Henrique Cardoso, 81                     | Alvalade                     |           |
|  | F3* | 22   | Vila Áspera                             | Rua Alves Torgo, 346                              | Alto da Pina                 |           |
|  | D4  | 23   | Vila Aurora                             | Rua de São Jacob, 589                             | Campolide                    | 1900      |
|  | E4* | 24   | Vila (ou Pátio do) Bagateia             | Travessa Léguas da Póvoa, 9/Rua Artilharia Um, 51 | São Mamede                   | 1879/1890 |
|  | F4  | 25   | Vila Baptista                           | Rua Sabino de Sousa, 59                           | São João                     |           |
|  | C5  | 26   | Vila Barata                             | Rua Gil Vicente, 7                                | Alcântara                    |           |
|  | D5  | 27   | Vila Barros                             | Rua Maria Pia, 244                                | Santo Condestável            |           |
|  | F5* | 28   | Vila Berta                              | Rua do Sol a Graça, 55 a 59                       | Graça                        | 1902/1908 |
|  | D4* | 29   | Vila Borba                              | Rua General Taborda, 26                           | Campolide                    | 1890      |
|  | B5  | 30   | Vila da Boa Alma                        | Travessa Paulo Martins, 38                        | Ajuda                        |           |
|  | D4  | 31   | Vila Cabaço                             | Rua Particular 2 (Calçada da Quintinha)           | Campolide                    | 1900      |
|  | D5* | 32   | Vila Cabrinha (ou Pátio Cabrinha)       | Rua Fábrica da Pólvora, 143                       | Alcântara                    | 1878 e    |
|  | F4* | 33   | Vila Cândida                            | Avenida General Roçadas, 24                       | Penha de França              | 1912/1915 |
|  | F4  | 34   | Vila Cardoso                            | Rua António Luís Inácio, 12                       | São João                     |           |
|  | F4* | 35   | Vila Carmo Dias                         | Rua Sabino de Sousa, 45                           | São João                     |           |
|  | F4* | 36   | Vila Celarina                           | Rua Escola do Exército, 32                        | Anjos                        |           |
|  | F4* | 37   | Vila Celeste                            | Rua Professor Celestino Costa 15 e 18             | Penha de França              | 1910      |
|  | B3* | 38   | Vila Dantas Ripamonti                   | Rua Ernesto da Silva, 20                          | Benfica                      |           |
|  | G4* | 39   | Vila Dias                               | Beco dos Toucinheiros, 12-B                       | Beato                        | 1888      |
|  | E5  | 40   | Vila Doroteia                           | Rua das Trinas, 61                                | Santos-o-Velho               |           |
|  | G4* | 41   | Vila (da) Bela Vista                    | Rua Alves Paiva Fragoso, 65                       | Beato                        | 18??      |
|  | E4* | 42   | Vila (do) Alto do Mearim                | Rua do Salitre, 82                                | Coração de Jesus             |           |
|  | F5* | 43   | Vila (do) Castelo                       | Escadinhas da Costa do Castelo, 7                 | São Cristóvão e São Lourenço |           |
|  | E5  | 44   | Vila do Jardim Botânico                 | Rua da Alegria, 102                               | São José                     | 1902      |
|  | G4* | 45   | Vila Emília (1)                         | Rua Gualdim Pais, 104                             | Beato                        | 193?      |
|  | D4* | 46   | Vila Emília (2)                         | Calçada dos Mestres, 31                           | Campolide                    | 1880      |
|  | D3* | 47   | Vila Fernandes (ou Botto)               | Estrada da Luz, 36-42                             | São Domingos de Benfica      |           |
|  | E5  | 48   | Vila Fernandes (ou Pátio dos Caldeiros) | Rua dos Prazeres, 49                              | Mercês                       |           |
|  | D4  | 49   | Vila Fernandes Lopes                    | Rua de Campo de Ourique, 81                       | Santa Isabel                 |           |
|  | D5  | 50   | Vila Ferreira                           | Rua Saraiva de Carvalho, 93                       | Lapa                         |           |
|  | G4* | 51   | Vila Flamiano                           | Largo Marquês de Nisa, 5                          | Beato                        | 1887/1888 |
|  | F4* | 52   | Vila Gadanho                            | Rua Castelo Branco Saraiva, 38                    | Penha de França              | 1907/1908 |
|  | F4  | 53   | Vila Glória                             | Rua Capitão Renato Baptista, 52                   | Anjos                        |           |
|  | F4* | 54   | Vila Gomes                              | Rua Marques da Silva, 47                          | Penha de França              | 1901/1908 |
|  | D5  | 55   | Vila Gonçalves                          | Rua Maria Pia, 156                                | Santo Condestável            |           |
|  | H1  | 56   | Vila Gouveia (2)                        | Estrada de Moscavide, 46                          | Santa Maria dos Olivais      |           |
|  | D5  | 57   | Vila Graciete                           | Rua Maria Pia, 288 e 356                          | Santo Condestável            |           |

# CATÁLOGO – VILAS OPERÁRIAS EM LISBOA

## LISTA

|     |     |  |   |                         |           |
|-----|-----|--|---|-------------------------|-----------|
| C3* | 58  | Vila (ou bairro) Grandella               | Estrada de Benfica,417-419, Rua Francisco Grandella           | São Domingos de Benfica | 1904/1907 |
| F4  | 59  | Vila Guilherme Rodrigues                 | Rua Heliodoro Salgado, 48                                     | Penha de França         |           |
|     | 60  | Vila Irene (1)                           | Rua Cruz de Alcântara, 95                                     | Alcântara               |           |
| F5  | 61  | Vila Irene (2)                           | Escadinhas do Monte, 5  | Graça                   |           |
| D5  | 62  | Vila José Martins                        | Travessa dos Prazeres, 11                                     | Santo Condestável       |           |
| F5* | 63  | Vila Júlia                               | Calçada Agostinho de Carvalho, 8                              | Socorro                 |           |
| F4* | 64  | Vila Leonor (1)                          | Travessa de São Bernardino, 19                                | Pena                    |           |
| G4* | 65  | Vila Leonor (2)                          | Estrada de Chelas, 152  | Beato                   |           |
| G4* | 66  | Vila Lopes                               | Rua Lopes, 3  | São João                |           |
| F4* | 67  | Vila Luis José Nunes                     | Rua Cidade da Horta, 6  | São João                |           |
| F4* | 68  | Vila Luz                                 | Rua Pascoal de Melo, 111                                      | São Jorge de Arroios    | 18??      |
| F5* | 69  | Vila Luz Pereira                         | Travessa do Jordão, 18  | Socorro                 | 1881/1882 |
| G4* | 70  | Vila Macieira                            | Calçada dos Barbadinhos, 140-A a 140-D                        | Santa Engrácia          | 1907      |
|     | 71  | Vila Mafra                               | Rua Maria Pia, 513  | Santo Condestável       |           |
| D4  | 72  | Vila Maia                                | Rua Particular 2 à Calçada da Quintinha, Letras AM            | Campolide               | 1900      |
| F5* | 73  | Vila Maria (1)                           | Rua de São Gens, 23   | Graça                   | 1908/1910 |
| D5  | 74  | Vila Maria (2)                           | Rua Possidónio da Silva, 89                                   | Prazeres                |           |
| F4  | 75  | Vila Maria Antónia                       | Rua Cruz da Carreira, 26                                      | Pena                    |           |
| G4* | 76  | Vila Maria Luisa                         | Calçada Dom Gastão, 12  | Beato                   |           |
| B5  | 77  | Vila Maria da Luz                        | Estrada de Pedro Teixeira, 76                                 | Ajuda                   |           |
| E5* | 78  | Vila Martel                              | Rua das Taipas, 55  | São José                | 1909      |
| B5  | 79  | Vila Martins (1)                         | Calçada do Galvão, 151  | Santa Maria de Belém    |           |
| D4  | 80  | Vila Martins (2)                         | Rua Conde das Antas, 34                                       | Campolide               | 1890      |
| D4  | 81  | Vila Martins (3)                         | Rua do Arco de Carvalhão, 298A                                | Santo Condestável       |           |
| D4  | 82  | Vila Marques (1)                         | Rua Maria Pia, 551  | Santo Condestável       |           |
| B5  | 83  | Vila Marques (2) (ou Pátio do Marquês)   | Calçada da Memória, 46  | Ajuda                   |           |
| F4* | 84  | Vila Marques (3)                         | Rua Barão de Sabrosa, 110 e 112                               | São João                |           |
| D4  | 85  | Vila Marques (4)                         | Rua General Taborda, 18                                       | Campolide               |           |
| D5* | 86  | Vila Matos (1)                           | Rua Maria Pia, 48 e 56  | Prazeres                |           |
| F4* | 87  | Vila Mendonça (1)                        | Rua Cidade da Horta, 46                                       | São Jorge de Arroios    |           |
| E5  | 88  | Vila Mendonça (2)                        | Rua de Santo Amaro,10   | Santa Isabel            |           |
| D4  | 89  | Vila Moreira                             | Rua Inácio Pardelhas Sanchez, 113                             | Campolide               | 1930      |
| D4  | 90  | Vila Mota (1)                            | Rua Soares dos Reis, 8  | Campolide               | 1887      |
| E5  | 91  | Vila Mota (2)                            | Rua da Páscoa, 60   | Santa Isabel            |           |
| F4* | 92  | Vila Musgueira                           | Rua Barão de Sabrosa, 65                                      | São João                |           |
| D5* | 93  | Vila Neves                               | Rua Maria Pia, 92   | Santo Condestável       |           |
| B5  | 94  | Vila Nova                                | Calçada do Galvão, 139  | Santa Maria de Belém    |           |
| D5  | 95  | Vila Pacheco                             | Rua Possidónio da Silva, 142                                  | Prazeres                |           |
| F4* | 96  | Vila Paulo                               | Travessa Rebelo Silva, 11-A                                   | São Jorge de Arroios    | 192?      |
| H3* | 97  | Vila Pereira (1) (ou Prédio Santos Lima) | Rua do Açúcar, 24-50; Rua Pereira Henriques, 2-6              | Beato                   | 1887      |
| D5  | 98  | Vila Pereira (2) (ou Pátio Junça)        | Rua Possidónio da Silva, 90                                   | Prazeres                |           |
| F4  | 99  | Vila Piedade                             | Rua Heróis de Quionga, 60                                     | Penha de França         | 1910      |
| E5* | 100 | Vila Pinheiro (ou Pátio do Broas)        | Calçada da Bica Grande, 2                                     | São Paulo               |           |
| F4  | 101 | Vila Prazeres                            | Rua da Bela Vista à Graça, 118                                | Graça                   |           |
| F4  | 102 | Vila Queiroz                             | Rua Maria, 56   | Anjos                   |           |
| D5* | 103 | Vila Ramos                               | Rua Maria Pia, 120  | Santo Condestável       |           |
| E4* | 104 | Vila Raul                                | Rua Professor Sousa da Câmara,130-134, Rua Aviador Plácido de | Campolide               | 1890      |
| F4* | 105 | Vila Rodrigues (1)                       | Rua da Senhora da Glória, 142                                 | Graça                   | 1902      |
| F4  | 106 | Vila Rodrigues (2)                       | Rua da Bombarda, 52   | Anjos                   |           |
| C5  | 107 | Vila Rodrigues (3)                       | Rua Aliança Operária, 8                                       | Alcântara               |           |
| D4* | 108 | Vila Romão da Silva                      | Rua Professor Sousa da Câmara,138                             | Campolide               | 1900      |
| F4* | 109 | Vila Rosário (1)                         | Rua da Penha de França, 138                                   | Penha de França         | 1902/1908 |
| D5  | 110 | Vila Rosário (2)                         | Travessa do Bahuto, 37  | Santo Condestável       |           |
| C5  | 111 | Vila Santana                             | Rua Dom João de Castro, 25-A / Rua do Cruzeiro, 31            | Ajuda                   |           |
|     | 112 | Vila Santo António                       | Rua da Junqueira, 30  | Alcântara               | 1895      |
| E3* | 113 | Vila Santos (1)                          | Campo Pequeno, 74   | Nossa Senhora de Fátima | 1930/1931 |
| D4  | 114 | Vila Santos (2)                          | Calçada da Quintinha, 13                                      | Campolide               |           |
| D4  | 115 | Vila Santos (3)                          | Rua Inácio Pardelhas Sanchez, 123                             | Campolide               |           |
| F5  | 116 | Vila Serra Fernandes                     | Travessa da Pena, 15A   | Pena                    |           |
|     | 117 | Vila Silvério                            | Rua Marques da Silva, 2A                                      | Penha de França         |           |
| B5  | 118 | Vila Simão                               | Estrada de Pedro Teixeira, 84                                 | Ajuda                   |           |
| F4  | 119 | Vila Saraiva                             | Calçada Poço dos Mouros, 7                                    | Penha de França         |           |

# CATÁLOGO – VILAS OPERÁRIAS EM LISBOA

## LISTA

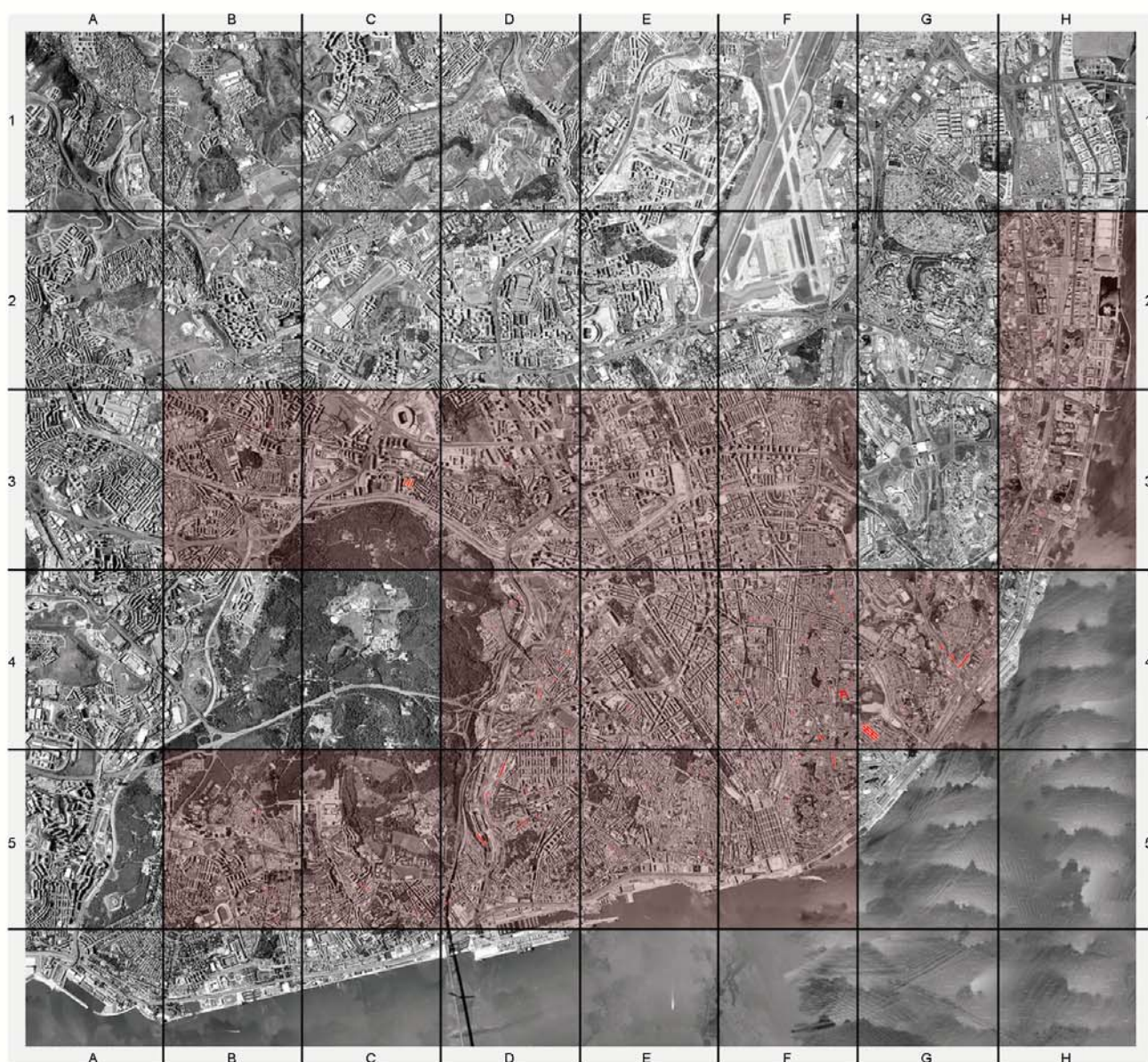
|     |     |                                    |  |                   |           |
|-----|-----|------------------------------------|--|-------------------|-----------|
| F5* | 120 | Vila Sousa (1) (ou Tomaz da Costa) | Largo da Graça, 82   | Graça             | 1889      |
| D4  | 121 | Vila Sousa (2)                     | Rua do Arco de Carvalhão, 206  | Santo Condestável |           |
| F4  | 122 | Vila Tavares                       | Rua Andrade, 38  | Anjos             |           |
| F4  | 123 | Vila Tavares Dias                  | Rua Cruz da Carreira, 43   | Pena              |           |
|     | 124 | Vila Teixeira                      |  | Alcântara         | 1924      |
| D5* | 125 | Vila (do) Tijolo                   | Rua Possidónio da Silva, 19-33   | Prazeres          | 1891      |
| C5  | 126 | Vila Vital Teixeira                | Rua Filinto Elísio, 17   | Alcântara         |           |
| D5  | 127 | Vila Vitória                       | Rua Possidónio da Silva, 63  | Prazeres          |           |
| D5  | 128 | Vila (1) (ou Pátio Grilo)          | Rua Possidónio da Silva, 180   | Prazeres          |           |
| D5* | 129 | Vila (2) (ou Pátio das Barracas)   | Rua Infantaria Dezasseis, 46   | Santo Condestável | 18??      |
| C5  | 130 | Vila (3) (ou Pátio do Caldeireiro) | Calçada de Santo Amaro, 24   | Alcântara         |           |
| B5  | 131 | Vila (4) (ou Pátio do Baptista)    | Rua João de Castilho, 11   | Ajuda             |           |
| D4  | 132 | Vila (5)                           | Rua B, 93A, Bairro da Liberdade  | Campolide         |           |
| D5* | 133 | Vila (6)                           | Rua 1º de Maio, 15-71, Rua Rodrigues Faria                                   | Alcântara         | 1873      |
| H3* | 134 | Vila (7)                           | Rua Fernando Palha, 1-5-9-11-15-23   | Beato             | 1917/1918 |
| H3* | 135 | Vila (8)                           | Rua Vale Formoso de Cima, 169 A  | Marvila           |           |
| F4* | 136 | Bairro Estrela d'Ouro              | Rua Josefa Maria, Rua Rosalina, Rua Virginia                                 | Graça             | 1907/1908 |
| G4* | 137 | Bairro Operário dos Barbadinhos    | C. Dos Barbadinhos, Ruas Bartolomeu da Costa, Afonso Domingues, M. De Castro | Santa Engrácia    | 1890/1891 |
|     | 138 | Bairro Clemente Vicente            |  |                   |           |





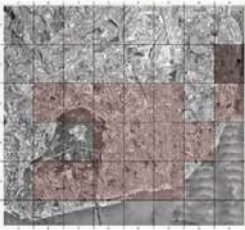
# CATÁLOGO - VILAS OPERÁRIAS EM LISBOA

## MAPA GERAL DE LOCALIZAÇÃO



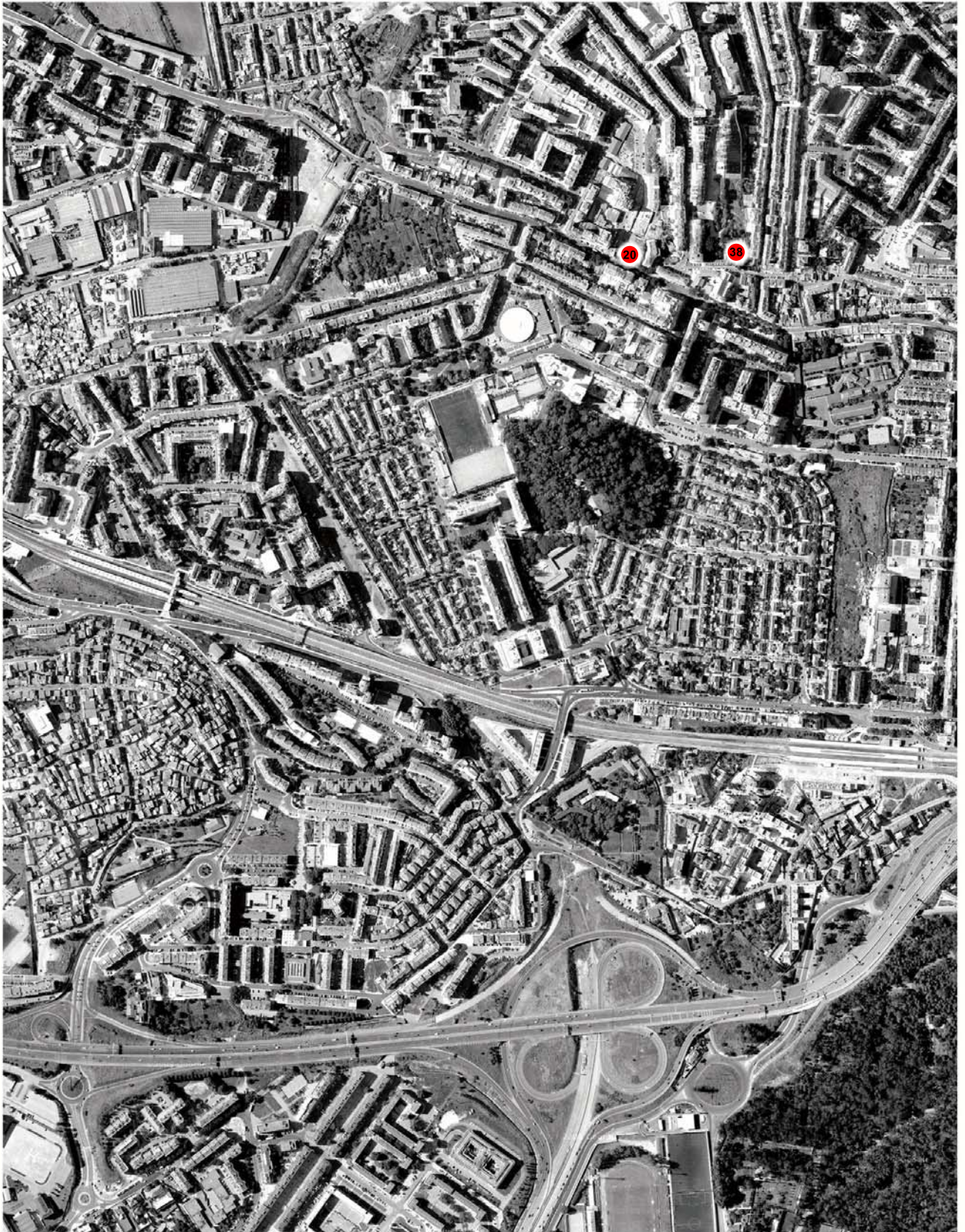
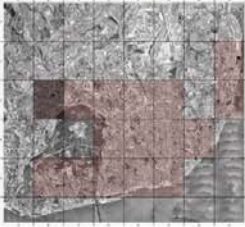






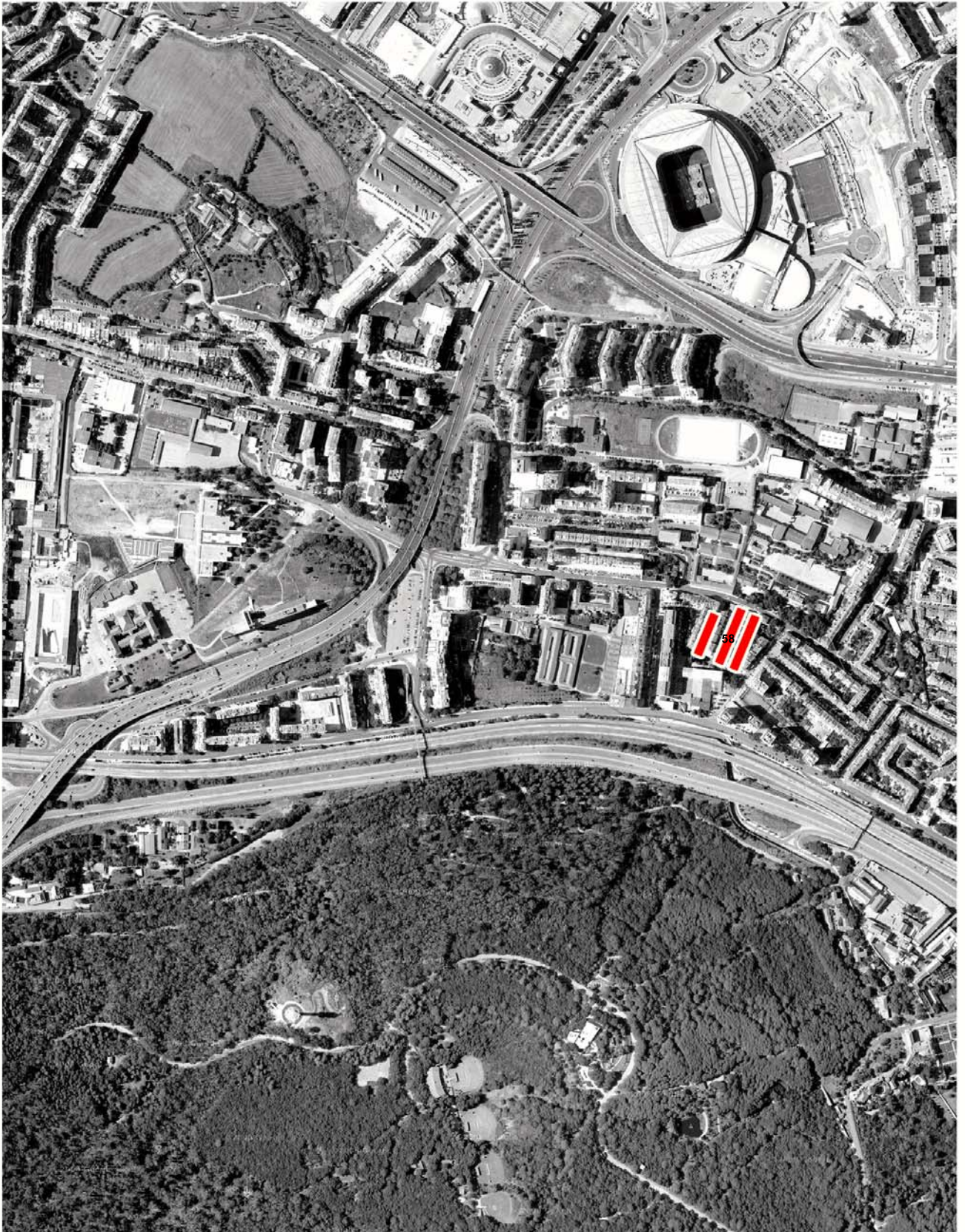
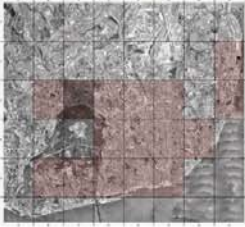






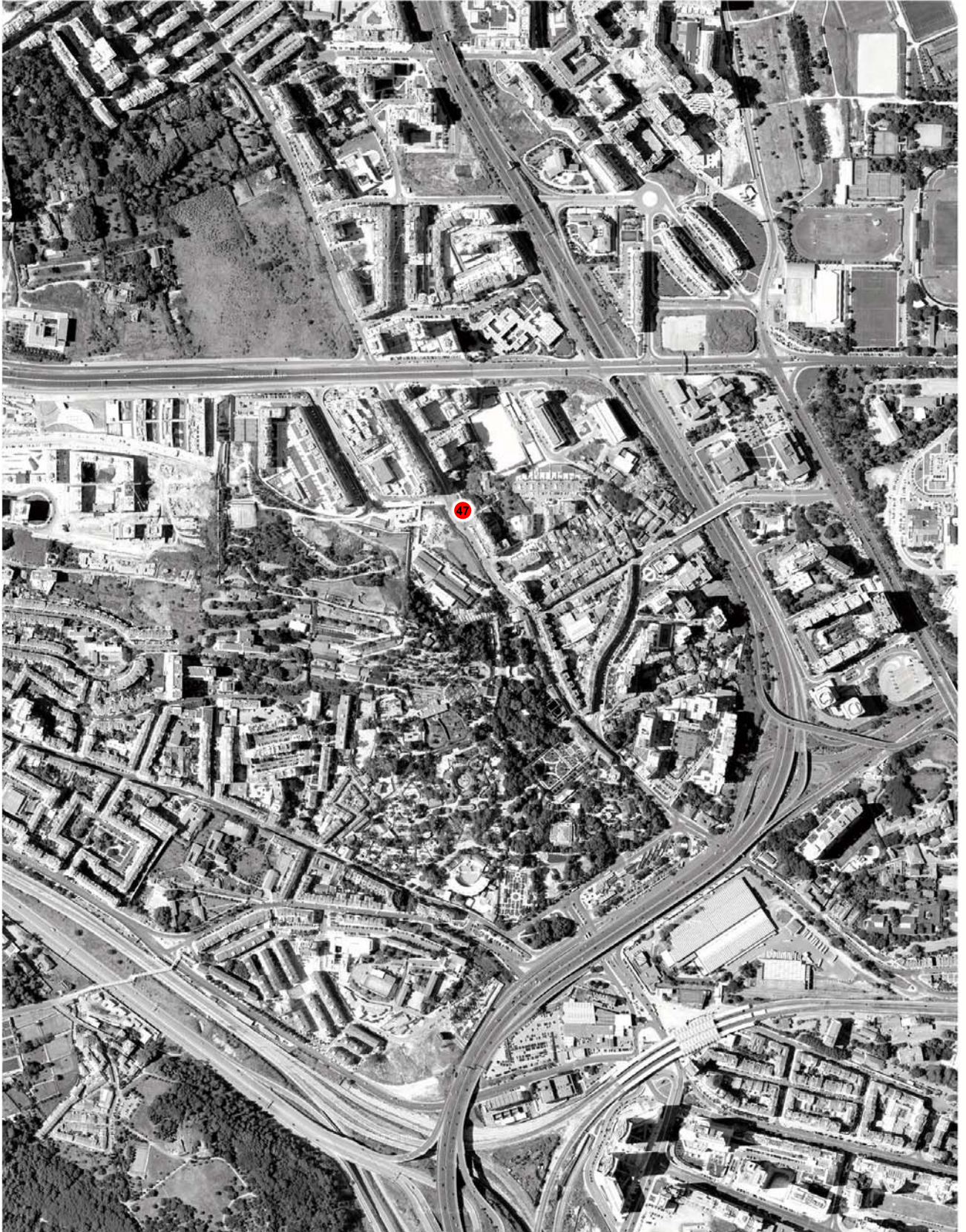
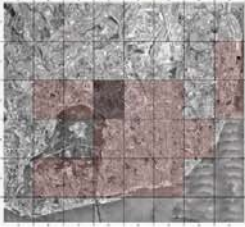






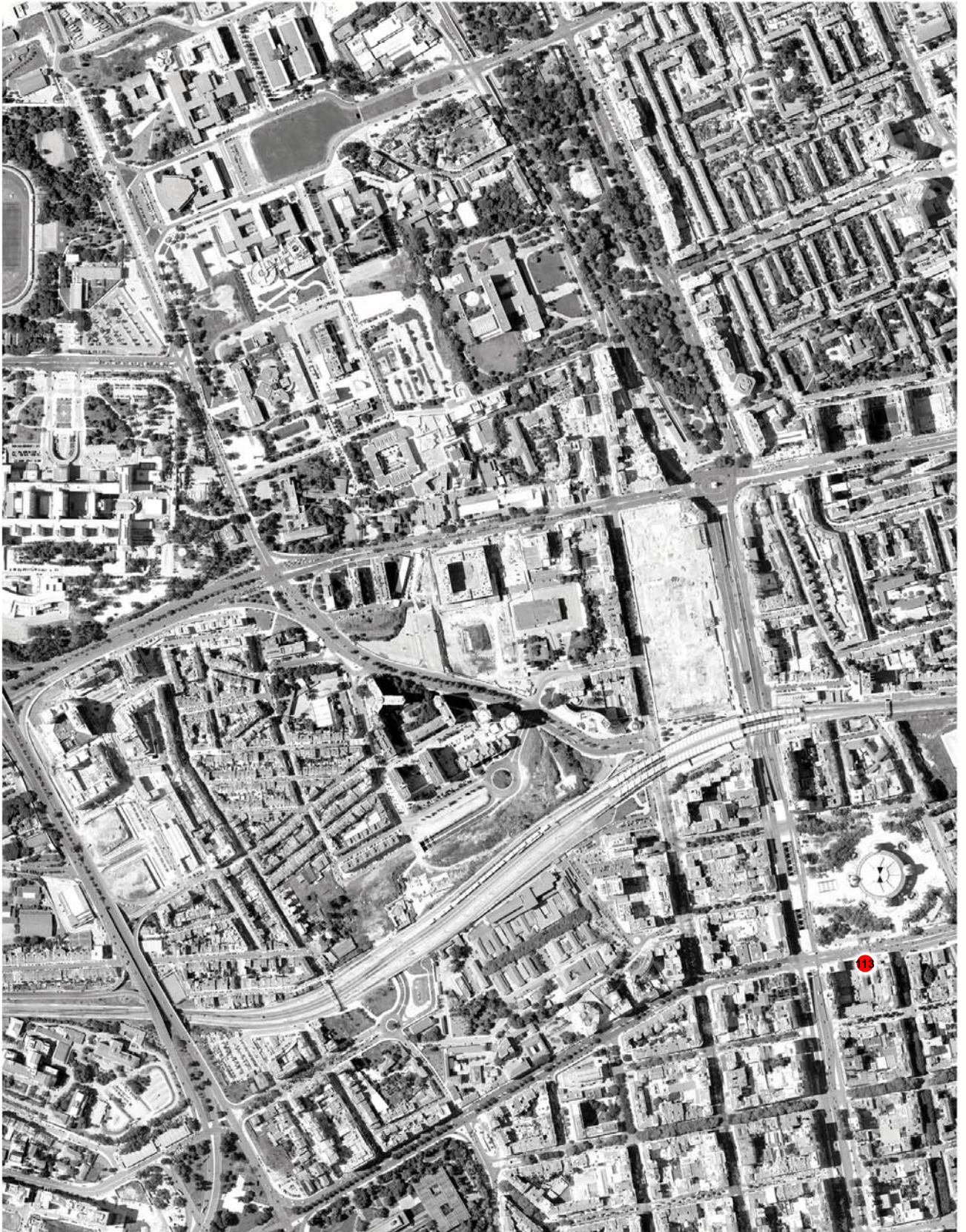
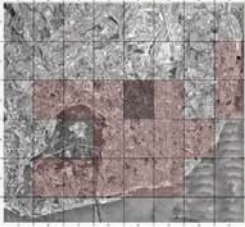






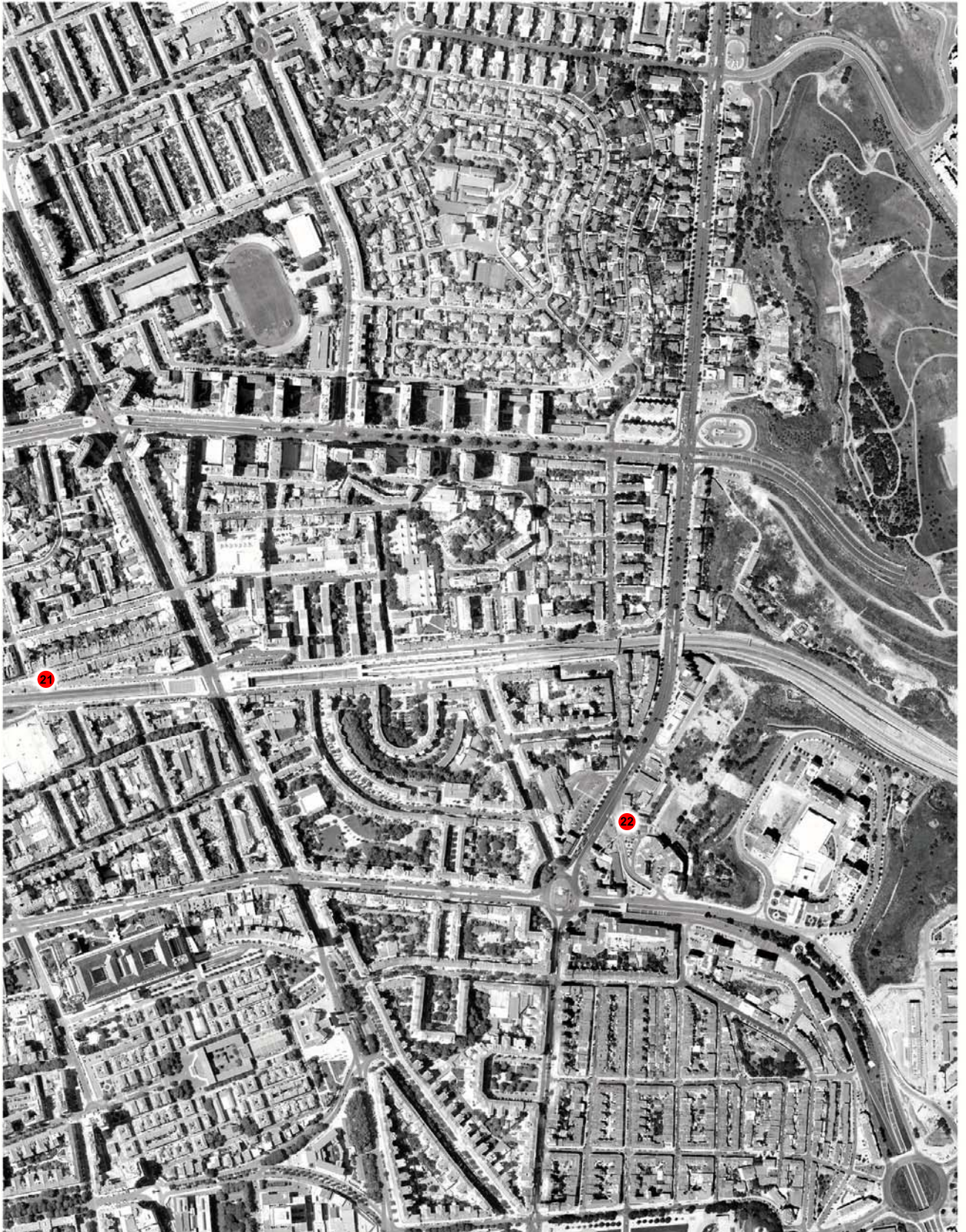
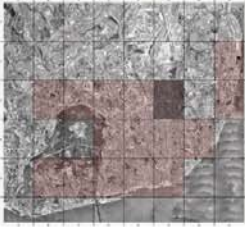






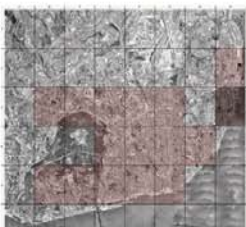










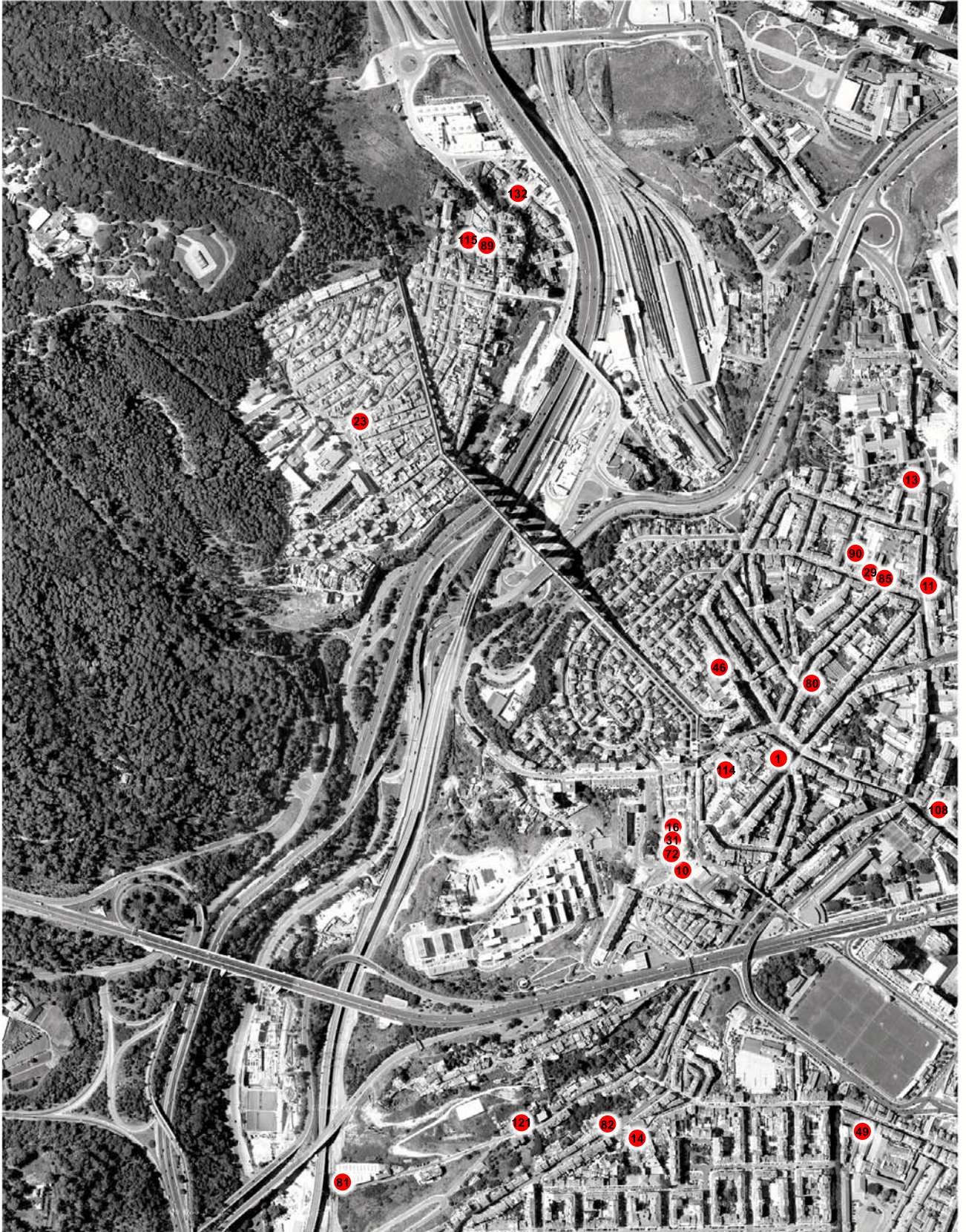
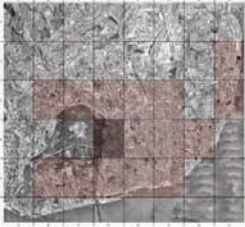


H3



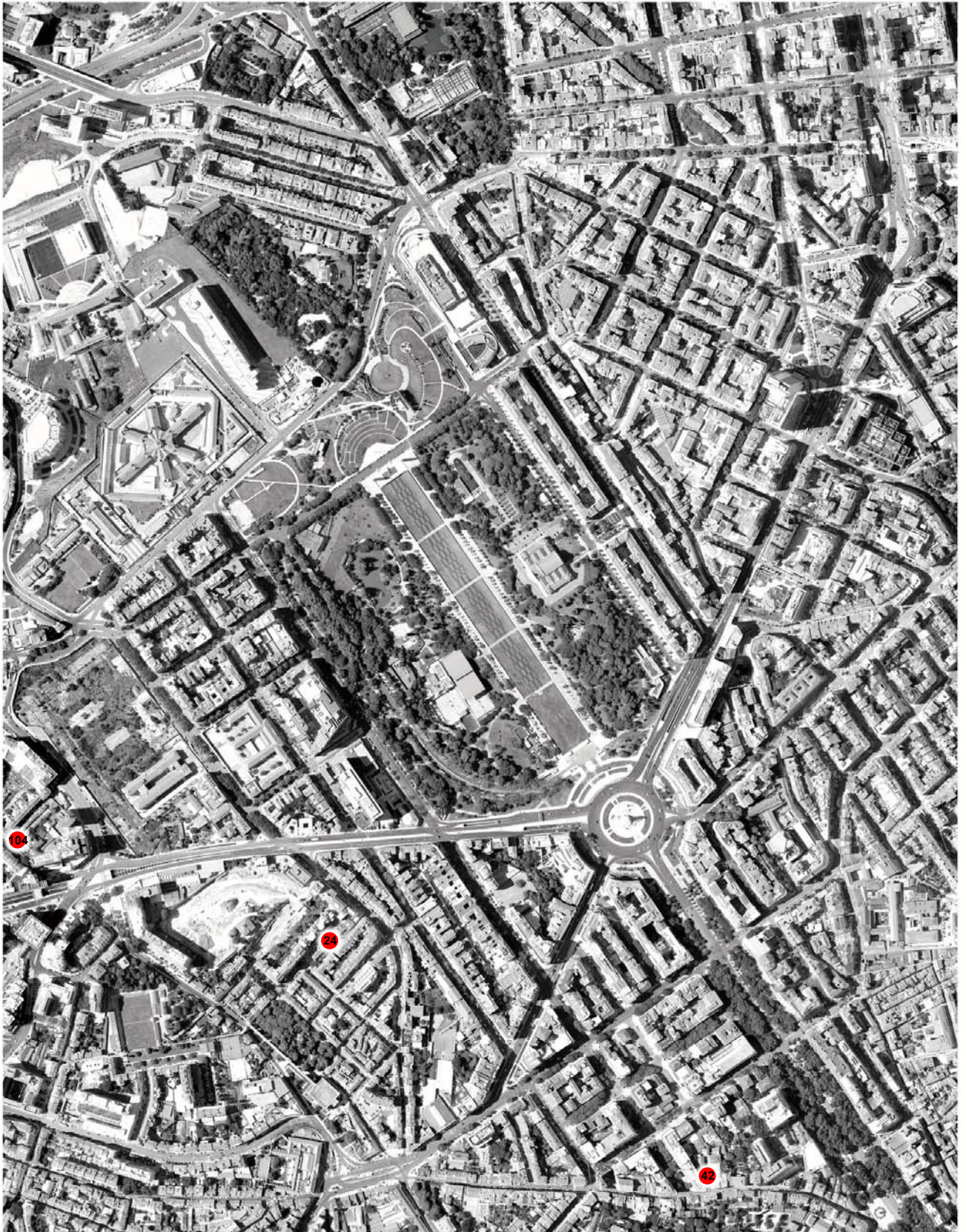
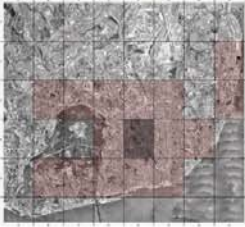






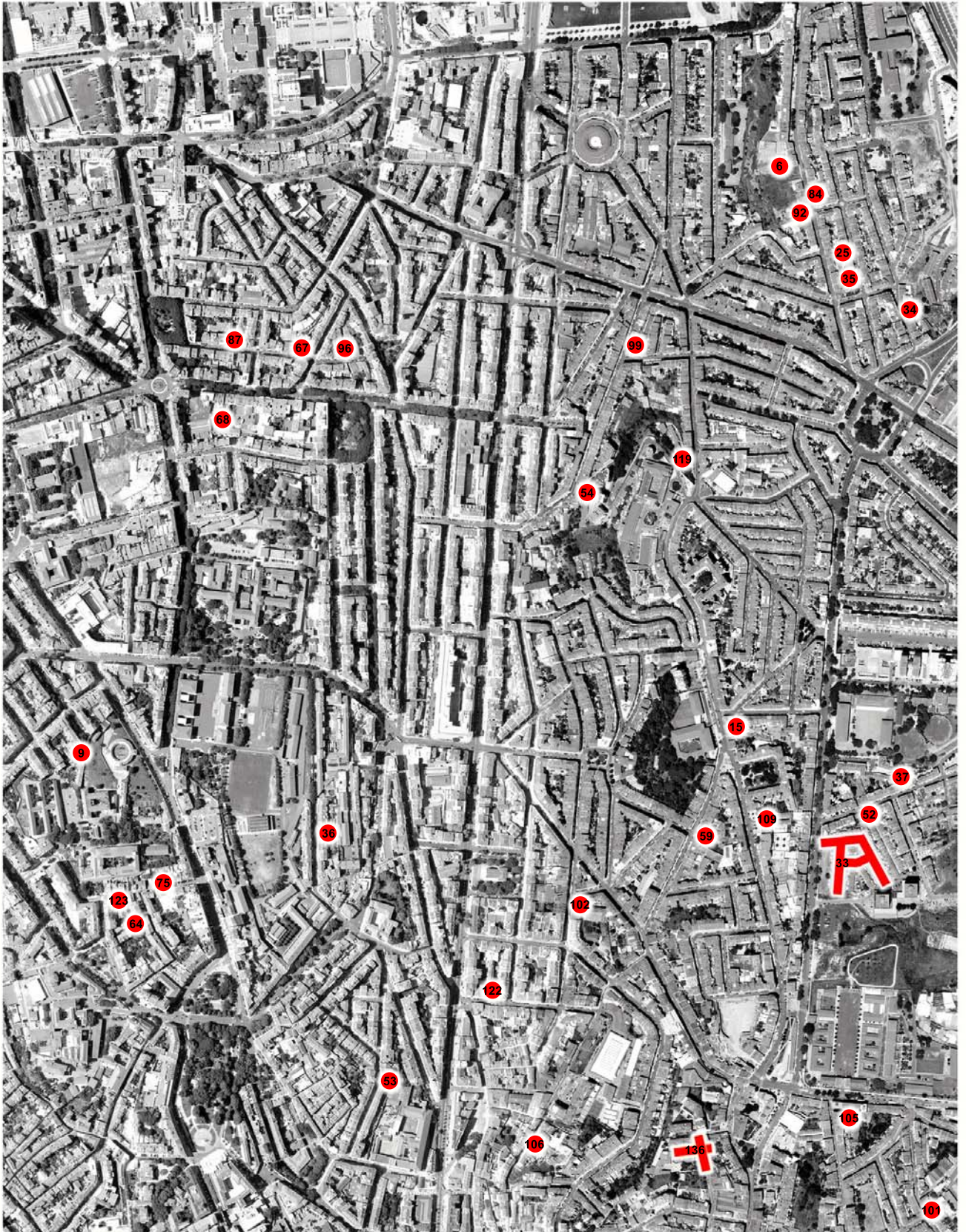
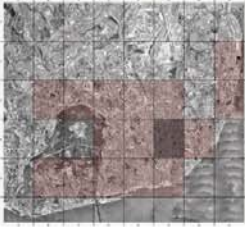






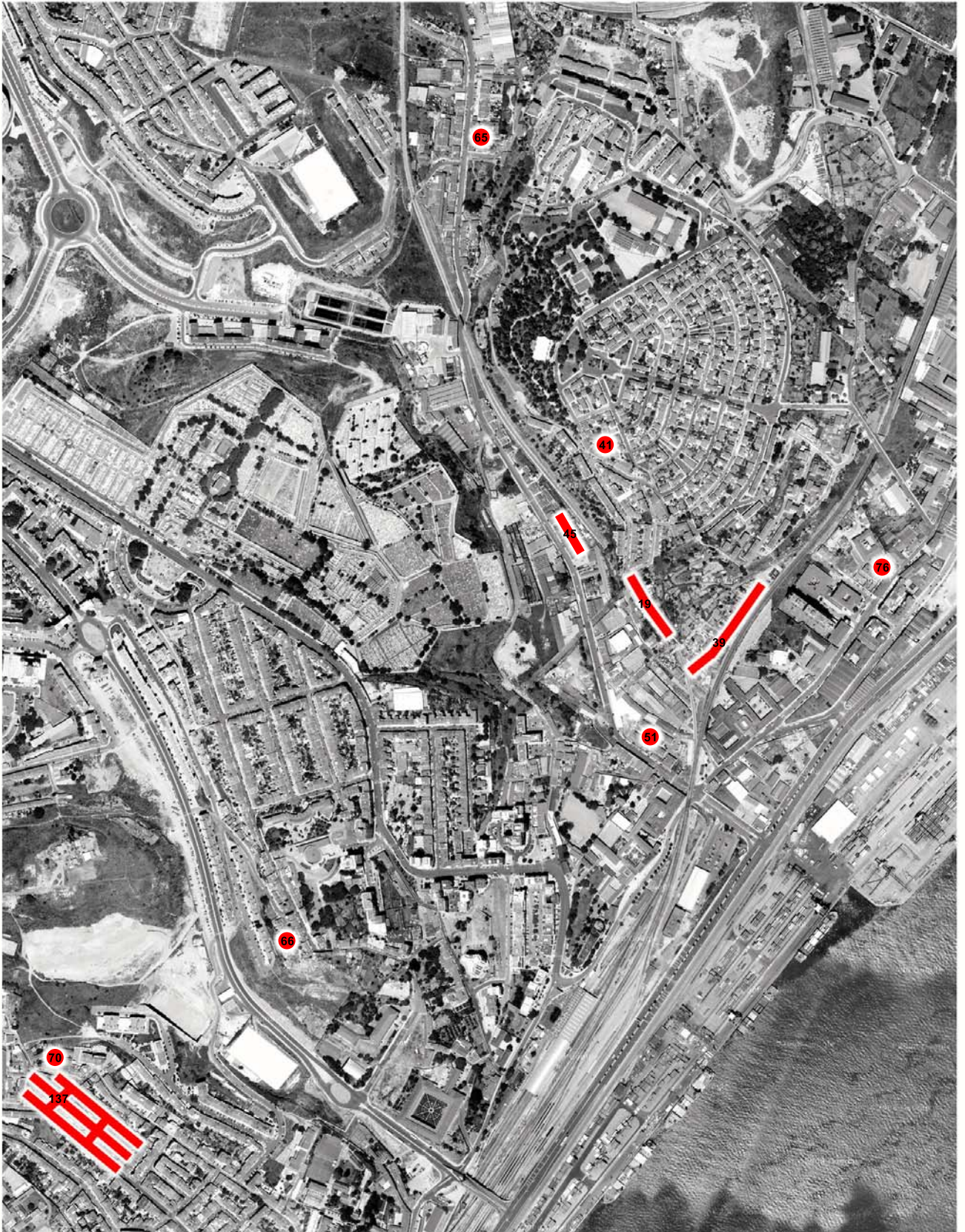
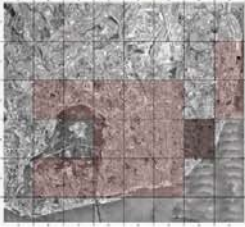






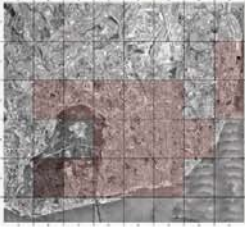






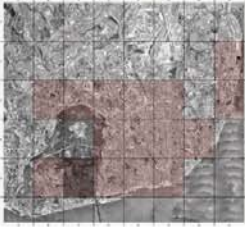






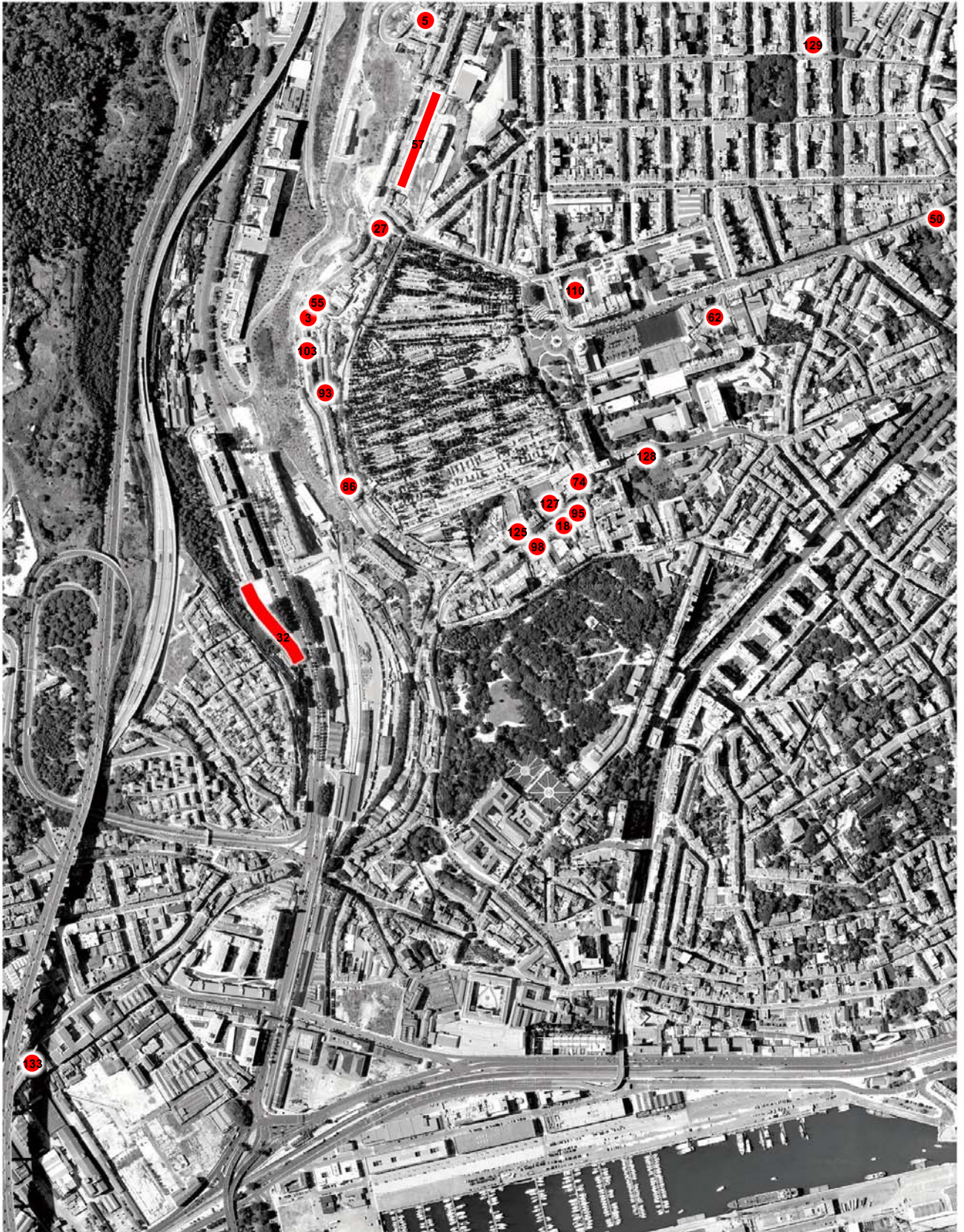
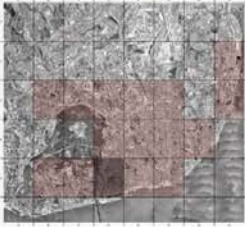






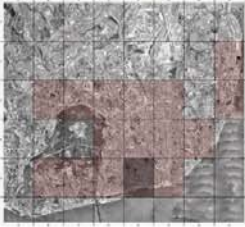






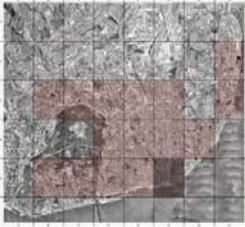






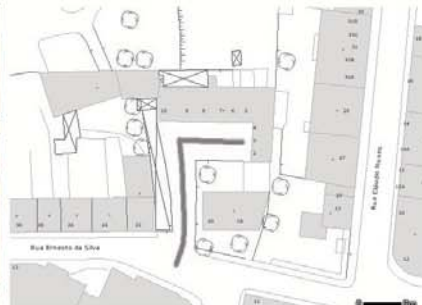
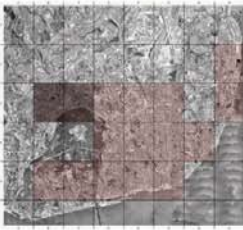












VILA DANTAS RIPAMONTI

38

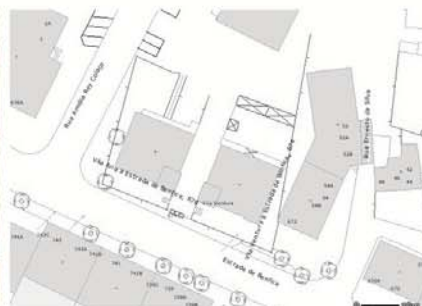
FREGUESIA Benfica

TIPOLOGIA URBANA forma pátio\*

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL

VALOR PATRIMONIAL móvel (IMP)



VILA ANA E VILA VENTURA

20

FREGUESIA Benfica

TIPOLOGIA URBANA

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL

VALOR PATRIMONIAL interesse (1990), imóvel (IMP),  
monumento (IPA, IHRU)



VILA (OU BAIRRO) GRANDELLA

58

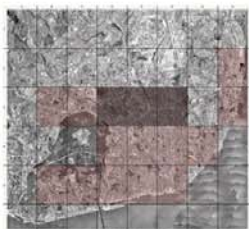
FREGUESIA São Domingos de Benfica

TIPOLOGIA URBANA de escala urbana, unidades de habitação hori-  
zontal

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação, creche

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação, biblioteca-museu

VALOR PATRIMONIAL interesse (1990), conjunto (IMP),  
classificado (IIP)



# CATÁLOGO - VILAS OPERÁRIAS DE LISBOA

## INSERÇÃO URBANA

# D3 / E3 / F3



### VILA FERNANDES (OU BOTTO) 47

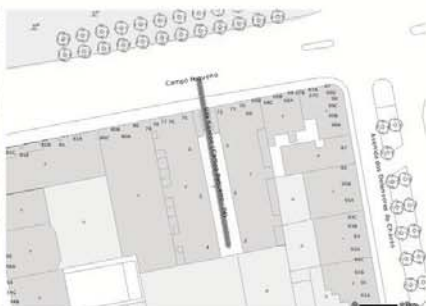
FREGUESIA São Domingos de Benfica

TIPOLOGIA URBANA construída atrás de prédio, de ocupação simétrica formando pátio em corredor, com acesso à ilharga do prédio através de corredor lateral descoberto\*

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL

VALOR PATRIMONIAL



### VILA SANTOS (1) 113

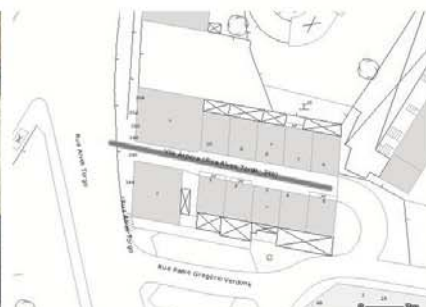
FREGUESIA Nossa Senhora de Fátima

TIPOLOGIA URBANA forma pátio, alongado, em forma de corredor com duas correntezas de edificações, com frente para a via pública

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação, comércio

VALOR PATRIMONIAL interesse (1990), conjunto (IMP), monumento (IPA, IHRU), em vias de classificação



### VILA ÁSPERA 22

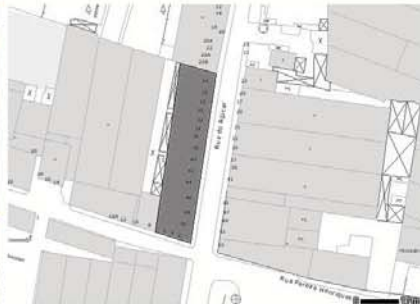
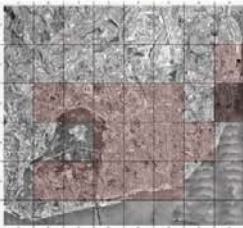
FREGUESIA Alto do Pina

TIPOLOGIA URBANA forma pátio, alongado, em forma de corredor com duas correntezas de edificações, com frente para a via pública

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL

VALOR PATRIMONIAL



VILA PEREIRA (OU PRÉDIO SANTOS LIMA) 97

FREGUESIA Beato

TIPOLOGIA URBANA acompanha a via pública (correnteza), edifício alongado género correnteza, directamente ligada à produção

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação, indústria / armazenagem

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação, serviços, administrativa (Associação de Cicloturismo de Lisboa)

VALOR PATRIMONIAL



VILA (7) 134

FREGUESIA Beato

TIPOLOGIA URBANA acompanha a via pública (correnteza), edifício alongado género correnteza, directamente ligada à produção

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação, indústria / armazenagem

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação, serviços

VALOR PATRIMONIAL



VILA (8) 135

FREGUESIA Marvila

TIPOLOGIA URBANA construída atrás de prédio, de ocupação simétrica formando pátio em corredor, com acesso a eixo do lote, através de corredor descoberto \*

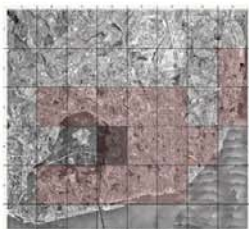
UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL

VALOR PATRIMONIAL

\* actualmente, sobrevive apenas um dos dois edifícios que originalmente rematavam o conjunto sobre a rua





VILA BORBA 29

FREGUESIA Campolide

TIPOLOGIA URBANA construída atrás de prédio, de ocupação simétrica formando pátio em corredor, com acesso através de passagem em arco sob o prédio

UTILIZAÇÃO ORIGINAL

UTILIZAÇÃO ACTUAL

VALOR PATRIMONIAL



VILA EMÍLIA (2) 46

FREGUESIA Campolide

TIPOLOGIA URBANA construída atrás de prédio, de ocupação simétrica formando pátio em corredor, com acesso através de passagem em arco sob o prédio

UTILIZAÇÃO ORIGINAL

UTILIZAÇÃO ACTUAL

VALOR PATRIMONIAL



VILA ROMÃO DA SILVA 108

FREGUESIA Campolide

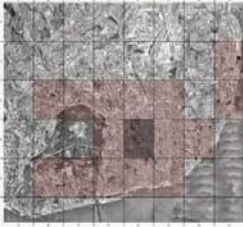
TIPOLOGIA URBANA forma pátio, do tipo pátio

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL

VALOR PATRIMONIAL





VILA (OU PÁTIO) DO BAGATELA 24

FREGUESIA São Mamede

TIPOLOGIA URBANA forma pátio, alongado, com uma correnteza de edificações\*

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação, comércio

VALOR PATRIMONIAL interesse (1990), monumento (IPA, IHRU)



VILA (DO) ALTO MEARIM 42

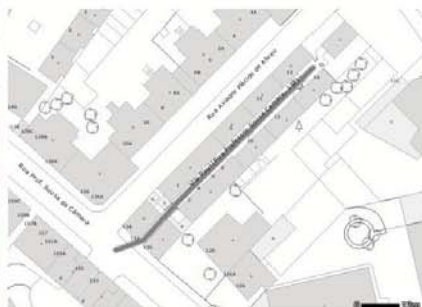
FREGUESIA Coração de Jesus

TIPOLOGIA URBANA forma pátio, alongado, em forma de corredor \*

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL

VALOR PATRIMONIAL interesse (1990), imóvel (IMP)



VILA RAUL 104

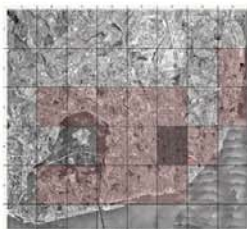
FREGUESIA Campolide

TIPOLOGIA URBANA construída atrás de prédio, de ocupação simétrica formando pátio em corredor, com acesso a eixo do lote, através de corredor descoberto

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL

VALOR PATRIMONIAL



**VILA ALEGRE (4)** 9

FREGUESIA São Jorge de Arroios

TIPOLOGIA URBANA

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação

VALOR PATRIMONIAL



**VILA CÂNDIDA** 33

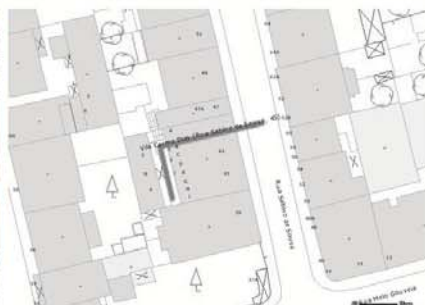
FREGUESIA Penha de França

TIPOLOGIA URBANA de escala urbana, unidades de habitação horizontal

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação, equipamentos

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação, equipamentos

VALOR PATRIMONIAL interesse (1990), conjunto (IMP)



**VILA CARMO DIAS** 35

FREGUESIA São João

TIPOLOGIA URBANA construída atrás de prédio, de ocupação simétrica formando pátio (com apenas uma correnteza de edificações), com acesso através de passagem em arco sob o prédio

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL

VALOR PATRIMONIAL



**VILA CELARINA** 36

FREGUESIA Anjos

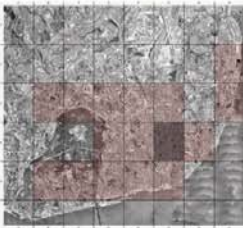
TIPOLOGIA URBANA construída atrás de prédio, de ocupação simétrica formando pátio em corredor (com apenas uma correnteza de edificações), com acesso através de passagem em arco sob o prédio

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL

VALOR PATRIMONIAL interesse (1990), conjunto (IMP)





VILA CELESTE 37

FREGUESIA Penha de França

TIPOLOGIA URBANA forma pátio, alongado, em forma de corredor, com duas correntezas de edificações\*

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação

VALOR PATRIMONIAL interesse (1990), conjunto (IMP)



VILA GADANHO 52

FREGUESIA Penha de França

TIPOLOGIA URBANA forma pátio, alongado, em forma de corredor, com duas correntezas de edificações

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação

VALOR PATRIMONIAL conjunto (IMP)



VILA GOMES 54

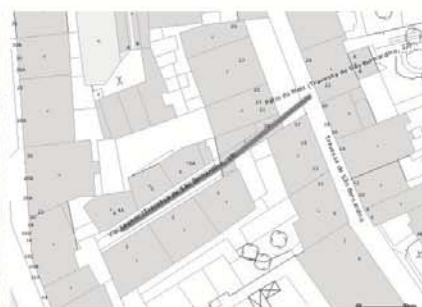
FREGUESIA Penha de França

TIPOLOGIA URBANA forma pátio, alongado, com uma correnteza de edificações

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação

VALOR PATRIMONIAL interesse (1990), conjunto (IMP)



VILA LEONOR (1) 64

FREGUESIA Pena

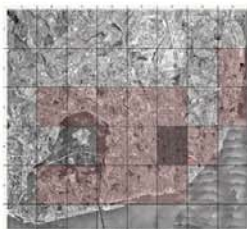
TIPOLOGIA URBANA construída atrás de prédio, de ocupação simétrica formando pátio em corredor, com acesso através de passagem em arco sob o prédio

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação

VALOR PATRIMONIAL interesse (1990), imóvel (IMP)

\* o pátio, entretanto rasgado, deu lugar a uma rua, integrando o conjunto na via pública



**VILA LUÍS JOSÉ NUNES** 67

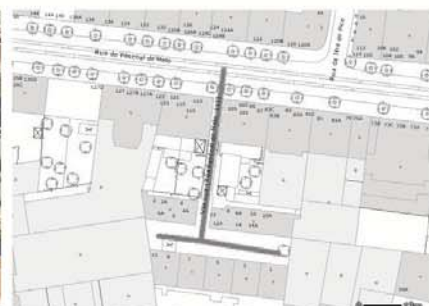
FREGUESIA São João

TIPOLOGIA URBANA construída atrás de prédio, de ocupação assimétrica formando pátio, com acesso através de passagem em arco e escada sob o prédio

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação

VALOR PATRIMONIAL



**VILA LUZ** 68

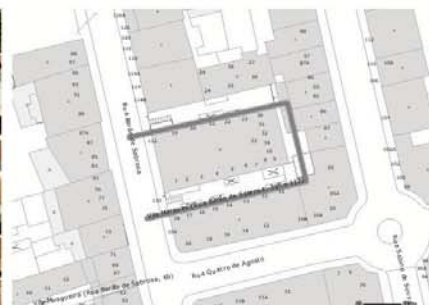
FREGUESIA São Jorge de Arroios

TIPOLOGIA URBANA construída atrás de prédio, de ocupação simétrica formando pátio em corredor, com acesso a eixo do lote, através de corredor descoberto

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação

VALOR PATRIMONIAL interesse (1990), conjunto (IMP)



**VILA MARQUES (3)** 84

FREGUESIA São João

TIPOLOGIA URBANA forma pátio, alongado, em forma de corredor com três correntezas de edificações, com frente para a via pública

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação, serviços (farmácia)

VALOR PATRIMONIAL interesse (1990), conjunto (IMP)



**VILA MENDONÇA (1)** 87

FREGUESIA São Jorge de Arroios

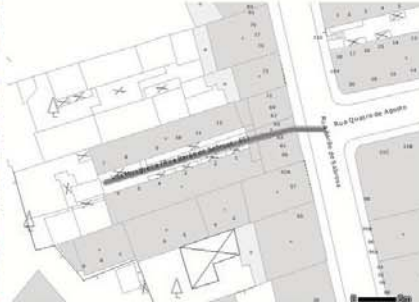
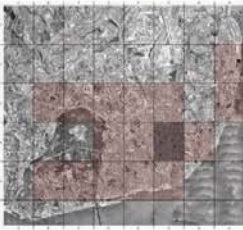
TIPOLOGIA URBANA construída atrás de prédio, de ocupação simétrica formando pátio em corredor, com acesso através de passagem em arco sob o prédio

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação

VALOR PATRIMONIAL interesse (1990), conjunto (IMP)





VILA MUSGUEIRA

92

FREGUESIA São João

TIPOLOGIA URBANA construída atrás de prédio, de ocupação simétrica formando pátio em corredor, com acesso através de passagem em arco sob o prédio

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação

VALOR PATRIMONIAL



VILA PAULO

96

FREGUESIA São Jorge de Arroios

TIPOLOGIA URBANA construída atrás de prédio, de ocupação simétrica\* formando pátio em corredor, com acesso através de passagem em arco sob o prédio

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação, serviços tradicionais / oficinas

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação

VALOR PATRIMONIAL interesse (1990), conjunto (IMP)



VILA RODRIGUES (1)

105

FREGUESIA Graça

TIPOLOGIA URBANA forma pátio, alongado, em forma de corredor, com duas correntezas de edificações

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação

VALOR PATRIMONIAL interesse (1990), conjunto (IMP)



VILA ROSÁRIO (1)

109

FREGUESIA Penha de França

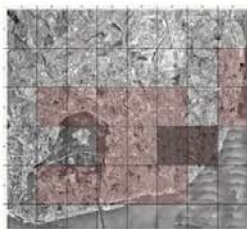
TIPOLOGIA URBANA forma pátio, alongado, em forma de corredor com duas correntezas de edificações, com frente para a via pública

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação

VALOR PATRIMONIAL conjunto (IMP)





# F4 e / G4 a



## BAIRRO ESTRELA D'OURO 136

FREGUESIA Graça

TIPOLOGIA URBANA de escala urbana, unidades de habitação horizontal

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação / administrativa

VALOR PATRIMONIAL interesse (1990), conjunto (IMP), conjunto (IPA, IHRU), IIP (1990)



## VILA AMÉLIA GOMES 19

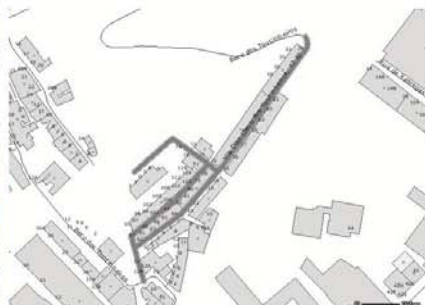
FREGUESIA Beato

TIPOLOGIA URBANA

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação

VALOR PATRIMONIAL conjunto (IMP), conjunto (IPA, IHRU)



## VILA DIAS 39

FREGUESIA Beato

TIPOLOGIA URBANA forma rua

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação

VALOR PATRIMONIAL conjunto (IPA, IHRU)



## VILA (DA) BELA VISTA 41

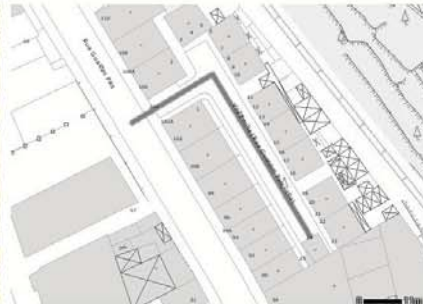
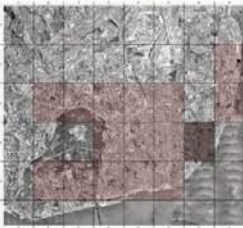
FREGUESIA Beato

TIPOLOGIA URBANA forma pátio, alongado, em forma de corredor, com duas correntezas de edificações

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação

VALOR PATRIMONIAL conjunto (IPA, IHRU)



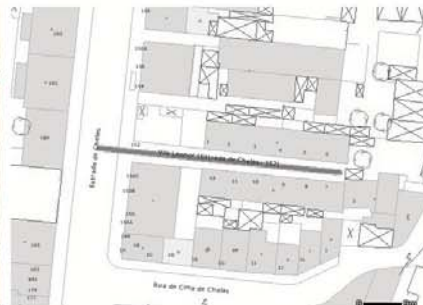
VILA EMÍLIA (1) 45

FREGUESIA Beato  
TIPOLOGIA URBANA de escala urbana, unidades de habitação horizontal  
UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação  
UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação  
VALOR PATRIMONIAL interesse (1990), conjunto (IMP), conjunto (IPA, IHRU)



VILA FLAMIANO 51

FREGUESIA Beato  
TIPOLOGIA URBANA forma pátio, alongado, em forma de corredor, com duas correntezas de edificações\*  
UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação  
UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação  
VALOR PATRIMONIAL conjunto (IPA, IHRU)



VILA LEONOR (2) 65

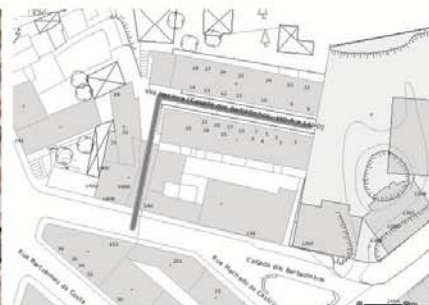
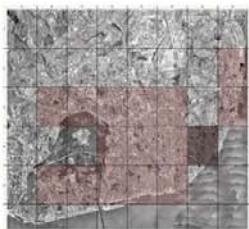
FREGUESIA Beato  
TIPOLOGIA URBANA forma pátio, alongado, em forma de corredor, com duas correntezas de edificações  
UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação  
UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação  
VALOR PATRIMONIAL



VILA LOPES 66

FREGUESIA São João  
TIPOLOGIA URBANA forma pátio, alongado, em forma de corredor, com duas correntezas de edificações  
UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação  
UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação  
VALOR PATRIMONIAL





VILA MACIEIRA 70

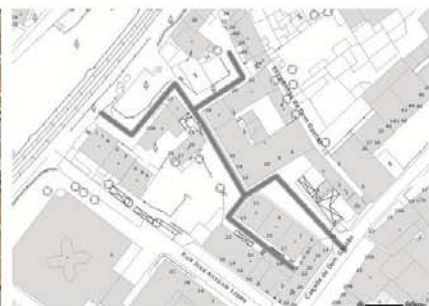
FREGUESIA Santa Engrácia

TIPOLOGIA URBANA construída atrás de prédio, de ocupação simétrica formando pátio em corredor, com acesso através de passagem em arco sob o prédio

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação

VALOR PATRIMONIAL interesse (1990), conjunto (IMP)



VILA MARIA LUÍSA (2) 76

FREGUESIA Beato

TIPOLOGIA URBANA

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação

VALOR PATRIMONIAL interesse (1990), conjunto (IMP)  
conjunto (IPA, IHRU)



BAIRRO OPERÁRIO DOS BARBADINHOS 137

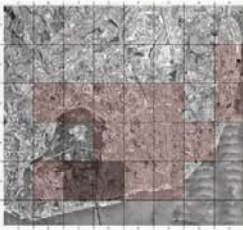
FREGUESIA Santa Engrácia

TIPOLOGIA URBANA bairro operário

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação

VALOR PATRIMONIAL



VILA ADELAIDE 2

FREGUESIA Alcântara

TIPOLOGIA URBANA construída atrás de prédio, de ocupação assimétrica formando pátio, com acesso através de passagem em arco sob o prédio

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação

VALOR PATRIMONIAL



VILA CABRINHA (OU PÁTIO CABRINHA) 32

FREGUESIA Alcântara

TIPOLOGIA URBANA forma pátio, alongado, em forma de corredor com duas correntezas de edificações, com frente para a via pública (1ª fase); bairro operário (2ª fase)

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação

VALOR PATRIMONIAL interesse (1990), imóvel (IMP)



VILA MATOS (1) 86

FREGUESIA Prazeres

TIPOLOGIA URBANA forma pátio, alongado, em forma de corredor com três correntezas de edificações, com frente para a via pública

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação

VALOR PATRIMONIAL



VILA NEVES 93

FREGUESIA Santo Condestável

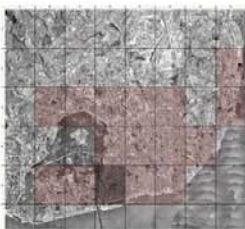
TIPOLOGIA URBANA forma pátio, alongado, em forma de corredor, com duas correntezas de edificações

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

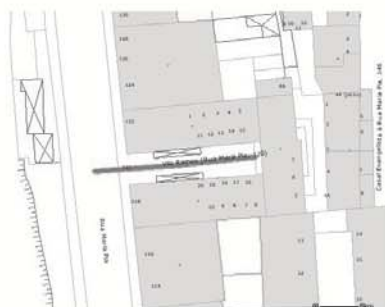
UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação

VALOR PATRIMONIAL





D5 b



VILA RAMOS 103

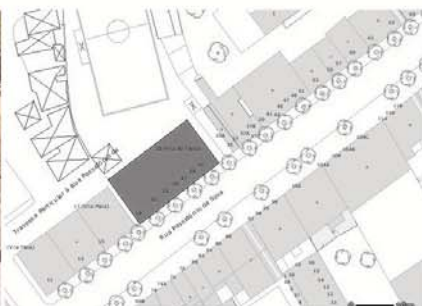
FREGUESIA Santo Condestável

TIPOLOGIA URBANA forma pátio, alongado, em forma de corredor com duas correntezas de edificações, com frente para a via pública

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação

VALOR PATRIMONIAL interesse (1990), imóvel (IMP)



VILA (DO) TIJOLO 125

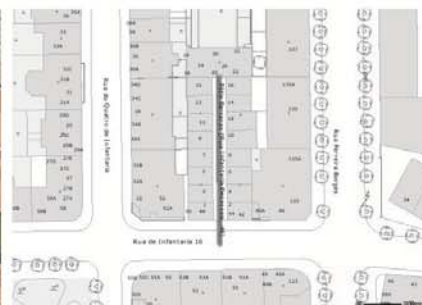
FREGUESIA Prazeres

TIPOLOGIA URBANA acompanha a via pública (correnteza), edifício alongado género correnteza, directamente ligada à produção

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação

VALOR PATRIMONIAL



VILA (2) (OU PÁTIO DAS BARRACAS) 129

FREGUESIA Santo Condestável

TIPOLOGIA URBANA forma pátio, alongado, em forma de corredor com duas correntezas de edificações, com frente para a via pública

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação

VALOR PATRIMONIAL



VILA (6) 133

FREGUESIA Alcântara

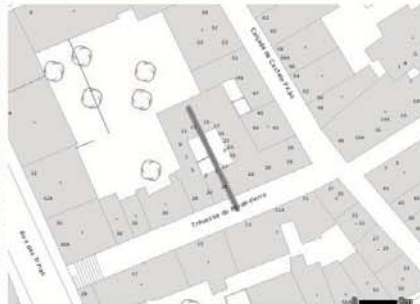
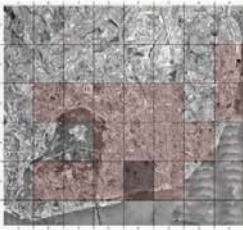
TIPOLOGIA URBANA acompanha a via pública (correnteza), edifício alongado género correnteza, directamente ligada à produção

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação

VALOR PATRIMONIAL





VILA ALEGRE (3)

8

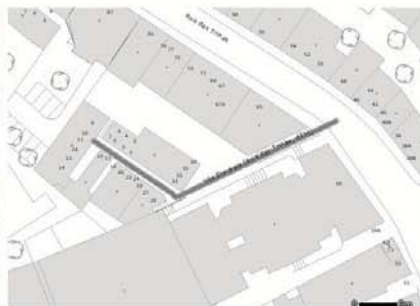
FREGUESIA Santos-o-Velho

TIPOLOGIA URBANA forma pátio quadrangular, do tipo pátio\*

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação

VALOR PATRIMONIAL conjunto (IMP)



VILA DOROTEIA

40

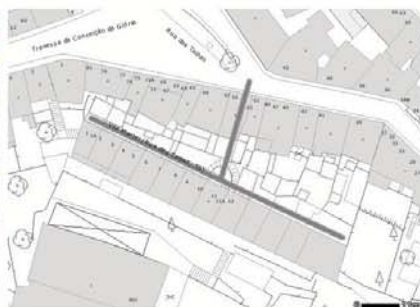
FREGUESIA Santos-o-Velho

TIPOLOGIA URBANA forma pátio\*

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação

VALOR PATRIMONIAL interesse (1990), conjunto (IMP)



VILA MARTEL

78

FREGUESIA São José

TIPOLOGIA URBANA construída atrás de prédio, de ocupação simétrica formando pátio em corredor, (com apenas uma correnteza de edificações), com acesso através de passagem em arco sob o prédio

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação, ateliers

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação

VALOR PATRIMONIAL interesse (1990), imóvel (IMP)



VILA PINHEIRO

100

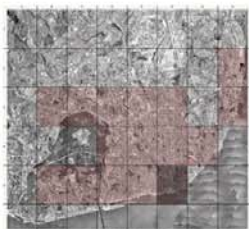
FREGUESIA São Paulo

TIPOLOGIA URBANA construída atrás de prédio, de ocupação assimétrica formando pátio, com acesso através de passagem em arco sob o prédio

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação

VALOR PATRIMONIAL interesse (1990), conjunto (IMP)



VILA ALMEIDA (3) 12

FREGUESIA Socorro

TIPOLOGIA URBANA forma pátio

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação

VALOR PATRIMONIAL imóvel (IMP)



VILA BERTA 28

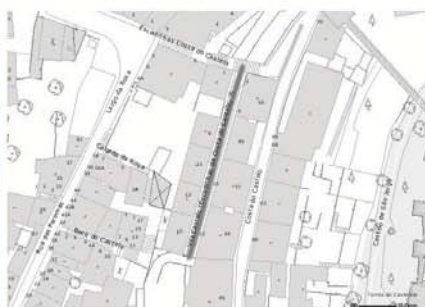
FREGUESIA Graça

TIPOLOGIA URBANA forma rua

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação

VALOR PATRIMONIAL interesse (1990), conjunto (IMP), conjunto (IPA IHRU), IIP (1996)



VILA (DO) CASTELO 43

FREGUESIA São Cristóvão e São Lourenço

TIPOLOGIA URBANA construída atrás de prédio, de ocupação simétrica formando pátio em corredor, com acesso através de passagem em arco sob o prédio

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação

VALOR PATRIMONIAL interesse (1990), imóvel (IMP)



VILA JÚLIA 63

FREGUESIA Socorro

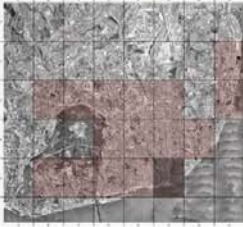
TIPOLOGIA URBANA forma pátio quadrangular, do tipo pátio

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação

VALOR PATRIMONIAL imóvel (IMP)





VILA LUZ PEREIRA

69

FREGUESIA Socorro

TIPOLOGIA URBANA forma pátio, alongado, em forma de corredor, com duas correntezas de edificações

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação

VALOR PATRIMONIAL interesse (1990), imóvel (IMP)



VILA MARIA (1)

73

FREGUESIA Graça

TIPOLOGIA URBANA forma pátio, alongado, em forma de corredor, com duas correntezas de edificações\*

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação

VALOR PATRIMONIAL



VILA SOUSA (OU TOMAZ DA COSTA)

120

FREGUESIA Graça

TIPOLOGIA URBANA forma pátio quadrangular, do tipo pátio\*

UTILIZAÇÃO ORIGINAL habitação

UTILIZAÇÃO ACTUAL habitação, administrativa

VALOR PATRIMONIAL interesse (1990)

NOTA: O campo do VALOR PATRIMONIAL refere-se se existe ou não reconhecimento oficial do interesse do conjunto, seja este declarado na *Listagem de Pátios e Vilas com interesse* elaborada em 1990 ou no *Inventário Municipal do Património* inserido no PDM de Lisboa, ou classificado (ou em vias de) como Imóvel/Conjunto de Interesse Público.



| Vila                                 | Freguesia               | Data de construção | Inserção urbana   |
|--------------------------------------|-------------------------|--------------------|---|
| Vila (6)                             | Alcântara               | 1873               | (1.A.1) acompanhada a via pública (correnteza), edifício alongado género correnteza, directamente ligada à produção   |
| Vila Pereira (ou Prédio Santos Lima) | Beato                   | 1887               | (1.A.1) acompanhada a via pública (correnteza), edifício alongado género correnteza, directamente ligada à produção   |
| Vila (do) Tijolo                     | Prazeres                | 1891               | (1.A.1) acompanhada a via pública (correnteza), edifício alongado género correnteza, directamente ligada à produção   |
| Vila (7)                             | Beato                   | 1917/1918          | (1.A.1) acompanhada a via pública (correnteza), edifício alongado género correnteza, directamente ligada à produção   |
| Vila Luz Pereira                     | Socorro                 | 1881/1882          | (2.A.) forma pátio, alongado, em forma de corredor, com duas correntezas de edificações   |
| Vila Flamiano                        | Beato                   | 1887/1888          | (2.A.) forma pátio, alongado, em forma de corredor, com duas correntezas de edificações   |
| Vila (da) Bela Vista                 | Beato                   | 1898               | (2.A.) forma pátio, alongado, em forma de corredor, com duas correntezas de edificações   |
| Vila Rodrigues (1)                   | Graça                   | 1902               | (2.A.) forma pátio, alongado, em forma de corredor, com duas correntezas de edificações   |
| Vila Gadanho                         | Penha de França         | 1907/1908          | (2.A.) forma pátio, alongado, em forma de corredor, com duas correntezas de edificações   |
| Vila Maria (1)                       | Graça                   | 1908/1910          | (2.A.) forma pátio, alongado, em forma de corredor, com duas correntezas de edificações*  |
| Vila Celeste                         | Penha de França         | 1910               | (2.A.) forma pátio, alongado, em forma de corredor, com duas correntezas de edificações (1ª fase); (4.) forma rua (2ª fase)                                       |
| Vila (do) Alho Meirim                | Coração de Jesus        |                    | (2.A.) forma pátio, alongado, em forma de corredor, com duas correntezas de edificações   |
| Vila Leonor (2)                      | Beato                   |                    | (2.A.) forma pátio, alongado, em forma de corredor *  |
| Vila Neves                           | Santo Condestável       |                    | (2.A.) forma pátio, alongado, em forma de corredor, com duas correntezas de edificações   |
| Vila Adélia (2)                      | Alcântara               |                    | (2.A.) forma pátio, alongado, em forma de corredor, com duas correntezas de edificações   |
| Vila Cabrinha (ou Pátio Cabrinha)    | Alcântara               | 1878 e 1883/1890   | (2.A.1) forma pátio, alongado, em forma de corredor com duas correntezas de edificações, com frente para a via pública (1ª fase); (6.) bairro operário (2ª fase)* |
| Vila (2) (ou Pátio das Barracas)     | Santo Condestável       | 1898               | (2.A.1) forma pátio, alongado, em forma de corredor com duas correntezas de edificações, com frente para a via pública  |
| Vila Rosário (1)                     | Penha de França         | 1902/1908          | (2.A.1) forma pátio, alongado, em forma de corredor com duas correntezas de edificações, com frente para a via pública  |
| Vila Santos (1)                      | Nossa Senhora de Fátima | 1930/1931          | (2.A.1) forma pátio, alongado, em forma de corredor com duas correntezas de edificações, com frente para a via pública  |
| Vila Áspere                          | Alto do Pinha           |                    | (2.A.1) forma pátio, alongado, em forma de corredor com duas correntezas de edificações, com frente para a via pública  |
| Vila Marques (3)                     | São João                |                    | (2.A.1) forma pátio, alongado, em forma de corredor com três* correntezas de edificações, com frente para a via pública   |
| Vila Matos (1)                       | Prazeres                |                    | (2.A.1) forma pátio, alongado, em forma de corredor com três* correntezas de edificações, com frente para a via pública   |
| Vila Ramos                           | Santo Condestável       |                    | (2.A.1) forma pátio, alongado, em forma de corredor com duas correntezas de edificações, com frente para a via pública  |
| Vila (ou Pátio do) Bagateia          | São Mamede              | 1879/1890          | (2.B.) forma pátio, alongado, com uma correnteza de edificações*  |
| Vila Gomes                           | Penha de França         | 1901/1908          | (2.B.) forma pátio, alongado, com uma correnteza de edificações   |
| Vila Sousa (1) (ou Tomaz da Costa)   | Graça                   | 1889               | (2.C.) forma pátio quadrangular, do tipo pátio***   |
| Vila Romão da Silva                  | Compalide               | 1900               | (2.C.) forma pátio, do tipo pátio   |
| Vila Júlia                           | Socorro                 |                    | (2.C.) forma pátio quadrangular, do tipo pátio  |
| Vila Alegre (3)                      | Santos-o-Velho          |                    | (2.C.) forma pátio quadrangular, do tipo pátio*   |
| Vila Almeida (3)                     | Socorro                 |                    | (2.C.) forma pátio quadrangular, do tipo pátio  |
| Vila Dantes Ripamonti                | Benfica                 |                    | (2.C.) forma pátio*   |
| Vila Doroteia                        | Santos-o-Velho          |                    | (2.C.) forma pátio*   |



|                                     |                              |           |   |
|-------------------------------------|------------------------------|-----------|---|
| Vila Luis José Nunes                | São João                     |           | (3.A.III.) construída atrás de prédio, de ocupação assimétrica formando pátio, com acesso através de passagem em arco sob o prédio  |
| Vila Pinheiro                       | São Paulo                    |           | (3.A.III.) construída atrás de prédio, de ocupação assimétrica formando pátio, com acesso através de passagem em arco sob o prédio  |
| Vila Adelaide                       | Alcântara                    |           | (3.A.III.) construída atrás de prédio, de ocupação assimétrica formando pátio, com acesso através de passagem em arco sob o prédio  |
| Vila Fernandes (1) (ou Botto)       | São Domingos de Benfica      |           | (3.B.I.) construída atrás de prédio, de ocupação simétrica formando pátio em corredor, com acesso à lhangra do prédio através de corredor lateral descoberto*                             |
| Vila Rauil                          | Compalide                    | 1890      | (3.B.II.) construída atrás de prédio, de ocupação simétrica formando pátio em corredor, com acesso a eixo do lote, através de corredor descoberto   |
| Vila Luz                            | São Jorge de Arroios         | 18??      | (3.B.II.) construída atrás de prédio, de ocupação simétrica** formando pátio em corredor, com acesso a eixo do lote, através de corredor descoberto                                       |
| Vila (8)                            | Marvila                      |           | edifícios simétricos que originalmente rematavam o conjunto   |
| Vila Emília (2)                     | Compalide                    | 1880      | (3.B.III.) construída atrás de prédio, de ocupação simétrica formando pátio em corredor, com acesso através de passagem em arco sob o prédio  |
| Vila Barba                          | Compalide                    | 1890      | (3.B.III.) construída atrás de prédio, de ocupação simétrica formando pátio em corredor, com acesso através de passagem em arco sob o prédio  |
| Vila Macieira                       | Santa Engrácia               | 1907      | (3.B.III.) construída atrás de prédio, de ocupação simétrica formando pátio em corredor, com acesso através de passagem em arco sob o prédio  |
| Vila Mariele                        | São José                     | 1909      | (3.B.III.) construída atrás de prédio, de ocupação simétrica formando pátio em corredor, (com apenas) uma correnteza de edificações*, com acesso através de passagem em arco sob o prédio |
| Vila Piedade                        | Penha de França              | 1910      | (3.B.III.) construída atrás de prédio, de ocupação simétrica formando pátio em corredor, com uma correnteza de edificações*, com acesso através de passagem em arco sob o prédio          |
| Vila Paulo                          | São Jorge de Arroios         | 192?      | (3.B.III.) construída atrás de prédio, de ocupação simétrica*** formando pátio em corredor, com acesso através de passagem em arco sob o prédio   |
| Vila Antunes (ou Antunes Fernandes) | Alvalade                     |           | (3.B.III.) construída atrás de prédio, de ocupação simétrica formando pátio em corredor, com acesso através de passagem em arco sob o prédio  |
| Vila Carmo Dias                     | São João                     |           | (3.B.III.) construída atrás de prédio, de ocupação simétrica formando pátio (com apenas uma correnteza de edificações)*, com acesso através de passagem em arco sob o prédio              |
| Vila Celarina                       | Arips                        |           | (3.B.III.) construída atrás de prédio, de ocupação simétrica formando pátio em corredor (com apenas uma correnteza de edificações)*, com acesso através de passagem em arco sob o prédio  |
| Vila Leonor (1)                     | Pena                         |           | (3.B.III.) construída atrás de prédio, de ocupação simétrica formando pátio em corredor, com acesso através de passagem em arco sob o prédio  |
| Vila Mendonça (1)                   | São Jorge de Arroios         |           | (3.B.III.) construída atrás de prédio, de ocupação simétrica formando pátio em corredor, com acesso através de passagem em arco sob o prédio  |
| Vila Musgueira                      | São João                     |           | (3.B.III.) construída atrás de prédio, de ocupação simétrica formando pátio em corredor, com acesso através de passagem em arco sob o prédio  |
| Vila (do) Castelo                   | São Cristóvão e São Lourenço |           | (3.B.III.) construída atrás de prédio, de ocupação simétrica formando pátio em corredor, com acesso através de passagem em arco sob o prédio  |
| Vila Dias                           | Beato                        | 1888      | (4.) forma rua  |
| Vila Amélia Gomes                   | Beato                        | 18??      | (4.) forma rua  |
| Vila Berta                          | Graça                        | 1902/1908 | (4.) forma rua  |
| Vila (ou bairro) Grandella          | São Domingos de Benfica      | 1904/1907 | (5.A.) de escada urbana, unidades de habitação horizontal   |
| Bairro Estrela d'Ouro               | Graça                        | 1907/1908 | (5.A.) de escada urbana, unidades de habitação horizontal   |
| Vila Cândida                        | Penha de França              | 1912/1915 | (5.A.) de escada urbana, unidades de habitação horizontal   |
| Vila Emília (1)                     | Beato                        | 193?      | (5.A.) de escada urbana, unidades de habitação horizontal   |
| Bairro Clemente Vicente             |                              |           | (5.B.) de escada urbana, conjuntos massivos de blocos em altura   |
| Bairro Operário dos Barbadinhos     | Santa Engrácia               | 1880/1891 | (6.) bairro operário  |
| Vila Alegre (4)                     | São Jorge de Arroios         |           |   |
| Vila Lopes                          | São João                     |           |   |
| Vila Maria Luísa (2)                | Beato                        |           |   |
| Vila Ana e Vila Vitória             | Benfica                      |           |   |

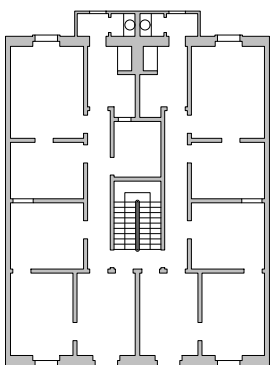
# FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO EDIFÍCIO TIPO ORIGINAL

## EDIFÍCIO TIPO 1

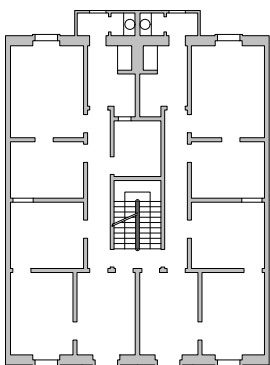


planta de localização

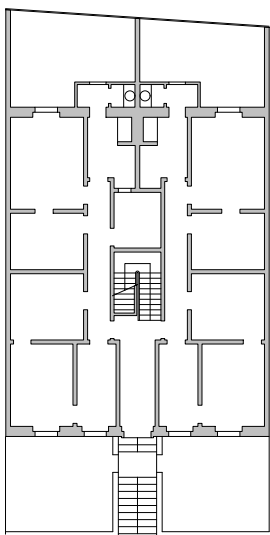
EDIFÍCIO TIPO 1 - PROJECTO ORIGINAL\*



planta tipo piso dois



planta tipo piso um



planta tipo piso térreo

### IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO rua, nº(s) \_\_\_\_\_ VILA BERTA, 3, 5, 7, 9, 11

DADOS PATRIMONIAIS C.M.L. processo(s) nº \_\_\_\_\_ 22357, 22356, 22354, 22355, 22359, 22360

regime de propriedade do imóvel

municipal  cooperativo  particular  Estado

vertical  horizontal

DATA DE CONSTRUÇÃO \_\_\_\_\_ 1908 - 1910

### CARACTERIZAÇÃO DO LOTE

IMPLANTAÇÃO largura (média) do lote \_\_\_\_\_ 10,00 a 10,50 m

profundidade (média) do lote \_\_\_\_\_ 21,11 a 24,20 m

área do lote \_\_\_\_\_ 228,97 a 247,586 m<sup>2</sup>

área de implantação do edifício \_\_\_\_\_ 141,90 m<sup>2</sup>

espaços exteriores

logradouro \_\_\_\_\_ 87,07 a 105,69 m<sup>2</sup>

terraço \_\_\_\_\_ 33,82 m<sup>2</sup>

pátio \_\_\_\_\_ 53,18 a 71,87 m<sup>2</sup>

impermeável

permeável

parcialmente permeável

acesso

de nível

elevado

escada

rampa

relação do edifício com o espaço público

directo

através de espaço comum

### CONFRONTAÇÕES

rua \_\_\_\_\_ VILA BERTA

logradouro \_\_\_\_\_ VILA BERTA, 1-1A; RUA DA GRAÇA, 13-27;

edifício \_\_\_\_\_ VILA BERTA, 13; BECO DO FORNO DO SOL, 25 A 23

\* os fogos rés-do-chão esquerdo, e 1º e 2º pisos direito do edifício nº 3, apresentam fenestração em todos os compartimentos de empena, por este se encontrar no remate da banda. No entanto, obedecem à estrutura espacial interior do Edifício Tipo 1.

## CARACTERIZAÇÃO DO EDIFÍCIO

### CLASSIFICAÇÃO PROGRAMÁTICA

nº de habitações do edifício \_\_\_\_\_ 6

tipologias programáticas

T1 quant. \_\_\_\_\_

T2 quant. \_\_\_\_\_

outro T3 quant. 6

### CLASSIFICAÇÃO MORFOLÓGICA

forma de agrupamento do edifício

banda simples, com duas fachadas opostas

banda simples, com duas fachadas opostas + lateral

nº de pisos acima do nível de entrada principal

rés-do-chão + três

rés-do-chão + dois

rés-do-chão + um

nº de pisos abaixo do nível de entrada principal

nenhum

um

tipo de acesso dominante

pontual : escada / patamar

de tiro

duplo lanço

directo

tipologia de distribuição / nº de habitações por piso

central / duas habitações por piso

uma habitação por piso

### OUTROS

cobertura

inclinada, com clarabóia

inclinada sem clarabóia

## REGISTO FOTOGRÁFICO



alçada principal  
perspectiva de conjunto



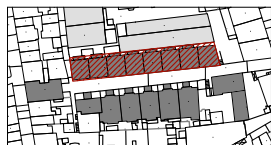
hall de acesso à escada e aos fogos  
rés-do-chão



patamar de entrada para os fogos  
2º piso

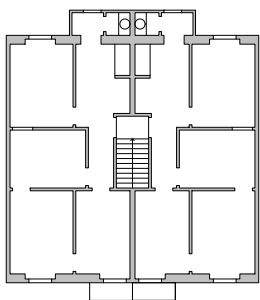
# FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO EDIFÍCIO TIPO ORIGINAL

## EDIFÍCIO TIPO 2

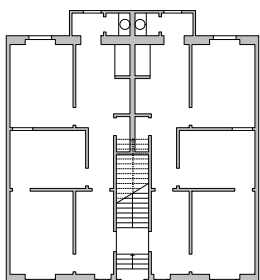


planta de localização

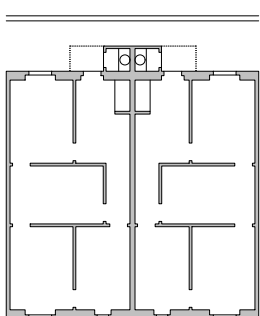
EDIFÍCIO TIPO 2 - PROJECTO ORIGINAL\*1



planta tipo piso um



planta tipo piso térreo



planta tipo cave\*2

### IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO rua, nº(s) \_\_\_\_\_ VILA BERTA, 2, 4, 6, 8, 10, 12, 14, 16

DADOS PATRIMONIAIS C.M.L. processo(s) nº \_\_\_\_\_ 22388, 22387, 22386, 22392, 22391, 22390, 22389, 22353

regime de propriedade do imóvel

municipal  cooperativo  particular  Estado

vertical  horizontal

DATA DE CONSTRUÇÃO \_\_\_\_\_ 1908 - 1910

### CARACTERIZAÇÃO DO LOTE

IMPLANTAÇÃO largura (média) do lote \_\_\_\_\_ 9,45 a 10,13 m

profundidade (média) do lote \_\_\_\_\_ 12,50 m

área do lote \_\_\_\_\_ 118,20 a 126,52 m<sup>2</sup>

área de implantação do edifício \_\_\_\_\_ 105,30 a 111,00 m<sup>2</sup>

espaços exteriores

logradouro \_\_\_\_\_ m<sup>2</sup>

terraço \_\_\_\_\_ m<sup>2</sup>

pátio \_\_\_\_\_ m<sup>2</sup>

impermeável

permeável

parcialmente permeável

acesso

de nível

elevado

escada

rampa

relação do edifício com o espaço público

directo

através de espaço comum

### CONFRONTAÇÕES

rua \_\_\_\_\_ VILA BERTA, BECO DO FORNO DO SOL

logradouro \_\_\_\_\_

edifício \_\_\_\_\_ INSTALAÇÕES / ARMAZÉNS, 16A

\*1 os fogos rés-do-chão direito e 1º piso direito do edifício nº 16, e rés-do-chão esquerdo e 1º piso esquerdo do edifício nº 2, apresentam, respectivamente, fenestração em todos os compartimentos de empena, e fenestração no compartimento interior junto à empena, por se encontrarem no remate da banda. No entanto, obedecem à estrutura espacial interior do Edifício Tipo 2.

\*2 a habitação em cave existe apenas nos edifícios nº 2, 4, 6 e 8.

## CARACTERIZAÇÃO DO EDIFÍCIO

### CLASSIFICAÇÃO PROGRAMÁTICA

nº de habitações do edifício \_\_\_\_\_ 6(Nº 2-8) / 4(Nº10-16)

tipologias programáticas

T1 quant. \_\_\_\_\_

T2 quant. \_\_\_\_\_4

outro \_\_\_\_\_T3 quant. \_\_\_\_\_2

### CLASSIFICAÇÃO MORFOLÓGICA

forma de agrupamento do edifício

banda simples, com duas fachadas opostas

banda simples, com duas fachadas opostas + lateral

nº de pisos acima do nível de entrada principal

rés-do-chão + três

rés-do-chão + dois

rés-do-chão + um

nº de pisos abaixo do nível de entrada principal

nenhum

um

tipo de acesso dominante

pontual : escada / patamar

de tiro

duplo lanço

directo

tipologia de distribuição / nº de habitações por piso

central / duas habitações por piso

uma habitação por piso

### OUTROS

cobertura

inclinada, com clarabóia

inclinada sem clarabóia

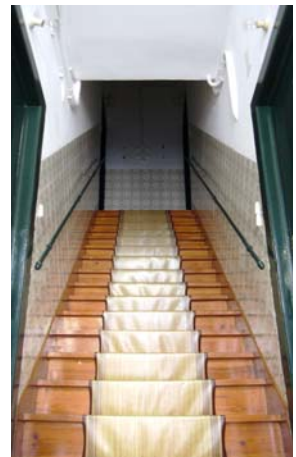
## REGISTO FOTOGRÁFICO



alçado principal



alçado principal com caves



acesso à escada e aos fogos rés-do-chão



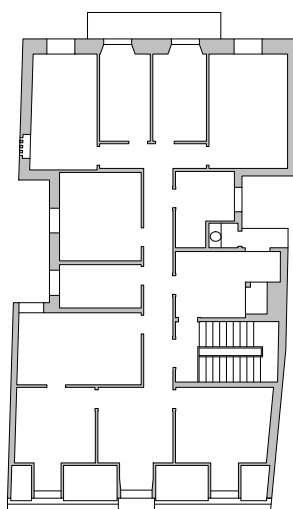
# FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO EDIFÍCIO TIPO ORIGINAL

## EDIFÍCIO TIPO 3

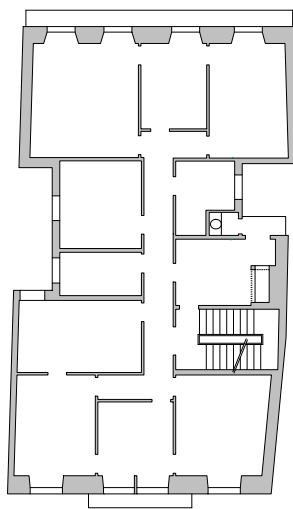


planta de localização

EDIFÍCIO TIPO 3 - PROJECTO ORIGINAL



planta piso três ou sótão



planta pisos um e dois

### IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO rua, nº(s) \_\_\_\_\_ VILA BERTA, 55-59

DADOS PATRIMONIAIS C.M.L. processo(s) nº \_\_\_\_\_ 22383

regime de propriedade do imóvel

municipal  cooperativo  particular  Estado

vertical  horizontal

DATA DE CONSTRUÇÃO \_\_\_\_\_ 1908 - 1910

### CARACTERIZAÇÃO DO LOTE

IMPLANTAÇÃO largura (média) do lote \_\_\_\_\_ 12,00 m

profundidade (média) do lote \_\_\_\_\_ 23,00 m

área do lote \_\_\_\_\_ 287,55 m<sup>2</sup>

área de implantação do edifício \_\_\_\_\_ 125,27 m<sup>2</sup>

espaços exteriores

logradouro \_\_\_\_\_ 36,77 m<sup>2</sup>

saguão \_\_\_\_\_ 9,03 m<sup>2</sup>

pátio \_\_\_\_\_ 27,74 m<sup>2</sup>

impermeável

permeável

parcialmente permeável

acesso

de nível

elevado

escada

rampa

relação do edifício com o espaço público

directo

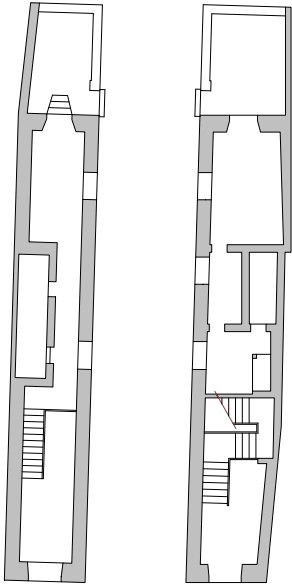
através de espaço comum

### CONFRONTAÇÕES

rua \_\_\_\_\_ VILA BERTA, BECO DO FORNO DO SOL, RUA DO SOL À GRAÇA

logradouro \_\_\_\_\_ RUA DO SOL À GRAÇA, 61

edifício \_\_\_\_\_ RUA DO SOL À GRAÇA, 51, 61, BECO DO FORNO DO SOL, 20



planta rés-do-chão

## CARACTERIZAÇÃO DO EDIFÍCIO

### CLASSIFICAÇÃO PROGRAMÁTICA

nº de habitações do edifício \_\_\_\_\_ 3/4

tipologias programáticas

- T1 quant. \_\_\_\_\_
- T2 quant. \_\_\_\_\_
- outro \_\_\_\_\_ 16  
17 quant. \_\_\_\_\_ 2  
1

### CLASSIFICAÇÃO MORFOLÓGICA

forma de agrupamento do edifício

- banda simples, com duas fachadas opostas
- banda simples, com duas fachadas opostas + lateral

nº de pisos acima do nível de entrada principal

- rés-do-chão + três
- rés-do-chão + dois
- rés-do-chão + um

nº de pisos abaixo do nível de entrada principal

- nenhum
- um

tipo de acesso dominante

- pontual : escada / patamar
- de tiro
- duplo lanço
- directo

tipologia de distribuição / nº de habitações por piso

- central / duas habitações por piso
- uma habitação por piso

### OUTROS

cobertura

- inclinada, com clarabóia
- inclinada sem clarabóia

## REGISTO FOTOGRÁFICO



alçado principal  
rua do sol à graça



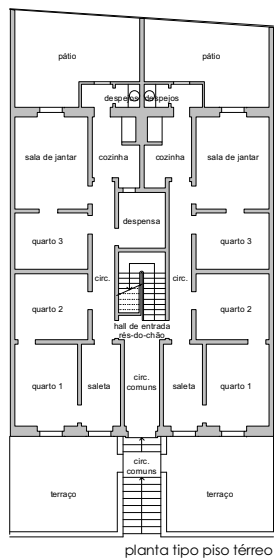
passagem em arco sob o edifício



alçado posterior  
vila berta

# FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO FOGO TIPO ORIGINAL

## EDIFÍCIO TIPO 1



### CARACTERIZAÇÃO DO FOGO TIPO RÉS-DO-CHÃO

CLASSIFICAÇÃO PROGRAMÁTICA

nº de compartimentos \_\_\_\_\_ **7/8** + circulações

tipologia programática \_\_\_\_\_ **T3**

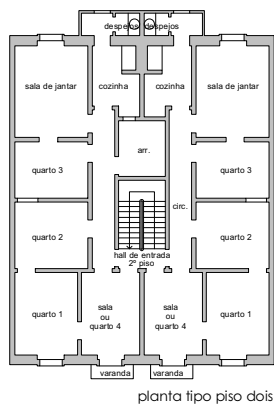
ESPAÇOS INTERIORES

|  | i = 1                      | 2                         | 3                         | 4                    | 5                    |
|--|----------------------------|---------------------------|---------------------------|----------------------|----------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> quarto                   | <b>8.11 m<sup>2</sup></b>  | <b>7.63 m<sup>2</sup></b> | <b>6.50 m<sup>2</sup></b> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> arrecadação <sup>1</sup> | <b>4.11 m<sup>2</sup></b>  | _____ m <sup>2</sup>      | _____ m <sup>2</sup>      | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> sala de jantar           | <b>10.59 m<sup>2</sup></b> | _____ m <sup>2</sup>      | _____ m <sup>2</sup>      | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> sala/saleta              | <b>5.07 m<sup>2</sup></b>  | _____ m <sup>2</sup>      | _____ m <sup>2</sup>      | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> cozinha                  | <b>5.48 m<sup>2</sup></b>  | _____ m <sup>2</sup>      | _____ m <sup>2</sup>      | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> despejos                 | <b>0.85 m<sup>2</sup></b>  | _____ m <sup>2</sup>      | _____ m <sup>2</sup>      | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> circulações              | <b>5.66 m<sup>2</sup></b>  | _____ m <sup>2</sup>      | _____ m <sup>2</sup>      | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |

ESPAÇOS EXTERIORES

pátio ver caracterização do Edifício

### CARACTERIZAÇÃO DO FOGO TIPO 1º E 2º PISOS



CLASSIFICAÇÃO PROGRAMÁTICA

nº de compartimentos \_\_\_\_\_ **7/8** + circulações + varanda

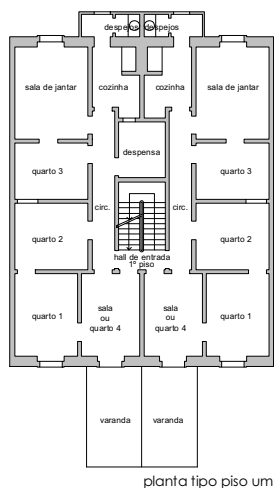
tipologia programática \_\_\_\_\_ **T3**

ESPAÇOS INTERIORES

|  | i = 1                      | 2                         | 3                         | 4                    | 5                    |
|--|----------------------------|---------------------------|---------------------------|----------------------|----------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> quarto           | <b>8.11 m<sup>2</sup></b>  | <b>7.63 m<sup>2</sup></b> | <b>6.50 m<sup>2</sup></b> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> arrecadação *    | <b>4.11 m<sup>2</sup></b>  | _____ m <sup>2</sup>      | _____ m <sup>2</sup>      | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> sala de jantar   | <b>10.59 m<sup>2</sup></b> | _____ m <sup>2</sup>      | _____ m <sup>2</sup>      | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> sala ou quarto 4 | <b>7.55 m<sup>2</sup></b>  | _____ m <sup>2</sup>      | _____ m <sup>2</sup>      | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> cozinha          | <b>5.48 m<sup>2</sup></b>  | _____ m <sup>2</sup>      | _____ m <sup>2</sup>      | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> despejos         | <b>0.85 m<sup>2</sup></b>  | _____ m <sup>2</sup>      | _____ m <sup>2</sup>      | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> circulações      | <b>5.66 m<sup>2</sup></b>  | _____ m <sup>2</sup>      | _____ m <sup>2</sup>      | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |

ESPAÇOS EXTERIORES

|   | i = 1                     | 2                    | 3                    | 4                    | 5                    |
|---|---------------------------|----------------------|----------------------|----------------------|----------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> varanda (1) | <b>0.93 m<sup>2</sup></b> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> varanda (2) | <b>8.80 m<sup>2</sup></b> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |



<sup>1</sup> existe apenas no fogo esquerdo rés-do-chão e fogo direito 1º e 2º pisos

ESPAÇOS COM VÃOS  
PARA O EXTERIOR \*1

|                         | alçado principal | alçado posterior | alçado lateral *2 | cobertura |
|-------------------------|------------------|------------------|-------------------|-----------|
| quarto 1                | ✗                | ■                | ■                 | ■         |
| quarto 2                | ■                | ■                | ✗                 | ■         |
| quarto 3                | ■                | ■                | ✗                 | ■         |
| sala de jantar          | ■                | ✗                | ■                 | ■         |
| sala/saleta ou quarto 4 | ✗                | ■                | ■                 | ■         |
| cozinha                 | ■                | ✗                | ■                 | ■         |
| arrecadação             | ■                | ■                | ■                 | ■         |
| circulações             | ■                | ■                | ■                 | ■         |

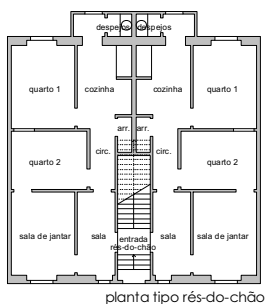
\*1 Identificação também válida para o fogo tipo rés-do-chão

\*2 válido para o edifício nº 3, fogo rés-do-chão esq. e 1º e 2º pisos dir.

# FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO FOGO TIPO ORIGINAL

## EDIFÍCIO TIPO 2

### CARACTERIZAÇÃO DO FOGO TIPO RÉ-S-DO-CHÃO



CLASSIFICAÇÃO PROGRAMÁTICA

nº de compartimentos \_\_\_\_\_ **7** + circulações

tipologia programática \_\_\_\_\_ **T2**

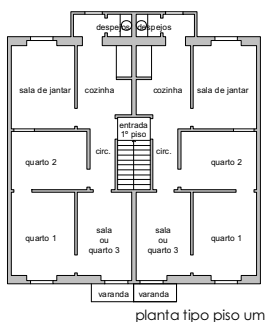
ESPAÇOS INTERIORES

|  | i = 1                      | 2                          | 3                    | 4                    | 5                    |
|--|----------------------------|----------------------------|----------------------|----------------------|----------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> quarto         | <u>8.25</u> m <sup>2</sup> | <u>6.90</u> m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> arrecadação    | <u>0.76</u> m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup>       | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> sala de jantar | <u>8.25</u> m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup>       | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> sala           | <u>4.95</u> m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup>       | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> cozinha        | <u>7.33</u> m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup>       | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> despejos       | <u>0.85</u> m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup>       | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> circulações    | <u>2.41</u> m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup>       | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |

ESPAÇOS EXTERIORES

|                                  |                                |                      |                      |                      |                      |
|----------------------------------|--------------------------------|----------------------|----------------------|----------------------|----------------------|
| <input type="checkbox"/> pátio   | ver caracterização do Edifício |                      |                      |                      |                      |
| <input type="checkbox"/> varanda | _____ m <sup>2</sup>           | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |

### CARACTERIZAÇÃO DO FOGO TIPO 1º PISO



CLASSIFICAÇÃO PROGRAMÁTICA

nº de compartimentos \_\_\_\_\_ **6** + circulações + varanda

tipologia programática \_\_\_\_\_ **T2**

ESPAÇOS INTERIORES

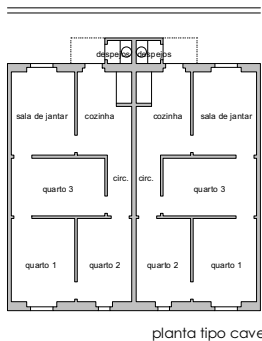
|  | i = 1                      | 2                          | 3                    | 4                    | 5                    |
|--|----------------------------|----------------------------|----------------------|----------------------|----------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> quarto           | <u>8.25</u> m <sup>2</sup> | <u>6.90</u> m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input type="checkbox"/> arrecadação                 | _____ m <sup>2</sup>       | _____ m <sup>2</sup>       | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> sala de jantar   | <u>8.25</u> m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup>       | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> sala ou quarto 3 | <u>7.10</u> m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup>       | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> cozinha          | <u>7.33</u> m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup>       | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> despejos         | <u>0.85</u> m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup>       | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> circulações      | <u>2.41</u> m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup>       | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |

ESPAÇOS EXTERIORES

|   | i = 1                          | 2                    | 3                    | 4                    | 5                    |
|---|--------------------------------|----------------------|----------------------|----------------------|----------------------|
| <input type="checkbox"/> pátio              | ver caracterização do Edifício |                      |                      |                      |                      |
| <input checked="" type="checkbox"/> varanda | <u>1.19</u> m <sup>2</sup>     | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |



## CARACTERIZAÇÃO DO FOGO TIPO CAVE



### CLASSIFICAÇÃO PROGRAMÁTICA

nº de compartimentos \_\_\_\_\_ **6 + circulações**  
 tipologia programática \_\_\_\_\_ **T3**

### ESPAÇOS INTERIORES

|  | i = 1                | 2                    | 3                    | 4                    | 5                    |
|--|----------------------|----------------------|----------------------|----------------------|----------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> quarto         | 8,25 m <sup>2</sup>  | 7,10 m <sup>2</sup>  | 8,51 m <sup>2</sup>  | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input type="checkbox"/> arrecadação               | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> sala de jantar | 8,25 m <sup>2</sup>  | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input type="checkbox"/> sala                      | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> cozinha        | 6,29 m <sup>2</sup>  | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> despejos       | 0,85 m <sup>2</sup>  | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> circulações    | 2,29 m <sup>2</sup>  | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |

### ESPAÇOS EXTERIORES

|   |                                |                      |                      |                      |                      |
|---|--------------------------------|----------------------|----------------------|----------------------|----------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> pátio | ver caracterização do Edifício |                      |                      |                      |                      |
| <input type="checkbox"/> varanda          | _____ m <sup>2</sup>           | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |

### ESPAÇOS COM VÃOS PARA O EXTERIOR \*1

|  | alçado principal                    | alçado posterior                    | alçado lateral *2        | cobertura                |
|--|-------------------------------------|-------------------------------------|--------------------------|--------------------------|
| quarto 1   | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| quarto 2   | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| quarto 3   | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| <input checked="" type="checkbox"/> (se existir <b>pelo menos um</b> quarto de dormir <b>sem</b> abertura directa para o exterior) |                                     |                                     |                          |                          |
| sala de jantar   | <input type="checkbox"/>            | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| sala   | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| cozinha  | <input type="checkbox"/>            | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| circulações  | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

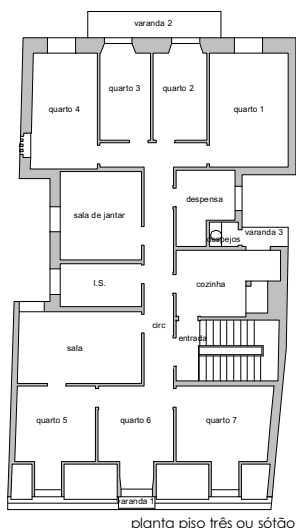
\*1 existência de **pelo menos um** espaço com abertura directa para o exterior. Identificação válida para o fogo tipo em todos os pisos.

\*2 válido para os fogos rés-do-chão direito e 1º piso direito do edifício nº 16, e rés-do-chão esquerdo e 1º piso esquerdo do edifício nº 2.

# FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO FOGO TIPO ORIGINAL

## EDIFÍCIO TIPO 3

### CARACTERIZAÇÃO DO FOGO TIPO 3º PISO (SÓTÃO)



CLASSIFICAÇÃO PROGRAMÁTICA

nº de compartimentos \_\_\_\_\_ **13** + circulações + varanda  
 tipologia programática \_\_\_\_\_ **T7**

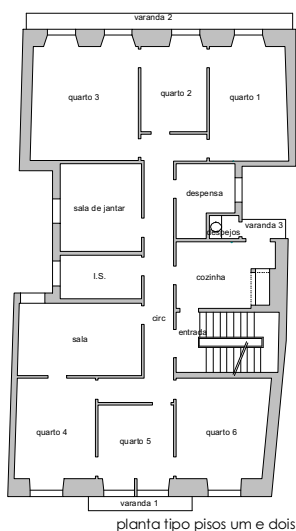
ESPAÇOS INTERIORES

|                        | i = 1                              | 2                                 | 3                   | 4                    | 5                    |
|------------------------|------------------------------------|-----------------------------------|---------------------|----------------------|----------------------|
| ✗ quarto               | 14,16 m <sup>2</sup><br>(i=6)10,36 | 8,19 m <sup>2</sup><br>(i=7)12,48 | 7,43 m <sup>2</sup> | 11,99 m <sup>2</sup> | 10,64 m <sup>2</sup> |
| ✗ arrecadação          | 5,88 m <sup>2</sup>                |                                   |                     |                      |                      |
| ✗ sala de jantar       | 11,37 m <sup>2</sup>               |                                   |                     |                      |                      |
| ✗ sala de estar        | 13,99 m <sup>2</sup>               |                                   |                     |                      |                      |
| ✗ cozinha              | 8,99 m <sup>2</sup>                |                                   |                     |                      |                      |
| ✗ despejos             | 1,12 m <sup>2</sup>                |                                   |                     |                      |                      |
| ✗ circulações          | 14,24 m <sup>2</sup>               |                                   |                     |                      |                      |
| ✗ instalação sanitária | 5,57 m <sup>2</sup>                |                                   |                     |                      |                      |

ESPAÇOS EXTERIORES

|           | i = 1               | 2                   | 3                   | 4 | 5 |
|-----------|---------------------|---------------------|---------------------|---|---|
| ✗ varanda | 0,66 m <sup>2</sup> | 5,55 m <sup>2</sup> | 1,29 m <sup>2</sup> |   |   |

### CARACTERIZAÇÃO DO FOGO TIPO 1º E 2º PISOS



CLASSIFICAÇÃO PROGRAMÁTICA

nº de compartimentos \_\_\_\_\_ **12** + circulações + varanda  
 tipologia programática \_\_\_\_\_ **T6**

ESPAÇOS INTERIORES

|                        | i = 1                              | 2                   | 3                    | 4                    | 5                   |
|------------------------|------------------------------------|---------------------|----------------------|----------------------|---------------------|
| ✗ quarto               | 13,99 m <sup>2</sup><br>(i=6)14,44 | 8,85 m <sup>2</sup> | 19,20 m <sup>2</sup> | 12,68 m <sup>2</sup> | 8,76 m <sup>2</sup> |
| ✗ arrecadação          | 5,88 m <sup>2</sup>                |                     |                      |                      |                     |
| ✗ sala de jantar       | 11,37 m <sup>2</sup>               |                     |                      |                      |                     |
| ✗ sala de estar        | 13,99 m <sup>2</sup>               |                     |                      |                      |                     |
| ✗ cozinha              | 8,99 m <sup>2</sup>                |                     |                      |                      |                     |
| ✗ despejos             | 1,12 m <sup>2</sup>                |                     |                      |                      |                     |
| ✗ circulações          | 15,63 m <sup>2</sup>               |                     |                      |                      |                     |
| ✗ instalação sanitária | 5,57 m <sup>2</sup>                |                     |                      |                      |                     |

ESPAÇOS EXTERIORES

|           | i = 1               | 2                   | 3                   | 4 | 5 |
|-----------|---------------------|---------------------|---------------------|---|---|
| ✗ varanda | 2,25 m <sup>2</sup> | 6,88 m <sup>2</sup> | 1,29 m <sup>2</sup> |   |   |

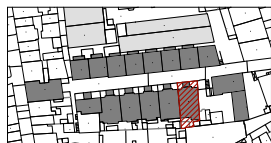
ESPAÇOS COM VÃOS  
PARA O EXTERIOR \*1

|                      | alçado principal | alçado posterior | alçado lateral | saguão | cobertura |
|----------------------|------------------|------------------|----------------|--------|-----------|
| quarto 1             | ✗                | ■                | ■              | ■      | ■         |
| quarto 2             | ✗                | ■                | ■              | ■      | ■         |
| quarto 3             | ✗                | ■                | ■              | ■      | ■         |
| quarto 4             | ✗                | ■                | ✗              | ■      | ■         |
| quarto 5             | ■                | ✗                | ■              | ■      | ■         |
| quarto 6             | ■                | ✗                | ■              | ■      | ■         |
| quarto 7             | ■                | ✗                | ■              | ■      | ■         |
| sala de jantar       | ■                | ■                | ■              | ✗      | ■         |
| sala de estar/saleta | ✗                | ■                | ■              | ✗      | ■         |
| cozinha              | ■                | ■                | ■              | ✗      | ■         |
| despejos             | ■                | ■                | ■              | ✗      | ■         |
| arrecadação          | ■                | ■                | ■              | ✗      | ■         |
| I.S.                 | ■                | ■                | ■              | ✗      | ■         |
| circulações          | ■                | ■                | ■              | ■      | ■         |

\*1 existência de **pelo menos um** espaço com abertura directa para o exterior.  
Identificação apenas válida para o fogo tipo 3º piso

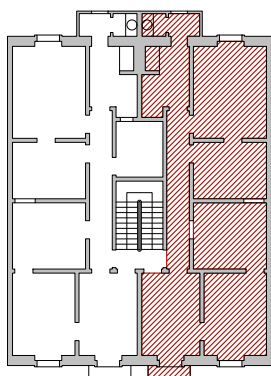
# FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO FOGO

## CASO DE ESTUDO 1

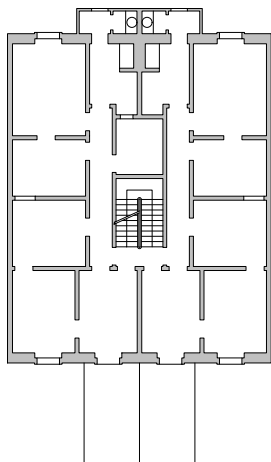


planta de localização

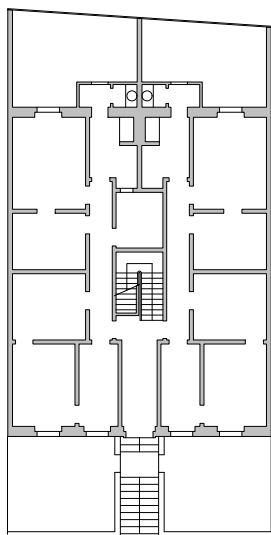
EDIFÍCIO TIPO 1 - PROJECTO ORIGINAL\*



planta tipo piso dois



planta tipo piso um



planta tipo piso térreo

### IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO

rua, nº, piso, esq./dir. \_\_\_\_\_ VILA BERTA, 3, 2º-ESQ

DADOS PATRIMONIAIS

C.M.L. processo nº. \_\_\_\_\_ 22357

regime de propriedade do imóvel

municipal  cooperativo  particular  Estado

vertical  horizontal

regime de ocupação do fogo

própria  arrendamento  cedência

DATA DE CONSTRUÇÃO

\_\_\_\_\_ 1908 - 1910

DATA(S) DE ALTERAÇÕES

\_\_\_\_\_ OBRAS DE MANUTENÇÃO - 2006 / 2007

### CARACTERIZAÇÃO DO LOTE

IMPLANTAÇÃO

largura do lote \_\_\_\_\_ 10,30 m

profundidade do lote \_\_\_\_\_ 23,90 m

área do lote \_\_\_\_\_ 247,17 m<sup>2</sup>

área de implantação do edifício \_\_\_\_\_ 165,57 m<sup>2</sup>

espaços exteriores

logradouro \_\_\_\_\_ 78,42 m<sup>2</sup>

terraço \_\_\_\_\_ 33,82 m<sup>2</sup>

pátio \_\_\_\_\_ m<sup>2</sup>

impermeável

permeável

parcialmente permeável

acesso

de nível

elevado

escada

rampa

relação do edifício com o espaço público

directo

através de espaço comum

CONFRONTAÇÕES

rua \_\_\_\_\_ VILA BERTA

logradouro \_\_\_\_\_ VILA BERTA, 1-1A.; RUA DA GRAÇA, 24-27

edifício \_\_\_\_\_ VILA BERTA, 5

\* os fogos rés-do-chão esquerdo, e 1º e 2º pisos direito do edifício nº 3, apresentam fenestrações em todos os compartimentos de empena interiores, por este se encontrar no remate da banda. No entanto, obedecem à estrutura espacial interior do Edifício Tipo 1.

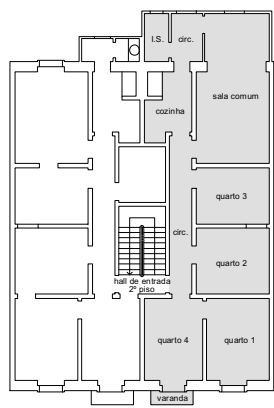
## CARACTERIZAÇÃO DO EDIFÍCIO

CLASSIFICAÇÃO PROGRAMÁTICA nº de habitações do edifício \_\_\_\_\_ **6**

CLASSIFICAÇÃO MORFOLÓGICA (consultar Ficha de Caracterização do Edifício Tipo \_\_\_\_\_ **1**)

## CARACTERIZAÇÃO DO FOGO

CLASSIFICAÇÃO PROGRAMÁTICA nº de compartimentos \_\_\_\_\_ **7** + circulações + varanda  
tipologia programática \_\_\_\_\_ **T4**



planta tipo piso dois  
com situação actual do fogo

### ESPAÇOS INTERIORES

|  | i = 1                | 2                    | 3                    | 4                    | 5                    |
|--|----------------------|----------------------|----------------------|----------------------|----------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> quarto               | 8,11 m <sup>2</sup>  | 7,63 m <sup>2</sup>  | 6,50 m <sup>2</sup>  | 7,55 m <sup>2</sup>  | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> sala comum           | 16,36 m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input type="checkbox"/> sala de jantar                  | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input type="checkbox"/> sala de estar                   | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> instalação sanitária | 1,80 m <sup>2</sup>  | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> cozinha              | 6,72 m <sup>2</sup>  | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input type="checkbox"/> arrecadação                     | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> circulações          |                      |                      |                      |                      |                      |
| <input checked="" type="checkbox"/> corredor             | 5,66 m <sup>2</sup>  | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input type="checkbox"/> hall/vestíbulo                  | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |

### ESPAÇOS EXTERIORES

|   | i = 1                | 2                    | 3                    | 4                    | 5                    |
|---|----------------------|----------------------|----------------------|----------------------|----------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> varanda | 0,93 m <sup>2</sup>  | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input type="checkbox"/> logradouro         | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |

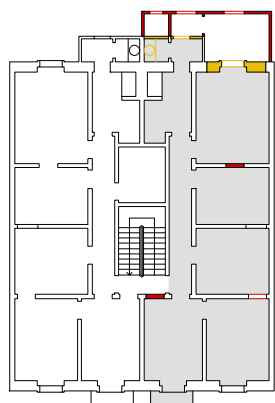
### ESPAÇOS COM VÃOS PARA O EXTERIOR \*

|  | alçado principal                    | alçado posterior                    | alçado lateral           | cobertura                |
|--|-------------------------------------|-------------------------------------|--------------------------|--------------------------|
| quarto   | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| <input checked="" type="checkbox"/> (se existir <b>pelo menos um</b> quarto <b>sem</b> abertura directa para o exterior)     |                                     |                                     |                          |                          |
| sala comum   | <input type="checkbox"/>            | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| sala de jantar   | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| sala de estar  | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| instalação sanitária   | <input type="checkbox"/>            | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> (se existir <b>pelo menos uma</b> instalação sanitária <b>sem</b> abertura directa para o exterior) |                                     |                                     |                          |                          |
| cozinha  | <input type="checkbox"/>            | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| arrecadação  | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| circulações  | <input type="checkbox"/>            | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

\* existência de **pelo menos um** espaço com abertura directa para o exterior



## ALTERAÇÕES FACE AO PROJECTO ORIGINAL



planta tipo piso dois  
com alterações

### ALTERAÇÕES ESPACIAIS

- demolição de parede exterior
- demolição de parede divisória interior - fusão de compartimentos
- construção de paredes exteriores
- construção de paredes divisórias interiores
- ampliação para o exterior
- ampliação para o fogo contíguo
- ampliação - fusão com fogo contíguo
- ampliação - fusão com fogo do piso superior ou inferior
- encerramento de vão de porta
- realocização de vão de porta
- abertura de vão de porta
- abertura de vão de janela
- construção de roupeiro
- substituição de chaminé



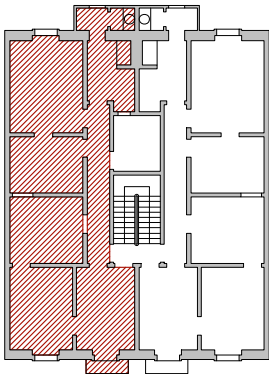
# FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO FOGO

## CASO DE ESTUDO 2

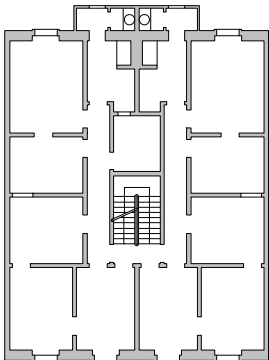


planta de localização

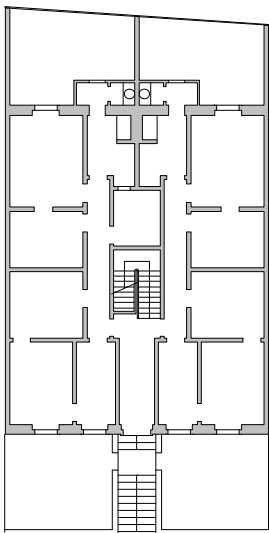
EDIFÍCIO TIPO 1 - PROJECTO ORIGINAL\*



planta tipo piso dois



planta tipo piso um



planta tipo piso térreo

### IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO

rua, nº, piso, esq./dir. VILA BERTA, 5, 2º-DIR

DADOS PATRIMONIAIS

C.M.L. processo nº. 22356

regime de propriedade do imóvel

municipal  cooperativo  particular  Estado

vertical  horizontal

regime de ocupação do fogo

própria  arrendamento  cedência

DATA DE CONSTRUÇÃO

1908 - 1910

DATA(S) DE ALTERAÇÕES

2007

### CARACTERIZAÇÃO DO LOTE

IMPLANTAÇÃO

largura do lote 10,50 m

profundidade do lote 23,40 m

área do lote 247,60 m<sup>2</sup>

área de implantação do edifício 164,18 m<sup>2</sup>

espaços exteriores

logradouro 85,76 m<sup>2</sup>

terraço 33,82 m<sup>2</sup>

pátio 51,74 m<sup>2</sup>

impermeável

permeável

parcialmente permeável

acesso

de nível

elevado

escada

rampa

relação do edifício com o espaço público

directo

através de espaço comum

CONFRONTAÇÕES

rua VILA BERTA

logradouro RUA DA GRAÇA, 18-25

edifício VILA BERTA, 3 e 7

\* os fogos rés-do-chão esquerdo, e 1º e 2º pisos direito do edifício nº 3, apresentam fenestranças em todos os compartimentos de empena interiores, por este se encontrar no remate da banda. No entanto, obedecem à estrutura espacial interior do Edifício Tipo 1.

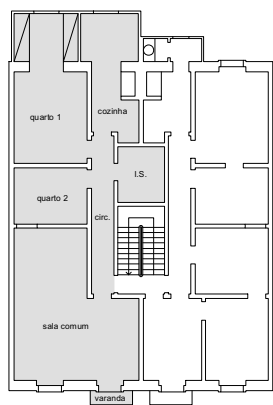
## CARACTERIZAÇÃO DO EDIFÍCIO

CLASSIFICAÇÃO PROGRAMÁTICA nº de habitações do edifício \_\_\_\_\_ **6**

CLASSIFICAÇÃO MORFOLÓGICA (consultar Ficha de Caracterização do Edifício Tipo \_\_\_\_\_ **1**)

## CARACTERIZAÇÃO DO FOGO

CLASSIFICAÇÃO PROGRAMÁTICA nº de compartimentos \_\_\_\_\_ **5** + circulações + varanda  
tipologia programática \_\_\_\_\_ **T2**



planta tipo piso dois  
com situação actual do fogo

### ESPAÇOS INTERIORES

|  | i = 1                | 2                    | 3                    | 4                    | 5                    |
|--|----------------------|----------------------|----------------------|----------------------|----------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> quarto               | 15,97 m <sup>2</sup> | 6,50 m <sup>2</sup>  | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> sala comum           | 24,28 m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input type="checkbox"/> sala de jantar                  | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input type="checkbox"/> sala de estar                   | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> instalação sanitária | 4,11 m <sup>2</sup>  | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> cozinha              | 8,94 m <sup>2</sup>  | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input type="checkbox"/> arrecadação                     | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> circulações          |                      |                      |                      |                      |                      |
| <input checked="" type="checkbox"/> corredor             | 5,66 m <sup>2</sup>  | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input type="checkbox"/> hall/vestíbulo                  | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |

### ESPAÇOS EXTERIORES

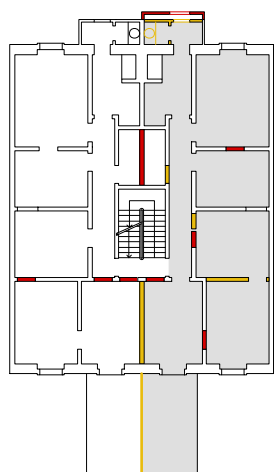
|   | i = 1                | 2                    | 3                    | 4                    | 5                    |
|---|----------------------|----------------------|----------------------|----------------------|----------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> varanda | 0,93 m <sup>2</sup>  | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input type="checkbox"/> logradouro         | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |

### ESPAÇOS COM VÃOS PARA O EXTERIOR \*

|   | alçado principal                    | alçado posterior                    | alçado lateral           | cobertura                |
|---|-------------------------------------|-------------------------------------|--------------------------|--------------------------|
| quarto  | <input type="checkbox"/>            | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| <input checked="" type="checkbox"/> (se existir <b>pelo menos um</b> quarto <b>sem</b> abertura directa para o exterior)                |                                     |                                     |                          |                          |
| sala comum  | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| sala de jantar  | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| sala de estar   | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| instalação sanitária  | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| <input checked="" type="checkbox"/> (se existir <b>pelo menos uma</b> instalação sanitária <b>sem</b> abertura directa para o exterior) |                                     |                                     |                          |                          |
| cozinha   | <input type="checkbox"/>            | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| arrecadação   | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| circulações   | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

\* existência de **pelo menos um** espaço com abertura directa para o exterior

## ALTERAÇÕES FACE AO PROJECTO ORIGINAL



planta tipo piso um  
com alterações

| ALTERAÇÕES ESPACIAIS |  |
|----------------------|--|
|                      | ✗ demolição de parede exterior                                     |
|                      | ✗ demolição de parede divisória interior - fusão de compartimentos |
|                      | ✗ construção de paredes exteriores                                 |
|                      | ✗ construção de paredes divisórias interiores                      |
|                      | ✗ ampliação para o exterior  |
|                      | ✗ ampliação para o fogo contíguo                                   |
|                      | ■ ampliação - fusão com fogo contíguo                              |
|                      | ■ ampliação - fusão com fogo do piso superior ou inferior          |
|                      | ✗ encerramento de vão de porta                                     |
|                      | ✗ realocização de vão de porta                                     |
|                      | ✗ abertura de vão de porta   |
|                      | ■ abertura de vão de janela  |
|                      | ■ construção de roupeiro   |
|                      | ■ substituição de chaminé  |





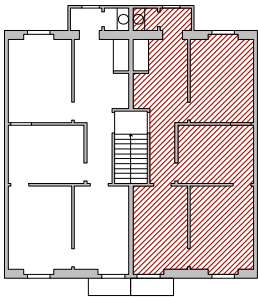
# FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO FOGO

## CASO DE ESTUDO **4**

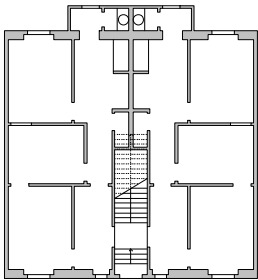


planta de localização

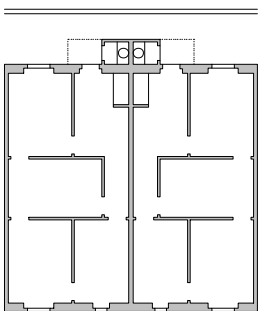
EDIFÍCIO TIPO 1 - PROJECTO ORIGINAL\*



planta tipo piso um



planta tipo piso térreo



planta tipo cave\*2

### IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO

rua, nº, piso, esq./dir. VILA BERTA, 4, 1º-DIR

DADOS PATRIMONIAIS

C.M.L. processo nº. 22387

regime de propriedade do imóvel

municipal  cooperativo  particular  Estado

vertical  horizontal

regime de ocupação do fogo

própria  arrendamento  cedência

DATA DE CONSTRUÇÃO

1908 - 1910

DATA(S) DE ALTERAÇÕES

2006

### CARACTERIZAÇÃO DO LOTE

IMPLANTAÇÃO

largura do lote 9,88 m

profundidade do lote 12,50 m

área do lote 123,20 m<sup>2</sup>

área de implantação do edifício 107,39 m<sup>2</sup>

espaços exteriores

logradouro 15,79 m<sup>2</sup>

terraço \_\_\_\_\_ m<sup>2</sup>

pátio \_\_\_\_\_ m<sup>2</sup>

impermeável

permeável

parcialmente permeável

acesso

de nível

elevado

escada

rampa

relação do edifício com o espaço público

directo

através de espaço comum

CONFRONTAÇÕES

rua VILA BERTA

logradouro \_\_\_\_\_

edifício VILA BERTA, 2, 6 E 16A

\*1 os fogos rés-do-chão direito e 1º piso direito do edifício nº 16, e rés-do-chão esquerdo e 1º piso esquerdo do edifício nº 2, apresentam, respectivamente, fenestrações em todos os compartimentos de empena, e fenestração no compartimento interior junto à empena, por se encontrarem no remate da banda. No entanto, obedecem à estrutura espacial interior do Edifício Tipo 2.

\*2 a habitação em cave existe apenas nos edifícios nº 2, 4, 6 e 8.

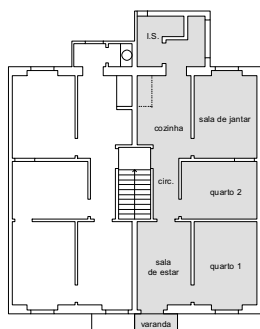
## CARACTERIZAÇÃO DO EDIFÍCIO

CLASSIFICAÇÃO PROGRAMÁTICA nº de habitações do edifício \_\_\_\_\_ **6**

CLASSIFICAÇÃO MORFOLÓGICA (consultar Ficha de Caracterização do Edifício Tipo \_\_\_\_\_ **2**)

## CARACTERIZAÇÃO DO FOGO

CLASSIFICAÇÃO PROGRAMÁTICA nº de compartimentos \_\_\_\_\_ **6** + circulações + varanda  
tipologia programática \_\_\_\_\_ **T2**



planta tipo piso um  
com situação actual do fogo

### ESPAÇOS INTERIORES

|  | i = 1                | 2                    | 3                    | 4                    | 5                    |
|--|----------------------|----------------------|----------------------|----------------------|----------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> quarto               | 8,25 m <sup>2</sup>  | 6,90 m <sup>2</sup>  | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input type="checkbox"/> sala comum                      | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> sala de jantar       | 8,25 m <sup>2</sup>  | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> sala de estar        | 7,10 m <sup>2</sup>  | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> instalação sanitária | 2,68 m <sup>2</sup>  | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> cozinha              | 8,50 m <sup>2</sup>  | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input type="checkbox"/> arrecadação                     | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> circulações          |                      |                      |                      |                      |                      |
| <input type="checkbox"/> corredor                        | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> hall/vestíbulo       | 2,41 m <sup>2</sup>  | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |

### ESPAÇOS EXTERIORES

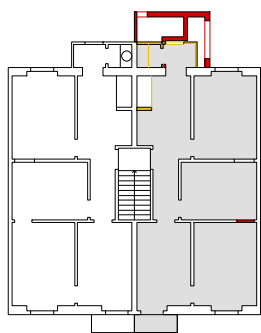
|   | i = 1                | 2                    | 3                    | 4                    | 5                    |
|---|----------------------|----------------------|----------------------|----------------------|----------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> varanda | 1,19 m <sup>2</sup>  | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input type="checkbox"/> logradouro         | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |

### ESPAÇOS COM VÃOS PARA O EXTERIOR \*

|  | alçado principal                    | alçado posterior                    | alçado lateral           | cobertura                |
|--|-------------------------------------|-------------------------------------|--------------------------|--------------------------|
| quarto   | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| <input checked="" type="checkbox"/> (se existir <b>pelo menos um</b> quarto <b>sem</b> abertura directa para o exterior)     |                                     |                                     |                          |                          |
| sala comum   | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| sala de jantar   | <input type="checkbox"/>            | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| sala de estar  | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| instalação sanitária   | <input type="checkbox"/>            | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> (se existir <b>pelo menos uma</b> instalação sanitária <b>sem</b> abertura directa para o exterior) |                                     |                                     |                          |                          |
| cozinha  | <input type="checkbox"/>            | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| arrecadação  | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| circulações  | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

\* existência de **pelo menos um** espaço com abertura directa para o exterior

## ALTERAÇÕES FACE AO PROJECTO ORIGINAL



planta tipo piso um  
com alterações

| ALTERAÇÕES ESPACIAIS |  |
|----------------------|--|
|                      | ✗ demolição de parede exterior                                   |
| ■                    | demolição de parede divisória interior - fusão de compartimentos |
| ✗                    | construção de paredes exteriores                                 |
| ✗                    | construção de paredes divisórias interiores                      |
| ✗                    | ampliação para o exterior  |
| ■                    | ampliação para o fogo contíguo                                   |
| ■                    | ampliação - fusão com fogo contíguo                              |
| ■                    | ampliação - fusão com fogo do piso superior ou inferior          |
| ✗                    | encerramento de vão de porta                                     |
| ■                    | relocalização de vão de porta                                    |
| ■                    | abertura de vão de porta   |
| ■                    | abertura de vão de janela  |
| ■                    | construção de roupeiro   |
| ✗                    | substituição de chaminé  |





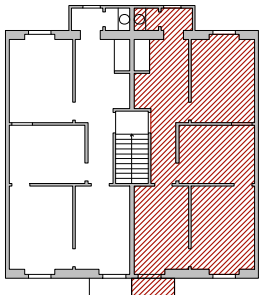
# FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO FOGO

## CASO DE ESTUDO 5

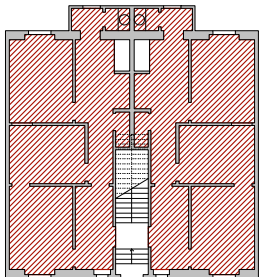


planta de localização

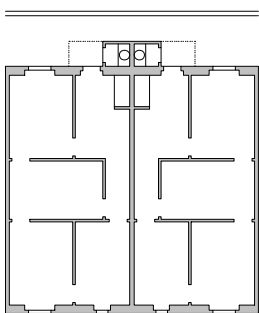
EDIFÍCIO TIPO 1 - PROJECTO ORIGINAL\*



planta tipo piso um



planta tipo piso térreo



planta tipo cave\*2

### IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO

rua, nº, piso, esq./dir. VILA BERTA, 10, 1º - DIR

DADOS PATRIMONIAIS

C.M.L. processo nº. 22391

regime de propriedade do imóvel

municipal  cooperativo  particular  Estado

vertical  horizontal

regime de ocupação do fogo

própria  arrendamento  cedência

DATA DE CONSTRUÇÃO

1908 - 1910

DATA(S) DE ALTERAÇÕES

ALTERAÇÕES NO 1º DIR. (1987)

APROPRIAÇÃO DO R/C DIR. (1997); APROPRIAÇÃO DO R/C ESQ. (1998)

APROPRIAÇÃO DO SÓTÃO (2008)

### CARACTERIZAÇÃO DO LOTE

IMPLANTAÇÃO

largura do lote 9,67 m

profundidade do lote 12,50 m

área do lote 119,82 m<sup>2</sup>

área de implantação do edifício 105,41 m<sup>2</sup>

espaços exteriores

logradouro 13,68 m<sup>2</sup>

terraço \_\_\_\_\_ m<sup>2</sup>

pátio \_\_\_\_\_ m<sup>2</sup>

impermeável

permeável

parcialmente permeável

acesso

de nível

elevado

escada

rampa

relação do edifício com o espaço público

directo

através de espaço comum

CONFRONTAÇÕES

rua VILA BERTA

logradouro \_\_\_\_\_

edifício VILA BERTA, 8, 12 E 16A

\*1 os fogos rés-do-chão direito e 1º piso direito do edifício nº 16, e rés-do-chão esquerdo e 1º piso esquerdo do edifício nº 2, apresentam, respectivamente, fenestrações em todos os compartimentos de empena, e fenestração no compartimento interior junto à empena, por se encontrarem no remate da banda. No entanto, obedecem à estrutura espacial interior do Edifício Tipo 2.

\*2 a habitação em cave existe apenas nos edifícios nº 2, 4, 6 e 8.

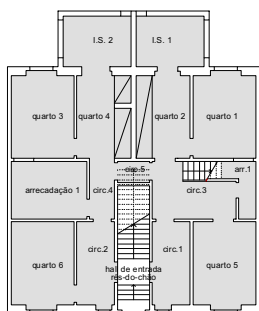
## CARACTERIZAÇÃO DO EDIFÍCIO

CLASSIFICAÇÃO PROGRAMÁTICA nº de habitações do edifício \_\_\_\_\_ **2**

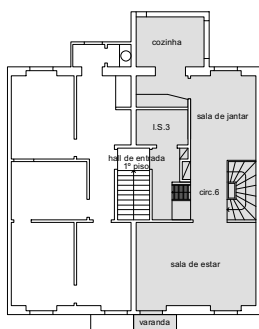
CLASSIFICAÇÃO MORFOLÓGICA (consultar Ficha de Caracterização do Edifício Tipo \_\_\_\_\_ **2**)

## CARACTERIZAÇÃO DO FOGO

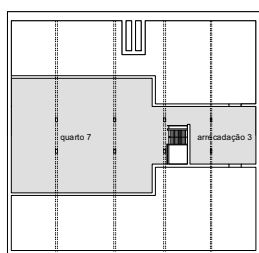
CLASSIFICAÇÃO PROGRAMÁTICA nº de compartimentos \_\_\_\_\_ **16** + circulações + varanda  
tipologia programática \_\_\_\_\_ **T5**



planta piso térreo com situação actual do fogo



planta tipo piso um com situação actual do fogo



planta sótão com situação actual do fogo

### ESPAÇOS INTERIORES

|  | i = 1                    | 2                         | 3                    | 4                    | 5                    |
|--|--------------------------|---------------------------|----------------------|----------------------|----------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> quarto               | 8,25 m <sup>2</sup>      | 4,95 m <sup>2</sup>       | 8,25 m <sup>2</sup>  | 4,95 m <sup>2</sup>  | 8,25 m <sup>2</sup>  |
| <input type="checkbox"/> sala comum                      | (i=6)8,25 m <sup>2</sup> | (i=7)27,60 m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> sala de jantar       | 8,87 m <sup>2</sup>      | _____ m <sup>2</sup>      | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> sala de estar        | 15,98 m <sup>2</sup>     | _____ m <sup>2</sup>      | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> instalação sanitária | 5,40 m <sup>2</sup>      | 5,40 m <sup>2</sup>       | 2,87 m <sup>2</sup>  | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> cozinha              | 8,36 m <sup>2</sup>      | _____ m <sup>2</sup>      | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> arrecadação          | 6,90 m <sup>2</sup>      | 2,06 m <sup>2</sup>       | 6,03 m <sup>2</sup>  | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> circulações          | _____ m <sup>2</sup>     | _____ m <sup>2</sup>      | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input type="checkbox"/> corredor                        | _____ m <sup>2</sup>     | _____ m <sup>2</sup>      | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> hall/vestíbulo       | 4,95 m <sup>2</sup>      | 4,95 m <sup>2</sup>       | 5,93 m <sup>2</sup>  | 2,41 m <sup>2</sup>  | 1,16 m <sup>2</sup>  |
|  | (i=6)6,54                |                           |                      |                      |                      |

### ESPAÇOS EXTERIORES

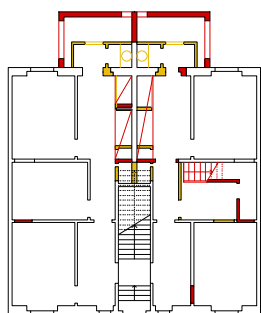
|   | i = 1                | 2                    | 3                    | 4                    | 5                    |
|---|----------------------|----------------------|----------------------|----------------------|----------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> varanda | 1,19 m <sup>2</sup>  | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |
| <input type="checkbox"/> logradouro         | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> | _____ m <sup>2</sup> |

### ESPAÇOS COM VÃOS PARA O EXTERIOR \*

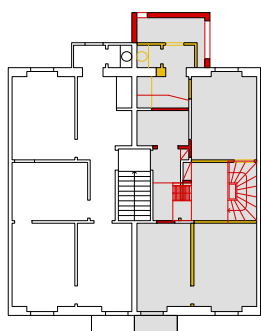
|   | alçado principal                    | alçado posterior                    | alçado lateral           | cobertura                           |
|---|-------------------------------------|-------------------------------------|--------------------------|-------------------------------------|
| quarto  | <input checked="" type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> |
| <input checked="" type="checkbox"/> (se existir <b>pelo menos um</b> quarto <b>sem</b> abertura directa para o exterior)                |                                     |                                     |                          |                                     |
| sala comum  | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>            |
| sala de jantar  | <input type="checkbox"/>            | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>            |
| sala de estar   | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>            |
| instalação sanitária  | <input type="checkbox"/>            | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>            |
| <input checked="" type="checkbox"/> (se existir <b>pelo menos uma</b> instalação sanitária <b>sem</b> abertura directa para o exterior) |                                     |                                     |                          |                                     |
| cozinha   | <input type="checkbox"/>            | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>            |
| arrecadação   | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>            |
| circulações   | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>            |

\* existência de **pelo menos um** espaço com abertura directa para o exterior

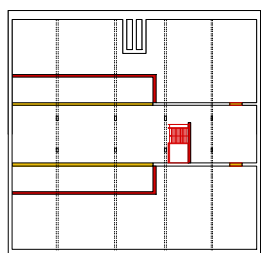
## ALTERAÇÕES FACE AO PROJECTO ORIGINAL



planta piso térreo  
com alterações



planta tipo piso um  
com alterações



planta sótão  
com alterações

### ALTERAÇÕES ESPACIAIS

- ✗ demolição de parede exterior
- ✗ demolição de parede divisória interior - fusão de compartimentos
- ✗ construção de paredes exteriores
- ✗ construção de paredes divisórias interiores
- ✗ ampliação para o exterior
- ampliação para o fogo contíguo
- ✗ ampliação - fusão com fogo contíguo
- ✗ ampliação - fusão com fogo do piso superior ou inferior
- ✗ encerramento de vão de porta
- ✗ realocização de vão de porta
- ✗ abertura de vão de porta
- ✗ abertura de vão de janela
- ✗ construção de roupeiro
- ✗ substituição de chaminé



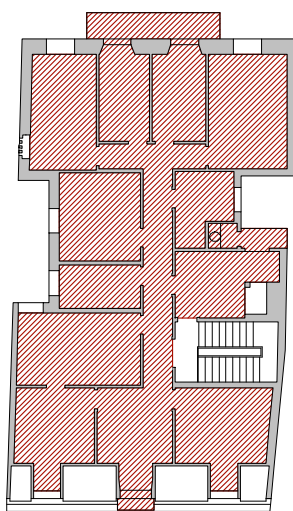
# FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO FOGO

## CASO DE ESTUDO 6

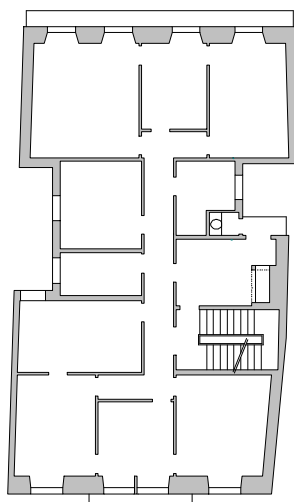


planta de localização

EDIFÍCIO TIPO 1 - PROJECTO ORIGINAL\*



planta 3º piso



planta tipo 1º e 2º pisos

### IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO

rua, nº, piso, esq./dir. \_\_\_\_\_ VILA BERTA, 59, 3º PISO

DADOS PATRIMONIAIS

C.M.L. processo nº. \_\_\_\_\_ 22383

regime de propriedade do imóvel

municipal     cooperativo     particular     Estado

vertical     horizontal

regime de ocupação do fogo

própria     arrendamento     cedência

DATA DE CONSTRUÇÃO

\_\_\_\_\_ 1908 - 1910

DATA(S) DE ALTERAÇÕES

\_\_\_\_\_ 2000

### CARACTERIZAÇÃO DO LOTE

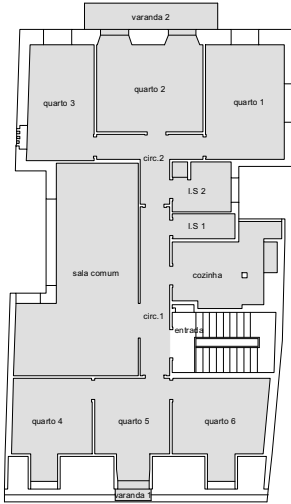
(consultar Ficha de Caracterização do Edifício Tipo 3)



## CARACTERIZAÇÃO DO EDIFÍCIO

(consultar Ficha de Caracterização do Edifício Tipo 3)

## CARACTERIZAÇÃO DO FOGO



planta 3º piso  
com situação actual do fogo

### CLASSIFICAÇÃO PROGRAMÁTICA

nº de compartimentos 10 + circulações + varanda

tipologia programática T6

### ESPAÇOS INTERIORES

|  | i = 1                               | 2                    | 3                    | 4                    | 5                    |
|--|-------------------------------------|----------------------|----------------------|----------------------|----------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> quarto               | 14,16 m <sup>2</sup>                | 15,62 m <sup>2</sup> | 11,99 m <sup>2</sup> | 10,66 m <sup>2</sup> | 10,32 m <sup>2</sup> |
| <input checked="" type="checkbox"/> sala comum           | (i=6) 12,45<br>32,04 m <sup>2</sup> |                      |                      |                      |                      |
| <input type="checkbox"/> sala de jantar                  |                                     |                      |                      |                      |                      |
| <input type="checkbox"/> sala de estar                   |                                     |                      |                      |                      |                      |
| <input checked="" type="checkbox"/> instalação sanitária | 2,42 m <sup>2</sup>                 | 4,53 m <sup>2</sup>  |                      |                      |                      |
| <input checked="" type="checkbox"/> cozinha              | 9,96 m <sup>2</sup>                 |                      |                      |                      |                      |
| <input checked="" type="checkbox"/> arrecadação          |                                     |                      |                      |                      |                      |
| <input checked="" type="checkbox"/> circulações          |                                     |                      |                      |                      |                      |
| <input checked="" type="checkbox"/> corredor             | 7,77 m <sup>2</sup>                 |                      |                      |                      |                      |
| <input checked="" type="checkbox"/> hall/vestíbulo       | 6,24 m <sup>2</sup>                 |                      |                      |                      |                      |

### ESPAÇOS EXTERIORES

|   | i = 1               | 2                   | 3 | 4 | 5 |
|---|---------------------|---------------------|---|---|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> varanda | 0,66 m <sup>2</sup> | 5,56 m <sup>2</sup> |   |   |   |
| <input type="checkbox"/> logradouro         |                     |                     |   |   |   |

### ESPAÇOS COM VÃOS PARA O EXTERIOR \*

|   | alçado principal                    | alçado posterior                    | alçado lateral                      | saguão                              | cobertura                |
|---|-------------------------------------|-------------------------------------|-------------------------------------|-------------------------------------|--------------------------|
| quarto  | <input checked="" type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> (se existir <b>pelo menos um</b> quarto <b>sem</b> abertura directa para o exterior)                           |                                     |                                     |                                     |                                     |                          |
| sala comum  | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/>            | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| instalação sanitária  | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/>            | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| <input checked="" type="checkbox"/> (se existir <b>pelo menos uma</b> instalação sanitária <b>sem</b> abertura directa para o exterior) |                                     |                                     |                                     |                                     |                          |
| cozinha   | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/>            | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| arrecadação   | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/> |
| circulações   | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/>            | <input type="checkbox"/> |

## ALTERAÇÕES FACE AO PROJECTO ORIGINAL



planta 3º piso  
com alterações

### ALTERAÇÕES ESPACIAIS

- demolição de parede exterior
- demolição de parede divisória interior - fusão de compartimentos
- construção de paredes exteriores
- construção de paredes divisórias interiores
- ampliação para o exterior
- ampliação para o fogo contíguo
- ampliação - fusão com fogo contíguo
- ampliação - fusão com fogo do piso superior ou inferior
- encerramento de vão de porta
- realocização de vão de porta
- abertura de vão de porta
- abertura de vão de janela
- construção de roupeiro
- substituição de chaminé

\* existência de **pelo menos um** espaço com abertura directa para o exterior

# AFERIÇÃO DE USOS / GRAU DE SATISFAÇÃO - FICHA DE INQUÉRITO

Nº DE POLÍCIA \_\_\_\_\_ PISO TÉRREO DIR.  PISO UM DIR.  PISO DOIS DIR.  SÓTÃO   
ESQ.  ESQ.  ESQ.

## IDENTIFICAÇÃO

Constituição do agregado familiar / nº de moradores \_\_\_\_\_

É proprietário da habitação? S  N

A habitação é arrendada? S  N

## PLANTA (S) DO FOGO / EDIFÍCIO ORIGINAL

PLANTA PISO

PLANTA PISO

PLANTA PISO



## ALTERAÇÕES

Realizou obras em casa? \_\_\_\_\_ S  N

Em que data(s)? \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

As obras que realizou contemplaram:

substituição da canalização de água \_\_\_\_\_ S  N

substituição da canalização de esgotos \_\_\_\_\_ S  N

substituição da canalização de gás \_\_\_\_\_ S  N

substituição das caixilharias de madeira das janelas \_\_\_\_\_ S  N

pintura e tratamento das caixilharias de madeira das janelas \_\_\_\_\_ S  N

substituição das portas interiores \_\_\_\_\_ S  N

pintura e tratamento das portas interiores \_\_\_\_\_ S  N

substituição da porta de entrada (fogo) \_\_\_\_\_ S  N

substituição do pavimento de madeira da sala e/ou quartos \_\_\_\_\_ S  N

afagamento e envernizamento do pavimento de madeira da sala e quartos \_\_\_\_\_ S  N

conservação das portadas interiores de madeira das janelas \_\_\_\_\_ S  N

substituição das portadas interiores de madeira por estores exteriores \_\_\_\_\_ S  N

pintura e tratamento das paredes interiores \_\_\_\_\_ S  N

colocação de isolamento térmico e/ou acústico no pavimento \_\_\_\_\_ S  N

colocação de isolamento térmico e/ou acústico no tecto \_\_\_\_\_ S  N

impermeabilização de paredes \_\_\_\_\_ S  N

substituição do revestimento de pavimento / paredes da cozinha \_\_\_\_\_ S  N

substituição do revestimento do pavimento / paredes da casa de banho \_\_\_\_\_ S  N

colocação de roupeiros em alguma divisão \_\_\_\_\_ S  N

As obras que realizou contemplaram:

construção de paredes \_\_\_\_\_ S  N

(se sim, assinale na planta a parede que construiu)

a construção da parede permitiu obter mais espaço para:

trabalhar \_\_\_\_\_ S  N

dormir \_\_\_\_\_ S  N

arrumos \_\_\_\_\_ S  N

outro \_\_\_\_\_ \_\_\_\_\_





|  |                            |                            |
|--|----------------------------|----------------------------|
| encerramento de vãos _____   | S <input type="checkbox"/> | N <input type="checkbox"/> |
| (se sim, assinale na planta o vão que encerrou)                      |                            |                            |
| o encerramento do vão permitiu:                                      |                            |                            |
| individualizar esse espaço _____                                     | S <input type="checkbox"/> | N <input type="checkbox"/> |
| inserir uma casa de banho no interior de um quarto _____             | S <input type="checkbox"/> | N <input type="checkbox"/> |
| outro _____  | _____                      | _____                      |
| demolição de paredes divisórias de compartimentos _____              | S <input type="checkbox"/> | N <input type="checkbox"/> |
| (se sim, assinale com um X na planta a parede que demoliu)           |                            |                            |
| a demolição da parede permitiu obter mais espaço para:               |                            |                            |
| estar _____  | S <input type="checkbox"/> | N <input type="checkbox"/> |
| dormir _____   | S <input type="checkbox"/> | N <input type="checkbox"/> |
| trabalhar _____  | S <input type="checkbox"/> | N <input type="checkbox"/> |
| outro _____  | _____                      | _____                      |
| ligação de dois compartimentos através da abertura de vãos _____     | S <input type="checkbox"/> | N <input type="checkbox"/> |
| este(s) vão(s) permitiu:   |                            |                            |
| ligar dois fogos distintos _____                                     | S <input type="checkbox"/> | N <input type="checkbox"/> |
| ligar a sala ao quarto _____   | S <input type="checkbox"/> | N <input type="checkbox"/> |
| ligar a sala à cozinha _____   | S <input type="checkbox"/> | N <input type="checkbox"/> |
| outro _____  | _____                      | _____                      |
| construção de roupeiros _____  | S <input type="checkbox"/> | N <input type="checkbox"/> |
| ocupação do sótão (se é morador do último piso) _____                | S <input type="checkbox"/> | N <input type="checkbox"/> |
| esta ocupação permitiu ter mais espaço para:                         |                            |                            |
| dormir _____   | S <input type="checkbox"/> | N <input type="checkbox"/> |
| estar _____  | S <input type="checkbox"/> | N <input type="checkbox"/> |
| trabalhar _____  | S <input type="checkbox"/> | N <input type="checkbox"/> |
| outro _____  | _____                      | _____                      |
| ligação de dois pisos através da construção de escada interior _____ | S <input type="checkbox"/> | N <input type="checkbox"/> |
| esta ligação permitiu ter mais espaço para:                          |                            |                            |
| dormir _____   | S <input type="checkbox"/> | N <input type="checkbox"/> |
| estar _____  | S <input type="checkbox"/> | N <input type="checkbox"/> |
| trabalhar _____  | S <input type="checkbox"/> | N <input type="checkbox"/> |
| outro _____  | _____                      | _____                      |
| abertura de vãos exteriores _____                                    | S <input type="checkbox"/> | N <input type="checkbox"/> |
| (se sim, assinale na planta o vão que abriu)                         |                            |                            |
| esta alteração permitiu:   |                            |                            |
| aceder ao logradouro _____   | S <input type="checkbox"/> | N <input type="checkbox"/> |
| iluminar de forma mais satisfatória, um compartimento interior _____ | S <input type="checkbox"/> | N <input type="checkbox"/> |
| outro _____  | _____                      | _____                      |
| alteração de vãos exteriores _____                                   | S <input type="checkbox"/> | N <input type="checkbox"/> |
| (se sim, assinale na planta o vão que alterou)                       |                            |                            |
| esta alteração permitiu:   |                            |                            |
| aceder ao logradouro _____   | S <input type="checkbox"/> | N <input type="checkbox"/> |
| iluminar de forma mais satisfatória, um compartimento interior _____ | S <input type="checkbox"/> | N <input type="checkbox"/> |
| outro _____  | _____                      | _____                      |
| ocupação do logradouro _____   | S <input type="checkbox"/> | N <input type="checkbox"/> |



## ACTIVIDADES DOMÉSTICAS

|                     | sala de jantar           | quarto                   | sala de estar            | escritório               | cozinha                  | varanda                  | terraço                  | trat. de roupa           | arrecad.                 |
|---------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| estar / receber     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| ver televisão       | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| comer               | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| dormir              | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| estudar / trabalhar | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| brincar             | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| preparar refeições  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| tratamento de roupa | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| arrumos             | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

## GRAU DE SATISFAÇÃO

### I. ÁREA URBANA ENVOLVENTE (BAIRRO)

|   | mau                      | razoável                 | bom                      | ótimo                    |
|---|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| localização do seu bairro na cidade de Lisboa _____   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| acesso de peões ao seu bairro _____   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| acesso viário ao seu bairro _____   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| servidão de transportes públicos _____  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| facilidade com que as pessoas (amigas ou conhecidas suas) conseguem identificar a sua rua _____ | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| vista para o exterior a partir da sua residência _____  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| proximidade em relação ao seu local de trabalho _____   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| proximidade a lojas / comércio _____  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| proximidade a equipamentos colectivos (escolas, igrejas, hospitais, etc.) _____                 | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| proximidade a zonas verdes, áreas ao ar livre de desporto, de animação ou de encontro _____     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Como classifica o seu bairro? _____   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

### II. A RUA

|   | mau                      | razoável                 | bom                      | ótimo                    |
|---|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| número de lugares de estacionamento no exterior _____ | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| iluminação nocturna _____                             | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| segurança contra roubos e vandalismo _____            | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| acessibilidade a deficientes motores _____            | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| relacionamento com os seus vizinhos _____             | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Como classifica a sua rua? _____                      | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

### III. O EDIFÍCIO

|  | mau                      | razoável                 | bom                      | ótimo                    |
|--|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| dimensão do hall de entrada e das escadas para acesso de mobília, macas e cadeira de rodas _____ | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| iluminação das áreas comuns no interior do edifício _____  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Como classifica o seu edifício? _____  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |



| IV. A RESIDÊNCIA  | mau                      | razoável                 | bom                      | ótimo                    |
|---|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| a orientação solar _____  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| o número de compartimentos/dimensão total da habitação _____                                | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| iluminação natural _____  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| a privacidade da sua habitação em relação às outras habitações _____                        | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| isolamento acústico da habitação (ruidos da rua ou dos vizinhos) _____                      | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| ventilação da habitação (evacuação de cheiros e vapores da cozinha) _____                   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| ventilação da habitação (evacuação de cheiros e humidades das instalações sanitárias) _____ | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| temperatura média natural (se é fresca no Verão e agradável no Inverno) _____               | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| dimensão da sala _____  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| dimensão da cozinha _____   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| dimensão dos quartos _____  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| dimensão das áreas de arrumos _____   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Como classifica a sua residência? _____   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |





| ALTERAÇÕES  | SIM | NÃO | JÁ EXISTIA | NÃO TEM |
|---|-----|-----|------------|---------|
| Substituição da canalização de água   | 5   | 1   |            | x       |
| Substituição da canalização de esgotos  | 6   | 0   |            | x       |
| Substituição da canalização de gas  | 5   | 1   |            | x       |
| Substituição das caixilharias de madeira das janelas                              | 1   | 5   | 1          | x       |
| Pintura e tratamento das caixilharias de madeira das janelas                      | 4   | 2   |            | x       |
| Substituição das portas interiores  | 0   | 6   |            | x       |
| Pintura e tratamento das portas interiores  | 6   | 0   |            | x       |
| Substituição da porta de entrada (fogo)   | 0   | 6   |            | x       |
| Substituição do pavimento de madeira da sala e/ou quartos                         | 1   | 6   | 1          | x       |
| Colocação de revestimento sobre o pavimento original                              | 2   | 4   | 1          | x       |
| Afagamento e envernizamento/enceramento do pavimento de madeira da sala e quartos | 4   | 2   |            | x       |
| Conservação das portadas interiores de madeira das janelas                        | 4   | 2   |            | x       |
| Substituição das portadas interiores de madeira por estores exteriores            | 3   | 3   | 3          | x       |
| Pintura e tratamento das paredes interiores                                       | 6   | 0   |            | x       |
| Colocação de isolamento térmico e/ou acústico no pavimento                        | 0   | 6   |            | x       |
| Colocação de isolamento térmico e/ou acústico no tecto                            | 2   | 4   |            | x       |
| Impermeabilização de paredes  | 0   | 6   |            | x       |
| Substituição de revestimento do pavimento/paredes da cozinha                      | 5   | 1   |            | x       |
| Substituição de revestimento do pavimento/paredes da instalação sanitária         | 6   | 0   |            | x       |
| Construção de paredes exteriores/ampliação  | 5   | 1   | 1          | x       |
| Construção de paredes divisórias interiores                                       | 6   | 1   | 1          | x       |
| Demolição de parede exterior  | 5   | 0   | 1          | x       |
| Demolição de paredes divisórias de compartimentos                                 | 5   | 2   | 1          | x       |
| Encerramento de vãos  | 6   | 0   | 1          | x       |
| Ligação de dois compartimentos através da abertura de vãos                        | 2   | 3   |            | x       |
| Relocalização de vão interior   | 2   | 4   |            | x       |
| Construção de roupeiros   | 3   | 2   |            | x       |
| Ocupação do sótão   | 3   | 2   |            | 1       |
| Ligação de dois pisos através da construção de escada interior                    | 1   | 5   |            | x       |
| Abertura de vãos exteriores   | 1   | 5   | 1          | x       |
| Alteração de vãos exteriores  | 4   | 2   | 1          | x       |
| Ocupação do logradouro  | 1   | 0   | x          | 5       |
| Construção de instalação sanitária em compartimento interior                      | 4   | 2   |            | x       |

Quadro 1 – Quadro Síntese das alterações realizadas nas habitações em estudo – Resultados da aplicação da Ficha de Inquérito/Aferição do Grau de Satisfação

| EXIGÊNCIAS   | GRAU DE SATISFAÇÃO |          |     |        | Nº RESPONSTAS |
|--|--------------------|----------|-----|--------|---------------|
|  | MAU                | RAZOÁVEL | BOM | ÓPTIMO |               |
| <b>I. ÁREA URBANA ENVOLVENTE (BAIRRO)</b>  |                    |          |     |        |               |
| Localização do seu bairro na cidade de Lisboa  | 1                  | 0        | 4   | 1      | 6 / 6         |
| Acesso de peões ao seu bairro  | 0                  | 1        | 4   | 1      | 6 / 6         |
| Acesso viário ao seu bairro  | 4                  | 2        | 0   | 0      | 6 / 6         |
| Servidão de transportes públicos   | 2                  | 4        | 0   | 0      | 6 / 6         |
| Facilidade com que as pessoas (amigas ou conhecidas suas) conseguem identificar a sua rua  | 0                  | 3        | 3   | 0      | 6 / 6         |
| Vista para o exterior a partir da sua residência   | 0                  | 1        | 2   | 3      | 6 / 6         |
| Proximidade em relação ao seu local de trabalho  | 0                  | 3        | 2   | 0      | 5 / 6         |
| Proximidade a lojas/comércio   | 0                  | 0        | 6   | 0      | 6 / 6         |
| Proximidade a equipamentos colectivos (escolas, igrejas, hospitais, etc)                   | 0                  | 2        | 4   | 0      | 6 / 6         |
| Proximidade a zonas verdes, áreas ao ar livre, de desporto, de animação ou de encontro     | 3                  | 1        | 2   | 0      | 6 / 6         |
| Como classifica o seu bairro?  | 0                  | 0        | 6   | 0      | 6 / 6         |
| <b>II. A RUA</b>   |                    |          |     |        |               |
| Nº de lugares de estacionamento no exterior  | 5                  | 1        | 0   | 0      | 6 / 6         |
| Iluminação nocturna  | 1                  | 1        | 4   | 0      | 6 / 6         |
| Segurança contra roubos e vandalismo   | 4                  | 2        | 0   | 0      | 6 / 6         |
| Acessibilidade a deficientes motores   | 6                  | 0        | 0   | 0      | 6 / 6         |
| Relacionamento com os seus vizinhos  | 0                  | 1        | 3   | 0      | 5 / 6         |
| Como classifica a sua rua?   | 1                  | 2        | 3   | 0      | 6 / 6         |
| <b>III. O EDIFÍCIO</b>   |                    |          |     |        |               |
| Dimensão do hall de entrada e das escadas para acesso de mobília, macas e cadeira de rodas | 5                  | 1        | 0   | 0      | 6 / 6         |
| Iluminação das áreas comuns no interior do edifício  | 2                  | 0        | 4   | 0      | 6 / 6         |
| Como classifica o seu edifício?  | 1                  | 2        | 3   | 0      | 6 / 6         |
| <b>IV. A RESIDÊNCIA</b>  |                    |          |     |        |               |
| Orientação solar   | 0                  | 0        | 5   | 1      | 6 / 6         |
| Nº de compartimentos/dimensão total da habitação   | 1                  | 1        | 3   | 0      | 5 / 6         |
| Iluminação natural   | 0                  | 0        | 4   | 2      | 6 / 6         |
| Isolamento acústico da habitação (ruídos da rua ou dos vizinhos)                           | 3                  | 2        | 1   | 0      | 6 / 6         |
| Ventilação da habitação (evacuação de cheiros e vapores da cozinha)                        | 2                  | 2        | 1   | 0      | 5 / 6         |
| Ventilação da habitação (evacuação de cheiros e humidades das instalações sanitárias)      | 0                  | 2        | 4   | 0      | 6 / 6         |
| Temperatura média natural (se é fresca no Verão e agradável no Inverno)                    | 5                  | 0        | 1   | 0      | 6 / 6         |
| Dimensão da sala   | 0                  | 3        | 3   | 0      | 6 / 6         |
| Dimensão da cozinha  | 3                  | 2        | 1   | 0      | 6 / 6         |
| Dimensão dos quartos   | 2                  | 2        | 2   | 0      | 6 / 6         |
| Dimensão das áreas de arrumos  | 2                  | 1        | 2   | 0      | 6 / 6         |
| Como classifica a sua residência?  | 1                  | 1        | 4   | 0      | 6 / 6         |

Quadro 2 – Quadro Síntese das exigências /grau de satisfação – Resultados da aplicação da Ficha de Inquérito/Aferição do Grau de Satisfação

| ALTERAÇÕES / EXIGÊNCIAS FUNCIONAIS                                  | SIM | NÃO | JÁ EXISTIA | DEPENDÊNCIA<br>NÃO / JÁ | NÃO TEM |
|---|-----|-----|------------|-------------------------|---------|
| Construção de paredes exteriores/ampliação                          | 5   | 1   | 1          | 1                       | x       |
| (A construção da parede permitiu obter mais espaço para)            |     |     |            |                         |         |
| Refeições formais + Estar/reunir                                    | 1   | x   | x          | x                       | x       |
| Dormir + Vestir + arrumação de roupa de casa                        | 1   | x   | x          | x                       | x       |
| Preparação de refeições + Tratar de roupa                           | 4   | x   | x          | x                       | x       |
| Higiene pessoal/Funções vitais e lavagens                           | 3   | x   | x          | x                       | x       |
| Construção de paredes divisórias interiores                         | 6   | 1   | 1          | 1                       | x       |
| (A construção da parede permitiu)                                   |     |     |            |                         |         |
| Individualizar espaços  | 5   | x   | x          | x                       | x       |
| (A construção permitiu ganhar um ou vários compartimentos para)     |     |     |            |                         |         |
| Trabalhar   | 1   | x   | x          | x                       | x       |
| Higiene pessoal/Funções vitais e lavagens                           | 2   | x   | x          | x                       | x       |
| Arrumos   | 1   | x   | x          | x                       | x       |
| Estar/reunir + trabalhar + estudar                                  | 1   | x   | x          | x                       | x       |
| Circular/separar  | 2   | x   | x          | x                       | x       |
| Demolição de parede exterior  | 5   | 0   | 1          | 1                       | x       |
| (A demolição da parede permitiu obter mais espaço para)             |     |     |            |                         |         |
| Dormir + Vestir + Arrumações de roupa de casa                       | 1   | x   | x          | x                       | x       |
| Preparar refeições + Tratar de roupa                                | 4   | x   | x          | x                       | x       |
| Refeições formais + estar   | 1   | x   | x          | x                       | x       |
| Higiene pessoal/funções vitais e lavagens                           | 2   | x   | x          | x                       | x       |
| Demolição de paredes divisórias de compartimentos                   | 5   | 2   | 1          | 1                       | x       |
| ( a demolição da parede permitiu)                                   |     |     |            |                         |         |
| Ligar dois fogos distintos  | 2   | x   | x          | x                       | x       |
| (A demolição da parede permitiu obter mais espaço para)             |     |     |            |                         |         |
| Dormir + Vestir   | 1   | x   | x          | x                       | x       |
| Estar/reunir  | 1   | x   | x          | x                       | x       |
| Refeições formais + estar/reunir                                    | 2   | x   | x          | x                       | x       |
| Refeições formais + estar/reunir + circular/comunicar               | 1   | x   | x          | x                       | x       |
| Arrumos   | 1   | x   | x          | x                       | x       |
| Circular/separar  | 1   | x   | x          | x                       | x       |
| (A demolição da parede permitiu obter maior número de espaços para) |     |     |            |                         |         |
| Trabalhar   | 1   | x   | x          | x                       | x       |
| Higiene pessoal/funções vitais e lavagens                           | 2   | x   | x          | x                       | x       |
| Dormir  | 1   | x   | x          | x                       | x       |
| Vestir  | 1   | x   | x          | x                       | x       |
| Tratar de roupa   | 1   | x   | x          | x                       | x       |
| Arrumos   | 1   | x   | x          | x                       | x       |
| Estar/reunir + trabalhar + estudar                                  | 1   | x   | x          | x                       | x       |
| Encerramento de vãos  | 6   | 0   | 1          | 1                       | x       |
| (O encerramento do vão permitiu)                                    |     |     |            |                         |         |
| Individualizar esse espaço  | 6   | x   | x          | x                       | x       |

|  |   |   |   |   |   |
|--|---|---|---|---|---|
| Ligação de dois compartimentos através da abertura de vãos     | 2 | 3 |   |   | x |
| (Este(s) vão(s) permitiu)                                      |   |   |   |   |   |
| Ganhar um ou mais compartimentos                               | 3 | x | x | x | x |
| Ligar o espaço de circulação a arrecadação                     | 1 | x | x | x | x |
| Ligar o espaço de circulação a instalação sanitária social     | 1 | x | x | x | x |
| Relocalização de vão interior                                  | 2 | 4 |   |   | x |
| Reorganização interior do compartimento                        | 3 | x | x | x | x |
| Construção de roupeiros  | 3 | 2 |   |   | x |
| No interior de quarto  | 2 | x | x | x | x |
| Em espaço de circulação  | 1 | x | x | x | x |
| Em espaço próprio/independente                                 | 1 | x | x | x | x |
| Ocupação do sótão  | 3 | 2 |   |   | 1 |
| (Esta ocupação permitiu ter mais espaço para)                  |   |   |   |   |   |
| Arrumos  | 2 | x | x | x | x |
| (Esta ocupação permitiu obter maior número de espaços para)    |   |   |   |   |   |
| Arrumos  | 1 | x | x | x | x |
| Estar/reunir + trabalhar + estudar                             | 1 | x | x | x | x |
| Ligação de dois pisos através da construção de escada interior | 1 | 5 |   |   | x |
| (Esta ligação permitiu obter maior número de espaços para)     |   |   |   |   |   |
| Dormir   | 1 | x | x | x | x |
| Vestir   | 1 | x | x | x | x |
| Higiene pessoal/funções vitais e lavagens                      | 1 | x | x | x | x |
| Arrumos  | 1 | x | x | x | x |
| Estar/reunir + trabalhar + estudar                             | 1 | x | x | x | x |
| Abertura de vãos exteriores                                    | 1 | 5 | 1 | 1 | x |
| (Esta alteração permitiu)                                      |   |   |   |   |   |
| Iluminar de forma mais satisfatória um compartimento interior  | 1 | x | x | x | x |
| Alteração de vãos exteriores                                   | 4 | 2 | 1 | 1 | x |
| (Esta alteração permitiu)                                      |   |   |   |   |   |
| Iluminar de forma mais satisfatória um compartimento interior  | 5 | x | x | x | x |
| Ocupação do logradouro   | 1 | 0 | x | x | 5 |
| Construção de instalação sanitária em compartimento interior   | 4 | 2 |   |   | x |
| (Esta apropriação permitiu)                                    |   |   |   |   |   |
| Obter mais espaço para higiene pessoal                         | 2 | x | x | x | x |
| Obter maior número de espaços para higiene pessoal             | 2 | x | x | x | x |

Quadro 3 – Quadro Síntese das alterações realizadas nas habitações em estudo – Resultados da aplicação da Ficha de Inquérito/Aferição do Grau de Satisfação

| ESPAÇO                 | FUNÇÃO/ACTIVIDADE DOMÉSTICA  | CASO 1       | CASO 2 | CASO 3 | CASO 4 | CASO 5               | CASO 6         |
|------------------------|--|--------------|--------|--------|--------|----------------------|----------------|
|                        |  |              |        |        |        |                      |                |
| quarto                 | dormir/descanso pessoal, de casal + higiene pessoal /vestir + arrumação de roupa de casa         | x            | 15,97  | x      | x      | x                    | x              |
|                        | dormir/descanso pessoal, de casal + higiene pessoal /vestir                                      | x            | x      | 16,13  | 8,25   | x                    | 15,62          |
|                        | dormir/descanso pessoal, individual + higiene pessoal /vestir                                    | x            | x      | x      | x      | x                    | 14,16<br>11,99 |
|                        | dormir / descanso pessoal, de casal  | x            | x      | x      | x      | 8,25<br>8,25         | x              |
|                        | dormir / descanso pessoal, individual  | 8,11<br>7,63 | x      | x      | x      | x                    | x              |
|                        | dormir / descanso pessoal, individual + brincar  | x            | x      | x      | 6,90   | x                    | x              |
|                        | dormir / descanso pessoal, individual + estudar + trabalhar                                      | x            | x      | x      | x      | 8,25<br>8,25         | x              |
| quarto<br>"de vestir"  | higiene pessoal / vestir + arrumação / arrumação geral e de roupa de casa                        | 6,50         | x      | x      | x      | x                    | x              |
|                        | higiene pessoal / vestir + arrumação / arrumação de roupa de casa                                | x            | x      | x      | x      | 4,95<br>4,95         | x              |
| quarto<br>"escritório" | estudar + trabalhar  | x            | 6,50   | x      | x      | x                    | x              |
|                        | estar / reunir + receber + estudar + trabalhar   | 7,55         | x      | x      | x      | x                    | 12,45          |
|                        | trabalhar  | x            | x      | 8,11   | x      | x                    | x              |
|                        | estar / reunir + receber + estudar + trabalhar + recreio + dormir/descanso pessoal               | x            | x      | x      | x      | 27,60                | x              |
| quarto                 | circulação / comunicação e separação recreio   | x            | x      | x      | x      | x                    | 10,32          |
| sala comum             | refeições formais + refeições correntes + estar / reunir   | x            | 24,28  | x      | x      | x                    | x              |
|                        | refeições formais + refeições correntes + estar / reunir + receber                               | x            | x      | x      | x      | x                    | 32,04          |
|                        | refeições formais + estar / reunir + tratamento de roupa   | 16,36        | x      | x      | x      | x                    | x              |
| sala de estar          | refeições correntes + estar / reunir + receber   | x            | x      | 15,70  | x      | x                    | x              |
|                        | refeições correntes + estar / reunir + receber + recreio de jovens                               | x            | x      | x      | x      | 15,98                | x              |
|                        | estar / reunir + receber   | x            | x      | x      | 7,10   | x                    | x              |
| sala de jantar         | refeições formais  | x            | x      | 10,59  | 8,25   | x                    | x              |
|                        | refeições formais + estudar + trabalhar  | x            | x      | x      | x      | 8,87                 | x              |
| cozinha                | preparação de refeições + refeições correntes + tratamento de roupa                              | 6,72         | 8,94   | 7,11   | x      | 8,36                 | x              |
|                        | preparação de refeições + tratamento de roupa  | x            | x      | x      | x      | x                    | 9,96           |
|                        | preparação de refeições + refeições correntes + tratamento de roupa + circulação/entrada e saída | x            | x      | x      | 8,50   | x                    | x              |
| i.s.                   | higiene pessoal / funções vitais + lavagens  | 1,80         | 4,11   | 6,50   | 2,68   | 5,40<br>5,40<br>2,87 | 2,42<br>4,53   |
| circulações            | circulação / entrada e saída / comunicação e separação   | 5,66         | 5,66   | 5,66   | x      | 4,95<br>4,95<br>6,54 | 7,77           |
|                        | circulação / comunicação e separação   | x            | x      | x      | 2,41   | 5,93<br>2,41<br>1,16 | 6,24           |

|             |   |      |      |       |      |                      |       |
|-------------|---|------|------|-------|------|----------------------|-------|
| arrecadação | arrumação/arrumação geral + roupa da casa | x    | x    | 1,86  | x    | 6,90<br>2,06<br>6,03 | 10,66 |
|             |   | 0,93 | x    | x     | x    | x                    | x     |
|             |   | x    | x    | 17,59 | x    | x                    |       |
| varanda     |   | x    | 0,93 | x     | 1,19 | 1,19                 | 0,66  |
|             |   |      |      |       |      |                      | 5,56  |

Quadro 4 – Quadro de Áreas / Actividades domésticas / Espaço – Casos de Estudo

| ESPAÇO                             | FUNÇÃO/ACTIVIDADE DOMÉSTICA  | ÁREA DISPONÍVEL (m <sup>2</sup> ) |                                       |                                  |                                 |
|------------------------------------|--|-----------------------------------|---------------------------------------|----------------------------------|---------------------------------|
|                                    |  | FOGO TIPO R/C<br>EDIFÍCIO TIPO 1  | FOGO 1º E 2º PISOS<br>EDIFÍCIO TIPO 1 | FOGO TIPO R/C<br>EDIFÍCIO TIPO 2 | FOGO 1º PISO<br>EDIFÍCIO TIPO 2 |
| quarto                             | dormir / descanso pessoal, de casal  | 8,11                              | 8,11                                  | 8,25                             | 8,25                            |
| quarto “de vestir” ou “toilette”   | dormir / descanso pessoal, duplo ou individual + higiene pessoal / lavagens, vestir, fazer toilette + arrumação / arrumação de roupa de casa | 7,63                              | 7,63                                  | 6,90                             | 6,90                            |
| quarto “de serviço”                | dormir / descanso pessoal, duplo ou individual (“quarto da empregada”) + arrumação / arrumação geral   | 6,50                              | 6,50                                  | x                                | x                               |
| quarto “de visitas”                | dormir / descanso pessoal (“quarto independente”)  | x                                 | 7,55                                  | x                                | x                               |
| quarto de trabalho ou “escritório” | trabalho   | x                                 | x                                     | x                                | 7,10                            |
| sala ou “saleta”                   | estar / reunir + receber   | 5,07                              | 7,55                                  | 4,95                             | 7,10                            |
| sala de jantar                     | refeições formais + refeições correntes + estar / reunir   | 10,59                             | 10,59                                 | 8,25                             | 8,25                            |
| cozinha                            | preparação de refeições<br>refeições correntes   | 5,48                              | 5,48                                  | 7,33                             | x                               |
|                                    | preparação de refeições + refeições correntes + circulação / entrada e saída   | x                                 | x                                     | x                                | 7,33                            |
| despejos                           | despejo de detritos<br>funções vitais (despejo de dejectos)  | 0,85                              | 0,85                                  | 0,85                             | 0,85                            |
| arrecadação                        | arrumação / arrumação de despensa<br>arrumação / arrumação geral   | 4,11                              | 4,11                                  | 0,76                             | x                               |
| circulações                        | circulação / entrada e saída / comunicação e separação   | 5,66                              | 5,66                                  | 2,41                             | x                               |
|                                    | circulação / comunicação e separação   | x                                 | x                                     | x                                | 2,41                            |
| varanda                            | permanência no exterior privado, elevado / estar ao ar livre, cuidar de flores   | x                                 | 0,93                                  | x                                | 1,19                            |
|                                    | permanência no exterior privado, elevado / estar ao ar livre, cuidar de flores + estar/reunir  | x                                 | 8,80                                  | x                                | x                               |
| pátio                              |  | x                                 | x                                     | x                                | x                               |

Quadro 5 – Quadro de Áreas / Actividades domésticas / Espaço – Situação original